

NÁDIA FERNANDA MAIA DE AMORIM

A CONDIÇÃO DA MULHER SOLTEIRA NA CIDADE DE MACEIO:
VALORES, ASPIRAÇÕES E EXPECTATIVAS

Tese apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do grau de Doutor em Antropologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. Oracy Nogueira.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
1990

E R R A T A

SUMÁRIO:

- Cap. IV, item 4.1
Indivíduos, leia-se indivíduo
- Bibliografia, item 3
Publicações, leia-se publicações
- CAPÍTULO I:
- Página 8, 3º parágrafo, 2ª linha: eles, leia-se elas.
- Página 9, 3º parágrafo, 7ª linha:
da maioria, leia-se na maioria
- Página 10, 2º parágrafo, 4ª linha:
das solteironas, leia-se da solteirona
- Página 26, 3º parágrafo, 8ª linha:
se, leia-se seu
- Página 28, 1º parágrafo, 1ª linha:
é, leia-se E
- Página 29, 1º parágrafo, 5ª linha:
(15), leia-se (55)
- Nas notas e referências 1 e 2: títulos das obras por grifar.

CAPÍTULO II:

- Página 38, 2º parágrafo, 1ª linha
O Bangtê nas Alagoas, leia-se: O bangtê nas Alagoas
- Página 40, 3º parágrafo, 7ª linha:
Século XIX. A Filha do Barão, leia-se: século XIX, A Filha
do Barão,
- Página 41, 3º parágrafo, 9ª linha:
e alcançar, leia-se: a alcançar
- Página 41, 3º parágrafo, 6ª linha:

Abua-a, leia-se abusada
- Página 42, 3º parágrafo, 7ª linha:
mergindo, leia-se emergindo

- Página 46, 3º parágrafo, 3ª linha:
estabelecido, leia-se estabelecida
- Página 53, 1º parágrafo, 5ª linha:
ambigüidade, leia-se ambigüidades
- Página 53, 2º parágrafo, 10ª linha:
fui, leia-se flui
- Nota 7, 2ª linha
Capítulo 2 analisando, leia-se capítulo 2, analisando

CAPÍTULO III:

- Página 61, 3º parágrafo, 12ª linha:
me que, leia-se em que
- Página 65, 2º parágrafo, 8ª linha:
uma, leia-se numa
- Página 65, 2º parágrafo, 4ª linha:
guardiã, leia-se guardiã
- Página 65, 3º parágrafo, 4ª linha:
tissutura, leia-se tessitura
- Página 67, 2º parágrafo, 1ª linha
abaixo transporta, leia-se abaixo transposta.
- Página 68, 2º parágrafo, 14ª linha:
ambigüidades, leia-se ambigüidades
- Página 69, 1º parágrafo, 2ª linha:
amalfadada, leia-se a malfadada
- Página 69, 2º parágrafo, 3ª linha:
oprôbio, leia-se oprôbrio
- Página 90, 1º parágrafo, 3ª linha:
incerto, leia-se incesto
- Página 102, 2º parágrafo, 17ª linha:
calcadas, leia-se calcados
- Nas notas e referências:
 - referência 20 - título da obra por grifar
 - referência 31:
confira nota 38, leia-se: confira nota 62.

CAPÍTULO IV:

- Página 189, 1º parágrafo, 6ª linha:
integrante, leia-se integrante
- Página 190, 1º parágrafo, 1ª linha:
emergie, leia-se emergir
- Página 196, 4º parágrafo, 1ª linha:
enloquecido, leia-se enloquecido

Nas notas e refererências:

- Referência 19:
- HEMOSVITS, leia-se HEMSKOVITS
- Referência 28:
título da obra por grifar
- referência 33:
Personalidades, leia-se personalidade
(título por grifar)
- nota 51, 3ª linha:
segnificado, leia-se significado
- nota 62, 4ª linha:
opróbio, leia-se opróbrío

CONCLUSÃO:

- Página 220, 2º parágrafo, 2ª linha:
nebentes, leia-se nubentes
- Página 222, 1º parágrafo, 10ª linha:
decicões, leia-se decisões
- Página 222, 1º parágrafo, 22ª linha:
teste de, leia-se teste do
- Página 222, 2º parágrafo, 3ª linha:
forte, leia-se fonte

LIVROS OMITIDOS NA BIBLIOGRAFIA CITADA

CARDOSO, R. (et alli) - Perspectivas antropológicas da mulher,
Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985.

FAUCONNET, P. e MAUSS, M. - Ensaio de sociologia. São Paulo, Editora Perspectiva, 1981.

GRUBER, F. C. (Coord.) - Antropologia e educação. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1963.

AUTORIZAÇÃO para que a FFLCH/USP possa fornecer cópias da Tese/Dissertação a interessados.

- 1) Autorizo a FFLCH/USP a partir desta data, a fornecer, cópias de minha Dissertação/Tese a interessados.

SP. 18/5/90



NÁDIA FERNANDA MAIA DE AMORIM

- 2) Não Autorizo a FFLCH/USP a fornecer cópias de minha Dissertação/Tese a interessados.

SP. ___/___/___

DEDICATÓRIA

A todas as mulheres que, seja no vigor da luta silenciosa, seja no destemor da militância, se dispõem, a através das opções conscientes, salvaguardar o direito à felicidade pessoal e bem-estar social livremente conquistados.

A G R A D E C I M E N T O S

À Universidade Federal de Alagoas que através do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes — Departamento de Ciências Sociais — me liberou das atividades docentes durante o período dedicado ao cumprimento dos créditos, da pesquisa de campo e das primeiras versões da tese.

À Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e ao Programa Institucional de Capacitação Docentes (PICD) que me concederam bolsas de estudos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Oracy Nogueira, responsável maior pelo estímulo que me levou à conclusão deste trabalho e a quem eximo de toda e qualquer responsabilidade pelas falhas e lacunas nele existentes.

À Maria de Fátima Silva pela elaboração das tabelas e ao demógrafo Kleiner de Oliveira Ramos pela revisão.

À Prof^a Renilde Farias pela revisão gramatical.

A João Roberto da Mota Silva pela datilografia.

Ao meu pai, Jorge Dâmaso de Amorim e ao Prof. Dr. Théo Brandão, cujas memórias reverencio e que, para mim, renascem a cada avanço intelectual no exercício de minha profissão.

Aos meus alunos: meu estímulo, minha esperança.

A todos quantos me ajudaram com o estímulo do interesse intelectual e com a expectativa amiga, a minha gratidão.

Às minhas depoentes, o meu carinho e reconhecimento.

S U M Á R I O

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO.	5
1.1 - O Objeto.	6
1.2 - A Pesquisa.	10
1.3 - A Dialética Sujeito/Objeto.	18
1.4 - Referencial Teórico.	28

CAPÍTULO II

MACEIÓ.	36
2.1 - Considerações Introdutórias: Maceió no Contexto da Sociedade Nordestina.	37
2.2 - A Evolução Urbana e Aspectos Demográficos de Maceió....	42
2.3 - O Movimento Feminista em Maceió: dos Primeiros Passos à Consolidação.	46
2.3.1 - As Pioneiras e a Federação Alagoana pelo Progresso Feminino.	46
2.3.2 - Novos grupos, novas metas.	49
2.3.3 - O Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher.	51
2.4 - O Significado do Objeto no Conjunto dos Dados.	51

CAPÍTULO III

A CONDIÇÃO DA MULHER SOLTEIRA NA CIDADE DE MACEIÓ.	58
3.1 - Considerações Introdutórias.	59
3.2 - Identidade e Ciências Sociais: um conceito em discussão	63
3.3 - Retratando Vidas, Confrontando Experiências.	67
3.3.1 - O Teatro e o Romance como retratadores da condição de vida e do estereótipo da "solteirona".	68
3.3.2 - Do celibato como estigma ou da internalização do estereótipo da solteirona.	74
3.3.3 - O rompimento do estereótipo: das relações entre os sexos no contexto das novas formas de comportamento feminino e das ambigüidades e contradições.	81

3.4 - Ilustrações.	108
-------------------------	-----

CAPÍTULO IV

A MULHER SOLTEIRA NO ÂMBITO DA SOCIEDADE E DA FAMÍLIA.....	188
---	------------

4.1 - Representações e Expectativas (família, indivíduos, cultura e sociedade).	189
--	-----

4.2 - A Maturidade.	196
--------------------------	-----

4.3 - A Solidão.	200
-----------------------	-----

4.4 - A Frustração.	204
--------------------------	-----

4.5 - A História Recriada: a construção de uma nova identidade.	206
--	-----

CONCLUSÃO.	219
------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA.	226
---------------------------	------------

1 - Citada.	227
------------------	-----

2 - Consultada.	236
----------------------	-----

3 - Publicações de órgãos públicos.	240
--	-----

ANEXOS:

CAPÍTULO I - Tabelas:

- Percentual de Nubentes até 30 anos - Maceió 1985.	242
--	-----

- Percentual de Nubentes após 30 anos - Maceió - 1985.....	242
--	-----

CAPÍTULO II - Teses do Encontro da Fundação da União das Mulheres de Maceió - UMMa - 1982.	243
--	------------

- Depoimentos sobre a Fundação do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher...	245
---	-----

I CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

1.1 - O Objeto

"Quando um cientista social afirma que a compreensão tornará os homens mais livres para traçar seu próprio destino, ele proclama, não somente que a compreensão em si é boa, mas também, que ele pode oferecer uma parte dela ou pelo menos um meio de atingi-la".

Margaret Mead - Macho e Fêmea, pág. 305

A minha opção pelo tema Mulher e pela categoria Solteira, deriva, primeiramente, da minha própria vivência como mulher solteira que, nessa condição, convive com problemas peculiares a esse estado civil numa sociedade em que o mesmo atua como um dado importante no "status" a ser atribuído à mulher. Apresentada pela tradição de forma estereotipada como "a solteirona", hoje, novas perspectivas de vida se lhe apresentam pelos canais da independência econômica, definição profissional, maior grau de liberdade sexual, maior poder sobre seu próprio destino, enfim. Não obstante, sua identidade⁽¹⁾ sofre os reflexos do sistema de relações sociais que lhe dá origem e que se revela em afirmações do tipo:

"Sinto-me como um aleijão. As pessoas vivem me cobrando homem. Passam um tempão sem me ver e quando me encontram somente perguntam: Como é, já casou?"

"Para a sociedade, a mulher solteira é uma mutilada. É como se, por si só, ela não existisse".

"Todo mundo tem a mania de achar que a mulher solteira é sempre uma frustrada. Não param pra pensar se é mesmo... não pensam que pode ser uma escolha! mas o pior é que, de tanto dizerem, se a gente não tomar cuidado fica frustrada mesmo".

"Já se foi o tempo em que toda a vida da mulher se limitava à expectativa do casamento. Hoje, a coisa é outra. Mulher agora trabalha, estuda, tem vida própria. Não precisa ter marido para ser respeitada."

Observações desta natureza - obtidas em conversas informais - aliadas à própria vivência, motivaram-me. Encontrava-me em São Paulo, em 1977, às vésperas dos 31 anos, quando fui com uma amiga assistir à peça Os Pequenos Burgueses, de Gorki. De volta a casa, comentávamos o que mais despertara nossa atenção. Fiz referência ao clima de opressão familiar em que se movia a personagem Tatiana bem como ao desempenho da atriz que expressava com grunhidos e contorções toda a dor que a oprimia. Num dado momento minha amiga falou: "pois para mim você é a Tatiana! Deve ser por isso que gostou tanto da peça. Estou agora com 22 anos mas não chegarei solteira aos 25. Terei vergonha! Vou procurar casar até lá. Mas se não conseguir darei um jeito. Então você não se reconheceu na peça? Você finge que é feliz mas você é a Tatiana. Toda mulher que não casou é uma Tatiana". Fui silenciada pela perplexidade. Como podia minha amiga, uma jovem e promissora profissional liberal, pensar daquela forma? Aos poucos fui me recompondo. Finalmente retruquei: "gostei da peça pela densidade psicológica e pela crítica à instituição familiar. E se fiz minha a dor da personagem, foi mais pela empatia do que pela identificação". Minha amiga sorriu um sorriso irônico e silenciámos. Aquele episódio plantou a semente do meu interesse pelo tema que agora apresento sob a forma de tese.

Uma outra ocasião, em Maceió, fui convidada a participar de um painel cujo tema era "A mulher no Brasil contemporâneo". Momentos antes do início dos trabalhos de exposição e debates, o Coordenador aproximou-se das panelistas e solicitou o sobrenome dos respectivos maridos a fim de proceder às apresentações junto ao público. Tomando conhecimento da minha condição de solteira, mostrando-se condescendente, falou: "como pode uma mulher "bonita" e "inteligente" não ter marido?" Ao término dos debates o Coordenador retomou a questão da solteirice da panelista e pressurosamente reiterou "palavras de conforto". Episódios como os relata-

dos impuseram-se-me como problema de pesquisa. Por que não um trabalho sobre a condição da mulher solteira na cidade de Maceió? Sintomática dessa condição, era também a preocupação dos alunos e amigos em saber, em descobrir a razão — como se alguma razão misteriosa houvesse — da minha condição civil: "não entendo porque você não se casou".

Portanto, quando as pessoas me perguntam, porque escolhi esse tema, a condição da mulher solteira, para a minha tese de doutoramento, respondo que o escolhi por solidariedade, para prestar um serviço a essa parcela da população feminina, objeto de preconceito e estigma. Eu o escolhi para registrar e abrir caminho à pesquisa em torno dessa "área de sombra"⁽²⁾ nos estudos sobre mulher. É nesse sentido que me motivaram, também, as leituras das Ciências Sociais às quais sou levada no exercício da docência. Na Literatura sobre a condição feminina, as referências à mulher solteira são apenas tangenciais. No entanto, no que concerne à vida enquanto projeto de existência, não é de forma tangencial que essa categoria tem vivido. Lembro-me de Isadora Duncan, de Simone Weil, de Simone de Beauvoir para só lembrar algumas das representantes do século XX.

À menção dessas três mulheres poder-se-ia objetar com o argumento de que o projeto de vida por eles representado não constitui a regra no universo da mulher solteira. E assim é, com efeito. No entanto, objetar com tal argumento, significa relegar ao esquecimento os milhares de vidas vividas na labuta do cotidiano, seja no espaço privado, família, seja no espaço público, trabalho. E se as três mulheres citadas, constituíram-se em casos de participação excepcional na arte, na política, na filosofia, as mulheres que preenchem e povoam as páginas desta tese são também excepcionais pela coragem no enfrentamento do seu dia-a-dia anônimo. Anônimo e marcado pelos embates travados com os estereótipos, preconceitos e estigma advindos de sua condição de mulheres que, sozinhas, arcam com o ônus da direção de sua própria vida.

Conforme lembra D. Brites, uma das depoentes de Eclêa Bosi:

"Mulher solteira não tem projeção social. Conheci uma senhora que dizia com muita graça: na escala social primeiro existe a mulher casada, em segundo lugar a viúva, em terceiro lugar a desquitada, em quarto lugar a prostituta, em último lugar... a solteirona. Nunca ninguém lembrou de escrever alguma coisa sobre a mulher solteira"⁽³⁾.

Mas é por acaso ônus dirigir-se a si próprio? Sim, se se tem em mente as exigências da sociedade que apontam para o status conjugal como o "status" definidor da importância atribuída à mulher. Não, se o que é privilegiado é o respeito à dignidade inerente ao ser humano e que independe de sua condição civil. Ora, constituindo a mulher solteira uma parcela ponderável da população feminina, considero o ser "área de sombra" nos estudos sobre mulher, uma forte razão para que um estudo lhe seja dedicado.

As mulheres cujas experiências passeiam por essas páginas, são mulheres comuns, originárias predominantemente das camadas médias da população de Maceió. Os seus depoimentos, longos ou curtos, expressam em sua prolixidade ou em suas evasivas, os problemas gerados e vividos a partir de sua condição civil. Não obstante a amargura e traumas revelados em alguns desses depoimentos, o que avulta é a marca de um projeto de vida da maioria deles. É a presença de um projeto de vida que as resgata e que aponta na direção da construção de uma nova identidade. Identidade que prescinde do casamento enquanto instituição contratual e como única forma legitimadora da importância atribuída à mulher. Por que deve a mulher esperar que uma importância lhe seja atribuída quando ela pode ser conquistada a exemplo de Isadora Duncan, Simone Weil e Simone de Beauvoir?

As vidas vividas pelas minhas depoentes não são tangenciais ao momento histórico que ora vivemos. São o próprio momento histórico! Nele estão imersas seja pela participação no mercado de trabalho, seja pelas angústias e contradições em meio às quais vislumbram as mudanças no modelo de vida e de comportamento tradicionalmente reservado à mulher.

Portanto, a partir de uma experiência de vida a nível de subjetividade que se projeta na realidade objetiva da existência social, é que assumo meu interesse pelo tema. O que procuro é compreender a condição de vida da mulher solteira: apreender o mecanismo de construção de sua identidade à luz do sistema de relações sociais que lhe dá origem.

O impulso para a pesquisa foi de ordem subjetiva. Mas, o que nele avulta é a relação dialética com a sociedade e a necessidade de explicação racional para a teia de relações que constroem a "figura das solteironas". A compreensão intuitiva perpassando a explicação racional através da sensibilidade e da empatia, definiu minha postura como pesquisadora e estabeleceu a ponte entre o sujeito e o objeto.

1.2 - A Pesquisa

Por comportar um conjunto de técnicas que privilegiam a própria voz dos atores sociais, para, a partir dela efetuar a análise, é que optei pelo método qualitativo. Tendo isso em mente, os depoimentos livres, orais e escritos foram escolhidos como procedimentos preferenciais na coleta de dados. A seleção da amostra com base na faixa etária correspondente aos 30 anos e a partir da qual não coloquei limite de idade para a investigação, decorreu da constatação quotidiana de que a nossa sociedade coloca na categoria "solteirona" toda mulher que, contrariando as expectativas do destino que socialmente lhe é reservado, permanece até então solteira. A partir das representações sociais que apontam para o epíteto da "solteirona", como mulher "frustrada", "reprimida", "histérica", "rejeitada", "nervosa", "tristonha", "desesperada", "tia" — expressão de cortesia que carrega consigo toda uma ambigüidade —⁽⁴⁾, é que pretendo verificar o processo através do qual é construída a identidade psicossocial⁽⁵⁾ da categoria pesquisada.

A pesquisa de campo foi realizada na cidade de Maceió, no segundo semestre de 1984 e em 1985⁽⁶⁾. O material coletado é composto de 66 depoimentos, 41 dos quais escritos e 25 orais. Des- ses últimos, 16 foram obtidos em conversas informais e 9 em en- trevistas abertas gravadas. Os 66 depoimentos incluem 7 de mães solteiras e no total estão assim distribuídos pelas idades das de- poentes inseridas no intervalo de 30 a 90 anos e pelas categorias profissionais:

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO DAS DEPOENTES POR CATEGORIA PROFISSIONAL
MACEIÓ - 1984/1985

CATEGORIA PROFISSIONAL	GRAU SUP.	INST. MED.	TOTAL	% SUP.	MED.	% TOTAL
Professora	21	11	32	31,82	16,67	48,48
Assistente Social	7		7	10,61		10,61
Advogada	4		4	6,06		6,06
Economista	3		3	4,55		4,55
Técnica em Educação	4		4	6,06		6,06
Médica	1		1	1,52		1,52
Enfermeira	2		2	3,03		3,03
Psicóloga	2		2	3,03		3,03
Contadora	1		1	1,52		1,52
Bióloga	1		1	1,52		1,52
Geógrafa	1		1	1,52		1,52
Costureira		2	2		3,03	3,03
Lavadeira		2	2		3,03	3,03
Comerciária		1	1		1,52	1,52
Estudante Universitária		1	1		1,52	1,52
Técnica em Contabilidade		1	1		1,52	1,52
Autônoma		1	1		1,52	1,52
TOTAL GERAL	47	19	66	71,21	28,79	100,00

FONTE: Pesquisa de Campo

Obs: As idades das depoentes estão inseridas no intervalo de 30 a 90 anos.

Dos depoimentos apenas dois provieram de mulheres anal-fabetas: lavadeiras de roupa que por questões de saúde encontram-se impossibilitadas de trabalhar vivendo atualmente às expensas de pessoas conhecidas.

A maior incidência das depoentes na faixa dos 30 a 40 anos deve-se à própria faixa etária da pesquisadora, com maior circulação nesse universo. O mesmo argumento aplica-se ao nível sócio-econômico — camada média da população — e à profissão das depoentes. Das 66, 36 são profissionais da Educação: 16 professoras com nível superior, 5 professoras universitárias, 11 professoras com nível médio e 4 técnicas em educação também com nível superior. As demais depoentes, no total de 30 são profissionais de áreas diversas.

Ao longo da investigação me defrontei com quatro tipos de reação das componentes da amostra: uma de acolhimento e receptividade à pesquisa, expresso em frases entusiásticas: "Ah, Nãdia... tem tanto para dizer e descobrir... há muito que um trabalho envolvendo essa questão deveria ter sido feito". "Soube que você está fazendo um estudo sobre a condição da mulher solteira aqui em Maceió. Conte comigo para ajudar a encontrar pessoas a falar". "Soube que você está analisando a vida da mulher solteira aqui em Maceió?! Pode me incluir no seu rol de estudadas. Adianto que a situação é péssima".

A segunda reação caracterizava-se por cismas e reticências expressas em meio silêncio: "eu não sei... você acha mesmo necessário?! Uma terceira reação era de recusa velada: "mas essa é uma questão muito pessoal... "e finalmente uma quarta reação de recusa explícita: "eu bem que gostaria de colaborar... mas não é fácil".

A primeira das reações mencionadas foi a que possibilitou a coleta de grande parte do material apresentado neste trabalho. Quatro amigas da pesquisadora se dispuseram a distribuir entre suas conhecidas o roteiro preparado com vistas à obtenção dos dados. Como desde o primeiro momento do processo de construção da pesquisa — o momento da escolha do tema e da delimitação empírica do objeto — havia optado pela abordagem qualitativa e pela livre escolha do pesquisado na passagem das informações, apenas sugeri no material destinado aos depoimen-

tos escritos, um roteiro que possibilitasse a reflexão das depoentes⁽⁷⁾ a nível da identidade construída no processo de vida família/sociedade.

Dos 25 depoimentos orais registrados, 16 foram espontaneamente enunciados em conversas informais⁽⁸⁾ com a pesquisadora. No meu entender, os mais significativos por brotarem de situações absolutamente informais, quando as depoentes, encontrando-se comigo, na rua ou em minha residência, deixavam fluir suas impressões sobre a condição das mulheres solteiras, com 30 ou mais de 30 anos, na cidade de Maceió. Naquelas ocasiões em que não supunham estar dando um depoimento, deixava eu que livremente expressassem o pensamento, e, tão logo ficava sozinha, procedia ao registro da conversa. Alguns desses depoimentos espontâneos foram dados exatamente por mulheres que se colocavam nos três últimos tipos de reação à pesquisa.

Dos depoimentos gravados, os mais longos e em número de 9, foram selecionados os aspectos diretamente relacionados com a questão central da pesquisa. Após explicar à depoente o objetivo da "conversa", pedia-lhe que falasse livremente sobre sua experiência de vida. É interessante observar que três das gravações foram efetuadas em minha própria residência por solicitação das depoentes que diziam ficar mais à vontade longe de suas casas. Duas alegaram que a conversa poderia tomar um rumo muito pessoal e que, assim sendo, convinha ter precaução.

A resistência à pesquisa foi mais explícita e acentuada entre as mulheres situadas para além dos 43, 45 anos. A propósito, uma mulher de 65 anos, lavadeira de roupa e analfabeta me falou: "D. Nádia, a senhora não vai ter muita facilidade nesse estudo seu, minha filha. As mulheres não gostam muito de falar sobre esse assunto. Principalmente se são mais velhas! E ricas! Me diga uma coisa: a senhora também vai conversar com mulheres ricas? Porque se for se lembre que elas mentem. Não são que nem as pobres, que abrem a boca e vão falando. Elas são cheias de segredo. E são orgulhosas. Não gostam de falar".

Uma outra ocasião, numa reunião em que se encontravam presentes algumas mulheres solteiras na faixa de idade em estudo e vindo à tona a pesquisa de que me ocupava, uma delas falou:

"pois é, agora quando estivermos perto da Nádia, precisamos ter cuidado. Porque ela está estudando a mulher solteira e pode sair anotando as coisas em que falamos". Esses são episódios que ilustram a resistência à pesquisa. A impressão que me ficava, naquelas ocasiões, era a de que a reação de resistência constituía um reflexo das inibições e medo de que toda uma esfera de suas vidas, esfera até então silenciada, viesse à baila. E o que se coloca então, é a questão da linguagem subjacente à recusa, a questão da linguagem do não dito. É a questão dos mecanismos de opressão e repressão. Esse aspecto será ressaltado na análise dos depoimentos.

Buscando uma referência empírica para a idéia corrente de que a idade da "solteirona" corresponde ao não casamento a partir dos 30 anos, fui a Cartório do Forum de Maceió, a fim de obter o número de nubentes durante o ano de 1985.

A tabela abaixo fornece uma visão do total de nubentes com seus respectivos percentuais, antes e após 30 anos em Maceió:

TABELA II

TOTAL DE NUBENTES COM SEUS RESPECTIVOS PERCENTUAIS, ANTES E APÓS 30 ANOS - MACEIÓ - 1985:

IDADE	MULHERES		HOMENS	
	QUANT.	%	QUANT.	%
12 - 30	2.137	85,17	2.013	82,60
31 - 76	372	14,83	424	17,40
T O T A L	2.509	100,00	2.437	100,00

FONTE: Cartório de Casamento do Forum de Maceió

Com relação à desigualdade apresentada no total de homens e mulheres pesquisados e apresentados na tabela II, a amostra foi de 2.526 casais. Mas, tendo como foco de interesse marcante o 1º casamento, foram excluídos os desquitados, divorciados

e viúvos conforme mostra a tabela a seguir:

TABELA III
TOTAL GERAL DE NUBENTES
MACEIÓ - 1985

ESTADO CIVIL	NUBENTES			
	MULHERES	%	HOMENS	%
Solteira (o)	2.509.	99,33	2.437	96,48
Desquitada/Divorciada/ Viúva(o)	17	0,67	89	3,52
T O T A L	2.526	100,00	2.526	100,00

FONTE: Cartório de Casamento do Forum de Maceió

O decréscimo no percentual de nubentes para homens e mulheres ocorre a partir dos trinta anos, sendo que, para as mulheres, a idade mínima é de 12 anos, a média é de 24 aproximadamente e a modal de 19 anos. Essas idades para os homens situam-se nas faixas correspondentes aos 14, 26 e 23 anos, conforme tabela abaixo:

TABELA IV
IDADE MÍNIMA, MÉDIA E MODAL DOS NUBENTES - MACEIÓ - 1985

NUBENTES	I D A D E		
	MÍNIMA	MÉDIA	MODAL
Mulheres	12	24	19
Homens	14	26	23

FONTE: Cartório de Casamento do Forum de Maceió

Indicando a modal apenas a idade preferencial e trazendo a média a idade em torno da qual a maioria dos casamen-

tos se realizaram durante o ano de 1985, para as mulheres, a tabela sugere várias questões:

sair da média conduz ao não casar?

sair da média é adiamento intencional do casamento?

sair da média leva a uniões livres?

sair da média reflete insucesso no intuito de casar?

São questões cuja análise ocorrerá ao longo do desenvolvimento desta tese, quando os depoimentos serão objeto de reflexão.

A tabela IV se confrontada com a apresentada por Elisa Berquó ⁽⁹⁾ referente às idades médias de primeira união e celibato definitivo, para homens e mulheres, segundo a cor, não vai diferir, significativamente, vez que em ambas a média de idade gira em torno de 23 a 24 anos.

TABELA V

IDADES MÉDIA DE 1ª UNIÃO E CELIBATO DEFINITIVO, PARA HOMENS E MULHERES SEGUNDO A COR - BRASIL 1980

C O R	MULHERES		HOMENS		DIFERENÇA NA IDADE DO CASAL
	IDADE AO CASAR	CELIBATO	IDADE AO CASAR	CELIBATO	
Branca	22,7	7,7	25,7	5,5	3,0
Parda	22,5	8,0	25,4	5,2	2,9
Preta	23,4	13,4	26,3	7,8	3,1

Extraído de Berquó, E. - Nupcialidade da População Negra no Brasil. Campinas, NEPO/UNICAMP 1987 (Textos NEPO 11)

O percentual de casamentos expresso na tabela abaixo ilustra que entre as mulheres, o número de nubentes por faixa etária, é efetivamente menor a partir dos 30 anos. A alteração acentua-se na faixa dos 49 - 54 anos quando tem-se 28 casamentos para o sexo feminino e 24 para o sexo masculino.

TABELA VI
PROPORÇÃO DE CASAMENTOS POR FAIXA ETÁRIA E SEXO
MACEIÓ - 1985

I D A D E	MULHERES		HOMENS	
	QUANT.	PERCENTUAL	QUANT.	PERCENTUAL
12 - 17	409	16,30	33	01,35
18 - 23	1.094	43,60	1.062	43,58
24 - 30	634	25,27	918	37,67
31 - 36	211	08,41	215	08,82
37 - 42	75	02,99	99	04,06
43 - 48	46	01,83	51	02,09
49 - 54	28	01,12	24	00,98
55 - 60	8	00,32	21	00,86
61 - 66	3	00,12	7	00,29
67 - 72	1	00,04	5	00,21
73 - 76	0	00,00	2	00,08
T O T A L	2.509	100,00	2.437	100,00

FONTE: Cartório de Casamento do Forum de Macaé

Esses dados confirmam a idéia corrente segundo a qual as mulheres casam mais cedo do que os homens. Quanto à inserção destes na categoria "solteirão" seria interessante um outro estudo que visasse à comparação entre a situação do homem e da mulher solteira na nossa sociedade de tal modo que emergissem as representações sociais vigentes a respeito de ambos e à forma pela qual é construída a identidade no processo das relações sociais.

1.3 - A Dialética Sujeito / Objeto

Realizo esse estudo tomando como ponto de partida e referência a minha própria experiência na sociedade em que vivo.

Foi a partir da vivência do problema no cotidiano da existência, que me dispus a investigá-lo. Detectá-lo e recusar-me a estudá-lo seria permitir que uma situação pessoal de vida inibisse a pesquisa. Portanto, nesse trabalho, "o sujeito projeta-se no objeto. E observa-se a si mesmo naquilo que está contemplando. É a imagem contra a realidade"⁽¹⁰⁾. Compartilho com as depoentes a sua realidade. E este fato foi que instalou em mim a "ansiedade" na procura da "objetividade"⁽¹¹⁾. Decidi então que a melhor maneira de utilizar minha condição de sujeito/objeto da pesquisa seria através da "imersão empática"⁽¹²⁾ no fenômeno pesquisado. Isso significa a minha disposição de não dessubjetivar os fatos na medida em que os compartilho com o universo pesquisado.

Assim, o episódio que cito no início desta introdução, referente à posição de minha amiga quanto à situação da mulher solteira, representou para mim o despertar do problema, a certeza de que "a consciência é uma condição de liberdade"⁽¹³⁾ e a consequência de ter minha "própria vida como parte do meu campo de estudos"⁽¹⁴⁾. A partir daí, a observação de como os outros viam a mulher solteira e de como via a si mesma, passou a ser parte integrante do meu dia-a-dia. Isso significa que a minha condição social determinou a escolha do assunto, da metodologia empregada, do conceitual utilizado⁽¹⁵⁾. Significa também que o trabalho foi feito com paixão o que não redundou no esquecimento das "implicações do sujeito no objeto"⁽¹⁶⁾. O problema epistemológico e metodológico que aí se coloca é o da dialética sujeito/objeto, fundamental nas Ciências Humanas⁽¹⁷⁾.

Ao problema "que decorre da capacidade que tem o homem de sentir-se, simultaneamente, como sujeito e objeto", Rollo May⁽¹⁸⁾ denomina "o dilema humano". Dilema que perpassa toda a existência humana, trazido para o âmbito da ciência provoca embaraços dado o ideal de objetividade que a caracteriza. Negar a relação de inseparabilidade entre o sujeito e o objeto não significa negar que "a nossa consciência consiste num processo de oscilação entre os dois"? É esse processo de oscilação que Lévi - Strauss⁽¹⁹⁾ identifica como "o dilema que as Ciências Humanas ainda não ousaram enfrentar" e que se reveste do "duplo aspecto de uma consciência espontânea, inerente ao objeto de observações e de uma consciência refletida - consciência da consciência no

cientista". Portanto, como abstrair-me de minha própria experiência e assumir, exclusivamente, o papel de pesquisadora, quando o tema que escolhi foi escolhido sobre as bases de minha própria vivência e subjetividade? Mas essa vivência e essa subjetividade não se projetam no vazio de uma consciência imersa no ensi-
mesmar-se mas numa consciência que se amplia, aprofunda e desenvolve no jogo dialético entre sujeito e objeto⁽²⁰⁾. E nesse jogo dialético busco compreender meu objeto a partir do "sentido que transcende à intersecção de minhas experiências com as do outro, pela engrenagem de umas sobre as outras; ele é, pois, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que fazem sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha"⁽²¹⁾. Isso equivale a dizer que "existir é coexistir"⁽²²⁾ e que tal implica relações significativas presentes nas relações sociais e nas condutas individuais. As relações sociais envolvidas pelo mundo cultural e incorporadas às experiências subjetivas constituem o "mundo com" do indivíduo, que, como sujeito relaciona-se com os outros seres humanos, compreendendo-os e a si próprio⁽²³⁾.

Isso implica o reconhecimento da intersubjetividade presente à coexistência do indivíduo com seu mundo cultural e seu corpo social e remete ao modo de conhecimento do saber antropológico que comporta, como especificidade, a integração do pesquisador como parte do objeto de estudo e que abriga em seu interior as tensões originárias de uma postura metodológica que supõe, num primeiro momento, uma "impregnação pelo objeto" seguida, num segundo momento, de uma atitude de distanciamento indispensável à objetividade científica⁽²⁴⁾. O que se coloca é a questão da compreensão e dos níveis em que ela opera. Impregnar-se pelo objeto significa compreender uma cultura em seus próprios termos. Tal pressupõe uma relação de intersubjetividade em que o sujeito que observa "projeta a existência de um sentido daquilo que estuda"⁽²⁵⁾ não somente através de um processo de assimilação intelectual entendida como conjunto de critérios objetivos e categorias analíticas, mas também, através de uma relação empática, que permite a captação do mundo do observado nos seus próprios termos. Isso demonstra que os níveis de compreensão requeridos pela antropologia não são excludentes mas complementares⁽²⁶⁾ e que, não obstante a tensão que os envolve,

é da integração de ambos que resulta a prática antropológica.

O ser parte integrante de meu objeto de estudo, constituiu-se, pois, em condição de possibilidade de conhecimento, na medida em que, num primeiro momento, vivencio com as depoentes a problemática investigada e num segundo momento dela tento distanciar-me não pela anulação da vivência mas pela consideração de que a objetividade científica é um ideal que, na tentativa de ser alcançado não pode prescindir de um aparato teórico-metodológico que permita a apreensão da significação da ação social dos atores individuais. Isso decorre do fato do "campo de observação do cientista social(...) ter um significado específico e uma estrutura de relevâncias para os seres humanos que vivem, agem e pensam dentro dele" (27).

Esse caráter dialético da relação sujeito/objeto é que leva à realidade de que "a minha consciência pode ser objeto de minha própria consciência, desde que eu a ponha como objeto de meu pensamento e como objeto de um método particular de análise, dissociando-a de si, em um nível, para objetivá-la, e subjetivando-a em outro, para compreendê-la" (28). Da integração e mútua implicação dos dois níveis resulta uma prática antropológica que busca compreender as interações da sociedade e os significados atribuídos pelos próprios indivíduos à sua conduta.

"Dilema", para Rollo May, "tensão" para Laplantine, "níveis de compreensão" para Nadel, em todos eles o que se repete é a preocupação com o relacionamento sujeito/objeto. Preocupação comum às Ciências Sociais, o que nela avulta é o fato básico de que o sujeito é um "sujeito existente" que tem na coexistência, entendida como intersubjetividade, o referencial que lhe é dado pelo "mundo cultural" e pelo "corpo social" mas nos quais mantém a vida, projeta rumos, incorpora significados (29). Isso supõe - até mesmo em função de uma honestidade intelectual - a abdicação de uma pretensão de objetividade pois tal implicaria no ocultamento do peso específico a ser atribuído à subjetividade e no seu escamoteamento como elemento que necessita ser enfrentado para ter sua influência devidamente dectada e analisada nos resultados finais de uma pesquisa.

A leitura e a interpretação objetivas da experiência passam pelo crivo da vigilância epistemológica (30) tendo em vis-

ta o fato de que as técnicas e a metodologia empregadas estão comprometidas com o significado humano da pesquisa. Isso remete a uma discussão em torno do problema do método, seja em seu aspecto ortodoxo, seja em seu aspecto heterodoxo.

Conforme frisa Oracy Nogueira⁽³¹⁾, o lado informal e menos consciente da atividade científica vem sendo discutido por autores que ressaltam os possíveis efeitos negativos do formalismo metodológico. Nessa perspectiva colocam-se Abrahram Kaplan⁽³²⁾ e Miriam Limoeiro⁽³³⁾.

Abrahram Kaplan, em A Conduta na Pesquisa, colocando-se contra o que denomina "o mito da metodologia", defende o princípio da autonomia do trabalho científico e contrapõe a lógica reconstruída à lógica implícita, a qual denomina lógica-em-uso. Ressalta que uma e outra não se identificam e nem se acham em correspondência exata, que os padrões que norteiam a pesquisa dela mesma brotam e que, portanto, os métodos formais são antes uma reconstrução sobre como se deve ter processado o trabalho.

Miriam Limoeiro, em O Mito do Método, coloca-se numa posição de criticidade e questionamento perante o fato de ser o método - se encarado na perspectiva da epistemologia cartesiana - como "um conjunto de regras que por si só garantem a obtenção dos resultados desejados". Considera que o processo de formação da ciência revela todo um abalo que sofrem, ao longo do tempo, idéias tidas como verdades absolutas e incontestáveis no quadro da época histórica em que estavam inseridas, havendo assim uma "descontinuidade", um "rompimento", "um processo de vulgarização" sem o qual a sociedade e o homem não poderiam acompanhar, ao mesmo tempo que usufruir, do conhecimento científico.

Dessa constatação, uma interrogação é decorrente: sendo de caráter transitório o conhecimento científico, como atribuir ao método caráter absoluto?

Colocam-se ambos, Kaplan e Limoeiro contra a ortodoxia metodológica, que, marcada pelo formalismo e didatismo, apresenta o conhecimento dos métodos e técnicas de pesquisa, como condição básica e essencial à competência, e atribui ao método, o caráter de um código prático, formal e rígido.

A perspectiva enfocada pelos autores acima referidos

tem seu lugar definido no conjunto das investigações científicas. Chamando a atenção para a necessidade de diálogo entre pesquisa e teoria, atentando para os fatores não convencionais no trabalho científico, sugerindo que a preocupação excessiva com métodos e técnicas formais pode conduzir à esterilização da imaginação do pesquisador⁽³⁴⁾. Contudo, lembrando mais uma vez Oracy Nogueira, ressaltando os fatores informais ou o aspecto inconsciente do processo de elaboração do conhecimento, não correm o risco de apresentar como mutuamente exclusivas as fases conscientes e inconsciente, intencional e espontânea, formal e informal do trabalho científico, quando seria mais adequado considerá-las como complementares?

É verdade que não se pode negligenciar o fato de que o objeto das Ciências Humanas é complexo e fugidio. Mas não seria exatamente por isso que a preocupação com o método deveria ocupar um lugar - se bem que de não exclusiva - de primordial preocupação? Não há como esquecer o fato de que, na condição de indivíduo pertencente a uma sociedade, o cientista social não está imune de um envolvimento ideológico e valorativo. O método, nesse caso, não exerceria a função de veículo para um conhecimento livre e objetivo? Todavia, tais considerações não implicam no esquecimento do "uso espúrio da Metodologia"⁽³⁵⁾.

Chamando a atenção para "a insuficiência dos novos métodos descritivos da sociologia contemporânea", Goldman diz ser "fato comum a eliminação progressiva de todo elemento histórico no estudo dos fatos humanos" nesse tipo de tendência⁽³⁶⁾. Isso sugere novas questões sobre o uso abusivo do método. Sendo os homens os fazedores de sua própria realidade, conformando-se as épocas históricas paralelamente às suas ações, como isolar os fatos sociais, se todo fato social é um fato total⁽³⁷⁾? Como escravizá-los a máquinas de pensar? Como eliminar o elemento histórico quando a própria pesquisa empírica depende de um sistema de conjunto? Não é a análise desse elemento o principal instrumento de que lança mão o cientista social para tentar penetrar nas ações humanas e verificar sua influência na formação das sociedades e épocas históricas?⁽³⁸⁾

Ortodoxia ou heterodoxia metodológica? Qual o caminho a seguir?

Nagel⁽³⁹⁾ medita sobre pontos esclarecedores: "El método científico sigue el camino de la duda sistemática... gracias a su propia aplicación continua, el método permite la observación y corrección de errores... El método de la ciencia es, pues, en esencia circular... la esencia del método científico es limitar sus propias pretensiones".

A partir do momento em que se encare o método científico como algo que "segue o caminho da dúvida sistemática", como algo que é "em essência circular", não há mais porque temer a ortodoxia. Assim, surge o método como instrumento eficaz da seleção dos meios e processos adequados, como fator de segurança nas investigações. Possibilitando — através dos resultados de novas investigações — que os conhecimentos anteriores sejam revistos, é o método guia seguro e eficaz no processo de produção do conhecimento. Se seus padrões evoluem, se é submetido à crítica, se se atenta para o seu caráter autocorretivo, não há como encará-lo de forma ortodoxa. Como não há possibilidade de negar sua utilidade e indispensabilidade no processo de construção científica.

O método, enquanto elemento norteador da prática da pesquisa, suscita a questão das relações que com ele mantém as técnicas de investigação e análise. Pensar essa relação é pensar, primeiramente, no emprego do termo metodologia. Kaplan, em A conduta na pesquisa, ressalta a imprecisão de significado de que padece o termo, reportando-se às quatro maneiras mais comuns de utilizá-lo: metodologia enquanto conjunto de técnicas de uma ciência, enquanto "o" método científico, enquanto epistemologia (teoria do conhecimento) e enquanto filosofia da ciência. Optando pela acepção indicativa do "estudo" — descrição, explicação e justificação — dos métodos e não os próprios métodos⁽⁴⁰⁾ reserva à metodologia a tarefa específica de "compreender", nos mais amplos termos, não os produtos da pesquisa científica, mas o próprio processo". Ocorre que o processo envolve procedimentos. Assim, o que se coloca é a questão do que vêm a ser esses procedimentos. E o mesmo Autor indica que são "técnicas específicas utilizadas por uma dada ciência (...), são os meios de executar as operações de interesse de tal ciência".

Maria Isaura Pereira de Queiroz⁽⁴¹⁾, também analisando

do o emprego do termo metodologia, opta pelo seu uso enquanto "reflexão sobre o caminho, ou os caminhos seguidos pelo cientista em seu trabalho, nas diversas fases de produção da pesquisa e de sua realização". Lembra, porém, que metodologia, assim definida pode gerar o equívoco de sua identificação com tecnologia e técnicas. Aponta a diferença entre os três termos, ressaltando ser a "técnica, procedimento, maneira de agir para se obter um resultado, mas maneira de agir particular, seguida para executar algo; seu sentido é material e prático".

Confrontando-se as reflexões de Kaplan e Queiroz, constata-se nessa última, o enriquecimento da análise ao introduzir o termo tecnologia definindo-o como "a teoria de uma técnica ou de um conjunto de técnicas". Via esse termo e o que ele comporta, a Autora procede à verificação das aproximações e diferenciações entre metodologia e tecnologia ao tempo em que, lembrando as interrelações, frisa a primazia da primeira sobre a segunda, dadas as suas finalidades que são "mais vastas, mais complexas, mais profundas".

Depreende-se, do exposto, que a técnica compreende os elementos operacionais da pesquisa, ou seja, a sua prática. Prática calcada no contexto particular da realidade que se quer investigar. É, portanto, a questão do objeto das Ciências Sociais que se recoloca. Mas agora no âmbito da técnica ou das técnicas de que lançará mão o pesquisador com vistas à mais eficiente forma de apreensão e captação do problema que motiva e norteia a pesquisa.

Consideradas a estrutura social, a cultura, a base ecológica e demográfica, tem-se um sistema social cujo distintivo reside na peculiaridade dos elementos que lhe dão forma, vida, organização e significado: os seres humanos. Na prática da pesquisa o cientista social não pode sobrepor a construção lógico-normativa - enquanto conjunto de procedimentos rigidamente formalizados - à riqueza do fluir dos acontecimentos gerados no evoluir do processo de investigação e que parecem lembrar: "não se esqueça de que o objeto de sua investigação não é um mineral, uma rede fluvial, um infra-humano: é um objeto que pensa, sente e fala". Enfim, que é também sujeito. Constrói situações, põe limites à invasão do seu mundo. Em suma, o seu objeto é comple-

xo porque, através do pensamento, mantém, ele próprio, "controle" sobre os dados. Isso equivale a dizer que "não há fatos brutos"⁽⁴²⁾ não só porque passam eles pela visão do pesquisador, conforme frisa Goldman, como porque o próprio objeto filtra as informações e seleciona os dados a partir do seu envolvimento com a realidade e com os valores que sua experiência socializadora comporta. Tudo isso remete ao problema da(s) técnicas(s) a ser(em) utilizada(s) numa pesquisa.

Seres humanos em interação exprimem a vida social. Na tentativa de analisá-la, os cientistas sociais utilizam técnicas que permitem o estudo do fato que se expressa nos vários níveis da vida social. Sendo esta um produto histórico da capacidade especificamente humana de simbolizar e atribuir significado, apresenta-se como auspicioso o realce que vem sendo dado ao método qualitativo que comporta em seu interior um conjunto de técnicas que privilegiam a própria voz dos atores sociais, para, a partir dela, efetuar a análise. Dentre essas técnicas avulta a de História de Vida.

Langness, no seu A história de vida na ciência antropológica⁽⁴³⁾, destaca que "nessa época de pesquisa interdisciplinar e comportamental, há razões para crer que o tratamento biográfico do comportamento humano oferece um valioso denominador comum para os estudiosos das várias disciplinas". Experiência comum às Ciências Humanas desemboca numa abordagem interdisciplinar não pela perda da especificidade do objeto de cada uma dessas Ciências, mas pela compreensão de que se objeto real coincide enquanto totalidade que se quer apreender, explicar, conhecer. Lembra Aspázia Camargo⁽⁴⁴⁾ que "o material de História de Vida pode fornecer uma forte base para a definição da natureza sociológica dos fenômenos históricos, integrando subjetividade e objetividade". E Mandelbaum⁽⁴⁵⁾ sugere procedimentos que sirvam como quadro de referência ao uso da técnica em questão. Para ele, os dados da história de vida devem ser classificados tomando-se por base as dimensões, transições e adaptações que perfazem uma vida. O biológico, o cultural, o social, o psicossocial e o singular constituem as dimensões. As transições, mudanças importantes pelas quais passa a vida de uma pessoa, combinam elementos das dimensões e permitem a captação da forma pela qual "papéis relevantes, relações sociais e auto-concepção se articu-

lam entre as transições que se sucedem". Tendo em vista o enfrentamento de novas condições, as adaptações alteram os padrões de comportamento estabelecidos, são a fonte da adaptação pessoal e também sua resposta. "O estudo do fato social humanizado, encarado na sua matriz que é o indivíduo, criador e criatura do grupo" (46) marca o momento em que a sociologia desloca o estudo do fato social de sua exterioridade para a sua interioridade, não pela exclusão do primeiro elemento; mas pela conjugação ao segundo, vez que o agir coletivo é absorvido pelo indivíduo e incorporado à sua personalidade.

Na fronteira com a "história de vida" situa-se o "depoimento pessoal", nesta pesquisa muitas vezes obtido através da "conversa informal". Minha preferência sobre ele recaiu seja por possibilitar um maior número de "testemunhos" e uma maior abrangência na visualização da questão investigada, seja por demandar, a história de vida períodos mais longos para sua obtenção.

Acrescento a isso, o fato de considerar a "conversa informal" preciosa, na medida em que implica a possibilidade de observação do comportamento do pesquisado na condição real em que se manifesta, sem a intervenção das alterações decorrentes da preocupação com o "sentir-se observado" (47).

Resulta, do exposto, a concepção da pesquisa nas Ciências Sociais como uma tarefa científica e humanística. Como tarefa científica é desafiadora; como tarefa humanística é fascinante. A objetiva elucidação de um problema é feita através da Ciência. Mas no que concerne à escolha do mesmo como objeto de estudo, não há como nem por que negar o componente de subjetividade nela presente. E se a pesquisa visa à conclusões e generalizações a respeito das implicações teóricas e práticas do problema, a subjetividade do pesquisador vai constituir-se em um elemento a ser trabalhado no sentido de que sobre o mesmo a vigilância deverá ser mantida, não para a sua expulsão pura e simples, mas para que sua interferência seja evitada a nível de distorção da interpretação de fatos cujo pano de fundo é coletivo e gerado no interior da estrutura social.

1.4 - Referencial Teórico

Família e Mulher são temas confluentes. É no interior da primeira que a segunda é introduzida na cena social global. Historicamente, o papel atribuído ao gênero feminino tem sido o de esposa e mãe. A transmutação do cultural — o casamento institucionalizado — em natural, marca todo o processo de construção da identidade feminina, via uma socialização transmissora e cúmplice de uma ideologia que vê o "não casar" como um "destino horrível" ⁽⁴⁸⁾ em decorrência da situação da mulher numa sociedade que só lhe confere real importância a partir da conformidade à ordem estabelecida, ou seja, ao casamento. Neste contexto, cumpre indagar, num primeiro momento, como acontece a relação de identidade da mulher solteira com a sociedade circundante; num segundo momento, quais as condições específicas geradoras dessa identidade; num terceiro momento, como o processo de emancipação incide sobre a identidade da mulher solteira.

Dada a natureza das questões levantadas, o problema que surge como fundamental é o da identidade. Nesse sentido, será a mesma analisada com base na concepção proposta por Berger que a vê como "elemento chave da realidade subjetiva... em relação dialética com a sociedade" ⁽⁴⁹⁾ constituindo sua transformação, gênese e manutenção, um processo social. Igualmente, o conceito de identidade psicossocial proposto por Erikson será utilizado ⁽⁵⁰⁾. Vendo a identidade como a "organização da experiência no ego individual" ⁽⁵¹⁾, coloca seu desenvolvimento na dependência de dois elementos complementares: o eu e a integração em seu grupo, via papel, podendo a mesma ser estudada do ponto de vista da história em geral e da história de uma vida ⁽⁵²⁾.

Do ponto de vista da História — da História da Família, da História da Mulher — a categoria "solteira" pode se incluída no conjunto de seres que, não preenchendo as expectativas da sociedade no que tange ao "pleno destino feminino", ou seja, o casamento, passa a sofrer em decorrência do não cumprimento da norma ⁽⁵³⁾, a imputação de todo um conjunto de atributos depreciativos que culminam na impossibilidade de uma "aceitação social plena" ⁽⁵⁴⁾ e configuram a situação do estigmatizado.

Mas, se anteriormente à luta dos movimentos feminis-

tas, o espaço privado — o lar e a família — constituía o espaço fundamental em que se movia a mulher, hoje, o acesso a esfera do público desloca o eixo da realização feminina pela consciência de que "nenhum de nós pode aspirar à realização através de outra pessoa⁽¹⁵⁾ ou seja, somente através do casamento. E de que a idade — critério básico de inclusão na categoria "solteirona" — precisa ser pensada a partir das implicações que o estereótipo comporta, tendo em vista a denúncia do que ele representa a nível de convivência com a ordem estabelecida e da reprodução dessa mesma ordem, na qual a família atua como elemento central na preservação do status quo; tendo em vista, igualmente, a consciência do fato de que é na idade madura que eclode o movimento psicológico em razão do qual "a fonte de nossa identidade passa do exterior para o interior"⁽⁵⁶⁾, elegendo como ponto referencial básico da definição do eu, não as injunções sociais, mas a capacidade de forjar seu próprio destino através do trabalho, da independência econômica e emocional.

Em Perls⁽⁵⁷⁾ que define a maturidade "como a transição do apoio ambiental para o auto-apoio", em Maslow⁽⁵⁸⁾, para quem "uma percepção mais clara e eficiente da realidade, uma maior abertura à experiência e uma maior expressividade para uma firme identidade" constituem atributos característicos da maturidade", em Erikson⁽⁵⁹⁾ e em Allport⁽⁶⁰⁾ é que me inspiro para pensar a questão da maturidade.

Não obstante, convém não esquecer a configuração histórico-sociológica do universo em que se situam as mulheres pesquisadas. Nascidas e criadas em Alagoas, não passaram ilesas pelo processo de socialização que canaliza as aspirações femininas para o desempenho dos papéis de esposa e mãe. Oriundas predominantemente das camadas sociais médias, o seu discurso — loquaz, reticente ou silenciado — é o discurso de sua condição na sociedade de classe.

Da análise dos depoimentos emerge a força de socialização, na incorporação, pelas depoentes, da visão do seu destino associada a valores, aspirações e expectativas referentes ao casamento; emerge também, o fluir da História e as mudanças a esse fluir correspondentes, pela conquista das opções conscientes

que apontam para a percepção da condição da mulher solteira, não mais sob o signo do estigma mas sob o signo do trabalho, da autonomia e da independência.

NOTAS E REFERÊNCIAS

01. BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Editora Vozes, 1974, cap. III.
02. Expressão utilizada por Mariza Correa na apresentação da coletânea Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982, pág. 7.
03. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1979, pág. 293.
04. Em torno deste, a literatura fornece farto material. Elias Canetti no primeiro volume de suas Memórias fala dos "traços acentuados, atitudes e expressões de uma velha solteirona assumida". O romance, o teatro, as memórias, são pródigos na veiculação do estereótipo da "solteirona". Sem esquecer a veiculação do mesmo, a forma como acontece, nos ditos e na produção artística popular.
05. ERIKSON, Eric. "Identidade psicossocial". In: Enciclopédia internacional de las Ciências Sociales. Aguilar Ediciones, 1974, vol. 5.
06. Dera por encerrada a pesquisa quando a criação do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher exigiu o retorno ao campo dada a discussão que suscitou entre os vários grupos atuantes no movimento de mulheres.

07. Ver nas Ilustrações do III Capítulo o roteiro distribuído.
08. BURGESS, Robert G. "A entrevista não estruturada como uma conversa" tradução livre — mimeografado.
09. "Demografia da desigualdade: algumas considerações sobre os negros no Brasil. In: Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, nº 21, julho de 1988.
10. BASTIDE, Roger — Sociologia e psicanálise. São Paulo, Ed. Melhoramentos/EDUSP, 1974, pág. 268.
11. Idem, pág. 270.
12. Expressão utilizada por Duglas Teixeira Monteiro em conversa com a autora.
13. BERGER, Peter — Perspectivas sociológicas. Petrópolis, Editora Vozes, 1980, pág. 193.
14. Idem, pág. 31.
15. BASTIDE, Roger — Op. cit., pág. 263.
16. Ib. Ibid., pág. 264.
17. PIAGET, Jean — A situação das ciências do homem no sistema das ciências. Lisboa, Livraria Bertrand, 1976, págs. 49 a 70.
18. MAY, Rollo — Psicologia e dilema humano. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
19. LÉVI-STRAUSS, Claude — "Critérios científicos nas disciplinas sociais e humanas". In: Antropologia estrutural dois. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976.
20. MAY, Rollo — Op. cit. pág. 29.

21. MERLEAU-PONTY, Maurice — Fenomenologia da percepção. São Paulo, Freitas Bastos, 1971, Prefácio, pág. 17.
22. LUIJPEN, W. — Introdução à fenomenologia existencial. São Paulo, EPU/EDUSP, 1973, pág. 255.
23. SCHUTZ, Alfred — "Sociologia interpretativa". In: Fenomenologia e relações sociais. Org. de Helmut R. Wagner, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
24. LAPLANTINE, F. — Aprender antropologia. São Paulo, Brasiliense, 1988, 3ª parte.
25. LYOTARD, J. F. — A Fenomenologia. São Paulo, DIFEL, 1967, pág. 83.
26. NADEL, S. F. — "Compreendendo os povos primitivos". In: Antropologia das sociedades contemporâneas. Org. de Bela Feldman-Bianco, São Paulo, Global, 1987.
27. SCHUTZ, Alfred — Op. Cit., pág. 268.
28. RODRIGUES, J. C. — Tabu do corpo. Rio de Janeiro, Achiamé, 1979, pág. 3.
29. LUIJPEN, W. — Op. cit., Cap. IV.
30. BOURDIEU, Pierre (et alli) — El oficio del sociologo: presupuestos epistemologicos. México, Siglo XXI Editores, 1972, pág. 16.
31. In: Lógica, epistemologia e metodologia científica. USP, 1977, mimeo.
32. A Conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento. EPU/EDUSP, 1975, cap. 1.
33. O Mito do método. Rio de Janeiro, PUC, 1972, mimeo.
34. NOGUEIRA, Oracy - Idem cit. 31.

35. KAPLAN, Abraham — Idem cit. 32.
36. Ciências humanas e filosofia: O que é sociologia? São Paulo, DIFEL, 1972.
37. Id. Ibid.
38. Não questiono a complementaridade das abordagens quantitativa e qualitativa. Mas não me passa despercebido o fato de que por sua própria natureza — objeto que fala, pensa e sente — o objeto das Ciências Humanas e fugidio e a captação do subjacente aos fenômenos leva à tentativa de compreensão e explicação das várias esferas que compõem o social em suas múltiplas relações. Nesse conjunto de relações a rígida fronteira entre subjetivo e objetivo é diluída na medida em que o pesquisador é simultaneamente sujeito e objeto.
39. CHON, M. R. e NAGEL, E. — Introducción a la lógica y al método científico. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1973, II vol. pags. 232 e 245.
40. págs. 21. e 23
41. QUEIROZ, M. I. Pereira de — "Reflexão metodológica: convergências e contrastes". In: Variações sobre a técnica do gravador no registro de informação viva. CERU e FFLCH/USP, 1983, Coleção Textos, 4.
42. GOLDMAN, Lucien — Op. Cit.
43. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1973, pág. 13.
44. Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. Rio de Janeiro, 1982, mimeo.
45. "O estudo de história de vida" tradução livre — mimeografado.

46. QUEIROZ, M. I. Pereira de — "Histórias de vida e depoimentos pessoais". In: Op. Cit., pág. 162.
47. KAPLAN, Abraham — Op. Cit., Cap. IV.
48. BEAUVOIR, Simone de — O segundo sexo. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980, vol. 2, cap. 2.
49. BERGER, P. e LUCKMANN, T. — Op. Cit. pág. 228.
50. ERICKSON, Eric — Idem cit. 4.
51. Apud Ray Rolland. In: Eu e contexto social. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, pág. 228.
52. Idem cit. 5.
53. GOFFMAN, Erving — Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar, 1975, pág. 16.
54. Idem, pág. 7.
55. SHEEHY, Gaill — Passagens: crises previsíveis da vida adulto. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1984, pág. 355.
56. Idem, pág. 161.
57. PERLS, F. S. — Gestalt - terapia explicada. São Paulo, Summus, 1977, págs. 49 e 50.
58. MASLOW, Abraham — Introdução à psicologia do ser. Rio de Janeiro, Eldorado, S/D, pág. 237.
59. ERIKSON; Eric — Infância e sociedade. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971, cap. 7.
60. ALLPORT, Gordon W. — Personalidade: padrões e desenvolvimento. São Paulo, EPU/EDUSP, 1973.

II CAPÍTULO

MACEIÓ

2.1 - Considerações Introdutórias: Maceió no Contexto da Sociedade Nordestina

Contrariando a versão segundo a qual o engenho Massayó teria sido o núcleo a partir do qual, nos idos do século XVII a cidade de Maceió se teria desenvolvido⁽¹⁾, o Professor Moacyr Medeiros de Sant'Ana⁽²⁾, com base nas pesquisas documentais que vem desenvolvendo junto ao Arquivo Público de Alagoas, frisa que o engenho, ao ser erigido, já encontrara a povoação de Maceió, a seu ver, "primitivo povoado de pescadores e entreposto de venda e embarque do açúcar, madeira, fumo e outros produtos da região".

Por dois séculos — 1600 a 1800 — Maceió permaneceu como povoado. Sob a égide da comercialização do açúcar, da implantação de engenhos e da comercialização de algodão, fumo, cereais e madeira⁽³⁾, foi elevada à categoria de Vila em 1815 e tornada capital da então Província das Alagoas em 1839. Atualmente sua circunscrição administrativa comporta três distritos — o da sede, Maceió — o de Fernão Velho e o de Floriano Peixoto, além de quatro povoações: Garça Torta, Riacho Doce, Saúde e Usina Cachoeira de Merim. Apresenta uma área de 558 km² e uma população de 502.644 habitantes. A população da sede da capital é de 399.298 habitantes distribuídos entre 187.563 homens e 211.735 mulheres⁽⁴⁾.

No livro Maceió, Craveiro Costa⁽⁵⁾ reconstitui a história da cidade até 1930 e fornece um amplo painel da vida social local em sua trajetória de engenho a cidade:

No povoado, a vida social, sem movimentação, vida patriarcal, de bisbilhotices e mexericos, corria plácida e sonolenta nos casarões senhoriais da gente abastada, que era a que se chamava, na pelada oficial, a nobreza. Em geral, a mulher, na colônia, mesmo na metrópole, era analfabeta e permanecia prisioneira no lar paterno donde saía para o cárcere de outro lar, pelo casamento (...)

(...) No interior da casa, na sala iluminada, juntavam-se os amigos, cavalheiros circunspectos

e damas veneráveis, na intimidade do solar afundados em marquesas ou solidamente refestelados em enormes cadeiras de jararandá, cavaqueando maledicências elegantes ou comentando maliciosamente o último escândalo familiar, enquanto os janotas de bom nascimento faziam, timidamente, o seu pé-de-alferes às meninas casadouras, dos quais não se afastavam os olhares vigilantes das matronas. (Grifos meus)

E Manuel Diêgues Júnior, no seu *O Banglê nas Alagoas* ⁽⁶⁾, frisa ser este o núcleo da vida social e da formação da família alagoana:

Esta nasce do engenho, e no engenho se desenvolve, amplia-se a engenhos vizinhos, dilata sua influência aos meios rurais. Saem dos engenhos, dos velhos banglês de almanjarra os troncos da família alagoana.

(...) É a família que preside a vida social da região alagoana. (...) Gira em torno da família — das famílias de engenho — não só a organização social das Alagoas, como também, a existência de toda a população demográfica do banglê de suas vizinhanças.

Cedo se desdobrava a família do senhor de engenho, multiplicando-se, pelo casamento, e passando a outros engenhos. O casamento em geral fazia-se cedo. Aos 13, aos 14, às vezes menos do que isso, aos 10, aos 11 anos casava-se a iaiazinha.

(...) Gira em derredor do engenho, da casa grande do engenho, a constituição da família alagoana, que evolui ainda através dos engenhos. E, quando invade as cidades, formando as zonas urba-

nas, é como um derramamento do bangilê; é expandido os canaviais, a casa de moenda, a casa de purgar, o engenho. As cidades da região açucareira são, na verdade, um prolongamento do engenho. (Grifos meus)

A descrição a que procede Craveiro Costa da vida social de Maceió, nos idos do século XIX, respalda a afirmação de Diegues Júnior no que tange à reprodução, na cidade, do quadro de relações sociais vigentes no engenho⁽⁷⁾. Este, na condição de aglutinador da vida social, controla a família como transmisora dos valores nela instaurados. A estrutura social resultante é aquela que aponta para o autoritarismo a partir do qual todo um sistema de vida é montado e perpassado por relações assimétricas de classe, sexo e geração.

Este fato coloca a problemática da condição da mulher, numa sociedade em cuja ordem estabelecida o casamento aparece como o destino feminino. O comportamento gerado a partir dessa imposição social é registrado na literatura que retrata os costumes e que se constitui em documento da vida social e urbana de Maceió.

Traços e troças⁽⁸⁾, romance do final do século XIX, monta um painel das expectativas vigentes na época em relação ao comportamento feminino e das sanções sofridas pela mulher que transgredisse aquelas expectativas. :

Zulmira é a principal personagem. Uma "pimenta", "menina quente, irrequieta e mal educada", "mulher da vida fácil" — "rir, brincar, passeiar e divertir, eis a sua vida fácil" — "uma criatura endiabrada e tentadora, uma faísca" que lança a vida de Manoel, o noivo, num clima de sofrimento, tensão e humilhação. Não obstante, Manoel tudo parecia ignorar, movido pela paixão por Zulmira que, sendo uma mulher, "precisava de proteção".

Na trama do romance em foco, Zulmira, orientada pela mãe, era uma mulher em busca de um marido que lhe garantisse uma vida estável. Mas, à medida em que arranjava sucessivos namorados, fugia ao padrão vigente da mulher, "esse ente querido que é o anjo do lar e o encanto da sociedade" e passava a ser considerada "uma degenerada", "pouco preferível para esposa". "Levia-

na e fácil, endiabrada", casa-se com Manoel levando-o à prática do crime e do suicídio. E em meio a um emaranhado de trágicos acontecimentos, Zulmira vem a morrer, louca, na enfermaria de uma cadeia. Esse, segundo o Autor, "o produto do borboletismo". "Um exemplo edificante do futuro das mulheres que desprezam as afeições sinceras para merecer o cotejo do mundo ocioso".

O comportamento de Zulmira, rejeitado por fugir aos padrões vigentes na época, é punido com a loucura e a morte. Esse desfecho demonstra a violência dos mecanismos de controle social sobre a mulher ao tempo em que consagra a moral punitiva dos padrões de conduta feminina no final do século XIX, em Maceió.

O Último Senhor de Engenho⁽⁹⁾, romance histórico-sociológico, remete à Maceió do início do século XX, enfocando a paisagem urbana da década de 30 em combinação com o mundo rural dos bangüês e dos engenhos. A trama elaborada em torno da figura de Julito, o usineiro, redonda em observações sobre o namoro, a mulher, o casamento. A descrição do namoro, em confronto com a que é feita em outro romance do final do século XIX. A Filha do Barão⁽¹⁰⁾, que retrata a sociedade rural alagoana, acrescenta aos "olhares furtivos e eloquentes"⁽¹¹⁾, aos bilhetes, as "mãos dadas" numa clara evolução dos costumes.

A mulher é apresentada tendo um comportamento dirigido para a total submissão ao pai e ao marido como Alcina e Theodora em A Filha do Barão ou tendo um comportamento marcado pela dubiedade à semelhança de Glorinha em O Último Senhor de Engenho. A mulher virtuosa é vista como aquela que prima pela constante e dedicada prestação de serviços ao marido, e, no contorno desse padrão ideal, Zezé, a esposa de Julito, aparece em contraste com Glorinha e, crescendo em dignidade, quando, apesar do amor que sente pelo marido, dele se afasta definitivamente em razão do adultério pelo mesmo cometido.

Graciliano Ramos, em Angústia⁽¹²⁾, romance que transcorre em Maceió, na década de 30, também retrata a situação da mulher através de Marina. Retrata a situação da mulher que transgride os padrões de conduta e assume um comportamento que se apóia na dubiedade face às sanções punitivas advindas da transgressão e adotadas pela sociedade abrangente.

Portanto, a imagem da mulher veiculada pela literatura referida, é uma imagem dicotomizada em que ao sexo feminino reservam-se duas representações: a mulher, enquanto "anjo d'lar e encanto da sociedade" se totalmente submetida aos padrões da moral estabelecida e a mulher, enquanto "leviana, fútil, perigosa" e de comportamento dúbio se ousa assumir formas de conduta que se contraponham às consagradas. Numa e noutra representação permanece como questão de fundo o casamento como "o meio-de-vida" e alcançar.

Assim, a mulher que emerge dessa ordem é uma mulher sem perspectiva além da que tradicionalmente lhe é reservada: o casamento. Maioridade nunca alcançada pela sucessão de dependências a que se vê submetida, resta a essa mulher o consolo do "governo do lar" por ela transformado em instrumento de dominação dos que lhe caem às mãos como subalternos nas tarefas domésticas⁽¹³⁾. É a reprodução da ordem. É o mecanismo de sobrevivência numa situação que lhe é adversa. Nesse contexto, onde fica colocada a mulher que não respondeu à única alternativa — a alternativa do casamento — que lhe era proposta? Que espaço lhe é reservado? Que destino lhe é determinado?

Gilberto Freyre, em Sobrados e Mucambos⁽¹⁴⁾ lembra que:

"Nos sobrados, a maior vítima do patriarcalismo em declínio (com o senhor urbano já não se dispendo a gastar tanto como o senhor rural com as filhas solteiras, que dantes eram enviadas para os recolhimentos e os conventos com grandes dotes) foi talvez a solteirona. Abusa-a não só pelos homens, como pelas mulheres casadas. Era ela quem nos dias comuns como nos de festa ficava em casa o tempo todo, meio governante, meio parente-pobre, tomando conta dos meninos, botando sentido nas escravas, cosendo, cerzindo meia, enquanto as casadas e moças casadouras iam ao teatro ou à igreja. Nos dias de aniversário ou batizado, quase não aparecia às visitas, ficava pela cozinha, pela copa, pelos quartos ajudando

a enfeitar os pratos, a preparar os doces, a dar banho nos meninos, a vesti-los para a festa. Era ela quem também mais cuidava dos santos — enchendo de jóias e tetéias o Menino Deus, Santo Antônio, Nosso Senhor. Sua situação de dependência econômica absoluta — fazia dela a criatura obediente da casa. Obedecendo até as meninas e hesitando em dar ordens mais severas às mucamas" (Grifos meus).

A descrição de Gilberto Freyre, ao tempo em que é ilustrativa do espaço reservado à mulher solteira na família nordestina — "pouco mais que escrava na economia dos sobrados" (15) — é endossada por outros estudiosos da família brasileira. Emílio Willems (16) chama a atenção para a "situação indesejável de uma solteirona associada à família" quando desaparecidas as oportunidades de casamento. E Carmelita Hutchinson nas suas "Notas preliminares ao estudo da família no Brasil" (17), lembra o papel de "tia conformada e represada" desempenhado pela mulher solteira junto à família.

Essas considerações sobre a situação da mulher solteira na família nordestina, estabelecem o pano-de-fundo para a análise das condições socioculturais geradoras da situação em que ela esteve submersa, para, finalmente, face às transformações históricas da sociedade global, tomar consciência da exploração e desprestígio de que tem sido alvo. Nesse contexto, os movimentos de mulheres mergindo numa explosão de reivindicações, têm contribuído para o resgate da identidade feminina na medida em que aponta outras alternativas de realização além da referente ao casamento.

2.2 - A Evolução Urbana e Aspectos Demográficos de Maceió

A formação de Maceió caminha simultaneamente à atividade açucareira. Condições topográficas favoráveis e a comer-

cialização do açúcar levam à expansão do povoado e à sua elevação à categoria de vila em 1815. O surgimento do Porto de Jaraguá e o do entreposto do Trapiche propiciam a consolidação de Maceió, enquanto núcleo urbano. A sua elevação a capital de Alagoas em 1839, estimula o crescimento econômico-demográfico. Datado de 1820 o Plano Urbanístico de Póvoas concentra-se nos segmentos espaciais representados pela costa litorânea, pela baixada litorânea e o platô com sua encosta.

Em função do contingente demográfico que se amplia, Maceió expande-se urbanisticamente. Em 1900 tem-se a formação de novos núcleos urbanos estimulados pela atividade açucareira e pelas funções político-administrativas que a cidade comportava.

O período compreendido entre 1901 e 1940, vai ser marcado pela intensificação do processo de ocupação do espaço urbano. Em 1930 Pajuçara e Farol já eram considerados bairros classe A.

O período de 1940 a 1970 coincide com um novo surto de crescimento demográfico-espacial. Densifica-se a população dos bairros constituídos na baixada litorânea simultaneamente à ocupação das áreas do tabuleiro com a formação de novos bairros.

A década de 1970 a 1980 será marcada pela abertura de rodovias federais e pela implantação de unidades fabris — Salgema Indústrias Química S/A — fatores que acarretarão a expansão do centro urbano e a ativação de novos setores.

Analisando-se o crescimento demográfico de Maceió, verifica-se que a este não correspondem os investimentos públicos em infra-estruturas, serviços urbanos e equipamentos sociais. Os índices de mortalidade, os mais elevados do Nordeste, indicam a situação preocupante do município que requer a aplicação de maiores recursos econômico-financeiros para a melhoria das condições de vida de sua população.

A tabela a seguir indica o ritmo de crescimento da população, tomando-se como base 1960:

TABELA VII

Maceió. Distribuição da População de 1960 ao ano 2000

Discriminação	1960	%	1970	%	1980	%	1990	%	2000	%
Urbana	160.442	95,5	251.718	95,5	392.994	98,2	586.184	93,3	850.353	98,3
Rural	7.613	4,5	11.952	4,5	7.047	1,8	10.309	1,7	14.970	1,7
Maceió	168.055	100,0	263.670	100,0	400.041	100,0	596.493	100,0	865.323	100,0

FONTE: Plano de Desenvolvimento de Maceió - Diagnóstico e Prognóstico - Vol. I, pág. 59.

Os ritmos do crescimento da população estimada em 850.353 habitantes urbanos no ano 2000 conduz à preocupação com a qualidade de vida face às atuais condições produtivas quando "o quadro será de um Estado rico, de um município rico, via ICM da agroindústria açucareira e do complexo cloro-álcool-químico, gerindo a pobreza coletiva de sua população" (18).

A distribuição da população por bairro e por sexo segundo padrões habitacionais, em Maceió, pode ser visualizada conforme a tabela a seguir:

TABELA VIII
DISTRIBUIÇÃO POPULACIONAL POR BAIRRO E SEXO SEGUNDO PADRÕES HABITACIONAIS
MACEIÓ - 1980

SUPERIOR (A)				MÉDIO (B)				POPULAR (C)			
BAIRRO	POPULAÇÃO			BAIRRO	POPULAÇÃO			BAIRRO	POPULAÇÃO		
	MASC.	FEM.	TOTAL		MASC.	FEM.	TOTAL		MASC.	FEM.	TOTAL
Farol	12.533	16.082	28.635	Cruz das Almas	3.808	4.292	8.100	Barro Duro	3.760	3.897	7.657
Gruta de Lourdes	5.934	6.420	12.354	Jatiúca	7.960	9.380	17.340	Bebedouro	14.721	15.695	30.416
Pajuçara	1.551	1.930	3.481	Mangabeiras	5.548	6.615	12.163	Pontal da Barra	1.052	1.071	2.123
Pinheiro	5.925	7.237	13.162	Poço	5.001	6.001	11.002	Ponta Grossa	6.725	8.025	14.750
Pitanguinha	3.530	4.172	7.702	Prado	12.490	15.134	27.624	Ponta da Terra	8.603	10.413	19.016
Ponta Verde	1.632	1.984	3.616	Levada	3.490	4.457	7.947	Bom Parto	4.980	5.272	10.252
				Trapiche da Barra	4.732	5.649	10.381	Tabuleiro do Martins	18.366	19.116	37.482
								Jacintinho	27.948	29.676	57.624
								Mutange	853	879	1.732
								Vergel do Lago	10.932	11.815	22.747
								Jaraguã	1.522	1.788	3.310
T O T A L	31.125	37.825	68.950	T O T A L	43.029	51.528	94.557	T O T A L	99.462	107.647	207.109

TOTAL GERAL (A + B + C) = 370.616

FONTES: VIII e IX Recenseamento Geral do Brasil - 1970 - 1980

Dados Preliminares (1980 - FIBGE/AL., IFOR, GEIPOT)

Gruta de Lourdes, Pitanguinha e Pinheiro, são sub-bairros do Farol, que, juntamente com Pajuçara e Ponta Verde, bairros da orla marítima, compõem o padrão superior de habitação, neles situando-se as camadas mais favorecidas da cidade do ponto de vista sócio-econômico. Os padrões médio e popular encontrados nos demais bairros, correspondem às camadas média e popular.

A taxa de masculinidade varia segundo o padrão de área de habitação com maior simetria na proporção dos sexos na área menos favorecida e maior assimetria nas áreas mais favorecidas. Assim, na área superior há 1.216 mulheres por 1.000 homens, na área média há 1.197 mulheres por 1.000 homens e na área popular 1.082 mulheres por 1.000 homens.

Nas áreas mais favorecidas a proximidade da taxa de masculinidade não permite fazer diferenciação. O realce deve ser estabelecida entre os padrões superior e popular.

Uma hipótese explicativa dessa diferenciação é a existência da empregada doméstica residente, nos padrões superior e médio, existência facilitada pela baixa remuneração o que viabiliza, inclusive a manutenção de mais de uma empregada por família, em alguns casos.

2.3 - O Movimento Feminista em Maceió: dos primeiros passos à consolidação

2.3.1 - As Pioneiras e a Federação Alagoana pelo Progresso Feminino:

A esse movimento Alagoas se faz presente. Na sua capital, Maceió, assiste-se hoje à criação de Grupos de Mulheres movidos pelo propósito amplo de remoção dos obstáculos ao exercício dos seus direitos. Em Maceió, a adesão ao movimento feminista segue paralela à história desse movimento a nível nacional⁽¹⁹⁾.

Nos idos de 1932, tomou posse a primeira diretoria da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino⁽²⁰⁾. Constituída por

mulheres da classe alta maceioense — "mulheres das melhores famílias locais, algumas solteiras, algumas casadas" — segundo as palavras de uma líder da época, Prof.^a Linda Mascarenhas, não fugiu à filosofia proposta por Berta Lutz⁽²¹⁾. A ação de cunho assistencialista, a educação, a luta pelo voto, a origem comum do grupo — mulheres pertencentes à camada alta —, a própria concepção do que seria o feminismo⁽²²⁾, são elementos que aproximam, nesse primeiro momento, a ação das mulheres alagoanas ao movimento nacional, com ele identificando-se, nele projetando seus anseios e aspirações e, nele mesmo, encontrando seus limites por força de uma estrutura que perpetuava nos cargos as dirigentes.

A fundadora da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino foi Maria José Salgado Lages — Lili Lages. Originária de tradicional família alagoana, formada em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, deputada estadual eleita em 1934, professora da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro — onde vive atualmente —, defendia a independência econômica da mulher "adquirida somente após uma sólida educação"⁽²³⁾, como a base imprescindível à realização de toda e qualquer outra aspiração. Nesse sentido as atividades culturais eram incentivadas pela Federação seja sob a forma de cursos noturnos, seja sob a forma de conferências. As matérias lecionadas nos cursos — Português, Francês, Inglês, Alemão, Russo — bem como a temática das conferências — "A Igreja e a Mulher", "Em Coluna de Marcha", "A Evolução Social da Mulher", "A Mulher na Sociedade e na Política", "Direitos da Mulher na Legislação Brasileira", "Mulheres que Matam", "A Mulher no Teatro e na Bíblia", "A Educação da Mulher conforme o Feminismo", "A Ação da Mulher na Sociedade: instrução e pobreza", "A Mulher em face da Ciência Contemporânea" — indicam o teor das preocupações. Em 1934 às disciplinas do curso noturno foram acrescentados Aritmética, Puericultura e Escrituração Mercantil.

Eleita deputada estadual em novembro de 1934, Lily Lages encetou campanhas de cunho social, reassumindo em 1937 suas funções médicas. Com a sua ida para o Rio de Janeiro, a Federação Alagoana pelo Progresso Feminino passou a ser presidida por aquela que até então havia sido sua primeira secretária: Linda Mascarenhas.

"Fui uma das fundadoras da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino. Fiz parte desde a primeira diretoria. A presidente era Lily Lages. Fundamos a Federação numa homenagem a libertação dos escravos a 13 de maio de 1932. Depois de algum tempo, Lily foi à Europa e na sua volta resolveu morar no Rio de Janeiro. Eu assumi a presidência e depois fui reeleita. E mais outra vez. Por isso resolvemos em assembléia, fazer eleições bianualmente e eu era sempre reeleita. Por isso ficou resolvido que eu seria Presidente Perpétua da Federação" (24).

Professora de línguas, fundadora do Teatro de Amadores de Maceió e da Associação Teatral de Alagoas, Linda Mascarenhas esboça em um artigo sobre o termo Feminismo (25) a concepção que tem do mesmo e que se coaduna com a linha de ação proposta por sua líder Berta Lutz para quem a luta pelos direitos da mulher deveria transcorrer desvinculada do feminismo radical e, tendo suas "reivindicações feitas pelos trâmites legais, usando os instrumentos políticos legítimos, evitando-se toda e qualquer confrontação que pudesse vir a abalar a frágil corrente favorável que começava a se formar na opinião pública (26). Buscando esclarecer o significado do termo e do movimento que ele representa, diz Linda Mascarenhas:

"O movimento feminista não é apenas norte-americano. É um movimento mundial e, portanto bem brasileiro. É um movimento de conscientização da mulher em qualquer parte do mundo. Onde houver uma mulher inteligente haverá feminismo".

Contudo, restringindo sua ação ao campo intelectual e assistencial, reivindicando igualdade sem proceder à crítica das estruturas de poder — casamento, família, papel tradicional da mulher — mantenedoras da desigualdade, a Federação Alagoana pelo Progresso Feminino encontra-se hoje desativada e sobrevive

através do nome de Linda Mascarenhas, ativa e lúcida aos 90 anos de idade.

2.3.2 - Novos Grupos, Novas Metas:

Maceió conta hoje com a atuação de vários grupos de mulheres. O primeiro a ser criado, a União das Mulheres de Maceió — UMMa, surgiu em março de 1982, como resultado do primeiro Encontro de Mulheres de Maceió. As teses defendidas por ocasião daquele Encontro — "A Mulher e a Política", "A Mulher e o Trabalho", "A Mulher e a Saúde", "A Mulher e a Educação", "A Mulher e a Moral Sexual", "A Mulher e suas Formas de Organização" — dizem das preocupações do movimento. Atuante, incorpora em sua bandeira de lutas melhores condições de vida, organiza seminários onde são denunciados e debatidos os problemas enfrentados pelas mulheres na família, no trabalho, na sociedade, na vida sexual.

Ao término do I Encontro as mulheres foram concludas a juntas lutarem:

Pela criação dos Departamentos femininos nos sindicatos, entidades, associações e partidos políticos;

Pela participação das mulheres nos movimentos populares e democráticos;

Pelo direito de manifestação, expressão e organização das mulheres e de todo o povo;

Pela construção da União das Mulheres de Maceió;

Pela organização da mulher em todos os municípios do Estado, no caminho para a construção da Federação das Mulheres de Alagoas;

Pela união de todas as mulheres de Maceió, de Alagoas e do Brasil, na luta pela sua emancipação; com todos os setores que lutam contra a

*opressão, pela liberdade e pela democracia em
nosso país*⁽²⁸⁾.

Durante dois anos a UMMA constituiu a única entidade feminina efetivamente organizada e dinâmica em Maceió. Sua unidade foi rompida por ocasião da criação do Centro da Mulher Alagoana — CEMA, em janeiro de 1985. Divergências políticas entre as militantes, culminaram na necessidade da criação de um grupo alternativo que mantivesse como meta prioritária a especificidade da questão feminina⁽²⁹⁾. Encontrando-se este grupo ainda em fase de consolidação — na busca de novos caminhos — e montagem de uma infra-estrutura que possibilite seu pleno funcionamento, eis que um novo grupo se organiza em Maceió: o Prô-Mulher. Preocupado com o rumo político dos demais movimentos, se propõe a lutar pela introdução de uma linha de atuação eminentemente cristã.

Ainda em 1985, surge o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Condição Feminina, no Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal de Alagoas, até então completamente ausente das discussões sobre a questão feminina. Propondo-se a "desenvolver estudos e pesquisas que permitam a obtenção de melhores conhecimentos acerca da condição feminina e a promover amplo debate sobre o tema objetivando um conhecimento concreto da condição da mulher em âmbito nacional, estadual e local⁽³⁰⁾, representa este Núcleo a preocupação de ordem acadêmica no sentido de refletir teoricamente sobre o social e trazer para a discussão universitária, um tema a partir do qual um movimento articulou-se, uma militância organizou-se e um novo campo de saber constituiu-se. Tateante, o Núcleo ensaia seus primeiros passos.

Dois outros grupos de mulheres atuam em Maceió: o Clube Literário Alagoano aos 10 anos de existência e voltado para o estímulo e divulgação da criação literária feminina e o Women's Club de Alagoas, organizado em 1982 e voltado para atividades culturais e filantrópicas⁽³¹⁾. As mulheres associadas a esses grupos são originários da classe alta de Maceió. A linha de atuação de ambos diverge amplamente da dos demais grupos mencionados — UMMA, CEMA, Prô-Mulher — no sentido de que estes se posicionam criticamente face ao papel e condição tradicionalmente atri-

buídos à mulher bem como ao sistema legitimador dessa ordem.

2.3.3 - O Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher

Fui buscar a reconstituição da criação do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher, em Alagoas, nos depoimentos da Taís Normande, presidente-reeleita em assembléia — da União das Mulheres de Maceió, e de Terezinha Ramires, presidente do Conselho após escolha do então Governador Divaldo Suruagy em consulta à lista tríplice que lhe foi apresentada.

Representativos das posições em conflito, ambos os depoimentos fornecem elucidativas informações a nível da luta interna travada entre os vários grupos feministas, visando à liderança no Conselho Estadual. Revelam também os interesses políticos que perpassaram a criação do órgão referido bem como a manipulação a que está sujeito o Movimento como um todo ⁽³²⁾.

2.4 - O Significado de Objeto no Conjunto dos Dados

Não são desconhecidas as contribuições que o movimento feminista tem trazido para as modificações no comportamento feminino. Dentre essas modificações avulta a que concerne à criação de um novo tipo de mentalidade consoante com um modelo de vida que não incluía necessária e obrigatoriamente o casamento ou a vida a dois como única solução possível a nível de existência. Elizabeth Badinter, registra no seu livro Um é o Outro ⁽³³⁾ as modificações havidas na tradicional noção de casal. Paul Singer analisa a tarefa do feminismo enquanto ação reeducativa voltada para a mudança na relação entre os sexos ⁽³⁴⁾ e conclui que, sem tal mudança, a mulher continuará condicionada ao casamento e à procriação.

Ora, fenômeno recente vem sendo registrado no sentido de que, crescentemente, maior número de pessoas vivem sós. Seria isso um avanço da solidão entendida como sentimento, ou uma esco-

lha livre e consciente de quem atenta para as múltiplas alternativas de vida que a moderna sociedade oferece? A Revista Veja de 31 de agosto de 1988, noticia os resultados de uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, segundo a qual "mais brasileiros estão morando sozinhos". Não obstante o índice de mulheres solteiras que vivem nessa situação — 38% — ser menor que o de homens — 63% — é nítida a transformação comportamental que começa a se firmar. Homens e mulheres independentes profissional e financeiramente desmontam a mística que envolve a família como sendo a única solução possível de vida. O potencial transformador dessa atitude faz o fenômeno incidir sobre o interior do feminismo enquanto movimento desencadeador de novas formas de comportamento. E, no feminismo, o que avulta para o interesse específico deste trabalho, é a profunda alteração ocorrida na esfera da própria mentalidade feminina, que, agora, desmistifica as raízes sócio-culturais da discriminação contra a mulher solteira no universo do mundo patriarcal e a aura que envolve a figura da esposa.

Numa sociedade que incute na mulher o aprendizado do casamento como seu destino normal, como se situa a mulher que não casa? Como vivencia sua condição de solteira e de que mecanismos lança mão para superar as dificuldades advindas do não cumprimento do "destino"? Numa sociedade marcada pela influência dos meios de comunicação de massa, que alimentam e reforçam o estereótipo da "solteirona" — as novelas "globais" disso são um primoroso exemplo —, numa sociedade em que a "solteirice" passa a ser a marca que propaga o preconceito, como reage a mulher solteira? Como reage à ideologia machista segundo a qual no fraseado popular "mulher sem homem é mulher sem nome?" Como reage ao preconceito dos costumes que dizem ser a "mulher aos 15 anos um botão, aos 20 desabrocha, aos 25 murcha, aos 30 é uma bruxa"? Como a evolução econômica, a definição profissional e a participação política estão modificando o modo de ser da realização feminina ampliando-a para realização humana? ⁽³⁵⁾.

Todas essas questões perpassarão este trabalho. Não me preocupo fundamentalmente com a substância demográfica do grupo constituído pelas depoentes. Tampouco com a representatividade estatística da amostra. O grupo pesquisado pode não ser a regra. Mas existe e sua realidade é sintomática do peso de que se

reveste a ideologia machista no cotidiano das pessoas. Pretendo que este trabalho seja vida que flui na aspiração da concretização de projetos. Muito embora seja ele destinado primordialmente para fins acadêmicos, a sua matéria-prima é o ser humano. Ser humano repleto de contradições e ambigüidade mas que tenta transformar a vida em existência no sentido de vida orientada para um alvo, para uma ação com sentido⁽³⁶⁾.

É da natureza dos obstáculos com que se defronta a mulher solteira para o reconhecimento de sua dignidade de que me ocupo. Pois, como construir uma identidade com dignidade, se a questão se constitui no impasse gerado pela idéia socialmente corrente de que "mulher sem homem é mulher sem nome"? Neste sentido, como pensar a condição da mulher solteira, sem pensar a minha própria condição? O desdobramento e compreensão do meu objeto de investigação, se dá a partir de minha própria existência e experiência. O que me anima é a paixão pelo real a nível de reflexão que toma o cotidiano das relações sociais como objeto de análise. Análise não rigidamente acadêmica mas que fui ao ritmo do compasso de minha própria consciência de mulher solteira. Quero que minha pesquisa retrate os interesses das pesquisadas. É essa dupla condição de pesquisadora e pesquisada que imprime neste trabalho o caráter de inextricabilidade presente na relação sujeito/objeto. Que ele expresse as perplexidades, angústias, contradições, interesses, aspirações e metas das pesquisadas, eis minha intenção primeira. Nesse contexto porque não deixar fluir minha própria vivência intercalando-a com a reflexão teórica que convida à quebra das estereotípias e à transformação das mentalidades? Minha pesquisa tem, pois, um caráter vivencial e nela a teoria aparece com um indispensável recurso explicativo desprovida porém de reelaboração e sofisticação. A intenção primeira é de caráter "ético-pragmático"⁽³⁷⁾, e é nesta intenção que me detenho. Preocupo-me com o fenômeno em si e a minha postura é a de tentativa de compreensão tendo em mente o fato de que se "a dignidade humana é uma questão de permissão social"⁽³⁸⁾, é por ela primeiramente que me compete lutar e pôr a reflexão acadêmico-científica a seu serviço.

NOTAS E REFERÊNCIAS

01. Versão endossada por Tomás Espíndola, Pedro Paulino da Fonseca, Moreno Brandão, Craveiro Costa, Jaime de Altavila, em seus estudos sobre a origem de Maceió.
02. Notas para aula de história de Alagoas. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal de Alagoas — Departamento de Filosofia e História (mimeo.)
03. Aglomerado urbano de Maceió: aspectos físicos, infraestrutura e serviços urbanos. Coordenação de cidades de Porte Médio — Secretaria do Planejamento, Maceió, 1984, vol.1, pág. 54.
04. Município de Maceió sob o ponto de vista geográfico, econômico e demográfico. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Maceió, S/D, (mimeo.)
(O universo abrangido pela presente pesquisa restringe-se a Maceió, distrito sede da capital alagoana).
05. Maceió, Serviços Gráficos de Alagoas S/A — SERGASA, 1981, págs. 37, 39, 41.
06. Maceió, Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL, 1980, págs. 186, 187.
07. Jurandir Freire da Costa, no seu Ordem médica e norma familiar, Rio de Janeiro, Graal, 1983, cap. 2 analisando a relação cidade-família no período colonial brasileiro, frisa as marcas impressas pela família latifundiária nas

vilas e cidades que construiu. Focaliza o espaço urbano enquanto prolongamento da organização familiar senhorial seja no que concerne ao traçado das ruas e ao estilo arquitetônico das casas, seja no que concerne ao crescimento das cidades na dependência da produção rural. A influência da organização familiar senhorial estendia-se às outras camadas sociais configurando seu modo de ser e fazendo-as portadoras das características comuns ao senhoriato. No plano do poder político e econômico é que ressurgiam as diferenças.

08. MACIEL, Pedro Nolsaco - Maceió, reedições DEC, 1964.
09. MENDONÇA Júnior, A. S. — Maceió, EDUFAL, 1987.
10. MACIEL, Pedro Nolasco — Maceió, DAC, 1976.
11. Idem, pág. 26.
12. São Paulo, Record, 1986.
13. COSTA, Craveiro — Op. cit., pág. 39.
14. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1981, vol. 1, cap. IV, pág. 127.
15. Id. Ibid., pág. 127.
16. "A estrutura da família brasileira". In: Revista de Sociologia, vol. XVI, nº 4, São Paulo, 1954, págs. 329, 330.
17. In: Anais da II reunião brasileira de antropologia, Universidade da Bahia, 1957, pág. 269.
18. Plano de desenvolvimento de Maceió - diagnóstico e prognóstico - vol. I. Prefeitura Municipal de Maceió - Coordenação Municipal de Planejamento - COMPLAN, Maceió, set. 1981.
19. O Jornal O Estandarte, Maceió, 17 de outubro de 1833, nº 14, noticia a eleição da Diretoria e aprovação dos estatutos da Sociedade Libertadora das Senhoras de Maceió ao tempo

em que incita o Conselho da mencionada Sociedade a não desanimar na luta pela libertação dos escravos. (Fonte: Arquivo Estadual de Pernambuco).

20. Meus agradecimentos à Prof^a Linda Mascarenhas que gentilmente se dispôs a falar da sua experiência à frente da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino.
21. ALVES, Branca Moreira — Ideologia e Feminismo: a luta da Mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis, Editora Vozes, 1980, cap. 3, item 3.2.
22. Idem.
23. LAGES, Solange — Biografia: Lily Lages — médica, feminista, deputada, literata. Maceió, 1978, pág. 53.
24. Entrevista concedida a Joaquim Alves, Maceió, 1984. (Agradeço a esse jornalista o material cedido).
25. Artigo publicado em um jornal local e cujo nome e data escapam à memória de sua Autora.
26. Ver: Alves, Branca Moreira — Op. cit., págs. 97 a 129.
27. Ver nos Anexos o balanço das atividades da UMMa, por ocasião dos dois anos de sua criação.
28. Teses do Encontro da Fundação da UMMa. Maceió, 1982, mimeo.
29. Entrevista concedida à pesquisadora pela presidente do CEMA.
30. Relatório das atividades acadêmicas — Departamento de Estudos Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal de Alagoas, 1985, mimeo.
31. Expresso meus agradecimentos às líderes de todos os grupos referidos pela receptividade em me prestar informações.
32. Ver nos Anexos a transcrição dos depoimentos.

33. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
34. "O Feminino e o Feminismo". In: São Paulo, o povo em movimento. SINGER, Paul e BRANT, V. Caldeira (Org.) Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.
35. A respeito do preconceito dos costumes referido na reportagem "A vitória da fera radical", da revista Veja de 23 de novembro de 1988, o repórter transcreve a frase de um intelectual do PT, sobre a eleição de prefeita de São Paulo, Luíza Erundina: "Tinhamos medo do desastre que representaria a candidatura, em São Paulo, de uma paraibana, mulher, xiita, e, principalmente solteira. Era demais". (Grifos meus).
36. BEAUVOIR Simone de — O segundo sexo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
37. Expressão utilizada por Oracy Nogueira em Pesquisa Social: introdução às suas técnicas. São Paulo, Editora Nacional, 1975, pág. 15.
38. BERGER, Peter — Perspectivas sociológicas. Petrópolis, Vozes, 1980.

III CAPÍTULO

A CONDIÇÃO DA MULHER SOLTEIRA NA CIDADE DE MACEIÓ

"Recusar a reconhecer-se no estereótipo é dizer não à ideologia, é deixar de ser em si para assumir-se também como projeto, como sujeito e transcendência, e tornar-se ser para-si".

Rachel Gutiérrez -

O Feminismo é um Humanismo, pág. 28.

3.1 - Considerações Introdutórias:

No segundo capítulo deste trabalho, no tópicos referente a Maceió no contexto da sociedade nordestina, salientei, com base nos estudos de Freyre, Willems e Hutchinson⁽¹⁾, a situação de dependência que configurava a vida da mulher solteira, das camadas média e privilegiada⁽²⁾ quando, pela idade, o casamento se lhe apresentava como impossibilidade. Explorada no trabalho doméstico, oprimida pela estrutura familiar, reprimida pela moral vigente, humilhada face à condição de amparada pela parentela, sua vida transcorria pálida, fria e monótona na labuta do quotidiano vivido em função dos encargos caseiros, da dedicação aos familiares e do resignado esquecimento de si mesma. Da condição de vida historicamente dada, resultava, no plano material, uma mulher dependente e compelida aos afazeres domésticos; no plano simbólico, uma guardiã dos valores familiares em relação à qual desenvolviam-se expectativas comportamentais associadas a atitudes de depreciação e piedade. Circunscrita à esfera do familiar e do doméstico, como diz Thales de Azevedo⁽³⁾,

"A solteirona vem a ser aquela que, por não achar casamento, assume o papel de tia para os sobrinhos, ajudando a criá-los, cooperando no serviço da casa, não raro reclusa todo o tempo, vigiada pelos da mesma geração, pelos mais velhos e até pelos mais jovens, e, ao mesmo tempo vigilante atenta e zelosa, imperti-

nente e inoportuna dos meninos e jovens da família — dos quais muitas vezes faz-se cúmplice e protetora sacrificada e benévola...”(4)

Na literatura sobre Mulher, a reflexão sobre a condição de vida da mulher solteira é feita de forma tangencial porém coincidente no que toca ao diagnóstico dessa condição. Isso é o que se depreende da leitura de Simone de Beauvoir na obra O segundo sexo (5) de Gail Sheehy em Passagens: Crises previsíveis na vida adulta (6), de Colette Dowling em Complexo de Cinderela (7), de Natalie Rogers em A mulher emergente (8) e de Elisabeth Badinter em Um é o Outro (9).

Analisa Simone de Beauvoir:

"Condição singular é na França a da celibatária; a independência legal de que goza opõe-se de maneira chocante à servidão da esposa; é ela um personagem insólito; por isso mesmo os costumes se apressam em retirar-lhe tudo o que lhe concedem as leis. Ela tem as capacidades civis, mas trata-se de direitos abstratos e vazios; ela não possui nem autonomia econômica, nem dignidade social. Geralmente a solteirona permanece à sombra da família paterna ou vai encontrar-se com seus semelhantes no fundo dos conventos:

.....

Entretanto existe hoje um número assaz grande de privilegiadas que encontram em sua profissão uma autonomia econômica e social. São elas que pomos em questão quando indagamos das possibilidades da mulher e de seu futuro" (Grifos meus)

Essa indagação levantada por Simone de Beauvoir nos idos da década de 40, encontra eco nas obras mais recentes das quatro outras autoras acima mencionadas.

Gail Sheehy, na década de 50, escreveu Passagens. No capítulo referente aos "Modelos de vida femininos" começa por frisar que a sociedade — no caso a americana — "reluta em considerar esse modelo de vida como legítimo para as mulheres". O modelo de vida a que se refere é o do não casamento. Mas trata-se de uma consideração tangencial que não oferece maiores subsídios para a análise. Contudo, ao longo da obra, fornece pistas para a reflexão sobre o celibato, a autonomia individual dele resultante e sobre o casamento como fórmula de aquisição da identidade feminina.

Colette Dowling, no seu Complexo de Cinderela, suscita questões que remetem às implicações da autonomia econômica e social, via profissão, referida por Beauvoir e que incidem sobre a condição de vida da mulher solteira. À página 48, lembra "O mito que diz que nossa salvação está em estarmos ligados a alguém". Mito "que carrega consigo o corolário não explícito de não sermos nunca chamadas a trabalhar". Ora, nesse caso, o não ser casada não se apresentaria como um elemento básico para a independência psicológica, emocional e econômica da mulher, na medida em que a sua segurança dela mesma depende e, uma vez conquistada, acarreta o desenvolvimento da auto-estima? Na medida em que assumindo a responsabilidade pelo próprio destino esboroa a castradora dependência e assume os riscos de um viver pleno porque produto do direito de opção?

Natalie Rogers, no livro A mulher emergente, referindo-se à sua própria existência de mulher divorciada, frisa à página 28: "Sentir-me digna sem uma companhia masculina — não é tão somente uma luta interior, é uma batalha contra os hábitos de nossa cultura". Fica aí colocado o conflito em que se move a mulher solteira numa sociedade que lhe reserva o papel de esposa e mãe. O "não casar" tido como um "destino horrível" na arguta expressão de Simone de Beauvoir, transforma o casamento em compulsão e bloqueia o direito de dispor sobre a própria vida. Espera-se que a mulher, pelo casamento, a tudo renuncie. Disso resulta que a união, fecunda e bela porque alicerçada na mútua capacidade de ceder, transforme-se numa troca desigual em que a mulher, em consonância com as injunções culturais, cede ao desejo interior de autonomia em proveito da posição social conferida pelo casamento, mesmo que essa posição implique em assumir o pa-

pel de apêndice e prolongamento.

A dignidade feminina colocada na dependência de uma companhia masculina é uma afronta e uma violência. Como afronta, subestima a mulher; como violência, bloqueia seu poder de escolha na proporção em que a reduz à categoria de ser sem escolha. Como violência, instaura-se em seu interior minando-lhe a segurança e embaçando-lhe a lucidez na procura da correspondência às expectativas socialmente criadas.

É Elizabeth Badinter no segundo capítulo da terceira parte do seu livro *Um é o Outro*, que abre espaço para a análise do que denomina "O casal, ou as mutações do coração". Considerando as conseqüências trazidas para a relação a dois pela política das semelhanças dos sexos — entendida como o novo modelo a partir do qual homem e mulher se relacionam — reflete sobre as alterações ocorridas na própria noção de casal. Contrapondo-se à idéia de unidade por ele representada, o solteiro emergia socialmente como o "desprezado ou lastimado, era percebido como um ser inacabado"⁽¹⁰⁾. Citando Michele Perrot⁽¹¹⁾, Badinter, à pág. 290, lembra que, "solteira, a mulher, ao mesmo tempo, está em perigo e é um perigo. Em perigo de morrer de fome e perder sua honra. Ameaça para a família e para a sociedade. Ociosa, se as instituições de caridade não a monopolizam, ela passa seu tempo fazendo intrigas e mexericos.... Sem família onde exercer seu poder, ela vive como parasita na família dos outros..."

Contudo, face ao processo de modernização das sociedades e das mudanças nos costumes, a situação mudou. O lugar agora ocupado pela mulher solteira, prossegue Batinter em sua análise, não é mais o de alguém submisso à caridade familiar. A autonomia econômica através do trabalho e da profissão, alterou substancialmente seu papel na sociedade, sua condição de vida e suas aspirações subjetivas. "Hoje a solteira tem direito de cidadania... quanto mais elevada sua posição na escala social, mais progride a taxa de celibato. Tal não se dá somente em função da "ambição feminina e das carreiras que valorizam" mas também em função das "mutações do coração". Mutações que fazem com que, hoje, a ênfase incida sobre o valor absoluto do ego em contraste com o valor relativo atribuído ao Outro. Ênfase conseqüente de uma moral egocêntrica, que repercute no âmago da decisão de

uma solidão consentida, quando o Outro já não acontece como um imperativo social mas sim como Alguém que se liga a uma estrutura de subjetividade e a uma afetividade livre e consciente.

Em seu trabalho Badinter se reporta à mulher européia. Mas, considerando o processo de modernização por que passa a sociedade brasileira e que atinge a família e a mulher das camadas médias urbanas⁽¹²⁾, a transposição da análise revela-se pertinente na medida em que as transformações no comportamento feminino apresentam-se como um dado universal na época contemporânea.

"Numa época em que as mulheres dizem o que não aceitam mais e iniciam uma revolução sem precedentes"⁽¹³⁾, por que a mulher solteira deveria continuar a mesma? Deveria corresponder à figura que o estereótipo veicula? A força deste não reside na resistência à mudança por parte da sociedade abrangente e no apego aos valores tradicionais que colocam a mulher no plano da dependência masculina? A identidade gerada nesse contexto não sofre o impacto das transformações sócio-econômicas que terminam por incidir na esfera do privado? Essas interrogações suscitam uma reflexão em torno da questão da identidade e do uso desse conceito pelas Ciências Sociais.

3.2 - Identidade e Ciências Sociais: um conceito em discussão

No interior das Ciências Sociais o conceito de identidade aparece como ponto de confluência e diluição de fronteiras rigidamente delimitadas. Termo e processo, a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, nele enfatizam a relação dialética que mantém com a sociedade e o indivíduo resultando dessa relação uma concepção de si mesmo com base na experiência da interação social.

Rollo May, no livro Psicologia e dilema humano⁽¹⁴⁾, situa a "evolução cultural do problema da identidade num período de transição", frisando que, "quando os antigos valores estão vazios e os costumes tradicionais deixam de ser viáveis o indivíduo experimenta uma dificuldade particular em encontrar-se no seu mundo". (Grifos do Autor). A essa dificuldade ele denomina "a crise da perda do sentido de significação". Originária da mudança cultural acelerada no conjunto da sociedade tecnológica,

incide sobre o indivíduo e sobre a imagem que faz de si próprio redundando num conflito de papéis cujas implicações psicológicas vão repercutir na "minha experiência de mim próprio", isto é, na minha identidade. Identidade da qual toma-se consciência, frisa o autor, a partir do relacionamento com o mundo circundante. Somente a partir dele "me conheço como uma identidade". Este relacionamento com o mundo implica no fato de que "o eu conscientiza a sua identidade num contexto social" e de que nesse contexto reside a dimensão cultural e seus reflexos sobre a identidade do indivíduo. Imerso nos valores culturais internalizados ao longo do processo de enculturação, o indivíduo com eles estabelece a nível de consciência subjetiva e de comportamento objetivo uma margem de liberdade que propicia transformações sociais e marca a "experiência de identidade de uma pessoa" enquanto "experiência do próprio eu como sujeito num mundo de objetos". Nesse eu que se faz sujeito pela capacidade de inquirir e contestar encontra-se o núcleo da percepção de nós próprios, o núcleo da existência consciente em ativa relação com o mundo social, o espaço cultural e a época histórica⁽¹⁵⁾.

O que se depreende do exposto, é que a concepção de identidade veiculada por May, enfatiza a relação dialética indivíduo-sociedade através da qual processa-se a construção da identidade, atentando porém, — sendo essa sua maior contribuição — para a necessidade do resgate da significação do homem como indivíduo numa situação histórica geradora de confusão psicológica.

A concepção defendida por May pode ser relacionada com o conceito de identidade psicossocial de Eric Erikson desenvolvido em Identidade, Juventude e Crise⁽¹⁶⁾. Ao tratar a identidade como "um processo "localizado" no âmago do indivíduo e, entretanto, também no núcleo central de sua cultura coletiva", (G. A.) Erikson estabelece as bases de sua conceituação de identidade. As características subjetivas e sociais aparecem como elementos complementares desse sentimento através do qual "o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios". O cultural aqui entendido como a esfera dos valores internalizados ao longo do processo enculturativo e o social, ou seja o mundo do desempenho e da integração de papéis, combinam-se com a experiência subjetiva daí emergindo a identidade psicossocial

perpassada pela ideologia do período histórico em que está inserido o indivíduo.

Considerando a ideologia "como a instituição social que é guardiã da identidade... pois é através da ideologia que os sistemas sociais penetram na índole da geração seguinte", definindo-a como "um sistema de ideais que as sociedades apresentam aos jovens de forma explícita ou implícita", correspondendo a um "corpo coerente de imagens, idéias e ideais compartilhados que, quer se baseie num dogma formulado, numa Weltanschauung implícita, uma imagem do mundo altamente estruturado, num credo político ou mesmo num credo científico (especialmente se aplicado ao homem) ou ainda num "modo de vida" fornece aos participantes uma orientação coerente e global, se bem que sistematicamente simplificada no espaço e no tempo, nos meios e fins" (17), Erikson concebe "identidade e ideologia como dois aspectos do mesmo processo".

Não está presente a essa conceituação a idéia do peso específico a ser atribuído aos "mapas sócio-culturais que traçam para os indivíduos os caminhos de sua trajetória", conforme analisa Brandão? Não está presente a preocupação com a "tissutura das inúmeras formas de relações entre pessoas... e grupos dentro de uma sociedade... e do reconhecimento de quem são a partir do que simbolicamente os relacionamentos determinam" (18)?

Sim. Por que não acrescentar à Antropologia, além da orientação sociológica proposta por Berger (19), a orientação psicológica em que as exigências pessoais e culturais — conflito humano básico — sejam investigadas simultaneamente (20)? Sendo o "eu" — numa perspectiva sociológica — "um processo criado e recriado em cada situação social de que uma pessoa participa" (21) e simultaneamente — numa perspectiva psicológica — "núcleo da percepção de nós próprios em suas relações com a existência" (22) e se a existência, enquanto vida dotada de sentido, transcorre numa cena culturalmente montada ao nível das normas e da história comum que une o indivíduo ao grupo, como invalidar uma perspectiva que atente para o conjunto das dimensões que em suas inter-relações apreende a riqueza e complexidade da experiência humana? Por que fragmentar essa experiência através do apego a esquemas interpretativos que desembocam na ortodoxia me-

etnológica? Não é a ortodoxia incompatível com a própria natureza da Antropologia que busca níveis de compreensão integrados à realidade das situações sociais nos seus próprios termos?

Porque, como diz Morim, ⁽²³⁾ "A antropologia é a ciência do fenômeno humano. Em contraste com as disciplinas que limitam porções de entendimento no fenômeno, a antropologia considera a história, a psicologia, a sociologia, a economia, etc., não como domínios, mas sim como componentes ou dimensões de um fenômeno global. Todo fenômeno deve ser considerado na sua unidade fundamental (aqui, o homem) e na sua diversidade não menos fundamental (os homens de diferentes caracteres, diferentes meios, diferentes sociedades, diferentes civilizações, diferentes épocas, etc.). A Antropologia (tal como a Biologia) é uma fenomenologia: deverá não só reconhecer um universo fenomenal, como também discernir os princípios que o constituem ou regem, as forças que o movem..." (Grifos meus).

Toda situação social comporta uma díade. Essa díade se traduz em desempenho de papéis e interação. Essa interação comporta expectativas culturalmente criadas. Submetidas, porém, ao crivo das consciências individuais, constituem um jogo de mútuo reconhecimento e resposta a uma dada situação social. É nesse jogo que se faz presente toda uma "dimensão sócio-psicológica" ⁽²⁴⁾ alimentada pela ordem da cultura que confere os modelos e os referenciais para a ação social. Tênuas são, portanto, as fronteiras entre a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia Social. A identidade como conceito e como processo remete à interseção sem que tal conduza à perda da especificidade do objeto em qualquer dessas Ciências. Antes aponta para o fato indescartável de que as Ciências Humanas ou Sociais movem-se num espaço fugidio porque determinado pela característica básica do seu objeto: a característica da consciência que absorve mundos socialmente criados mas neles inscreve sua marca subjetiva pela capacidade de sentir individualmente e de interferir criticamente.

3.3 - Retratando Vidas, Confrontando Experiências

É essa dinâmica sócio-psicológica que tento captar na situação de vida da mulher considerada, pejorativamente, "solteirona", numa sociedade marcada pela ideologia do casamento enquanto "destino feminino".

A tabela abaixo transporta do 1º capítulo — indica o grau de instrução e a profissão das depoentes.

TABELA IX
DISTRIBUIÇÃO DAS DEPOENTES POR CATEGORIAS PROFISSIONAL
MACEIÓ - 1984 / 1985

CATEGORIA PROFISSIONAL	GRAU	INST.	TOTAL	%		%
	SUP.	MED.		SUP.	MED.	
Professora	21	11	32	31,82	16,67	48,48
Assistente Social	7		7	10,61		10,61
Advogada	4		4	6,06		6,06
Economista	3		3	4,55		4,55
Técnica em Educação	4		4	6,06		6,06
Médica	1		1	1,52		1,52
Enfermeira	2		2	3,03		3,03
Psicóloga	2		2	3,03		3,03
Contadora	1		1	1,52		1,52
Bióloga	1		1	1,52		1,52
Geógrafa	1		1	1,52		1,52
Costureira		2	2		3,03	3,03
Lavadeira		2	2		3,03	3,03
Comerciária		1	1		1,52	1,52
Estudante Universitária		1	1		1,52	1,52
Técnica em Contabilidade		1	1		1,52	1,52
Autônoma		1	1		1,52	1,52
TOTAL GERAL	47	19	66	71,21	28,79	100,00

FONTE: Pesquisa de campo

Obs: As idades das depoentes estão inseridas no intervalo de 30 a 90 anos.

O alto percentual das depoentes que se inserem na categoria profissional "professora" deve-se à própria condição da pesquisadora, também professora, com livre trânsito nessa área ocupacional. Das sessenta e seis depoentes, trinta e duas pertencem à categoria do magistério, vinte e uma das quais com formação universitária e onze com grau médio de instrução.

A transcrição dos depoimentos remetidos na íntegra para as ilustrações deste capítulo, bem como a sua análise, sugerem a pertinência da aplicação do conceito de estigma, tal como proposto por Goffman⁽²⁵⁾. No conjunto, dois tipos de reação à condição de solteira, emergem: um, que se enquadra à percepção do celibato como estigma, ou seja, como "atributo depreciativo com efeito de descrédito" e que se faz acompanhar do desenvolvimento de "um tipo especial de auto-consciência"⁽²⁶⁾ e outro que indica a recusa da mulher solteira, hoje, em ocupar e desempenhar o papel tradicionalmente reservado à "solteirona", na ordem social estabelecida. No primeiro caso, tem-se a internalização do estigma com as dores de que se faz acompanhar. No segundo caso tem-se o rompimento com o estigma e com o estereótipo que ele comporta, sem contudo, deixar de conter as ambigüidades e contradições presentes a uma "crise de identidade"⁽²⁷⁾.

3.3.1 - O Teatro e o Romance como retratadores da condição de vida e do estereótipo da "solteirona".

Os vários gêneros literários — o teatro e o romance especificamente — são pródigos em personagens representativos da figura da "solteirona", das situações por ela vivida e da retratação do imaginário social em torno dela construído.

No teatro, para só lembrar três peças, remeto a Federico Garcia Lorca com D. Rosita, a solteira⁽²⁸⁾. Segundo as próprias palavras do autor "Dona Rosita es la vida mansa por fuera y requemada por dentro de una docella granadina, que poco a poco se va convirtiendo en esa cosa grotesca y commovedora que es una solterona en España" (Grifos meus). Remeto a Máximo Gorki com Os Pequenos Burgueses⁽²⁹⁾ peça em que a figura de Tatiana, uma professora de vinte e oito anos, emerge acoçada pela estrutura familiar que, representada pelo pai, sofre a angústia da

expectativa de um casamento que já se faz tardio e que acena com amalfadada possibilidade de ter em casa uma "encalhada". Nessa atmosfera, Tatiana sucumbe ante a constatação de que "a vida quebra os homens, sem barulho, sem gritos, sem soluços, sem ninguém perceber". E para não deixar ausente a dramaturgia brasileira, remeto a Naum Alves de Souza com No natal a gente vem te buscar⁽³⁰⁾ peça em que a figura da solteirona é construída em torno do sofrimento da personagem na busca sem sucesso, do conforto advindo do aconchego familiar. Sozinha, sem condições que lhe permitam arcar com a própria sobrevivência, jogada num asilo, resta-lhe a esperança da prometida visita dos irmãos, no natal.

Concebidas no século XX, na Europa — Rússia e Espanha ou na América — Brasil —, suscitam a questão da universalidade do "estigma da solteirice" e do opróbio já referido por Lévi-Strauss em relação ao celibatário nas sociedades primitivas⁽³¹⁾.

Honoré de Balzac já se ocupara da questão do motejo social que circunda a celibatária, no romance A Solteirona⁽³²⁾, personagem cuja vida transcorrida no ambiente provinciano sucumbe ante "a sentença que uma pessoa livre pronuncia contra si mesma não se casando, por falta de partidos ou porque os recusou. Todos julgam que essa recusa é baseada em razões secretas, sempre mal interpretadas".

Na descrição a que procede do pátio da casa da Srt^a Cormon, mulher solteira aos 42 anos de idade, Balzac destaca o trato de que o mesmo é alvo, como característica do zelo da solteirona "preocupada em empregar seus dias sempre vazios" e em aplicar o "olhar desocupado". Obra que "explica costumes e representa idéias", segundo o próprio Autor, "levantamento de uma época", "representação de uma sociedade", extrapola o social e realça os efeitos da abstinência sexual determinada pelos padrões morais da época, sobre a personalidade da Srt^a Cormon, asfixiada entre os desejos sexuais e a prática da religião. E o que surge no romance em foco, é uma elaborada descrição do estereótipo da "solteirona" com todas as nuances de um comportamento que traz em si a marca da expectativa da espera e da excitação ante a possibilidade de um casamento que a liberte do motejo social e a introduza nos "mistérios do amor".

Na história, a tragédia da personagem se desloca do

"ridículo" da solteirice entendida na província como "destino falhado", "vocaçãõ perdida", para o sofrimento com um casamento no qual as concessões à "autoridade marital" correspondiam uma "submissão de escrava" e um acachapante embotamento da inteligência. Com o casamento, a Srt^a Cormon conforma-se ao ideal dominante, liberta-se da depreciação social. Mas, fenece sob o peso do desencanto e da opressão do casamento. Sua experiência individual fecha-se sob a égide do matrimônio sem que a ele correspondam a felicidade sonhada, o ideal acalentado. E, nessa experiência, o que vai preponderar é a frustração que se encerra na satisfação ao cumprimento das expectativas sociais do casamento como destino feminino em contraposição ao desnudamento da instituição matrimonial em sua vivência quotidiana.

No romance em foco, o gênio observador de Balzac capta os conflitos em que se sentem imersas as mulheres face à "necessidade" socialmente imposta do casamento. A representação da "solteirona"; tecida em torno dessa necessidade, apresenta-a como "frustrada", "anormal", infeliz". Contudo, a correspondência ao "modelo" da mulher feliz, porque casada, não resiste à fina percepção do Escritor que, ao final da história, devolve ao leitor uma Srt^a Cormon infeliz, apesar do casamento.

Se em Balzac encontro a aguda apreensão do social em suas implicações com o individual, a rigorosa captação da condição humana em suas grandezas e misérias, se em Balzac encontro a consciência das transformações sociais e do movimento da História, no romance Zorba; o grego⁽³³⁾ encontro o mais vívido e contundente documento veiculador da ideologia da superioridade masculina no interior da qual a mulher é representada por um deprimente conjunto de atributos que lhe são conferidos por Zorba, "um ser maior", "um ser para a liberdade". Um "ser maior" que usa as mulheres para o seu prazer em combinação com o sentimento de que são "criaturas fracas e choramingonas" a quem é preciso consolar e "bolinar" porque só pensam nisso" e porque é o único meio de "fazê-las contentes".

"Criaturas doentes", que preparam armadilhas para os homens, capazes de fazer suceder o choro de um estupro por gemidos de satisfação, portadoras de um "esgoto" no próprio corpo — a barriga — que viabiliza o "obscuro e repugnante misté-

rio do parto", as "miseráveis", as "velhacas têm o nariz úmido como o das cadelas e cheiram logo o homem que as deseja e o que não as deseja", as "porcas" que sucumbem à bolinação e ao dinheiro, que suscitam a dúvida em relação ao fato de "serem ou não seres humanos", vez que são "seres sem cérebro", as "desavergonhadas", as "sujas", as "miseráveis", o "bicho mulher" que "só Deus sabe o que têm nas entranhas", que são portadoras dos "chifres do demônio" e que chegam a constituir uma espécie, a "espécie fêmea" sobre a qual, não Zorba, mas o narrador, invocando um cântico budista, pergunta: "Quem teria criado esse (Grifos do Autor) labirinto de incertezas, esse templo da presunção, essa jarra de pecados, esse campo semeado de mil ardis, essa porta do inferno, essa cesta transbordante de astúcias, esse veneno que parece mel, essa corrente que prende os mortais à terra: a mulher"?

"Eu tenho pena delas, coitadinhas". E Zorba as consolava com favores sexuais consciente de que "há na mulher uma chaga (Grifos meus) que não se fecha nunca", o desejo.

Da mulher, apenas é visto com "simpatia" seu lado de devotamento e fragilidade. Zorba "poderia afogar-se numa lágrima de mulher" esse ser que não capta o abstrato ou a beleza da natureza — seu "cérebro fraco de mulher pedia qualquer coisa de mais tangível, de mais seguro" — da qual só "se pode esperar que faça filhos com o primeiro que passar. O que se pode esperar dos homens? Que caiam na armadilha". Mas, "quando senti que era um homem de verdade," diz Zorba, "parei de olhar para elas. Tocava nelas um minuto, assim, de passagem, como um galo, e depois ia embora. Essas fuinhas sujas, dizia comigo, querem é sugar toda a minha força, puah! que se enforcuem!" (Grifos meus).

No livro, à majestosa figura do Zorba se contrapõe a deprimente figura feminina. Constituindo uma "espécie" destituída de cérebro e, paradoxalmente, marcada em sua conduta pelo ardid, pela astúcia, pela impureza, abriga em seu interior seres mais miseráveis ainda, seres cuja miséria maior reside no fato de sequer terem um homem. São as "solteironas", para as quais Zorba volta sua piedade na intenção de criar uma "agência de casamentos":

"Então, as pobres mulheres que não puderam fisgar um marido, vão chegar: As solteironas, as feias, as cambetas, as vesgas, as mancadas, as corcundas e eu recebo todas numa salinha com uma porção de retratos de belos rapazes nas paredes e digo a elas: Escolham, belas senhoras, aquele que agrada, e eu faço os arranjos para tornar seu marido." Então eu pego um gajo qualquer, meio parecido, visto como na foto, dou-lhe um dinheiro e digo: rua tal, número tanto, vai correndo procurar uma tal e lhe faça a corte. Não banque o difícil, sou eu que pago. Durma com ela. Recite todas aquelas doçuras que os homens dizem às mulheres e que a pobre criatura nunca ouviu. Jure que vai casar com ela. Dê à infortunada um pouco daquele prazer que as cabras conhecem, e também as tartarugas e as mil patas". (Grifos meus).

Colocada na mesma categoria das "cambetas", das "vesgas", das "mancadas", das "corcundas" — socialmente marcadas pelo estigma da deformação de ordem física, a mulher solteira passeia a "miséria feminina" nas páginas do romance em foco à espera das "benesses" do homem, seu salvador/protetor. Dentre essas, avulta a de natureza sexual⁽³⁴⁾ e até Zeus sempre que via "uma solteirona murchando de desejo e desgosto", tinha pena, "fazia o sinal da cruz, o bom coração, mudava de roupa, tomava a figura que a mulher tinha no pensamento e entrava no seu quarto".

Assim como o tratamento dado por Lorca à "D. Rosita", o tratamento dado por Naum à "solteirona" é pleno de simpatia humana e repassado de lirismo. Em Gorki, a opressão e dor de Tatiana emergem em tom de denúncia dos conflitos familiares, dos seus efeitos sobre os indivíduos e de sua vinculação com a ordem social mais ampla. Mas, essa solidariedade humana, esse compromisso da arte com o social, tão fortes nas peças mencionadas, são elementos ausentes no romance Zorba cuja trama dominada pelo brilho do personagem mais parece refletir o deliberado intento do autor em justificar o tratamento desigual para homens e mulheres.

A abertura para a experiência refletida, produto de uma vivência total, que fazem a grandeza de Zorba como ser humano, ao término da leitura, essa grandeza fica como que diluída ao compasso da constrangedora e deprimente concepção de mulher — "é ela um ser humano?" — que a cada página transborda contundente e vigorosamente.

Perpassa todo o livro a ideologia da superioridade masculina em torno da qual se constrói a teoria do estigma que traça as bases para a elaboração do estereótipo da "solteirona". Na ordem da carência sexual é que se situa o elemento que confere respaldo ao estereótipo; na ordem da dependência econômico-financeira — ser que "come, bebe e vai dormir" — é que se situa o elemento que fortalece a solteirice como estigma na medida em que a celibatária é, no contexto da ideologia do casamento, duplamente carente. Ora, considerando as mudanças oriundas do movimento feminista e das transformações sociais globais, pergunto: resistirá o estereótipo ao peso das transformações que vêm se processando nas relações entre os sexos, quando essas transformações solapam valores e padrões de comportamento que mantenham a tradicional imagem do homem como o gestor da vida sexual e o mantenedor da família?

Do sucesso de Zorba junto ao público, sai propagada e legitimada a ideologia da superioridade masculina, mascarada pelo apelo à emoção que efetivamente desperta no leitor a grandeza do personagem do ponto de vista de sua percepção do mundo e da vida. Percepção no interior da qual a mulher aparece como um ser desprezível, cuja existência só é justificada em sua dimensão de servidão e dependência dos favores masculinos, dentre os quais o sexo aparece como o "favor" supremo. Aquelas que são privadas desse favor — as solteiras, as aleijadas — constituem a escória da "espécie fêmea". Mas, como explicar a grandeza de um ser, "o homem", gerado e nutrido no interior de um "esgoto" ou seja, de uma "barriga de mulher"? Ou o homem é tão extraordinariamente grande a ponto de superar a sua mísera e originária morada ou essa morada não é tão mísera e propicia as condições geradoras dessa grandeza já que lhe possibilita a vida intra-uterina condição essencial para ser colocado no mundo. Em Zorba, tudo "anda às avessas" se se tem em mente a correspondência da representação da mulher calcada na ideologia de uma so-

cidade patriarcal — uma aldeia cretense — com a sua realidade essencial de ser humano. Mas, conforme frisa o próprio autor, Nikos Kazantzakis, "Quando tudo anda às avessas, que alegria é por à prova nossa alma, para ver se ela tem resistência e valor". Não obstante a internalização de uma auto-imagem depreciativa se fazer presente em alguns dos depoimentos que obtive na pesquisa de campo, o que resulta, do conjunto da pesquisa é o fato básico de que a mulher solteira começa a se insurgir contra o estereótipo e a ideologia que o sustenta pondo à prova sua "resistência e valor" através da consciência de que, pelo trabalho e pela libertação sexual, é possível vestir a realidade de critérios de justiça e dignidade humana. E então a "solteirona" "essa coisa grotesca e comovedora" nas palavras de Lorca, recuperará sua auto-imagem e numa relação dialética com a sociedade, fornecerá as bases para as modificações no imaginário coletivo.

3.3.2 - Do celibato como estigma ou da internalização do estereótipo da "solteirona"

Em oito dos sessenta e seis depoimentos, avulta a vivência do celibato como estigma e da correspondente internalização do estereótipo da "solteirona". Considerando que estigma e estereótipo constituem uma combinação que resulta num pré-julgamento no que tange ao comportamento do estigmatizado, processa-se neste, toda uma "dinâmica sócio-psicológica"⁽³⁵⁾ que culmina no desenvolvimento de uma autoconsciência traduzida num comportamento em consonância com as expectativas geradas socialmente.

O depoimento de Clarissa, mulher de 55 anos, instrução universitária, professora, é ilustrativo dos que se inserem no ítem em foco. Obtido em duas diferentes situações de pesquisa-depoimento escrito e depoimento espontâneo a partir de uma conversa informal — retrata, nas duas situações, a veemência que assume o tom de desabafo: (situação 1, depoimento escrito).

"Na minha cabeça eu não sou apenas uma mulher solteira. Sou uma solteirona inveterada e isso já foi captado de tal maneira pelo meu sub-

consciente, que certa vez preenchi uma ficha bancária colocando em meu estado civil - solteirona - quando com ar divertido o funcionário me chamou a atenção. Não foi apenas distração. É meu estado de espírito.

Diante de minha família há variáveis de comportamento: para meus sobrinhos eu sou a tia exigente, chata, que dá palpite na vida deles mas de quem gostam muito porque quebra seus galhos financeiros. Já as minhas irmãs, vêm um candidato em perspectiva em cada solteirão que aparece, pois, realmente para a minha família eu sou como uma anomalia, um defeito, mas um problema resolvível. Enfim, minha família gostaria que eu tivesse casado. Lá no inconsciente sente um certo desprezo por mim. Quem casa fica com "status" social mesmo que o marido seja um palhaço. Para os amigos não tenho problema pois o meu círculo de amizade é formado de pessoas na mesma condição de solteiras e solteironas. Sou bem aceita.

Na escala social é como um degrau a menos em qualquer estágio que a solteira se encontra. O seu espaço é limitado na medida em que automaticamente e como por direito divino as casadas tomam conta do espaço total. Vêm nas solteiras uma ameaça à sua paz conjugal, como se todas quisessem os maridos delas.

Perante eu mesma sinto-me frustrada, arrependida de não ter casado, chateada quando ficam arranjando marido para mim e desejando que minha vida fosse com muitas pessoas à volta, vindas do casamento. Isso, devido a problemas que a solidão acarreta para as pessoas que não são emocionalmente ajustadas. Entretanto, como pessoa, me sinto acima das casadas, pois não passo as humilhações e falta de respeito humano e desconsideração que vejo no dia-a-dia de todas as casadas com quem convivo. O meu cotidiano é sem pers-

pectivas, morto, parado, sem objetivos e metas mas dentro de mim tenho a glória que me é mais cara, da liberdade total e na minha cabeça isso é o bem maior.

Em Maceió, a mulher solteira não tem muitas opções de lazer e em se tratando de ter vida sexual desejável é quase impossível, pois mulher velha é como lixo, ninguém quer. E, se for virgem, passa até por retardada e débil. Então resume-se: mulher solteira na cidade de Maceió.

Valorização - muito pouca.

Aspirações - tendem sempre para o estudo e colecionamento de diplomas sem perspectiva de homem no seu horizonte.

Expectativas - ter um emprego seguro e sempre esperando, mesmo remotamente, arranjar um marido".

"Escreva mesmo essa tese sobre a condição da mulher solteira na cidade de Maceió. É uma condição que dá o que pensar! E no que eu puder ajudar... você sabe: as minhas amigas são todas solteironas. Vou pedir a elas que escrevam um depoimento para você. Quanto a mim...

Faz 16 anos que saí de casa para morar sozinha. Naquele tempo sim, é que era uma barra! E eu acho que fui uma das primeiras. Agora não, a coisa já está se tornando comum.

Saí de casa porque sempre tive o espírito independente. Nunca gostei de cidade pequena. Além de tudo sempre tive problemas com minha mãe. E acho que fiquei assim doente foi de tanta repressão. No interior, a única distração era ficar na Praça das 7:30 às 9:00 horas. A partir daí, as moças direitas iam para casa e a praça virava o lugar das prostitutas. Mas como eu estava dizendo, sempre tive problemas com a minha mãe. Ela era uma pessoa de nível inferior ao do meu pai. Morávamos na fazenda de que meu pai era dono. Ele, engenheiro formado no Rio de Janeiro, branco, culto e rico. Vol-

tando para Alagoas não quis mais ir embora para o Rio. Minha mãe trabalhava na fazenda. Com ela teve filhos. Deixou minha mãe para morar com outra. Nunca casou com nenhuma mas também nunca deixou de dar apoio financeiro aos filhos. Quando ele morreu fiquei rica. Aliás, sempre vivi bem. Mas gastei tudo com viagens.

Tive muitos namorados. Namorei tanto quanto pude. Ia para o Rio de Janeiro namorar. Na minha cidade ficaria "falada". Meu pai era rico, eu tinha dinheiro. Conheci da Rússia aos Estados Unidos. Aonde ia, namorava. Mas principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Aproveitava o período de férias. Vivía tudo o que podia no Rio de Janeiro. Voltando para cá, reassumia minha vida de "moça recatada" do interior. Deixava - e gostava - que os meus namorados fossem avançados. Mas nunca quis engravidar. Para que? Para não ser mais respeitada? A gente tem o comportamento que querem que a gente tenha. Mas a minha vida eu vivi. Não casei porque fui tola. Não sabia o quanto a mulher solteira é desprestigiada. Se soubesse, se tivesse pensado melhor, teria ficado com um "idiota qualquer". Porque ser sozinha é muito difícil. O importante é ter o nome de casada.

As casadas vivem aí: insatisfeitas e frustradas. Mas ninguém diz que são histéricas. Ao passo que quando se é solteira se leva toda a pecha. É muito difícil para a mulher solteira se fazer respeitar. A começar pela própria família. Você tem que ter sua independência financeira. Porque se não tiver as coisas pioram ainda mais. Agora também o pior é pensar que no futuro — uma doença, por exemplo —, você estará sozinha.

Às vezes, ainda saio para procurar marido. Passo pelo comércio, olho os tipos... você, trate de procurar também! Mas os tipos não me agradam... também já são todos casados... a época já passou. Eu deixei passar. Mas também aproveitei. Não fos-

se o medo do futuro, da solidão, e não pensaria em casamento". (situação 2, depoimento oral)

A mulher que emerge do depoimento escrito, é uma mulher amarga, centrada no presente tedioso e sem perspectiva. Sem ilusões, cáustica, com uma identidade calcada na internalização do estereótipo da "solteirona", a tudo e a todos lega seu desprezo. Essa mesma amargura e desprezo reaparecem no depoimento espontâneo. E reaparecem reforçadas pelo peso do cenário em que se desenrolou sua vida. À repressão, respondia com a fabricação da imagem que a família e a sociedade aprovavam. O dinheiro e as viagens possibilitavam-lhe os escapes. A juventude era o presente e a solidão ainda não se lhe apresentava como componente de vida. Ânsia de liberdade. O prazer, sem as peias do casamento. Mas o tempo passou, a idade avançou, o dinheiro mingüou. A lucidez tomou a forma da consciência da imposição social do casamento como destino feminino. E das conseqüências para a vida pessoal daquela que foge a esse destino. Vida tumultuada pela ambigüidade da situação familiar e pela dubiedade do comportamento que a "moral social" lhe impunha, agora, na maturidade, para um ponto canaliza sua mágoa: a de haver deixado escapar "um casamento", enquanto elemento atribuidor de status e prestígio numa sociedade que nega à mulher o direito à opção pela condição de solteira.

A mágoa e a amargura revestida de uma capa de atormentado desprezo — sobretudo pelas relações familiares —, a explicitada internalização do estereótipo, a consciência do prestígio social que o casamento acarreta, o confronto com as casadas tomando por base uma identidade que se afirma por oposição⁽³⁶⁾ e incorpora as representações negativas, são elementos comuns a esse grupo de depoimentos.

A rejeição ao papel de "tia" — "estou sabendo aonde querem chegar: encher meu apartamento de sobrinho... e a moça velha tomar conta" —, liga-se, no caso de Jane, 46 anos, professora, instrução universitária, ao contexto gerador da identidade que tem na família, no sistema de relações sociais e no sistema ideológico⁽³⁷⁾ os mecanismos de "auto-apreensão"⁽³⁸⁾ da mulher solteira.

No caso de Carmen, 49 anos, professora, instrução universitária, que diz ser a mulher solteira "aquela que pode ser alvo de consideração até o momento em que se sabe que ela é solteira - daí por diante começando a exploração", o ceticismo emoldura suas palavras e constitui o pano-de-fundo em que o estereótipo da "solteirona" ganha corpo e a condição civil é vivida a sentida como estigmatizante:

"Ela, a mulher solteira é uma marginalizada. Só tem valor como mão-de-obra... coitada".

"Ser solteira já é uma desgraça", afirma Jussara, 52 anos, advogada. "E ser solteira em Maceió, é uma desgraça maior ainda... nem minha mãe me dá valor. Parece que só sirvo para fazer companhia a ela... é por isso que repito: a morar com a mãe, sendo solteira, é melhor morrer. Aqui, em Maceió, é ruim em todos os aspectos... e as casadas? o medo que elas têm da gente... correm"!

Angústia, revolta e desespero transbordam deste depoimento. Quer no âmbito das relações familiares quer no âmbito da sociedade circundante, é a situação de desprestígio, opressão e repressão que avilta e indigna. É o desamparo com que se defronta a depoente na sociedade que elege como elemento de valorização feminina, o homem e o ter sido escolhida. E o acabrunhante relacionamento com a mãe, com as mulheres casadas, com a sociedade circundante, faz-se num clima de revolta e dor.

A crítica à sociedade local e à educação, o confronto de épocas, o aturdimiento face às mudanças no comportamento, repetem-se em Eliza, 43 anos, professora, para quem "a mulher solteira é uma mulher mutilada". A expressão mutilada evidenciando a internalização do estigma com a força da transposição de uma deformação de ordem física para uma deformação de ordem moral, encontra eco nas palavras de Mariza, 46 anos, costureira, que não vê a si mesma como "a pessoa que gostaria de ser". A confusão de identidade ou mesmo a identidade perdida aparecem como tal em função do impacto das expectativas sociais às quais vê-se impe-

dida de corresponder pela "solteirice". Os sentimentos de incompletude e irrealização são constantes nos depoimentos que integram essa categoria e reaparecem no depoimento de Elza, 48 anos, assistente social: "Tenho às vezes a preocupação de não ter por quem lutar, por quem construir... essa falta de objetivo concreto e próximo dá uma sensação de vazio". À semelhança dos demais depoimentos, a independência profissional e financeira não chega a preencher a lacuna de um companheiro. Quando diz que a experiência sexual para a mulher solteira poderá deixá-la "menos frustrada", atribui às mulheres solteiras, como totalidade, a frustração.

Os oito depoimentos referidos, sugerem um melancólico quadro da auto-imagem da mulher solteira. Neles coexistem valores novos e antigos. A solidão que os perpassa comove e convida à compreensão do ser humano na beleza de suas aspirações assim como na dor de suas impossibilidades. A condição de solteira aparece vinculada ao estigma e ao estereótipo correspondente. A identidade é fluida. A revolta, o dissabor e a consciência da exploração e depreciação estão presentes. Mas dessa consciência não brota ainda o protesto que permanece silenciado na força da internalização do estigma.

A solteirice como estigma a nível de história pessoal, contém em seu interior "a história natural do próprio estigma"⁽³⁹⁾. Na questão de que me ocupo neste trabalho, a história correspondente ao estigma e estereótipo da "solteirona", se insere na história da sociedade circundante que tem na ideologia do casamento, do casamento institucionalizado, o destino natural da mulher. Quando contra esse destino se insurgiam mulheres como Isadora Duncan, no início do século, — "(...) a ética do código matrimonial é verdadeiramente inadmissível para aqueles que lograram a plena liberdade individual"⁽⁴⁰⁾ — tal procedimento era visto com estranheza e era alvo de incompreensão e censura. Hoje, após a conquista de novos e importantes espaços, poder-se-ia esperar que a mulher permanecesse restrita ao "sonho" do casamento? Poder-se-ia esperar que ela desenvolvesse o aprendizado de sua condição mais que de mulher, de ser humano pleno, acorrentada a uma ideologia — a ideologia do casamento — que proclama como dogma o que é objeto de livre escolha? Face às transformações históricas que impõem a busca de novas alternativas para a famí-

lia e para as relações entre os sexos, é lícita a preservação do "velho" modelo de felicidade e realização femininas?

A postura condizente com a do rompimento do estereótipo da solteirona, é a tendência que se faz presente de forma significativa nos depoimentos a seguir apresentados.

3.3.3 - Rompimento do estereótipo: das ambigüidades e contradições e das relações entre os sexos no contexto das novas formas de comportamento feminino

Uma das mais cruéis, daninhas, injustas e mutiladoras formas de desigualdades entre homens e mulheres na nossa cultura, é a que diz respeito à tomada de iniciativa no âmbito de uma relação afetivo-sexual.

Machista por excelência, nossa cultura consagrou o princípio de que compete à mulher, independentemente de seus sentimentos, emoções e desejos, a conduta da espera e da subliminidade. Na definição dos papéis sexuais, está implícita a regra de que, na esfera da relação homem/mulher, pertence ao primeiro e somente ao primeiro — o direito e o privilégio do comportamento que redundará na explicitação do sentimento e na prática do comportamento amoroso.

Mas no atual estágio do feminismo enquanto movimento social desencadeador de novas formas de comportamento face às transformações globais da sociedade, esse modo de ver a relação homem/mulher necessita de uma redefinição, clama por uma re colocação e põe em pauta a questão da igualdade de direitos para todos os seres humanos em sua estreita vinculação com critérios de justiça e mesmo de humanidade.

O mundo do sentimento — entendido como disposição afetiva em relação a coisas e pessoas — é o mundo da explosão do ser. É o mundo liberador da maior energia que pode mover o ser humano: a energia do amor. Quando bloqueado, implode, voltando-se contra si mesmo e contra o mundo externo. Dando origem a frustrações, revoltas, perplexidades e aturdimentos, transmuta-se em desencanto ante a vida e instala a aridez na convivência humana.

Costumo transformar esta convivência em objeto de re-

flexão, análise e aprendizado. Assim agindo, tenho constatado através de confidências que me são feitas por homens e mulheres, que algo novo está ocorrendo no âmbito dos comportamentos masculino e feminino tradicionalmente esperados: os homens, entre perplexos, aturdidos, gozadores, censuradores ou mesmo ofendidos, queixam-se de que, atualmente, "as mulheres não sabem mais esperar", "não se colocam mais no seu lugar", "estão endoidecidas", são "diretas demais", "fáceis e levianas". As mulheres, entre feridas e indignadas, reivindicam o direito à livre expressão dos sentimentos, desejos e emoções. Insurgem-se contra as expectativas estabelecidas e não mais aceitam o machismo cristalizado na afirmativa do senso comum segundo a qual "ao homem compete a iniciativa, à mulher compete a espera". Subjacente à frase, está a ideologia da nossa sociedade calcada na dupla moral em prejuízo do contingente feminino, que hoje, atento às mudanças e consciente da desigualdade socialmente imposta, reconhece nesta ideologia a justificação de uma ordem injusta, a preservação de uma dominação travestida de moralidade, clássico recurso utilizado na preservação de privilégios. Mas as mulheres, secularmente reprimidas e oprimidas, no atual estágio de sua luta pela justiça e igualdade entre os sexos decidem marcar presença não somente na esfera da participação ativa no mercado de trabalho e na vida política. Rompendo com o cerceamento que lhes foi imposto, optam também pela conquista da iniciativa no jogo amoroso, não enquanto mercado matrimonial mas enquanto soberana expressão do impulso afetivo-sexual. Sem as peias do casamento, sem a angústia da espera, sem o medo da rejeição.

Enfrentando os riscos que correspondem à transgressão das normas, arcando com o ônus do julgamento preso aos preconceitos, conscientes da desestabilização provocada pelas novas formas de comportamento, as mulheres crescem e ajudam os homens a crescer na medida em que levam-nos a pensar o impensável. É um crescimento com dor. Um crescimento perpassado por mágoas, incompreensões e visões estereotipadas. Mas é também um crescimento que tem como eixo a consciência da inalienabilidade do direito à luta por tudo que confere à vida significado e alegria.

Luíza tem 36 anos - Advogada, solteira, independente financeiramente e portadora de uma educação calcada numa rígida moral sexual, traduz em seu depoimento a exemplaridade de uma si-

tuação de mudança na definição dos papéis sexuais e da perturbação gerada a partir dessas mudanças, nas relações entre os sexos:

"Há dois anos vivi uma experiência que me fêz sofrer bastante. Tendo recebido uma educação muito rígida, aprendi desde cedo que, na vida, a uma mulher sempre compete esperar a iniciativa de um homem no que diz respeito à relação amorosa. Sempre cumpri isso à risca. Mas também sempre me senti prejudicada por essa forma de comportamento. Sempre fui tímida, arredia e preconceituosa. E a educação... como concorreu para isso! Mas eu não sabia que quando o amor chega prá valer a gente é capaz de romper com tudo.

Conheci um homem do qual me tornei amiga. Apreciando sua personalidade comecei a apreciar sua companhia. Uma companhia que passava serenidade e confiança. Um homem sensível e inteligente. Aos poucos fui me apaixonando. Solteiros ambos, eu percebia que ele também gostava da minha companhia. Às vezes eu sentia claramente que ele me olhava também como mulher. Mas que algo o fazia recuar. Comecei a pensar nas razões desse recuo e a achar que dentre elas estava um sólido respeito por mim e pela minha formação. E como mais e mais gostava dele, comecei a deixar transparecer meu sentimento. E ele não se mostrava indiferente. Mas, também, não se decidia. Uma ocasião ficamos sozinhos no apartamento dele. Anoiteceu e ele desceu para comprar cigarros. E eu sentia uma necessidade, uma vontade enorme de ter com ele a experiência mais íntima que pudesse ter. Troquei de roupa e fui esperá-lo no seu quarto, na sua cama. Não era o sexo o mais importante para mim. O que eu desejava mesmo era desfrutar de uma situação de intimidade com ele. Queria ser abraçada por ele e abraçá-lo. O mais... poderia ou não acontecer. E eu não me incomodaria se não acontecesse porque em primeiro lugar era da presença dele que eu neces-

sitava.

Confesso que relutei muito antes de tomar a decisão de esperá-lo no quarto dele. Mas achei que ele, sensível e delicado — entenderia e não me julgaria mal. Eu nunca tinha tido esse tipo de comportamento com outro homem. Mas achei que com ele valeria a pena. Não estava agindo por um impulso. Tampouco por leviandade. Apenas tinha decidido não mais permitir que minha educação continuasse a me prejudicar pela vida afora. Eu queria expressar meu sentimento e viver. Dele não cobraria nada, absolutamente nada, depois. Entretanto, foi com um misto de vergonha, ansiedade e medo que o esperei. Quando ele entrou no quarto olhou para mim e sem dizer uma só palavra retirou-se. Eu esperei. Vendo que ele não voltava, levantei e constatei que ele estava no outro quarto. Decidi explicar meu comportamento — sempre nos entendêramos — e qual não foi minha surpresa e vergonha, verifiquei que a porta estava trancada a chave. Chamei. Ele não respondeu. Silêncio absoluto. Voltei para o quarto e chorei muito. A humilhação tomou conta de mim. A humilhação, a perplexidade — não pela recusa em si — mas pela forma como ela veio, davam-me uma sensação de morte. Era tarde. Eu estava sem transporte e não tinha condições de voltar para casa no estado emocional em que me encontrava. Passei lá mesmo o resto da noite. Foi terrível! Logo cedo, levantei e fiz café para ele e para mim. Não nos dissemos uma palavra. Num dado momento não aglentei mais e perguntei a ele a razão do seu silêncio em todos os momentos. Eu precisava compreender não a sua recusa — ele não era obrigado a me querer e também dessa forma não me interessava — mas o seu enigmático silêncio.

Em silêncio ele foi me deixar em casa. Eu chorava a dor da humilhação e a mágoa da recusa de uma explicação. Tempos depois nos encontramos. Foi então que ele me disse que "eu não era o que ele pensava. Que dele paramim havia uma grande distância

e que o meu comportamento naquela noite fôra o revelador dessa distância. Que as mulheres estavam perdendo seu rumo e que hoje são os homens os atacados. Que ele havia perdido a naturalidade comigo e que nem mais amigos poderíamos ser".

Agora, recordando tudo isso... não sei como pude agüentar! Se ele soubesse o que me custou romper com meu comportamento tradicional para chegar até ele... se eu tivesse vinte anos isso não teria acontecido dessa forma. Quem sabe, teria sido menos traumatizante? Sim, porque a menina que está aí é mais solta e mais experiente. Mas eu pertencço àquela geração de mulheres tolhidas pelos preconceitos. E quando decidi romper — por amor — me dei mal. De qualquer forma, hoje, até me pergunto: sentiria ele aversão por mim ou seu comportamento foi o de um homem que somente recusa? Não sou feia nem burra. Profissional e financeiramente estou bem. Outros homens já me quiseram... por que ele me recusou dessa forma? Como eu gostaria de entender... ou tudo está muito claro e eu é que insisto em não compreender?"

As normas da moralidade e os estereótipos sexuais revelam-se em toda sua dinâmica discriminatória no comportamento masculino presente na situação relatada. O comportamento apropriado e esperado da mulher necessita de uma reavaliação a partir da qual o próprio desenvolvimento emocional do homem caminhe na direção de indivíduos livres porém receptivos aos anseios e aspirações do outro. Somente a partir dessa reavaliação é que o significado e a alegria das relações que se estabelecem entre homem e mulher podem ser reencontrados.

O significado e a alegria do encontro espontâneo e criador porque desvencilhado de expectativas compressoras e negadoras da energia gerada no fluir da descoberta de que o amor não tem sexo — no sentido de que não é macho ou fêmea — mas é um patrimônio legado à humanidade pela capacidade de sentir e pensar o sentimento deixando-o transbordar seja pela verbalização, seja pelo

contato físico, seja pela afinidade expressa no encontro interior.

Entretanto, nesse contexto, o que avulta é a dificuldade masculina para compreender e absorver a nova postura feminina. Ao homem, essa nova postura apresenta-se como desvantajosa e perturbadora seja porque colide com a imagem feminina elaborada ao longo do processo de enculturação, seja porque implica na perda de mais um privilégio. O privilégio da conquista, o privilégio da escolha e iniciativa. As coisas passam a ser vistas, pensadas e sentidas como "fora do lugar". Confortavelmente instalado na ordem estabelecida que referenda e reverencia sua condição de agente direcionador e definidor nas situações historicamente construídas no universo sócio-cultural, eis que as novas modalidades de comportamento feminino — no que tange às relações afetivo-sexuais — desestrutura seu mundo já posto em xeque pelas alterações ocorridas na esfera do trabalho, da profissão e da economia doméstica.

Do exposto, o que se depreende é que o aprendizado do novo surge como um imperativo também para os homens. Urge o desapego às velhas representações veiculadoras da imagem ideal de mulher. Representações que elegem como modelo aquela que, paciente, passiva e recatadamente espera ser descoberta pelo "príncipe encantado" e que impelem à utilização de mensagens subliminares e artificiais como mecanismos de sedução feminina. O irônico é que, na tentativa de correspondência ao modelo ditado, homens e mulheres acabam enredados na teia da ambivalência. No plano da justiça da luta pela felicidade pessoal, a imagem da "mulher direita", da "mulher que não se oferece", da "mulher que não avança" não colide necessariamente com a da mulher que age no sentido de romper as comportas da espera. Ambas se igualam na luta pela felicidade. Mas como se distanciam no que concerne aos mecanismos envolvidos no processo de conquista! No segundo caso a "luta" — transmuta-se em busca consciente e encontro libertador porque destituídos de subterfúgios e revestidos de corajosa entrega e sofrido desafio às normas vigentes e aos papéis estabelecidos.

É esse elemento de coragem, autenticidade, livre escolha e autonomia dignificante, que falta aos homens captarem no comportamento das mulheres que ousam assumir por inteiro seus sentimentos, desejos e emoções. Assumi-los até ao ponto de serem rotuladas na categoria "desesperadas" quando na verdade o que fa-

zem é assumir um compromisso com a existência em sua totalidade e com a consciência de fazer seu próprio destino apesar das injunções sociais que apontam para a rígida divisão de papéis e funções sexuais em detrimento de projetos autônomos — e por que não? — ditados pelo coração.

Mas, o coração tem caminhos e descaminhos. Os descaminhos acontecem quando não sintonizam com o referencial social e culturalmente imposto. É neste ponto que homens e mulheres — se quiserem uma sociedade mais justa e igualitária — precisam dar-se as mãos⁽⁴¹⁾ para juntos fazerem vingar os caminhos do coração desobstruindo-os dos preconceitos e ambivalências que esclerosam a linguagem da vida, escamoteiam o sentimento e robustecem um padrão de moralidade que não mais se coaduna com o conjunto das transformações desta segunda metade do século XX.

Mulheres corajosas e desafiadoras. Homens aturdidos e amedrontados, eis a questão! Perpassando-a, um processo educacional que envolve a ambos e que necessita tomar a consciência individual do ser como parâmetro de reavaliação dos comportamentos femininos. Parâmetro de reavaliação que eleja como prioridade a redefinição dos papéis masculinos e a quebra do cerceamento à livre manifestação da afetividade e sexualidade femininas.

Homens e mulheres têm como realidade básica a sua condição de seres humanos. E é pelo respeito a essa condição que urge trabalhar tendo-se em vista o acatamento à livre manifestação dos sentimentos, emoções e desejos. Que não acontecem com hora marcada, em lugar previamente designado e por ordem de sexo — primeiro no homem, em seguida na mulher —. Que não se inscreve na coerção do socialmente estabelecido mas tem a sabedoria da rebelião quando esta se apresenta como a ponte para a felicidade. Sim. Faz-se mister um novo projeto de educação. Um projeto de educação que rompa com as cadeias de um sistema que se mantém calcado nos privilégios masculinos e na representação da mulher considerada como um "ser menor". "Ser menor" ao qual se destina a expectativa da espera sob os artifícios da conquista velada e da inserção no mercado matrimonial como produto que se deixa comprar e que, uma vez comprado, passa a conviver com dois tipos de alternativas: a de ser dominado e castrado nos níveis de aspirações que extrapolam o universo doméstico e a de "dominadora inteligente" que faz das sutilezas e artimanhas o recurso de sua própria

sobrevivência. Na primeira alternativa, a mutilação de uma personalidade, o podar de uma vida. Na segunda alternativa a deterioração do sentimento, a diluição da beleza de uma relação a dois. Entre ambas, a construção de um mundo familiar sórdido porque legitimador e reproduzidor de relações sociais e humanas desprovidas de significado, amor e alegria.

Um projeto de educação que possibilite o encontro criador entre seres humanos livres para alçar vôo em direção ao sentimento e que não sucumbe ante o peso de categorias representativas de um sistema opressor, repressor e antagonizador da mais vibrante dimensão humana, a dimensão amorosa, eis a proposta. Proposta que, a nível de execução, implica um gradual e conjunto trabalho de homens e mulheres em direção ao encontro com a liberdade que comporta em seu interior a quebra dos preconceitos, a diluição dos estereótipos e fará emergir uma sociedade mais justa na qual as mulheres outrora vistas como "fáceis, levianas e desesperadas" serão resgatadas. Uma sociedade na qual homens e mulheres serão mais felizes pela mútua consciência dos direitos, sonhos e projetos preservados em sua autonomia individual e compartilhados em sua elaboração quotidiana.

Em depoimento gravado em sua residência, Ana, 46 anos, instrução universitária, professora e política atuante, assim me fala sobre sua experiência de vida:

"Eu não casei até hoje por opção. E não tive filhos também por essa mesma opção, embora ache criança um negócio muito bonito. Agora é claro: pra levar a vida que eu levo, eu tenho que estar aonde estou, como solteira. Tenho bons relacionamentos com mulheres, com homens casados, com solteiras, com qualquer. Isso é uma coisa que eu acho excelente. E não vou me privar desse direito. Pago caro por essa postura!"

Também tenho uns preconceitos de família. Minha mãe morou aqui comigo muito tempo. Era uma pessoa muito religiosa, cheia de tabus. Alguns eu queimei. Outros, eu penso que queimei e não queimei. E aí tem assim: a figura da matrona que na

minha casa me impedia de... de uma aproximação maior. De modo que eu sempre estabeleço relações como se aqui fosse... não sei se por causa dos vizinhos ou da figura da minha mãe que viveu durante muito tempo, vive, apesar de morta e estava ainda muito repressora, muito presente, de modo que não me sentia muito bem aqui. Como não me sinto! Aqui prá conversa, prá bate papo... chégo a dormir aqui... nos relacionamentos... mas não chega a ser bom. E aí veja bem: tem umas coisas que eu continuo achando muito antipáticas. Estou na iminência de comprar um terreno vizinho aos meus irmãos; um em frente ao outro. E aí já me incomoda ter que ir frente com frente. Era uma alternativa de uma casa de praia que eu teria, onde eu poderia me sentir mais à vontade em qualquer circunstância. Porra! você não tem nada com família, você não tem nada com vizinho, você é você. Você tem direito! Tem direito ao orgasmo, tem direito à vida, à sua vida, você fecha a sua porta e não tem nada com ninguém. Pintou certa vez um cidadão aí, um homem profundamente fora dos padrões que a gente julga normais. O relacionamento foi curto e profundo. Era um homem que usava coca, tóxicos, mas muito pessoa, muito gente, muito tranquilo. Parceiro muito bom! Então quando acontece um negócio desses existe de tudo. Eu sabia que minha família estava sabendo, a minha vizinhança sabia, eu sabia que estavam vendo, que estava incomodando, mas era secundário. E é por isso que eu acho que depende muito do que a gente quer. O que a gente quer, determina. Mas família realmente tenta impedir porque tem coisas... amigo, por exemplo: agora eu estou com um relacionamento, uma lâstima, não é? — como um jovem. Mas jovem mesmo! E aí entra aquela história de coroa com criança. E o preconceito é terrível! Terrível a ponto de me incomodar, de me atormentar. É um relacionamento que não está explícito. Quer dizer: a gente está se relacionando sabendo que... porra! que não tem... veja bem: o menino é jornalista. Pintou por acaso. E aí a

gente se deu bem. E foi um negócio assim: tipo de amizade colorida mesmo. Prá mim é uma tortura. Parece incerto! Algumas vezes parece que estou com meu filho. E aqui em Maceió nada passa despercebido. E iso interfere no relacionamento. Sei perfeitamente que me incomoda. E aí eu tenho a impressão — primeiro que isso não é forte nele —. É uma coisa boa mas passageira. Eu estou querendo curtir. Tudo tem sido muito rápido. Anos num minuto! Porque está negando prá mim esse direito? Está negando por essas circunstâncias que eu falei. Então, se esse é o preço, vamos lá!

Tem muita gente que me acha muito louca. Mas também não dou muita colher de chá pra ninguém. Quando pinta um negócio desses, como está pintando agora, posso lhe garantir que vou em frente. Eu sinto. Mas eu acho que nós, eu e Maceió... porque você veja: eu teria que ser tão forte, tão forte e encontrar uns relacionamentos também tão fortes a ponto de sobrepujar essa questão em Maceió. Maceió me incomoda, Me incomoda tranquilamente! Têm coisas que são preciosíssimas na minha personalidade e que ficam prejudicadas por causa do atraso. Em seria muito mais feliz se Maceió estivesse noutra. Quando digo Maceió, estou dizendo as pessoas que vivem aqui. As abordagens, as cobranças... de modo que eu me sinto muito prejudicada. E como profissional ainda é mais sério. Alguns ex-casos chegam até a me dizer: "tenha mais cuidado porque pode pintar coisa desagradável". E a gente sabe que pinta, não é?

Além de ser mulher — como se isso não bastasse como elemento discriminatório — eu sou professora. E a luta do magistério aqui é muito visada. Então eu tenho um monte de limitações para a ação política por causa das duas coisas. E uma terceira é que sou considerada radical. E aí, quando eu levanto algumas questões e argumentos contra os poderosos, dizem: "aquela mal-amada"! Eu acho

que não sou bem-amada! E aí eu pergunto quem é. Se ser bem-amada é estar casada com um cidadão, com todo tipo de infidelidade e ter que fingir que está gozando e que tem muitos prazeres... porque : está noutra categoria, a das casadas... lembro de quando eu era professora numa escola de 1º grau. As casadas riam de mim. Eu ficava inteiramente à margem. Todas eram casadas e parece que sentiam prazer em comentar sua vida de casada com o propósito de me deixar à margem. Riam às gargalhadas e me olhavam significativamente. E no entanto, quantas delas não tinham felicidade... hoje, que já tenho -outra vivência, quem gargalha sou eu: quantas delas já tiveram direito ao orgasmo? E de repente, só porque eu sou solteira, arrumo mais essa pecha que anda pelos corredores: a pecha de mal-amada. De repente sou uma mulher vulgar, uma lésbica, uma paqueradora de homens casados, uma mãe solteira, uma prostituta".

Neste depoimento, sobressai a luta da mulher solteira pela sua autonomia, pelo direito à vida em sua plenitude. Os obstáculos encontrados situam-se na esfera dos valores internalizados ao longo de uma educação personalizada pela figura materna, morta que se faz viva e presente com a intensidade das lembranças e da opressão. A família, a vizinhança, as normas de comportamento tradicional, a cidade, — tudo conspira ou parece conspirar — contra o rumo a ser dado à vida. Sobretudo o direito ao amor fora do casamento e além da faixa etária convencional, recebe o impacto do julgamento social. E sobrevém a angústia da culpa na lembrança da mãe falecida e no horror ao incesto. E da reflexão brota a constatação da personalidade podada pela sociedade local, mas também a determinação de seguir adiante na batalha pelo direito à felicidade, no desvencilhamento do comportamento tradicional, na descoberta das estruturas opressoras. É a mulher solteira assumindo a própria vida. Liberta da ingerência familiar pela independência econômica, trava sua luta maior e mais profunda no âmbito dos valores inculcados no processo educativo e que refletem no presente através do conflito, da tensão, do sofrimen-

to. Ausentes, porém, estão a subserviência e a anulação. Presente está a mulher que busca sua autonomia e a encontra a partir da consciência dos seus direitos.

A militância no movimento de mulheres e na política partidária estabelece o nexó entre o depoimento de Ana, acima referido e o depoimento de Neusa, 45 anos, instrução universitária, professora:

"Eu nasci aqui mesmo, em Maceió, de uma família pobre. Nove filhos — cinco mulheres e quatro homens. Educação da menina e do menino distintas. Uma família pobre que tinha uma concepção de honestidade na vida. Então os filhos tinham que ser figuras diferentes da condição de pobre porque este é desvalorizado. O moralismo da família junto com o moralismo da Igreja. Nós fomos engajados pelos pais num trabalho de Igreja, Cruzadinha, essa coisa toda... — infundiu em mim uma concepção de submissão, de mocinha muito pura, de que mulher é diferente de homem. Esse moralismo dirigiu a minha vida um tempão e a minha postura, hoje, é reflexo disso aí. Na minha casa, na figura da minha mãe, o casamento era o destino da mulher. As filhas dela tinham que se casar. E aí eu comecei a causar estranheza, as outras casaram e eu fiquei. E fiquei professora. Porque a mulher que não casava tinha que ser professora. Tia e professora. Então eu cumpri em parte o destino que a família determinou. Via a satisfação do meu pai e minha mãe no dia em que comecei a fazer o curso de formação de professoras. Em casa eu tive um comportamento diferente do das outras: não muito atirada ao namoro mas ao estudo. Aí passei a ser vista como uma filha acomodada, a boazinha e a quieta. Minhas irmãs casadas me dizem, às vezes: "melhor é a tua vida. Se eu pensasse, hoje não casaria".

Eu acho que o casamento é um processo nor-

mal. Não o casamento instituição. Mas a relação afetivo-sexual. Mas nos padrões da família que a gente viveu, no contexto da sociedade que a gente viveu, a relação que vejo é de frustração. Mas a sociedade de hoje também frustra a mulher solteira na alternativa de uma relação afetivo-sexual, porque, não passando pelo casamento instituição, a mulher está marginalizada da sociedade. Está marcada. Por isso eu acho um valor aqui na sociedade de Maceió, a mãe solteira ou a mulher solteira que tenta uma vida independente. Porque sempre foi considerado um absurdo a moça solteira montar uma casa sozinha. Então, na sociedade de Maceió, é marcada uma mulher que tenta uma relação fora do casamento-instituição. Eu acho que a mulher tem uma vida sexual prá realizar. Realizar mesmo! E aí? Por que não casou, não tem? E só tem se ela for definitiva? Mas ela é mulher! E submetida aos valores! Mas eu joguei tudo às traças! E parti e vivi! Era o que faltava, entende? Era uma brecha, uma vaga, um buraco. Que precisava ser preenchido! Muito tempo eu questioneei. Até que joguei tudo às traças! A mulher solteira, quem quiser que diga; na minha experiência pessoal, se disser que não sente falta de relação afetivo-sexual, está escondendo o jogo. Porque faz parte da realização total da mulher. Ao mesmo tempo, considero a casada institucionalmente, apenas conseguindo viver um outro tipo de frustração. Para mim, o que determina a minha história de solteira, independente ou assimilando essa compreensão, é que se eu não tivesse tido essa experiência seria incompleta. Incompleta mesmo! Mas não posso dizer que me completaria só nisso. Não é isso que proponho para a mulher de hoje. O que eu proponho é a valorização da mulher participando da política, que não queira ser somente uma doméstica, uma dona-de-casa. Mas de qualquer forma

tem as limitações da sociedade. Tem mesmo! Por exemplo: eu brinco, canto, danço e as pessoas dizem: você é uma criatura divertida. Como é que ainda está solteira? Porque se fosse como meu pai determinou, eu estaria às nove horas em casa, vendo novela, o mundo rolando e eu? Uma ostra incrustada! Prá mim, isso é que seria anormalidade. Mas a sociedade emperra. Emperra mesmo. Essa dimensão clandestina da minha vida, prá minha vida, prá minha família, seria o fim da picada. Seria! Ela não pode saber. Acaba o mundo, percebe?

Veja essa questão de sobrinho: não sei se é mecanismo inconsciente da pressão da maternidade. Tudo o que eu tinha de ser mãe, já fui. E era um troço! Acho que era uma dedicação de propriedade. E a relação da tia que é mãe é uma relação diferente da tia que é solteira. A gente encontra uma relação afetiva com o sobrinho mas ela não se esgota. É um campo para exercer a maternidade. É uma relação compensatória. Em mim, quando eu fui essa tia, copiando as minhas tias velhas, querendo superá-las... ainda tenho resquícios desse processo todo... Hoje sinto que dei um salto diferente. Mas passei por todo esse processo que a mulher solteira, em Maceió, passa. "As coitadas"! É um processo de descoberta e de luta que é o social que te dá. Senão você pira. Você endoida e não sai dessa. Então eu acho que é a ação social que você desenvolve que pode aprofundar ou libertar. Eu não vejo hoje a mulher solteira no comum. As "Marias da vida" eu encontro! Mas eu vejo também a ação política, a participação. Para mim o rumo é o da participação. Agora, as jovenzinhas de Maceió, fora de Maceió, é outra postura. Abriram a cadeia, sabe? Não tem fiscal, não tem dono, não tem proprietário. Fui fazer um curso em São Paulo. As mulheres ficaram todas juntas num alojamento. A

maioria, juventude. Duas coroas: eu e outra. Como elas falavam da sexualidade com o companheiro! Que tranquilidade! Eu participava, ouvindo. A outra, "lendo um livro". Então elas falavam: "essas duas aí, com mais experiência que a gente e não abrem o jogo". E a gente sorria. E esse grupo, a maioria, era centro-oeste e nordeste. Nordeste! Você pegue uma jovem solteira, na faixa dos vinte anos e tem outra experiência de vida. Elas não vão repetir as tias da gente. Essa geração não vai repetir. Porque os movimentos sociais que estão aí impulsionam a mulher para outra postura. E quando a gente decide participar mesmo, a gente termina fazendo um corte. É como eu vejo a mulher se libertando. E as mulheres solteiras do movimento, que alegria de vida".

A crítica à educação recebida está explícita ao longo do depoimento. O moralismo da família, associado ao da Igreja, são apresentados como responsáveis pela internalização da submissão feminina no contexto de uma educação desigual. As expectativas da família, quando frustradas no concernente ao casamento, voltavam-se para a profissão. A não maternidade, para o papel de tia dedicada. A partir do confronto com a condição de vida das irmãs casadas, a depoente vê o casamento — enquanto instituição — como uma frustração na medida em que bloqueia a realização da mulher em outras esferas da vida. Mas acentua a importância da liberdade sexual na vida da mulher solteira como fator de bem-estar e felicidade. Entretanto, submetida aos valores e padrões tradicionais da sociedade, a mulher solteira, em Maceió, frustra-se na alternativa de uma relação afetiva-sexual. Contra isso se insurge a depoente, quer na esfera de vida pessoal, quer na esfera da militância no movimento feminista. Do questionamento ao rompimento do padrão, o conflito, a angústia. Do rompimento à vida presente, o sentido de realização e completude alicerçadas no compromisso social e político. Mas para a família, essa dimensão de liberdade e felicidade permanece oculta. A família, negadora da felicidade pelos ásperos

caminhos da repressão, reaparece no depoimento como núcleo do autoritarismo vez que, não obstante o grau de independência revelado, persiste na depoente o receio da reação.

A relação tio/sobrinho, em seu caráter de abnegação, é analisada como uma relação de compensação e propriedade.

Neusa conclui o depoimento com uma reflexão sobre a moderna juventude local. Constatando na mesma a ausência de grilhões, estende à região nordeste a mudança de comportamento. Na constatação, uma certa perplexidade mas sobretudo uma alegria: a alegria dos novos rumos que a história, em seu eterno movimento, reserva à mulher. Especificamente à mulher solteira.

O discurso das duas depoentes se articula em torno da consciência enquanto sujeitos. Consciência a partir da qual pensam sua identidade e questionam a ordem vigente. Pensam sua autonomia, distinguem entre sexualidade e maternidade e, neste sentido travam com o universo familiar a luta pelo espaço a que têm direito na esfera do prazer e das livres decisões. A procura de uma nova identidade para a mulher solteira torna-as protagonistas de um processo transformador no qual aliam-se condições sócio-econômicas que incidem sobre a família enquanto instância veiculadora da ideologia do casamento. A crítica à sociedade abrangente e a decisão de enfrentá-la advém da consciência politicamente exercitada no movimento feminista que cria as condições para a mudança seja a nível das relações entre os sexos, seja a nível da estrutura familiar, seja a nível da auto-representação. Disso tudo resulta a criação de um clima propiciador da transformação do conjunto das relações sociais mediatizadas pela ação dos indivíduos que reivindicam para si a condição de sujeitos.

Mas, a mudança não se faz sem dor, sem perplexidade, sem confusão de identidade. Tudo isso está impresso no depoimento de Sônia, assistente social, 37 anos, ao dizer:

"Preciso reaprender a viver. Mas eu teria que morrer para renascer e começar tudo de novo (...). É um conjunto de problemas, uma situação

de vida e profissional que estão me empurrando para pensar essa questão: a questão dos valores e da mulher — sempre reprimida dentro deles numa fase de mudança. E nessa questão aquela que mais sofre: a solteira com mais de 30 anos ... mas o que importa é que ela agora procura seu próprio caminho, decide sua vida".

A perplexidade diante das mudanças nos valores, culmina, na depoente, em tensão e angústia. A consciência da necessidade de um novo aprendizado não se faz sem ansiedade e dor. Mas a vontade de reaprender norteia e domina. Urge a descoberta de um novo rumo. A família surge, mais uma vez, como centro de exploração econômica e emocional. Os encargos a que submete a mulher solteira, implicam, na visão da depoente, em "deixar para trás a própria vida". Toda uma situação é posta em xeque, sobressaindo como questão de fundo a da mulher solteira com mais de 30 anos, reprimida pelos valores tradicionais e atordoada pela rapidez das mudanças. Fundamentalmente, é como se a depoente flutuasse sobre um mundo que ela busca desesperadamente compreender sem no entanto o conseguir. É como se todo o seu universo de referências morais ruísse e em seu lugar surgissem a perplexidade e o aturdimento. Entretanto, não chega a se configurar uma situação de anomia vez que estabelece-se com nitidez a certeza de que a mulher solteira assume a responsabilidade pela própria vida — do ponto de vista profissional e financeiro — ganhando, com isso, em independência e auto-respeito.

A julgar pelo depoimento de Luíza, 65 anos, analfabeta, lavadeira de roupa, o universo de representações e expectativas sobre a mulher solteira em sua classe social é construído em torno do estereótipo e do estigma da "solteirona". Verificar até que ponto isso demonstra a abrangência do casamento como modelo dominante do "destino feminino" nas várias classes sociais, seria objeto de uma outra pesquisa. Entretanto, uma amostra por classe social não foi objeto específico de minha preocupação neste trabalho. Caso tivesse sido este o caminho escolhido, o que ganharia em objetividade perderia em variedade de vivências. Assim, tendo deixado que a pesquisa fluís-

se ao sabor da oportunidade da obtenção dos depoimentos, é que tive acesso ao de Luíza que, prestando serviços à minha família, se dispôs a colaborar. É como ilustração e convite a uma nova pesquisa, que o incluo neste trabalho. Ignorá-lo, seria escamotear um dado que sugere a necessidade de estudos nessa área de investigação.

"Eu nunca quis casar. Porque eu acho que a vida de casada é um tormento. Pior que a vida de solteiro (...) Procurar sarna prá se coçar... é melhor ficar solteira, livre e desimpedida! (...) meus vizinhos... mesmo que falem de mim, eu que me importo? (...) "Tão ruim que nem se casou! Vitalina"! De vitalina não passo! Eles, os vizinhos falam que eu sou uma vitalina que não sabe de nada! Mas eu já lutei com os filhos dos outros (...) Agora hoje, nessa idade, quero bem a meu trabalho que me dá meu futuro! Ainda hoje tenho uma amiga que é solteirona também. Solteirona... às vezes a gente se encontra e fala assim: "mas mulher, tu não se casou? ficaste solteirona"? E ela responde: "pois é, fiquei vitalina". E não é melhor do que ficar arrastando um cachorrinho com uma cordinha? (...) se eu tivesse arranjado um homem prá minha companhia, tivesse filho, meu Deus, eu hoje passo privação sozinha, imagine se tivesse filho!"

Vista como "a solteirona" nas relações com a vizinhança, Luíza responde ao estereótipo com a racionalização mas também com a aguda consciência do trabalho enquanto instrumento de autonomia e apoio concreto nas vicissitudes da vida. A definição negativa que lhe dá a vizinhança por ser solteirona, atesta a legitimação do casamento como modelo adotado pela sociedade assim como sua reação à definição indica a superação e o enfrentamento das condições adversas à realização do modelo.

anos, enquadram a mulher solteira na categoria das "fáceis de levar prá cama", das "rejeitadas", das ridicularizadas como vitalinas que buscam na religião a compensação para a frustração do não casamento, Rosa, 39 anos, professora universitária, considera:

"Toda mulher, numa época qualquer de sua vida, encontra com quem casar. Mas resta saber se é quem ela quer. Então ela não tem direito de escolher? Tem que aceitar, apenas com medo de ficar solteira? É porque tantas agem assim, que cresce a idéia de que toda mulher, para ser bem sucedida precisa casar. Sinto-me bem -como: solteira. (...) Sinto-me até orgulhosa de mim mesma. Sozinha lutei, sozinha venci. Não sou apêndice de nenhum homem! Sou respeitada aonde vou. Valho por mim mesma, Não preciso de sobrenome de marido. Tenho meu próprio nome. (...) Mas sei que isso só é possível porque sou independente financeiramente. E não é porque estou com 39 anos e não casei que vou ficar triste".

A identidade de Rosa é uma identidade que se redescobre e resgata e que tem no trabalho e na independência por ele gerada o ponto de apoio para a opção. A ausência do medo do celibato como consequência de uma lucidez adquirida na luta pela vida é o elemento que avulta desse espaço interior que projeta sobre o social, esfacelando o estereótipo e fazendo desaparecer o estigma. Disso resulta a dignificação da auto-imagem. A beleza da autonomia gerada no processo de conquistas pessoais inalienáveis porque resultantes da construção de uma vida calcada no senso do autodirecionamento e na transição do apoio ambiental para o auto-apoio.

Assumir-se enquanto sujeito é a meta de Sofia, professora universitária, 39 anos, para quem a maternidade nunca esteve associada ao casamento:

"O filho que eu tenho não veio por acaso. Nem por acidente. Eu realmente, um belo dia resolvi ter mesmo. (...) Nunca associei a idéia de filhos a casamento. Sempre vi em primeiro lugar o amor (...) período de namoro, período de noivado, período de casamento... prá mim realmente nunca existiu isso. Racionalizar aquele amor, calcular... aquele amor tipo câmbio, troca..."

Em Sofia, o filho e o amor fazem parte do assumir-se em sua plena autonomia. Porque negar o amor aprisionando-o nas malhas do casamento? Em sua vida ser mãe solteira é projeto assumido que representa ruptura com o modelo tradicional de comportamento e diluição da repressão sexual. Todavia, no contexto da sociedade local, as expectativas em torno da maternidade têm, ainda, como foco, o casamento: "É difícil criar e ser mãe solteira na cidade de Maceió. Sempre existe preconceito". A mãe solteira é a transgressora, a desafiadora da moral vigente. Enquanto a discriminação da mulher solteira ocorre no plano do ridículo ou da atitude de lástima, a discriminação da mãe solteira ocorre no plano da moral restritiva e inibidora. Não obstante, a nível de projetos pessoais de vida, o casamento não mais aparece como prioridade. Prioridades passam a ser a valorização pessoal, a profissão, a liberdade sexual. Não sendo porém, a regra, a mãe solteira representa a coragem do rompimento com valores e expectativas que ainda se mantêm em meio à crise do conjunto das representações sociais atinentes ao modelo consagrado de comportamento feminino.

Representantes de uma fase de transição entre valores novos e antigos ⁽⁴²⁾ as depoentes expressam contradições e ambigüidades de comportamento. Se, por um lado, o trabalho facultou-lhes a independência, por outro, suas vidas permanecem bloqueadas no que tange à segunda etapa de sua emancipação: a liberdade sexual ⁽⁴³⁾. A educação da negação a que estiveram submetidas, encontra na negação do corpo e do impulso sexual, a sua lógica e a sua razão de ser. Educação da negação é o aprendizado do não no amargo cotidiano da opressão e repressão. É a negação da vida em seu lado prazeroso, criativo e livre. Neste

cenário, a consciência crítica impõe-se como elemento fundamental para o banimento dos danos causados ao ego feminino pelo não casamento. Das expectativas negativas associadas ao comportamento estereotipado da solteirona, pode resultar uma auto-imagem calcada no sentimento de mutilação e incompletude. Da consciência crítica em torno da educação de negação — consciência marcada pelo confronto entre o estabelecido socialmente o aspirado subjetivamente — resultará uma identidade que se constrói a partir de um projeto do que se deseja ser. Resultará uma identidade que se constrói numa relação do sujeito com a cultura mas que elege a existência como expressão de uma subjetividade que se sobrepõe à coerção social.

As contradições que perpassam os depoimentos são reveladoras do questionamento porque passam os valores inculcados ao longo do processo de enculturação e que, no presente, são postos em cheque pelo processo histórico de emancipação feminina. Nesse processo, as condições específicas geradoras de identidade feminina, representadas pela família e respaldada na tradicional atribuição de papéis, recebe o impacto da relação com a sociedade em mudança. Ocorre que, no campo sexual, a mudança de comportamento se processa de forma sinuosa dada a educação repressora de que foram alvo as depoentes. A forma velada pela qual o sexo é abordado ou o taxativo silêncio que o envolve, mostra a vida sufocada pela moral vigente no discurso familiar e nas representações sociais.

Para as mulheres que internalizaram a idéia do casamento como imperativo e condição primeira de felicidade, os efeitos da educação da negação redundam na impossibilidade da crítica da educação recebida e na geração de frustrações indizíveis porque contidas no âmago das aspirações e necessidades abortadas. Culturalmente condicionada a construir sua identidade a partir da relação com o homem, sem se colocar no centro da própria vida, a mulher solteira que internalizou a ideologia do casamento faz transcorrer seus dias na agonia da impossibilidade de sair de si para o mundo. Mas, numa época em que o casal já não constitui a unidade de base da sociedade⁽⁴⁴⁾, o solteiro pode continuar sendo percebido e se autopercebendo como um ser inacabado? O prestígio da autonomia através do trabalho e da profissão não instaura nova mentalidade entre as mulheres e

não se sobrepõe à necessidade do prestígio advindo com o casamento? Com a quebra da tradicional divisão do trabalho por sexos, perde sentido a relação homem/mulher expressa pelo casamento tradicional. Não mais exercendo o papel de sustentador o homem perde o domínio na relação com a mulher e, nesse contexto, o casamento afigura-se como instituição em extinção⁽⁴⁵⁾ e o apego a ele como sintomático das sociedades em descompasso com a mudança.

Nova orientação de vida se impõe ao contingente feminino. Às restrições impostas pelo padrão cultural do casamento, a nova mulher solteira é aquela que responde com as aspirações transfiguradas pelo coração. A vida não se esgota com o casamento e as possibilidades de felicidade podem ser encontradas numa vida criativa que se situa além do institucional e culturalmente definido. Para tanto, a consciência crítica do que venho denominando educação da negação, torna-se condição básica. Conseqüência desta consciência, é a emergência de um ser que efetiva projetos de vida calcadas na liberdade da ação e da escolha e que se oferece ao mundo como possibilidade.

O que se coloca, portanto, é a questão do resgate da identidade feminina, perdida em função da compulsão cultural do casamento. E esta é a contribuição que Sonya Friedman oferece em seu livro O Homem é a Sobremesa⁽⁴⁶⁾. Partindo da constatação da perda da auto-estima feminina gerada no processo de internalização da ideologia do casamento enquanto "o destino da mulher", a autora sugere regras propiciadoras do crescimento emocional na medida em que conduzem à ação dirigida para o controle sobre a própria vida. O resgate da identidade da mulher segue paralelo à reivindicação de um ser que exige para si a condição de alguém através de uma nova percepção dos rumos a serem dados à vida e que já não apontam para o casamento como "a" prioridade. Isso passa por uma crítica do aprendizado do papel da mulher tal como ocorre no interior da estrutura familiar e da ideologia por ela transmitida. Corporificada em mensagem de felicidade, essa ideologia compele ao casamento enquanto "a" forma de valorização feminina e é geradora de infelicidade por impedir, no cotidiano da vida, a conquista da auto-suficiência e da descoberta do próprio valor.

Uma mensagem de coragem e esperança perpassa o livro. "A independência significa que ninguém mais pode determinar quem você é — você sabe quem é". Pelo trabalho, a mulher supera os limites das quatro paredes do lar. Supera o medo, a insegurança e opta pela autonomia. As dificuldades inerentes ao processo de obtenção desta, constituem desafios, que, enfrentados, desembocam na reabilitação da auto-imagem e acenam com a possibilidade de felicidade independente da estrutura tradicional do casamento. Face à rapidez e intensidade das mudanças no mundo atual, compete as mulheres se colocarem no centro de suas próprias vidas, gerenciando-as, conscientizadas de seu valor pessoal, atentas à totalidade da vida que não se restringe ao casamento e coerentes com as novas formas de comportamento que se lhes coloca no curso da História.

É esse colocar-se no centro da própria vida que emerge como preocupação central das depoentes. Por que não decidir por si própria o tipo de vida a levar? Por que não o direito de escolher e decidir? Fazendo-se presente a dissimetria entre "o mundo objetivo da sociedade e o mundo" subjetivo do indivíduo" ⁽⁴⁷⁾, o que eclode é a reelaboração da identidade não "pela afirmação de que o indivíduo se torna aquilo que os outros o consideram quando tratam com ele" ⁽⁴⁸⁾ mas pela consciência de que, pela História, o institucionalizado muda e, com ele, o referencial de comportamento e ação.

NOTAS E REFERÊNCIAS

01. Ver as referências do II Capítulo
02. Nas camadas menos favorecidas essa situação de dependência sequer existe, face à luta quotidiana pela sobrevivência.
03. "Namoro à antiga. Tradição e mudança". In: Família psicologia e sociedade. Figueira S. e Velho G. (Coord.) Rio de Janeiro, Editora Campus, 1981, pág. 142.
04. Considerando-se que o texto de Thales de Azevedo refere-se à mulher solteira no Brasil, já no séc. XX, constata-se do confronto com o texto de Gilda de Mello e Souza no O Espírito das Roupas, no capítulo em que analisa "A cultura feminina" na Europa do séc. XIX, que a mentalidade em favor do casamento e em relação à mulher solteira, permaneceu no espaço de um século para outro, a mesma:

"O casamento era então uma espécie de favor que o homem conferia à mulher, o único meio de adquirir status econômico e social, pois aquela que não se casava era a mulher fracassada e tinha de se conformar à vida cinzenta de solteirona acompanhando a mãe as visitas, entregando-se aos bordados infundáveis, à educação dos sobrinhos". (Grifos meus).
05. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, I Vol., pág. 129 e II vol. pág. 451.
06. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1984, pág. 320.

07. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1986.
08. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1984.
09. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.
10. Idem, pág. 266.
11. "Le Celibataires". In: Revue Autrement, nº 32, junho, 1981.
12. FIGUEIRA, Sérvulo - (Org.) Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
13. BADINTER, Elizabeth - Um é o Outro: relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986, pág. 16.
14. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974, capítulos 2 e 3.
15. Idem, págs. 217 a 226.
16. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972.
17. Idem, págs. 134, 188 a 191.
18. BRANDÃO, Carlos Rodrigues - Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986, pág. 38.
19. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis, Editora Vozes, 1976, pág. 119.
20. BRUNER, E. M. - "O Approach psicológico na Antropologia". In: TAX, Sol, Panorama da Antropologia, (Org.) Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1966.
21. BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística, pág. 120.
22. ERIKSON, Eric - Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro, Zahar Editores, pág. 219.
23. MORIN, Edgar - O homem e a morte. Lisboa, Publicações Europa-América, 1988, pág. 14.

24. BERGER, Peter - Op. cit. pág. 116.
25. GOFFMAN, Erving - Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
26. Idem, págs. 13 e 24.
27. ERIKSON, Eric - Op. cit., pág. 14.
28. Obras Completas, Vol. II, Aguilar, Espanha, 1974.
29. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
30. São Paulo, M. G. Editores Associados, 1983.
31. Cf. nota 38 do IV Capítulo.
32. A Comédia Humana, vol. VI.
33. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1978.

Na literatura brasileira, o romance Tieta, de Jorge Amado, tal como adaptado à novela global, é primoroso no que se refere ao ridículo a que fica exposta a mulher solteira e que é centralizado em torno da questão sexual. Cinira "solteirona e reprimida" é acometida de tremores sempre que vê um homem sem camisa.
34. Em Teresa Batista Cansada de Guerra, Jorge Amado à pág. 142, retrata o imaginário masculino sobre a mulher solteira: "condenadas ao celibato, ao barricão - palavra maligna: aquela mais moça está com o pé no barricão, a outra já se enterrou no barricão, ou seja, sentenciadas à beatice, à histeria, à loucura. Daniel nunca vira tanta devota e tanta maluca, tanta fêmea a mendigar macho. O governo, disse ele a Marcos Lemos e a Airton Amorim, ao tomar assento na assembléia dos letrados, se realmente cuidasse da população, devia contratar meia dúzia de robustos esportistas e colocá-los à disposição das massas femininas em desespero. Airton Amorim, gozador, aplaudira a idéia: — Bem pensado, meu jovem. Só que para nossa comuna fazem-se necessárias pelo menos de duas a três dúzias de rijos campeões" (Grifos meus).

A idéia de "robustos esportistas" colocados à disposição das celibatárias corresponde a de uma "agência de casamentos" imaginada por Zorba o personagem de Kazantzakis e revela a centralização do estereótipo da "solteirona" em torno da questão da "carência sexual".

35. BERGER, Peter - Op, cit. pág. 116.
36. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de - Identidade, etnia e estrutura Social. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, pág. 36.
37. Concepção Eriksoniana de Ideologia expressa em Identidade, juventude e crise.
38. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de - Op. cit, pág. 6. O que aqui se coloca é a questão do "ser em situação" no sentido fenomenológico e existencial.
39. GOFFMAN, Erving, Op. cit., pág. 41.
40. DUNCAN, Isadora - Minha vida. Rio de Janeiro, Jose Olympio Editora, 1986, pág. 10.
41. Não se trata de uma visão idealista ou maniqueísta. Trata-se, isso sim, da captação do desconforto gerado — a nível pessoal subjetivo — quando a ordem estabelecida e com ela o desempenho dos papéis sexuais tradicionais, é alterada por novas formas de comportamento que se insinuam no quadro geral das relações entre os sexos.
42. ALAMBERT, Zuleika - Feminismo: o ponto de vista marxista. São Paulo, Editora Nobel, 1986, pág. 71.
43. BADINTER, Elizabeth - Op. cit., pág. 198.
44. Idem, pág. 266.
45. Id Ibid, pág. 287.
46. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1986.
47. BERGER, Peter - O Dosei Sagrado - São Paulo, Edições Paulinas 1986, pág. 28.
48. Idem, pág. 29.

ILUSTRAÇÕES

Cara Amiga,

Essa é uma pesquisa que visa à análise da **CONDIÇÃO DA MULHER SOLTEIRA NA CIDADE DE MACEIÓ**: valores, aspirações e expectativas. O seu depoimento é indispensável. Somente a partir dele conclusões poderão ser extraídas com base na realidade concreta. Somente através dele a análise sociológica da questão poderá ser tentada. É nesse sentido que solicito sua cooperação.

Idade:

Grau de Instrução:

Profissão:

Na condição de Mulher solteira, como se sente você diante da família, dos amigos, da sociedade, de si mesma?

Obs:

A questão colocada é somente um roteiro para reflexão. Você poderá respondê-la sob a forma de depoimento livre e informal. O que importa é a experiência a ser extraída, a vida a ser captada. Não se preocupe com a extensão do depoimento. Breve ou longo, importa-me fundamentalmente, a sua veracidade.

Luiza, 30 anos, instrução universitária, professora:

"Diante da família, amigos e sociedade, sinto-me a cada momento castrada, cobrada em decisões que são somente minhas. Diante de mim mesma, insegura".

Clarissa, 55 anos, instrução universitária, professora:

"Na minha cabeça, eu não sou apenas uma mulher solteira. Sou uma solteirona inveterada e isso já foi captado de tal maneira pelo meu sub-consciente, que certa vez preenchi uma ficha bancária colocando em meu estado civil — solteirona — quando com ar divertido o funcionário me chamou a atenção. Não foi apenas distração. É meu estado de espírito.

Diante de minha família há variáveis de comportamento: para meus sobrinhos eu sou a tia exigente, chata, que dá palpite na vida deles mas de quem gostam muito porque quebrá seus galhos financeiros. Já as minhas irmãs, vêem um candidato em perspectiva em cada solteirão que aparece, pois, realmente para a minha família eu sou como uma anomalia, um defeito, mas um problema resolvível. Enfim, minha família gostaria que eu tivesse casado. Lá no inconsciente sente um certo desprezo por mim. Quem casa fica com status social mesmo que o marido seja um palhaço. Para os amigos não tenho problema pois o meu círculo de amizade é formado de pessoas na mesma condição de solteiras e solteironas. Sou bem aceita.

Na escala social é como um degrau a menos em qualquer estágio que a solteira se encontra.

O seu espaço é limitado na medida em que automaticamente e como por direito divino as casadas tomam conta do espaço total. Vêem nas solteiras uma ameaça à sua paz conjugal, como se todas quisessem os maridos delas.

Perante eu mesma sinto-me frustrada, arrependida de não ter casado, chateada quando ficam arranjando marido para mim e desejando que minha vida fosse com muitas pessoas à volta, vindas do casamento. Isso, devido a problemas que a solidão acarreta para as pessoas que não são emocionalmente ajustadas. Entretanto, como pessoa, me sinto acima das casadas, pois não passo as humilhações e falta de respeito humano e desconsideração que vejo no dia-a-dia de todas as casadas com quem convivo. O meu quotidiano é sem perspectivas, morto, parado, sem objetivos e metas mas dentro de mim tenho a glória que me é mais cara, da liberdade total e na minha cabeça isso é o bem maior.

Em Maceió, a mulher solteira não tem muitas opções de lazer e em se tratando de ter vida sexual desejável é quase impossível, pois mulher velha é como lixo, ninguém quer. E, se for virgem, passa até por retardada e débil. Então resume-se: mulher solteira na cidade de Maceió: valorização — muito pouca. Aspirações — tendem sempre para o estudo e colecionamento de diplomas sem perspectivas de homem no seu horizonte. Expectativas — ter um emprego seguro e sempre esperando, mesmo remotamente, arranjar um marido". (Depoimento escrito)

"Escreva mesmo essa tese sobre a condição da mulher solteira na cidade de Maceió. É uma condição que dá o que pensar! E no que eu puder ajudar ... você sabe: as minhas amigas são todas solteironas. Vou pedir a elas que escrevam um depoimento para você. Quanto a mim...

Faz 16 anos que saí de casa para morar sozinha. Naquele tempo sim, é que era uma barra! E eu acho que fui uma das primeiras. Agora não, a coisa já está se tornando comum.

Saí de casa porque sempre tive o espírito independente. Nunca gostei de cidade pequena. Além de tudo sempre tive problemas com minha mãe. E acho que fiquei assim doente foi de tanta repressão. No interior, a única distração era ficar na Praça das 7:30 às 9:00 horas. A partir daí, as moças direitas iam para casa e a praça virava o lugar das prostitutas. Mas como eu estava dizendo, sempre tive problemas com a minha mãe. Ela era uma pessoa de nível inferior ao do meu pai. Morávamos na fazenda de que meu pai era dono. Ele, engenheiro formado no Rio de Janeiro, branco, culto e rico. Voltando para Alagoas não quis mais ir embora para o Rio. Minha mãe trabalhava na fazenda. Com ela teve filhos. Deixou minha mãe para morar com outra. Nunca casou com nenhuma mas também nunca deixou de dar apoio financeiro aos filhos. Quando ele morreu fiquei rica. Aliás, sempre vivi bem. Mas gastei tudo com viagens.

Tive muitos namorados. Namorei tanto quanto pude. Ia para o Rio de Janeiro namorar. Na minha cidade ficaria "falada". Meu pai era rico, eu tinha dinheiro. Conheci da Rússia aos Estados Unidos. Aonde ia, namorava. Mas principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo. Aproveitava o período de férias. Vivía tudo o que podia no Rio de Janeiro. Voltando para cá, reasumia minha vida de "moça recatada" do interior. Deixava — e gostava — que os meus namorados fossem avançados. Mas nunca quis engravidar. Para que? Para não ser mais respeitada? A gente tem o comportamento que querem que a gente tenha. Mas a minha vida eu vivi. Não casei porque fui tola. Não sabia o quanto a mulher

solteira é desprestigiada. Se soubesse, se tivesse pensado melhor, teria ficado com um "idiotta qualquer". Porque ser sozinha é muito difícil. O importante é ter o nome de casada.

As casadas vivem aí: insatisfeitas e frustradas. Mas ninguém diz que são histéricas. Ao passo que quando se é solteira se leva toda a pecha. É muito difícil para a mulher : solteira se fazer respeitar. A começar pela própria família. Você tem que ter sua independência financeira. Porque se não tiver as coisas pioram ainda mais. Agora também o pior é pensar que no futuro — uma doença, por exemplo —, você estará sozinha.

As vezes ainda saio para procurar marido. Passo pelo comércio, olho os tipos... você, trate de procurar também! Mas os tipos não me agradam... também já são todos casados... a época já passou. Eu deixei passar. Mas também aproveitei. Não fosse o medo do futuro, da solidão, e não pensaria em casamento". (Depoimento oral)

Jane, 46 anos, professora, instrução universitária:

Vida de solteirona.

"Minha idade cronológica é 46 anos, uma vez que fui cuspada da barriga da minha mãe, numa 4^a feira, às 4 horas da manhã, do dia 14 de março de 1939. Porém o espírito me dá o privilégio de ser sempre jovem.

A vida de solteira madura e de família tradicionalmente cheia de tabus, é muito difícil de viver sem aborrecimento, mas... a) Há 15 anos resolvi dar o "grito de independência" familiar. Tirei uma licença especial e me larguei para o Rio de Janeiro, para a casa de familiares mater-

nos. Apesar de morarem na Cidade Maravilhosa não se desenvolveram quase nada. (Socialmente atrasados de pai e mãe), mas um pouco melhores do que a mamãe, consegui viver três anos na casa de uma prima, aonde eu era o 5º membro da família e nos entendíamos muito bem.

b) Passada essa maratona, de casamento marcado, com o pensamento positivo, que mulher sô depois dos 30, voltei para Alagoas com o objetivo de despedir-me dos familiares e voar definitivamente à Europa para residir em Portugal com todos os sonhos jovens, pois eu acredito que amor, na verdadeira tradução, não tem idade, não tem preconceito. O engraçado é que minha mãe, muito egoísta, escolheu esse intervalo e marcou uma operação, exatamente para atrapalhar os planos. Ela conhece o tipo de filha que eu sou! Sempre renuncio a tudo por eles. Adiei o casamento e faltavam 12 dias para as bênçãos de Deus e dos homens, o grande castelo de sonhos e felicidades desmoronou por completo.

c) Imaginem o meu desespero interior, uma vez que minha mãe não admite que eu goste de ninguém. Vale salientar que esse foi o quarto bendito ou maldito casamento que ela conseguiu destruir e ficar super-feliz; por ironia do destino, 12 dias depois desse acontecimento é tentando amenizar a angústia que estava passando, resolvi fazer uma reunião de amigos. Cidade interiorana, todos me conheciam, recém-chegada do sul do País, aparentemente bem conceituada, muitos sabiam dos difíceis momentos que eu enfrentava e, para surpresa de todos, a mamãe conseguiu acabar com a festa. O papai, homem de espírito pacífico, procurou contornar e não conseguiu.

d) Prometi a mim mesma que sairia de casa, logo que pudesse morar longe de parentes. Independente financeiramente, vim para Maceió em julho de

1975. Fiz um vestibular, passei nos últimos lugares, frequentei o curso de habilitação na profissão que abracei; pedi transferência e aqui me fixei.

e) Morando em pensão de segunda classe, consegui viver e conviver durante dois anos. Saturei e aluguei uma casinha aonde passei a viver com um irmão (estudante) até quando consegui adquirir definitivamente um apartamento (COHAB). Meu irmão formou-se, casou-se e me deixou só. Daí começaram os cuidados efetivos dos familiares de modo geral; quando vou em casa sempre me aborreço, tem sempre acontecimentos que poderão acontecer comigo; moça que mora só o povo fala, não é séria, é isso, é aquilo. Porém estou sabendo aonde querem chegar: encher meu apartamento de sobrinhos para completar os estudos na capital e a Moça Velha tomar conta e aturar as diversas mentalidades jovens sem dizer nada.

f) Na parte amorosa eu não tenho muita sorte ou tenho demais. Os homens não me curtem, sou meio conservadora e devido à vida que enfrentei sem infância, não me submeto aos caprichos deles e consigo dominar os anseios malévolos; com isso não quero dizer que sempre levô vantagens, "o amor é cego, o amor que vê não é amor". O meu primeiro namorado veio muito tarde e o primeiro amor aí sim, perto dos 30 e me marcou até hoje. Tenho uma ligeira impressão que terminarei meus dias de vida ao lado dele depois de longos 20 anos.

g) Morando só, financeiramente independente, com um carrinho sambado, mas, de motor cuidado, a vizinhança toma conta as 24 horas (até bom que não sou assaltada) da COROA. Só que não dou satisfação de maneira nenhuma e vez por outra procuro dar lição de vida aos desocupados, mostrar que nosso povo cuida muito dos vizinhos, esquecendo dos familiares.

Aí está uma síntese da "vida de uma SOLTEIRONA" aparentemente malcriada e que consegue ser muito feliz só, sem constrangimento. Estou sempre às ordens, tá?

Carmém, 49 anos, instrução universitária, professora:

"A mulher solteira diante da família, dos amigos, ou da sociedade (seja lá de quem for) é aquela que tem tempo para tudo, deve servir, não tem problemas. Deve ser quase de gesso e compreender que os outros são pessoas com todo o equipamento em termos de carne, ossos, nervos e sentimentos. É aquela que pode ser alvo de considerações até o momento que se sabe que ela é solteira. Daí por diante começa a exploração. Até o seu estado de saúde é motivo de ironia. Seus sentimentos também são motivo de brincadeira e exploração. Se seus valores não são os mesmos da "roda" em que vive, são vistos com desprezo. Suas aspirações e expectativas são anuladas pois a vez é da jovem e "bem-sucedida" (aquela que foi preferida por um parceiro). Se alguém lhe dá a vez é por piedade. Até um tratamento que em outra situação seria bem-vindo, é usado para feri-la. Ela é uma marginalizada. Só tem valor como mão-de-obra. Aí é ótima e até elogiada.

Diante de si mesma, coitada, o que fazer senão o "jogo do contente?" Precisa sobreviver. E ali, junto aos que contam até suas mágoas com objetivos definidos — mostrar-lhe que ela não tem aquele "problema" por que ela é uma solitária — não tem marido e filhos. A "solteirona" é isso aí, a Carolina do Chico Buarque, que não viu o tempo passar na janela. Ela vê, sente, sofre, mas nega. Precisa enganar-se e até convencer-se de que o tratamento que lhe dão é justo.

É assim que vejo a posição da mulher solteira entre nós. Coloco-me também nesta posição. Espero ter ajudado. Obrigada pela oportunidade que me deu de extravasar.

Obrigada! Você me chamou de amiga".

Jussara, 52 anos, advogada:

"Então sua tese é sobre a condição da mulher solteira em Maceió? Isso é verdade? Mas até que enfim alguém se interessa pela condição da mulher solteira! É um tema urgente e necessitado! Porque você sabe: ser solteira já é uma desgraça. E ser solteira em Maceió, é uma desgraça maior ainda. A mulher solteira não tem vez! É um zero à esquerda. E eu me indigno com isso! É uma situação absurda. A única coisa que lhe resta mesmo é ser tia. Eu digo isso porque comigo é assim mesmo que acontece. Trabalho, sou independente e nem minha mãe me dá valor. Parece que só sirvo para fazer companhia a ela. Confesso que sou louca pelos meus sobrinhos. Mas o pior é que minha mãe até deles tem ciúme. Porque aí vem aquela história de mulher solteira morando com a mãe... digo e repito: é melhor a morte a ser solteira morando com a mãe! Elas não deixam a gente viver. Você é que tem que viver a vida delas. Não respeitam os seus gostos, os seus horários... e quando a gente reclama ainda dizem: "a porta está aberta! Não está gostando vá embora". Um dia desses, quando ela teve um gesto desses, eu disse: "não me mostre a porta porque um dia eu saio mesmo". Mas o pior é que ela sabe que no fundo eu só digo... é por isso que repito: a morar com a mãe, sendo solteira, é melhor morrer.

E, aqui, em Maceió, é ruim em todos os aspectos. Amizades você não tem. E as que encon-

tra é cada tipo! Então se você for "zero quilômetro" . . . aí é que está ruim mesmo! E as casadas? o medo que elas têm da gente. correm! Eu não sei porque! Ou então elas têm medo mesmo é do nosso desamparo. É isso; medo do nosso desamparo! Porque sabem que a gente está aí...então é uma ameaça. É por tudo isso que acho ótima essa sua idéia de escrever sobre isso. A nossa condição! Que é péssima e ninguém lembra de parar prá pensar".

Eliza, 43 anos, professora:

"A mulher solteira é uma mulher mutilada. Podada em tudo! Não é valorizada. É privada de viver numa sociedade que só dá valor à mulher que tem um homem. Também com a educação que recebi... tudo era pecado tudo era falta de amor próprio. Mas agora as coisas estão mudando. E mudando aqui em Maceió também. Antes, ser solteira significava ser virgem. E isso era elogiado. Agora, isso é motivo de ridículo. A gente até sente vergonha de ser direita. Porque ser virgem é motivo de troca. Mas as mães solteiras estão aí, elogiadas pela coragem e rompendo a hipocrisia".

Mariza, 46 anos costureira, com instrução a nível de 1º grau:

"Para mim a condição de solteira é constrangedora em todos os itens. Eu não sou a pessoa que gostaria de ser. Não me sinto realizada diante dos amigos, da família ou da sociedade, por causa de suas imposições. Portanto eu não sou eu mesma".

Elza, 48 anos, assistente social:

"Sinto-me relativamente segura, independente e terrivelmente solitária. Segura e independente porque não dependo de ninguém para me manter, mas relativamente, porque diante da sociedade não posso fazer tudo o que quero por causa da falsa moral.

A solidão é a companheira inseparável. As amigas casaram, têm o seu mundo. Há ocasiões que se pode compartilhar com a família, mas o dia-a-dia está dentro de mim mesma, existe numa profunda solidão. Estou acostumada a cada dia fazer um trabalho comigo mesma para que possa suportá-la. Sou difícil de me ambientar, convivo muito com os meus pensamentos e sinto muito falta da presença de um companheiro para passear, sair à noite, ouvir música, compartilhar o dia-a-dia. Por outro lado, a vida me é fácil, não tenho as preocupações com filho e marido. Isso compensa um pouco.

Tenho, às vezes, a preocupação de não ter para quem deixar, por quem lutar, por quem construir, isso materialmente. Essa falta de objetivo concreto e próximo dá uma sensação de vazio.

Sempre me preocupei com minha vida afetiva. Isso é para mim de suma importância. Mesmo que ela não preencha para mim todos os vazios - amor e sexo ou sexo com amor - são parte da vida, mas com um homem só. Nunca me adaptaria a experiências variadas. Mas sou de opinião que a mulher solteira tenha experiência sexual: não concordo com a virgindade. Isso a faz sentir-se menos frustrada, mas mulher, mais satisfeita consigo própria, mais forte que é o mais importante.

A família, a sociedade e até os amigos, são, às vezes, um empecilho à liberdade da mulher sol-

teira, nesse aspecto específico e vital. Quase sempre ela tem que esconder sua vida amorosa. A mulher solteira paga um ônus muito alto para ter um pouco de felicidade".

Ana, 46 anos, instrução universitária, professora e política atuante:

"Eu não casei até hoje por opção. E não tive filhos também por essa mesma opção, embora ache criança um negócio muito bonito. A gente joga na criança um monte de grilos e um monte de frustrações da gente e eu não tenho compromisso de complicar a vida de quem não deliberou complicar. Agora sobre a questão da relação com homens casados — relação, de repente, com mulheres, a pecha de lesbianismo — essa questão existe e agora ela se torna mais saliente com a questão do trabalho. Outro dia, lendo um filósofo — qual deles?, Voltaire — ele dizia que inveja os animais porque os animais não se preocupavam com o que os homens pensavam a respeito deles. De certo modo, isso é interessante! Eu acho que se a gente conseguisse separar da vida esses olheiros — o olheiro que a gente é para o outro, o incômodo que a gente é para o outro e o incômodo que os outros são pra gente — eu acho que a gente seria bem mais feliz. Acredito até que a humanidade vai se sanear, se limpar a esse ponto e ver. Agora é claro: pra levar a vida que eu levo, eu tenho que estar aonde estou, como solteira. Tenho bons relacionamentos com mulheres, com homens casados, com solteiros, com qualquer. Isso é uma coisa que eu acho excelente. E não vou me privar desse direito. Pago caro por essa postura!

Também tenho uns preconceitos de família.

Minha mãe morou aqui comigo muito tempo. Era uma pessoa muito religiosa, cheia de tabus. Alguns eu queimei. Outros, eu penso que queimei e não queimei. E aí tem assim: a figura da matrona que na minha casa me impedia de... de uma aproximação maior. De modo que eu sempre estabeleço relações como se aqui fosse... não sei se por causa dos vizinhos ou da figura da minha mãe que viveu durante muito tempo, vive, apesar de morta e estava ainda muito repressora, muito presente, de modo que não me sentia muito bem aqui. Como não me sinto! Aqui prá conversa, prá bate papo... chego a dormir aqui... nos relacionamentos... mas não chega a ser bom. E aí veja bem: tem umas coisas que eu continuo achando muito antipáticas. Estou na iminência de comprar um terreno vizinho aos meus irmãos; um em frente ao outro. E aí já me incomoda ter que ir frente com frente. Era uma alternativa de uma casa de praia que eu teria, onde eu poderia me sentir mais à vontade em qualquer circunstância. Porra! você não tem nada com família, você não tem nada com vizinho, você é você. Você tem direito! Tem direito ao orgasmo, tem direito à vida, à sua vida, você fecha a sua porta e não tem nada com ninguém. Pintou certa vez um cidadão aí, um homem profundamente fora dos padrões que a gente julga normais. O relacionamento foi curto e profundo. Era um homem que usava coca, tóxicos, mas muito pessoa, muito gente, muito tranquilo. Parceiro muito bom! Então quando acontece um negócio desses existe de tudo. Eu sabia que minha família estava sabendo, a minha vizinhança sabia, eu sabia que estavam vendo, que estava incomodando, mas era secundário. E é por isso que eu acho que depende muito do que a gente quer. O que a gente quer, determina. Mas família realmente tenta impedir porque tem coisas... amigo, por exemplo: agora eu estou com um relacionamento — uma lâstima, não é? — com um jovem. Mas jovem mesmo! E aí entra aquela histó-

ria de coroa com criança. E o preconceito é terrível! Terrível a ponto de me incomodar, de me atormentar. É um relacionamento que não está explícito. Quer dizer: a gente está se relacionando sabendo que... porra! que não tem... veja bem: o menino é jornalista. Pintou por acaso. E aí a gente se deu bem. E foi um negócio assim: tipo de amizade colorida mesmo. Prá mim é uma tortura. Parece incesto! Algumas vezes parece que estou com meu filho. E aqui em Maceió nada passa despercebido. E isso interfere no relacionamento. Sei perfeitamente que me incomoda. E aí eu tenho a impressão — primeiro que isso não é muito forte nele —. É uma coisa boa mas passageira. Eu estou querendo curtir. Tudo tem sido muito rápido. Anos num minuto! Porque está negando prá mim esse direito? Está negando por essas circunstâncias que eu falei. Então, se esse é o preço, vamos lá!

Tem muita gente que me acha muito louca. Mas também não dou muita colher de chá prá ninguém. Quando pinta um negócio desses, como está pintando agora, posso lhe garantir que vou em frente. Eu sinto. Mas eu acho que nós, eu e Maceió... porque você veja: eu teria que ser tão forte, tão forte e encontrar uns relacionamentos também tão fortes a ponto de sobrepujar essa questão em Maceió. Maceió me incomoda, Me incomoda tranquilamente! Têm coisas que são preciosíssimas na minha personalidade e que ficam prejudicadas por causa do atraso. Eu seria muito mais feliz de Maceió estivesse noutra. Quando digo Maceió, estou dizendo as pessoas que vivem aqui. As abordegens, as cobranças... de modo que eu me sinto muito prejudicada. E como profissional ainda é mais sério. Alguns ex-casos chegam até a me dizer: "tenha mais cuidado porque pode pintar coisa desagradável". E a gente sabe que pinta, não é?

Além de ser mulher — como se isso não bas-

tasse como elemento discriminatório — eu sou professora. E a luta do magistério aqui é muito visada. Então eu tenho um monte de limitações para a ação política por causa das duas coisas. E uma terceira é que sou considerada radical. E aí, quando eu levanto algumas questões e argumentos contra os poderosos, dizem: "aquela mal-amada"! Eu acho que não sou bem-amada! E aí eu pergunto quem é. Se ser bem-amada é estar casada com um cidadão, com todo tipo de infidelidade e ter que fingir que está gozando e que tem muitos prazeres... porque está noutra categoria, a das casadas... lembro de quando eu era professora numa escola de 1º grau. As casadas rião de mim. Eu ficava inteiramente à margem. Todas eram casadas e parece que sentiam prazer em comentar sua vida de casada com o propósito de me deixar à margem. Rião às gargalhadas e me olhavam significativamente. E no entanto quantas delas não tinham felicidade... hoje, que já tenho outra vivência, quem gargalha sou eu: quantas delas já tiveram direito ao orgasmo? E de repente, só porque eu sou solteira, arrumo mais essa pecha que anda pelos corredores: a pecha de mal-amada. De repente sou uma mulher vulgar, uma lésbica, uma paqueradora de homens casados, uma mãe solteira, uma prostituta".

Rosa, 30 anos, professora, instrução universitária:

"Essa questão — mulher solteira — para mim não existe. Não me considero como tal, no sentido de "solteirona". Família, amigos, sociedade, não me influenciam em nada. Sinto-me muito bem comigo mesma. Sem recalques, sem frustrações. Se aparecer casamento, tudo bem, se não, tudo bem também. E olhe lá! Vou escolher e muito bem! E pensar também".

Rosa, 39 anos, professora universitária:

"Na minha vida, foi tão grande a luta pela sobrevivência que nunca tive tempo para namoricos. Sinto-me bem como solteira. Muito melhor, eu sei, do que a maioria das casadas que vivem frustradas e bloqueadas pelos maridos mas que, apesar disso, costumam exibi-los como se sua segurança estivesse neles e não nelas próprias. Sim ... sinto-me bem como solteira. Estou independente financeiramente, feliz profissionalmente. Lacunas, quem não as tem? Sinto-me até orgulhosa de mim mesma. Sozinha lutei. Sozinha venci. Não sou apêndice de nenhum homem! Sou respeitada aonde vou. Valho por mim mesma. Não preciso de sobrenome de marido. Tenho meu próprio nome. Não é ele o mais importante? Dirigo minha própria vida, não tenho que viver dando satisfação. Mas sei que isso só é possível porque sou independente financeiramente. Não é porque estou com 39 anos e não casei que vou ficar triste. Toda mulher, numa época qualquer de sua vida, encontra com quem casar. Mas resta saber se é quem ela quer. Então ela não tem o direito de escolher? Tem que aceitar apenas com medo de ficar solteira? é porque tantas agem assim que cresceu a idéia de que toda a mulher, para ser bem sucedida, precisa casar. É bom casar com quem se quer e não com quem aparece! O homem escolhe com quem casar. E por que a mulher também não pode escolher? Enquanto a mulher não se conscientizar disso, estará sujeita a casamentos infelizes. Mas é difícil mudar porque as próprias mães criam as filhas para o casamento. E aí entra a questão da família.

Um dia desses, surpreendi minha mãe com pena de mim porque não estou casada. Como me senti mal com aquilo! Até me surpreendeu mesmo. Eu

não pensei que ela se preocupasse com isso, vez que nunca viveu falando em casamento. Mas no fundo é como todas as mães: filha casada, filha valorizada. Não casei. E não acho isso mau. O que é mau é a carga de repressão que ela jogou em cima de mim! E que me impediu de descobrir o lado prazeroso da vida. Você imagine, Nádia, uma vida só para o trabalho! Agora, o que não consigo aceitar, entender, é, de repente, perceber que ela sente pena de mim porque sou solteira. Comecei a perceber isso quando, em conversa, ela se referiu a "boas moças", porém, que pena, não são casadas"! Usando isso como pretexto para me confortar por não ser casada. E, cúmulo, até explicando o fato como "resgate por erros cometidos em vidas passadas". Então o não casar é castigo! Ah, isso eu não agüento ouvir.

As próprias pessoas não compreendem que "uma moça como eu" não tenha casado. Acham que nunca encontrei. "Coitada de mim"! Coitadas delas que não conhecem o valor da decisão e da escolha. Apenas lamento, nisso tudo, a repressão de que fui vítima. Mas é a vida! Hoje sou consciente desse fato. E sinto que o peso dela é forte demais. Por conta disso, já recebi insinuações até quanto à minha normalidade sexual. Seria eu uma lésbica? Mas talvez o que incomode mesmo as pessoas, seja a minha condição geral de vida — que é muito boa e que foi por mim construída. E nisso está minha felicidade. Seria mais feliz se estivesse com a pessoa de quem gosto, mas isso nada tem a ver com casamento. E não sou do time das que dizem: "se não estou com quem quero fico com quem me quer!". Por que? Para que? Para satisfazer aos outros? E eu mesma, não conto?"

Aline, 42 anos, assistente social:

"Diante da família sinto-me independente financeiramente. Ligada apenas por deveres materiais, culturais e afetivos. Presto assistência material e outros cuidados afetivos. Culturalmente, procuro não agredi-los nos seus valores tradicionais — sem no entanto renunciar às minhas crenças. Isto é, não discuto os valores, porém a minha ação é dirigida para os valores que desejo. Assumo aquilo que quero e comunico justificando a minha decisão. Presto contas para ela. Aprovando ou não, minha família aceita minha deliberação. Participa emocionalmente de tudo o que faço. Coloca-me num pedestal, sendo por isso difícil para mim comunicar os fracassos. Sou um membro decisivo para as questões familiares. Minha opinião e participação financeiras pesam muito para o destino familiar. E, neste sentido, às vezes, a minha vida particular e decisões pessoais ficam sufocadas.

Os amigos me estimulam e respeitam minhas decisões. Sempre conto com eles nos grandes momentos de dúvidas, sucessos ou fracassos, nas alegrias e tristezas. Contribuem para os meus avanços e recuos.

Até hoje sou solteira por opção. Moro sozinha em uma casa própria. Tenho independência financeira conquistada desde cedo pelo trabalho, por competência, sem "pistolões"; poder próprio de decisão política e intelectual. Tenho independência afetiva e de locomoção (sem horário para sair e chegar). Sou profissional liberal. Tenho duas profissões escolhidas por vocação. Através delas adquiri estabilidade financeira em dois empregos fixos e com as obrigações e vantagens sociais de ter carro, casa de veraneio e viajar nas férias. Recebo na minha casa minha família e meus

amigos que eu mesma escolhi. Curto os sobrinhos sem ser tia coruja. Gosto das crianças da vizinhança que me procuram sem transferência ou frustrações por não serem minhas. Afetivamente estou ligada à família e aos amigos. Conto com algumas experiências sentimentais vividas intensamente com sucessos e frustrações superadas. Não casei antes porque a prioridade dos meus planos era a conquista da independência acima referida, como uma questão pessoal e não através do casamento, herança, ou qualquer outra forma. Sinto-me coerente comigo, realizada, faço o que gosto e o que quero e assumo tudo o que faço. Muitas vezes a confiança diminui, falta criatividade e a afirmação se abala. Sinto solidão porém não sou solitária. Busco um par sem desespero nem obsessão. Tenho esperança no amor e o desejo de uma relação verdadeira, inteira, sem mentira, oportunismo ou gratuidade. Às vezes sinto-me como uma "espécie rara" nesta nossa sociedade de, como uma "mulher do futuro", fora do tempo presente. Isso ocorre principalmente no relacionamento com os homens. Suponho que ele se sente ameaçado, inseguro e foge à procura de uma "gata borralheira" ou da "Cinderela". Mesmo assim, ainda tenho expectativa de encontrar um companheiro amigo, amante, que seja livre e responsável e aceite esta "mulher do futuro".

O casamento e a maternidade não fazem parte de minhas preocupações. Porém se acontecer, serão bem vindos. Minha família e a sociedade cobram, pressionam nesse sentido e criam uma expectativa em torno disto. Para mim não é uma questão fundamental. Acredito no amor, na amizade e sobretudo nas pessoas e na natureza. Tenho muitas atividades e ocupo todo o tempo e ainda tenho como lazer, curtir o jardim, praia e cozinhar. O bate papo com amigos regado com vinho e petiscos fazem parte da minha experiência

de fim-de-semana

Acredito e reconheço a força dos movimentos sociais. Porém, minha participação atual se limita à condição de espectadora, sem engajamento, por cansaço e descrédito em demagogias diante da realidade que vivemos. Tenho consciência dos problemas sociais e participo deles porém de forma isolada, pela ação e não pelo discurso.

A mulher solteira, para conviver com esta nossa sociedade, tem de familiarizar-se com alguns preconceitos, falsas interpretações e malícias e jargões expressos até nas músicas populares. Deparei-me com algumas situações:

Falsas interpretações:

- os conhecidos, homens, confundem liberdade com libertinagem. Daí insinuações e propostas para o sexo.*
- A mulher, esposa submissa e dependente do marido é insegura como pessoa e vê a mulher solteira, independente, como rival em potencial.*
- É comum a atitude desta mulher casada de proteger seu homem de forma ostensiva, como um troféu; segura-o pelo braço, troca de lugares, toma postura vigilante em qualquer lugar público, principalmente de lazer como em restaurante, bares, etc.*

Discriminação financeira e malícia:

- Acreditar que a mulher solteira atingiu sua independência através de algum homem: "quem paga suas contas e mantém seus serviços?"*
- Comentários maldosos sobre as visitas que a mulher solteira recebe. Na casa de um casal é normal receber hóspedes sem indagações. Porém, se a mulher solteira receber hóspedes, já se confunde com finalidade sexual.*

- Jargões: (diretamente nunca fui-alvo deles)

Forma de pressão social contra a mulher solteira que além de pagar seu imposto de renda e todas as obrigações sociais, ouve a reprovação da sociedade através de chavões os mais variados:

estética: "bota pô, vitalina bota pô, moça velha não sai mais do caritô".

idade: "coroa", "titia", "vitalina", "são fáceis de levar prá cama e de serem conquistadas porque foram rejeitadas", etc.

sexo: "está em desespero de causa", "aceita qualquer um", "não cozinha mais".

fuga: religião.

Marta, 35 anos, professora universitária:

"Esse tema da sua pesquisa me interessa muito. Já deveria ter sido feito um trabalho sobre isso! Sobre essa questão! Ser solteira, em Maceió, é uma barra. Virgem, ninguém pode mais dizer que é. Faz vergonha! Não é que não se seja. É que as pessoas não acreditam e até zombam. O fato é que as solteiras da nossa faixa de idade, agora, ou transam adoidado ou então partem prá o lesbianismo. Aqui em Maceió, agora, já tem bar de lésbica. Só das lésbicas! Tã um negócio! E quando a mulher solteira fica vivendo assim como eu, na sua, sem essa de transa, seja com homem ou com mulher, causa uma grande estranheza. E como eu gosto muito de viajar pensam que eu viajo para descontar, quer dizer, que eu me viro na Europa, nos Estados Unidos, por onde ando. Ninguém acredita que você viaje prá curtir, por exemplo, a natureza, os amigos, ou pelo simples prazer de viajar.

Você tem conseguido que essa mulherada que tem prá lá de 45 anos fale? Acho muito difícil! É que elas foram muito mais reprimidas do que nós! Dã até pena! É tanta frustração guardada que nem sei como dã prá aglentar. Dizem que eu sou doida! E sabe por quê? Porque eu não reprimo o que sinto em relação à cobrança das pessoas... vivem me arranjando casamento... todo cara solteiro ou desquitado, separado, sei lá — a peste — que aparece aqui em Maceió, as pessoas vêm logo me avisar. Às vezes até por amizade! Mas eu esculacho! Vou logo dizendo: que é isso? não estou necessitada! Quando quiser eu mesma procuro.

Mas de qualquer jeito ser solteira é complicado. Em casa começam a atribuir mil responsabilidades. Aham que porque a gente não tem filhos ou marido, não existe! Isso quer dizer que a gente deve viver prá família inteira. Precisam de dinheiro, correm prá gente. Tem um doente, a gente é que tem de cuidar. Até a casa da gente invadem! Vêm morar também!

Agora o que eu acho mesmo é que a geração atual, essa que tá aí com 15, 18, 20 anos, tá com a bola toda. Mas também estão perdidos! Não tem nada na cabeça! Não aspiram a nada! Eu sempre digo aos meus alunos: "será que vocês não percebem que estão sendo usados? Pela propaganda, pelo consumo..." ninguém imita o que é bom. É um tal de só querer viver o momento... eu não sei... Veja em relação aos Estados Unidos: ninguém imita coisas boas de lá. Porque lá tem coisas boas também. Ninguém pode negar! Mas só se imita droga, punk, coisas desse tipo... o que está faltando mesmo é formação religiosa. E olhe que eu não sou ligada a nenhuma religião. Mas não posso negar que religião dã responsabilidade.

Voltando à mulherada! Tem outra coisa ...

aqui, agora, o negócio é sexo e bebida. O que as mulheres estão bebendo... eu vou te contar. Já tem "os pontos" onde elas sabem que encontram "os caras" que vão procurar "as disponíveis". Então chegam lá... sentam... pronto! é dali prá cama! Tá doido? Não está vendo que eu não entro nessa? Onde fica a dignidade? Está certo que a educação me fez pensar assim! Mas contudo... não sou bicho! Sou gente! Não é pegar o primeiro que aparece a sair por aí. Depois fica largada... o "cara" nem olha prá cara da gente. Ah, não! Eu trabalho, tenho minha vida profissional, não sou rica mas o que ganho permite viver sem precisar de ninguém, fazer minhas viagens... porque também tem uma coisa: ficar somente aqui em Maceió, não dá. Eu fui uma vez a um tal barzinho. Um desses que eu estava contando prá você! Fui uma vez e não vou mais. Avisei prá minhas amigas não me chamarem mais. É humilhante, Nádia! Você precisa ver! Agora pior é o das lésbicas... não caia na besteira de ir lá, porque elas te agarram! Mas sabe o que é essa história de mulher transar com mulher? É a solidão... aqui em Maceió as casadas têm medo das solteiras. As menininhas procuram amizade com as da sua faixa de idade e as de 30, 40 anos ficam cada vez mais sozinhas! Não é todo mundo que aguenta! É até uma questão de afetividade... quando a pessoa menos espera entra numa dessas.

Eu não saio mais de casa à noite. Por que? Os caminhos são dois: ou sair prá beber e depois ir pra cama com uma pessoa que você nem conhece ou ir para o tal ponto de encontro das lésbicas. Como eu não quero nem um nem outro, fico em casa. Por que a gente não pode sair simplesmente prá se divertir? Não tenho nada contra o sexo. Sei que é uma necessidade! Mas não se trata de "dar" ao primeiro que aparece. Então a mulher não tem o direito de escolher? E às vezes você escolhe o

cara errado. Não dá nem prá tentar!" ...

Suely, 43 anos, enfermeira:

"Sinto-me muito bem e plenamente realizada pois minha condição civil é opção livre e consciente. O meu estado de celibatária deixa-me totalmente livre para dedicar-me ao serviço dos outros, o que muito me gratifica. Diante da família, dos amigos e da sociedade, sinto-me tão bem quanto diante de mim mesma. A sociedade ainda olha a mulher solteira com alguns preconceitos! Por isso, para aquelas que não fizeram opção, a situação é constrangedora".

Flora, 34 anos, contadora:

Sinto-me perfeitamente à vontade em relação à família e aos meus amigos. Quanto à sociedade, sinto-me integrada. Não aceito sua interferência na minha vida. Procuro viver o dia-a-dia como se apresenta".

Nice, 37 anos, instrução universitária, professora:

"Uma mulher realizada e bem com a família, os amigos e a sociedade. Sempre fui mais eu do que os outros. Diante de mim mesma, maravilhosa, em paz comigo mesma".

Elisa, 44 anos, instrução a nível de 1º grau, comerciária:

"Não sinto frustração alguma por ser solteira. Talvez por causa da minha profissão que é bastante movimentada. Convivo com o público que é maravilhoso. As horas vagas que me sobram preencho com minha religião com a qual estou bastante satisfeita. E também com minha família que colabora muito comigo para as minhas realizações".

Sônia, 37 anos, assistente social:

"Soube que você fez uma palestra em torno da questão feminina. Lamentei não ter ido. É um tema que me interessa tanto... principalmente no que diz respeito ao problema dos valores. Sabe, Nãdia, eu sempre digo que preciso reaprender a viver. Preciso mesmo! Mas eu teria que morrer para renascer e começar tudo de novo. É uma agonia! A gente não sabe o que fazer para conviver com os novos estilos de comportamento. Estou com 37 anos e é como se nesses últimos dez anos tivesse se passado um século. E isso está me incomodando. Procuro conversar com as pessoas — homens, mulheres, jovens, casados, solteiros — para ver se acompanho e digo: minha gente: me ajude porque eu não entendo mais nada!

No trabalho, minhas amigas são casadas. Os programas são diferentes. E eu sempre vivi para a família. Minha mãe morreu quando eu tinha oito anos. Meu pai não casou novamente e eu, que sempre tomei conta dos irmãos, cuido agora também de um sobrinho, filho de uma irmã solteira. Foi uma criança que eu também assumi. O pai não se responsabilizou e eu enfrentei junto com minha irmã.

Pois bem: na educação desse menino já não sei como fazer. A gente ensina uma coisa hoje e amanhã aquilo já não serve... é tudo tão rápido! Tão diferente! A mulher, sempre tão reprimida que foi, de repente explode. Ninguém entende mais nada.

Nessa luta de família, de trabalho, minha vida pessoal ficou para trás. É isso! Minha vida sempre teve duas dimensões somente: trabalho e casa. Hoje, sinto falta de um companheiro. De alguém com quem dividir minha vida. Mas... quem sabe... a vida da gente dá cada guinada! Às vezes a gente nem espera. Agora, o que me impressiona mesmo é minha situação dentro da minha família. É como se eu fosse o centro do mundo. Eu digo: gente, resolvam vocês essas coisas. Eu não posso resolver tudo. Mas não adianta! É como se em mim eles sentissem uma força maior. E a gente termina tendo mesmo essa força. A gente absorve tanto os problemas — problema de dinheiro, problema afetivo — que acaba sendo o centro das resoluções. Mas o que fazer? É a vida, não é? Mas o problema é que eu quero entender. Afinal isso também atinge o meu trabalho. As pessoas me procuram com problemas e pensam que eu sei tudo, que tudo resolvo. É um conjunto de problemas, uma situação de vida e profissional que estão me empurrando para pensar essa questão: a questão dos valores e da mulher - sempre reprimida dentro deles — numa fase de mudança. E nessa questão, aquela que mais sofre: a solteira com mais de 30 anos. Ela, que fica atordoada sem saber que rumo tomar. Mas o que importa é que ela agora procura seu próprio caminho, decide sua vida".

Anita, 40 anos, instrução universitária, técnica em administração escolar:

"Na família sinto-me muito bem. Não há mo-

tivos para frustrações. Venho de uma família organizada e sem grilos. Diante da sociedade também me sinto muito bem, pois ser solteira não é uma doença. Devemos aceitar os amigos como eles são, isto é respeitando-os e não transpondo nossos grilos, comuns, na vida de solteiro ou de casado. Sinto-me feliz em relação a mim mesma, em casa, no trabalho, em relação à sociedade, enfim".

Maura, 35 anos, instrução secundária, técnica em contabilidade:

"Em virtude de uma certa estabilidade financeira e independência que a mulher solteira adquire, a família exige muito. Não por maldade mas porque vê nela uma tábua de salvação. Pela minha família sou vista como se não tivesse problemas nem compromissos. Apesar de amar muito minha família, às vezes sinto um grande peso e responsabilidade. Só que não guardo pra mim e converso abertamente. Convenço-os que a opção que fizeram foi casar enquanto que eu ainda não dei esse passo. Portanto, não posso assumir os problemas deles apesar de colaborar até um certo limite, orientar e dar apoio. Sinto que sou um pouco invejada. Já os escutei falar que a minha vida é melhor do que a deles. Em contrapartida, indagam quando casarei, se não casarei.

Tenho um grupo de amigos em que a maioria é de solteiros. Aí estamos em casa. Nossos problemas e alegrias são iguais. Em um grupo de casados sinto-me inteiramente bem e normal. Apenas quando o papo gira em torno do relacionamento marido e mulher, filhos, etc., não me diz respeito. Mas me entroso e me enriqueço com o assunto, dou minhas opiniões e sou aceita com muito carinho.

Cada dia está se tornando mais fácil viver

solteira diante da sociedade. Profissionalmente sinto-me respeitada e valorizada. Porém, em termos gerais, ainda existe uma certa marginalização. Os homens se acham, muitas vezes, com direito de conquistar uma mulher e querer ter um relacionamento sexual em vista da mulher ser independente. Sou sempre tida como pessoa quadrada diante deles. Porque na minha cabeça um relacionamento só deve existir depois de um crescimento interior dos dois e desde que exista uma profunda amizade e um compromisso.

Ainda gostaria de me casar. Acontece que cada dia que passa vou mudando minha cabeça em relação a mim mesma, à minha vida. Estou ficando tão arrumadinha financeiramente e adquirindo mais e mais minha liberdade, que começo a deixar em segundo plano essa opção. Chego em casa a hora que quero, vou para onde quero e fico em casa quando quero. Não tenho o carinho nem o amor de um marido. Por outro lado, não tenho obrigações com marido nem com filhos. Já senti muito o desejo de ser mãe mas isso hoje também já está em segundo plano. Já criei irmãos. Sou consciente de que a responsabilidade é imensa e bem mais difícil educar hoje. Existe também dentro de mim uma luta muito grande para acalmar o desejo que meu organismo me faz sentir em relação a sexo. Mas é suportável. E vem também aquela vontade de ter alguém ao meu lado para me dar apoio, carinho, sinto-me fraca desejando alguém mais forte ao meu lado. Sou muito independente e forte. Mas acho que quando se encontra um homem que nos valoriza e ama, vale a pena de certa forma, depender dele".

Sônia, 38 anos, instrução universitária, professora:

"Comparo minha família a uma corrente em que os elos estão sempre juntos e se um, por algum motivo se arrebenta, se separa, todos os outros juntos procuram um meio de reconduzi-lo aos demais. Isso aprendemos com nossos pais que nos proporcionaram sempre, desde crianças, oportunidades de ficarmos juntos. Sempre festejamos todos os eventos, sejam eles sociais, religiosos ou cívicos e sempre acompanhados de muitos amigos. Deste modo, quem vem de uma família estruturada com exemplos de harmonia, paz, união, liberdade e acima de tudo respeito à individualidade de seus membros, sente-se bem em relação a ela, independentemente de qual seja seu estado civil. Não sinto que a minha condição de solteira em minha família, seja alvo de atitudes que me desagradem. Não cobram, não pedem explicações, não interrogam. Atualmente meus pais vivem no interior e eu moro em um pensionato com projetos de comprar um apartamento para morar sozinha. Todos os fins de semana nos reunimos (os que moram aqui) numa praia, num clube ou na casa de cada um deles.

Meus amigos, como gosto de tê-los! Gosto de conservar minhas amizades. Tenho amigos que comungam das minhas idéias, tenho outros que vão mais além, outros ficam mais aquêm, mas sempre existe entre nós muito respeito ao modo de pensar e proceder de cada um e se eu respeito sou respeitada, se compreendo, sou compreendida. Cada um no seu mundo, sem intormissão de terceiros.

Crescemos recebendo influências de vários grupos sociais. Aprendemos a respeitar normas, padrões, valores que nos fazem conhecedores das nossas limitações, que vão aos poucos constituindo o nosso super-ego. Mas com o processo de auto-afirmação, vamos estabelecendo nossos valores

e idéias, nossas normas, vamos quebrando determinados tabus. Em épocas anteriores era mais fácil acreditar e seguir os valores da sociedade. Eles eram mais garantidos, as suas imposições eram mais facilmente aceitas. Hoje não. As mulheres estão mais conscientes de suas necessidades individuais. Elas estão se rebelando contra os papéis que tradicionalmente lhes eram impostos. Daí a necessidade de caminhos mais individuais, de ter cabeça própria, de fazer mais opções em função de nós mesmas, do nosso prazer, do nosso crescimento pessoal.

Sinto-me uma pessoa feliz. Sempre procuro me adaptar às situações, visando o meu bem-estar e conseqüentemente o dos outros. Não sinto solidão pois ela está na cabeça, no interior da pessoa, nós a inventamos. É preciso entender que estar só não é a mesma coisa que se sentir só e isso acontece quando entram em cena nossos sentimentos de rejeição. Sinto-me livre. É imprescindível que nós saibamos distinguir até onde vai nossa liberdade para mais tarde não termos que arcar com situações que venham a abalar nossa estrutura e levar-nos a mergulhar num mundo de ansiedade, tensão e angústia. Deste modo, eu procuro limitar a minha liberdade, vou até onde posso ir e sinto-me livre. Devemos encontrar um meio de equilibrar a redução da liberdade com o desenvolvimento da personalidade individual".

Tânia, 33 anos, instrução universitária, professora:

"Diante da família sinto-me uma mulher de responsabilidade, ajuizada e todos vivemos unidos. Diante dos amigos sou uma pessoa livre, sincera, com amizade sadias e podendo dar um pouco de mim para eles de modo que eles sintam-se bem e mais

amigos agindo com a mesma sinceridade que eu. Diante deles comporto-me como toda moça deve comportar-se: com modos e educação. Não sou de curtir muitos amigos mas os verdadeiros amigos. Junto à sociedade sinto-me uma mulher de nível médio mas um pouco diferente principalmente quando estou junto de alguém que tem um nível mais elevado tanto financeiramente quanto socialmente. Para mim mesma, sou uma mulher segura, divertida, trabalhadora e mais que tudo dona dos meus próprios atos. Por eu ser uma mulher já bem madura, sei resolver os problemas sejam eles quais forem. Mas tenho um pouco de criança em mim porque ninguém vive só de responsabilidade e trabalho. Temos que soltar um pouco a criança que existe em nós".

Comporto-me como toda moça deve comportar-se... sou uma mulher segura, dona dos meus próprios atos". A contradição deixa enterver, de um lado, a conformidade com os valores estabelecidos. De outro, a busca de auto-confiança e de libertação. A absorção dos valores orientando o comportamento social, contrasta com a busca de autonomia enquanto fator demarcador das novas características do comportamento feminino no que tange ao modelo consagrado de felicidade: o casamento.

Marita, 30 anos, economista:

"Diante da família sinto-me um pouco cobrada pelo fato de ainda não ter casado e às vezes um pouco censurada por morar só e tentar ser independente, o que ainda choca os membros da família. Hoje, porém, apesar de me acharem louca por morar só, viajar só pelo mundo afora, etc., acho que se não concordam comigo, já conseguem pelo menos me respeitar e no fundo alguns até admiram a minha coragem de enfrentar o mundo e as coisas.

Apesar de eu ter muitos amigos de vários lugares e de diferentes idades, a maioria deles me faz sentir muito bem pois me dão muita força. Outros, porém, me censuram em determinadas ocasiões mas acabam entendendo. Em relação à sociedade a coisa piora. A mulher solteira é muito visada principalmente numa cidade pequena. Há certas especulações sobre nossa vida e apesar de tentar não dar importância, não deixam de incomodar. Às vezes sinto um pouco de rejeição em certos ambientes onde as mulheres casadas acham que a presença de uma mulher solteira, dinâmica, com uma certa cultura e que não é feia, se torna uma ameaça. Isso naturalmente advém da insegurança delas. Por outro lado, há o grande assédio dos homens de todas as idades e estado civil. Isso às vezes incomoda pois na sua maioria são aproximações que não convêm.

Diante de mim mesma tenho me sentido bem ultimamente pois tenho conseguido realizar grande parte dos meus objetivos com grande confiança em mim. E tenho me sentido gratificada pois o meu valor como gente e como mulher tem sido reconhecido por pessoas que são muito importantes para mim. Por outro lado, o fato de eu não estar com companheiro de maneira estável, às vezes me deixa com uma sensação de que há uma parte não preenchida. Mas isso decorre do fato de que eu decida casar ou morar com alguém. É preciso que essa pessoa realmente preencha as expectativas de uma maneira tal que eu não perca a minha individualidade".

Suzi, 36 anos, advogada:

"Apesar de já ter atingido um nível acima da média de muitas mulheres solteiras da minha clas-

se social, sinto que ainda me falta algo para atingir, uma vez que Maceió deixa muito a desejar principalmente no campo profissional. A sociedade maceioense para com a mulher solteira, tem muito ainda para se aproximar das sociedades mais avançadas, principalmente as dos grandes centros culturais. Mesmo assim, as mulheres alagoanas estão cada vez mais conquistando o seu lugar ao sol quer no campo profissional, familiar ou da sociedade.

Em se tratando de família, a alagoana é ainda mais tradicional e padronizada, chegando às vezes a tolher as aspirações de suas mulheres. Sim, suas mulheres, porque em se tratando dos homens ela é bem mais liberal. Mas a mulher alagoana vai cada vez mais se libertando de certos tabus, acompanhando pouco a pouco as pessoas de outros centros avançados. Em particular, sinto-me dentro da família e da sociedade alagoana, marchando lado a lado com aquelas que querem ver suas ambições e aspirações atingidas, sem contudo menosprezar os seus padrões e tradições, pois cada povo é como é. Mudando com o desenrolar do tempo e do progresso".

Telma, 33 anos, médica:

"Considero que a sociedade alagoana de maneira geral vê a mulher solteira com certa discriminação porque as pessoas, desde as mais íntimas até os colegas, nos cobram frequentemente o casamento. Existem amigas que deixam perceber claramente que nos consideram uma ameaça para o relacionamento com seus maridos. Para mim o estado civil não tem muita importância. O essencial é que estejamos bem com a gente mesmo".

Aparecida, 56 anos, professora:

"Diante da família e dos amigos sinto-me como uma pessoa útil, experiente, a quem recorrem para troca de idéias, conselhos, num relacionamento sério, tranquilo, fraterno. Diante de mim mesma, como uma pessoa realizada. A felicidade independe do estado civil de cada um. Diante da sociedade alimentando a esperança de quem num futuro próximo ela passe a valorizar mais ainda a mulher por sua capacidade de trabalho, seus conhecimentos profissionais que independem de estado civil, cor ou religião. Mas que dependem de espaço maior de tempo para a aquisição e/ou aprimoramento de conhecimentos, atingida, geralmente, em idade superior a 30 anos. Em resumo: que a mulher deixe de ser apenas jovem e bela e passe a ser requisitada por suas qualidades morais e profissionais".

Neusa, 45 anos, instrução universitária, professora:

"Eu nasci aqui mesmo em Maceió, de uma família pobre. Nove filhos — cinco mulheres e quatro homens. Educação da menina e do menino distintas. Uma família pobre que tinha uma concepção de honestidade na vida. Então os filhos tinham que ser figuras diferentes da condição de pobre porque este é desvalorizado. O moralismo da família junto com o moralismo da Igreja — nós fomos engajados pelos pais num trabalho de Igreja, Cruzadinha, essa coisa toda... — infundiu em mim uma concepção de submissão, de mocinha muito pura, de que mulher é diferente de homem. Esse moralismo dirigiu a minha vida um tempo e a minha postura, hoje, é reflexão disso aí.

Na minha casa, na figura da minha mãe, o casamento era o destino da mulher. As filhas dela tinham que se casar. E aí eu comecei a causar estranheza, as outras casaram e eu fiquei. E fiquei professora. Porque a mulher que não casava tinha que ser professora. Tia e professora. Então eu cumpri em parte o destino que a família determinou. Via a satisfação do meu pai e minha mãe no dia em que comecei a fazer o curso de formação de professoras. Em casa eu tive um comportamento diferente do das outras: não muito atirada ao namoro mas ao estudo. Aí passei a ser vista como uma filha acomodada, a boazinha e a quieta. Minhas irmãs casadas me dizem, às vezes: "melhor é a tua vida. Se eu pensasse, hoje não casaria".

Eu acho que o casamento é um processo normal. Não o casamento instituição. Mas a relação afetivo-sexual. Mas nos padrões da família que a gente viveu, no contexto da sociedade que a gente viveu, a relação que vejo é frustração. Mas a sociedade de hoje também frustra a mulher solteira na alternativa de uma relação afetivo-sexual, porque, não passando pelo casamento instituição, a mulher está marginalizada da sociedade. Está marcada. Por isso eu acho um valor aqui na sociedade de Maceió, a mãe solteira ou a mulher solteira que tenta uma vida independente. Porque sempre foi considerado um absurdo a moça solteira montar uma casa sozinha. Então, na sociedade de Maceió, é marcada uma mulher que tenta uma relação fora do casamento-instituição. Eu acho que a mulher tem uma vida sexual prá realizar. Realizar mesmo! E aí? Porque não casou, não tem? E só tem se ela for definitiva? Mas ela é mulher! E submetida aos valores! Mas eu joguei tudo às traças! E parti e vivi! Era o que faltava, entende? Era uma brecha, uma vaga, um buraco. Que precisava ser preenchido! Muito tempo eu questionei. Até que joguei tudo às traças! A mulher solteira, quem

quiser que diga, na minha experiência pessoal, se disser que não sente falta da relação afetivo-sexual, está escondendo o jogo. Porque faz parte da realização total da mulher. Ao mesmo tempo, considero a casada institucionalmente, apenas conseguindo viver um outro tipo de frustração. Para mim, o que determina a minha história de solteira, independente ou assimilando essa compreensão, é que se eu não tivesse tido essa experiência seria incompleta. Incompleta mesmo! Mas não posso dizer que me completaria só nisso. Não é isso que proponho para a mulher de hoje. O que eu proponho é a valorização da mulher participando da política, que não queira ser somente uma doméstica, uma dona-de-casa. Mas de qualquer forma tem as limitações da sociedade. Tem mesmo! Por exemplo: eu brinco, canto, danço e as pessoas dizem: você é uma criatura divertida. Como é que ainda está solteira!?! Porque se fosse como meu pai determinou, eu estaria às nove horas em casa, vendo novela, o mundo rolando e eu? Uma ostra incrustada! Prá mim, isso é que seria anormalidade. Mas a sociedade imperra. Imperra mesmo. Essa dimensão clandestina da minha vida, prá minha vida, prá minha família, seria o fim da picada. Seria! Ela não pode saber. Acaba o mundo, percebe?

Veja essa questão de sobrinho: não sei se é mecanismo inconsciente da pressão da maternidade. Tudo o que eu tinha de ser mãe, já fui. E era um troço! Acho que era uma dedicação de propriedade. E a relação da tia que é mãe é uma relação diferente da tia que é solteira. A gente encontra uma relação afetiva com o sobrinho mas ela não se esgota. É um campo para exercer a maternidade. É uma relação compensatória. Em mim, quando eu fui essa tia, copiando as minhas tias velhas, querendo superá-las... ainda tenho resquícios desse processo todo... Hoje sinto que dei um salto diferente. Mas passei por todo esse processo que a

mulher solteira, em Maceió; passa. "As coitadas"! É um processo de descoberta e de luta que é o social que te dá. Senão você pira! Você endoia e não sai dessa. Então eu acho que é a ação social que você desenvolve que pode aprofundar ou libertar. Eu não vejo hoje a mulher solteira no comum. As "marias da vida" eu encontro! Mas eu vejo também a ação política, a participação. Para mim o rumo é o da participação. Agora, as jovenzinhas de Maceió, fora de Maceió, é outra postura. Abriam a cadeia, sabe? Não tem fiscal, não tem dono, não tem proprietário. Fui fazer um curso em São Paulo. As mulheres ficaram todas juntas num alojamento. A maioria, juventude. Duas coroas: eu e outra. Como elas falavam da sexualidade com o companheiro! Que tranquilidade! Eu participava, ouvindo. A outra, "lendo um livro". Então elas falavam: "essas duas aí, com mais experiência que a gente e não abrem o jogo". E a gente sorria. E esse grupo, a maioria, era centro-oeste e nordeste. Nordeste! Você pegue uma jovem solteira, na faixa dos vinte anos e tem outra experiência de vida. Elas não vão repetir as tias da gente. Essa geração não vai repetir. Porque os movimentos sociais que estão aí impulsionam a mulher para outra postura. E quando a gente decide participar mesmo, a gente termina fazendo um corte. É como eu vejo a mulher se libertando. E as mulheres solteiras do movimento; que alegria de vida".

Vilma, 46 anos, orientadora educacional:

"Sou do interior. Nasci lá. Mas me considero de Maceió porque muito pequena vim para cá. Inclusive sou registrada aqui. Meu pai abandonou minha mãe e então ela veio para cá. Éramos seis irmãos. Morreram três. E hoje minha mãe e minha irmã moram comigo. Minha irmã é solteira mas

tem um filho. Um filho que eu ajudo a criar. Com carinho e amor. Ela teve esse filho e foi uma surpresa para nós. É que ela sempre foi uma moça bem comportada e de repente apareceu grávida. Mas ela é muito calada e nós respeitamos o silêncio dela. Ela já tinha mais de 30 anos quando teve o filho e agora ele está com seis anos.

Tenho uma outra irmã - casada. Eu fui criada posso dizer — com freiras. Morei onze anos com elas. De maneira que toda a minha formação é ligada à influência delas. Estou com quarenta e seis anos e vejo uma enorme diferença entre a "nossa época" dos vinte anos e a época de agora. Os meus namoros, por exemplo: todos sempre terminam quando deixo claro que não aceito "transações". Não aceito, é de mim! Está dentro de mim. Aprendi assim. Agora mesmo: tinha um namorado há oito meses. Em dezembro ele desapareceu. E estava tudo bem! O presente dele para o natal estava lá, guardado... mas ele desapareceu. E eu respeitei o silêncio. Não procurei. Existem os meios de comunicação: telefone, correio, pessoas amigas. Mas só o silêncio! E eu respeito. Também já namorei um rapaz dez anos mais moço que eu. Não deu certo! Eles são interesseiros.

Não me sinto infeliz por ser solteira. Ao contrário! Sou feliz. Trabalho, tenho meu dinheiro, sou também dona-de-casa. Sinto solidão. Mas quem não sente? Sinto solidão principalmente à noite. Gosto de sair, passear na praia, ir a um barzinho... mas as pessoas têm seus compromissos e a gente não vai incomodar. Mas tenho meus afazeres, que são muitos, e então esqueço a solidão. Solidão maior é a de colegas casadas que tenho. Solidão e submissão! Muitas delas não aceitam, não compreendem, que eu possa ser feliz sendo solteira. Mas sou! E não compreendo que elas, casadas, não tenham companhia — conforme dizem em conversa. Tenho uma colega que, além dis-

so, no final do mês ainda tem que entregar todo o dinheiro que recebe, do seu trabalho, ao marido. Até o contra-cheque entrega a ele. Ela, nem ao banco vai para receber o dinheiro. E eu fico me perguntando como isso é possível! Como ela pode aceitar uma situação dessas! Agora estou ganhando bem. Mais adiante vou passear. É só querer. Com meu dinheiro faço o que quero. Ajudo minha família com prazer. Já criei uma sobrinha e estou ajudando a criar esse outro. Mas sinto satisfação. A minha sobrinha reconhece e chega mesmo a dizer que tudo o que é deve a mim. Agora, que sinto solidão, isso sinto! Mas é como eu digo: tudo é a vida. E na vida a gente não pode ter tudo. Já perdi um casamento — uma união — com um homem que gostava de mim. Mas além dele ser desquitado eu não gostava o suficiente dele. Mas mesmo que gostasse! ele sendo desquitado na minha cabeça não dá. Aprendi assim! Por mais que eu compreenda nos outros para mim não dá. Não conheço o sexo. Porque, pra mim, só no casamento. Tenho religião e não pode ser de outra forma. E os homens vêm uma mulher solteira, independente, na minha idade... vêm com insinuações... e hoje você sabe como é... as moças são tão diferentes...

Participo de entidades de classe. Pertencço à APAL — Associação dos Professores de Alagoas — e à AOEAL — Associação dos Orientadores Educacionais de Alagoas. Elas têm me ajudado muito. E me ensinado a lutar pelos direitos da classe a que pertencço. Lutando, lutando, tenho conquistado muita coisa. Os políticos agora já não podem nos enganar como antes. Porque temos consciência e lutamos. Nossa melhoria de salários vem dessa luta. É uma conquista! E com isso toda a vida melhora porque a dignidade da profissão é também a nossa dignidade. E mais independentes ficamos.

Márcia, 39 anos, professora universitária:

"Condição de mulher solteira sem obrigações familiares e com pais já falecidos. Estou sempre colocando-me a serviço dos meus irmãos, hoje todos casados. Apesar de sempre me envolver somente emocionalmente com os problemas deles, sinto-me feliz quando posso ajudá-los. Considero-me detentora de boas amizades e sinto-me muito bem integrada. Acredito até que sou um pouco ingrata pois sou mais procurada do que procuro. Sou respeitada profissionalmente e como pessoa humana. De maneira geral, acho que a sociedade está procurando evoluir mas ainda continua muito presa ao tradicional. Vejo também, com tristeza, a evolução em certo sentido aliada à perda de valores éticos, que, se conservados, não significariam um tradicionalismo inaceitável.

Diante de mim mesma sinto-me feliz e satisfeita. As grandes perdas da vida sempre em impulsionaram para frente. Levando-me a formular novos objetivos e chegar a opções bem definidas de formas de vida. Acredito que a religião tenha influenciado de certa forma essa minha maneira de agir".

Mara, 34 anos, instrução universitária, professora:

"Diante da família sinto-me responsável. Atribuem a mim uma espécie de consultoria, buscam apoio. No entanto assumem também uma atitude de proteção. Os amigos me vêem como independente, sociável, gostam de minha companhia embora reconhecendo em mim uma pessoa de valores tradicionais. Diante da sociedade sou uma pessoa atuante, participativa, vivenciando as mudanças da

época no sentido político, econômico e social. Diante de mim mesma sinto-me uma pessoa responsável. Busco a realização como pessoa e como mulher".

Lenita, 32 anos, instrução superior, professora:

"Minha mãe não me educou, nem às minhas irmãs, para o casamento. Nunca ouvi dela: "quando você se casar..." ou aquela frase de consolo: "quando casar, passa".

Com dez anos incompletos fui para um colégio em Salvador. Foi idéia de uma tia freira que arranhou uma bolsa de estudos num dos melhores colégios de Salvador. Como éramos pobres, minha mãe aceitou, mas não impôs. Perguntou-me se eu queria ir, e eu, sem pensar muito, aceitei. Sofri um pouco com a falta de casa e o regime do internato mas fui aglntando. Foi uma tia quem me incentivou, por volta dos 14 anos, a namorar com algum rapaz de boa família, já que ela procurava me aproximar de colegas ricas com quem passava fins-de-semanas. Mas não senti interesse por nenhum. Era tímida. Vocação religiosa também nunca tive. Sõ quando deixei o colégio, aos 17 anos, foi que me apaixonei pela primeira vez. Apesar dos meus pais não proibirem, a família toda, inclusive a tia freira, fêz uma pressãozinha, dizendo que eu ia estragar minha vida casando cedo. O rapaz era de origem humilde, sem emprego fixo, recém-saído da Escola Técnica Federal. O namoro não durou muito. De lá prá cá namorei bastante; mas sempre buscando um ser perfeito; bonito e inteligente, que compreendesse minhas idéias, dialogasse comigo, se interessasse por meus pensamentos. Bem, sempre atraí exatamente o contrário: bonitos, sim, mas problemáticos, egoístas, ignorantes que não me atraíram nem um pouco para o

casamento. Os casos mais sérios de paixão, quando eu tentava me anular ao máximo para menter o namoro, resultavam numa frustração muito grande. Era um alívio, quando acabava. Eu achava que estava me livrando de uma boa. Sempre me julgava superior àqueles tipos e se eles não valorizavam uma mulher como eu, não eram dignos de mim. E assim fui esnobando todos eles. Vale salientar que na maioria, os meus namorados sempre foram mais novos que eu. Nunca senti atração por homens mais velhos.

Devido à frustração de não ter namorado certo, como algumas das minhas amigas, fui desenvolvendo um desprezo pelos homens, considerando todos eles seres egoístas, imaturos que só serviam para reprodução. Até acalentei por algum tempo o desejo de ser mãe solteira.

Não falei ainda de meu pai. Marido fiel, dedicado ao lar. Pai carinhoso. Nunca nos castigou. Hoje, refletindo porque continuo solteira, critico meu pai, considerando-o incompetente. Ela, com seu temperamento mais agressivo dominava as discussões. Talvez ele não tenha contribuído para formar na minha mente o modelo masculino perfeito. E no meu subconsciente ficou a idéia de que só por um super-homem valeria a pena trocar minha condição de solteira.

No período da Universidade viajei bastante porque cantava no coral. Fiz parte de grupos de jovens. Frequentei boates, festas. Sempre em contato com muitos rapazes. Por isso não me sinto frustrada. por não ter tido ocasião de namorar. Tive bastante!

Em dezembro de 81, casou-se minha irmã mais nova, com 21 anos. Foi o maior acontecimento na família. Em março de 82 casou-se a segunda e em novembro, meu irmão, o terceiro. De todos esses casamentos participei dos preparativos com entu-

siasmo. Aí ficou a expectativa: só faltava eu, a mais velha, com 30 anos. Mas eu não estava nem um pouco preocupada. Achei ótimo ficar sozinha, já que meus pais moravam fora da cidade. Mas como a casa não era minha, era deles, e eles manifestaram o desejo de voltar a morar na cidade, tratei logo de procurar um lugar só meu. E hoje vivo num apartamento alugado. Justifiquei meu desejo perante a família dizendo que se todos os meus irmãos tinham sua própria casa, eu não ia ficar esperando que um príncipe encantado me oferecesse uma. Eu mesma cuidaria disso.

Tenho várias amigas solteiras que deixam transparecer a preocupação porque não se casaram ainda. Mas eu preencho minha vida com tanta coisa que acho até graça quando abordam esse assunto. Talvez pelo fato de não ter sido nenhum namorado sério, acho que não encontrei ainda a pessoa ideal. Se eu não perdi nada, por que me preocupar? Hoje me considero mais amadurecida para o casamento. Acho que estou no ponto certo. Minha opinião a respeito dos homens melhorou consideravelmente. Como faço alimentação natural, pratico controle mental, preocupo-me com minha espiritualização, não me considero velha e acho que casando-me antes dos 40 anos, ou até mais, poderei gerar filhos saudáveis. Diariamente faço a oração para encontrar a metade da alma é, se for vontade de Deus, encontrarei. Caso isso não ocorra, não ficarei frustrada porque estou certa que fiz todas as tentativas.

Quanto a filhos, gostaria muito de gerar um. Educá-lo. Mas vou me realizando com meus sobrinhos e um deles, especialmente, considero meu filho espiritual.

Mas que faz falta um companheiro, isso faz. Aquele companheiro com quem poderíamos dividir tanto, nossas palavras, pensamentos e até o silêncio.

Sempre estarei esperando-o, até o final da vida. Também faz falta como companheiro para distrações, pois às vezes fica chato sair sozinha e voltar tarde. Quanto a desejos sexuais acho que sublimi-me-os. Os contatos dessa natureza sempre me decepcionaram. Sempre me resguardei de uma entrega total. Não valia a pena. "Dar pérolas a porcos", para que?

Não invejo minhas amigas casadas. Algumas delas vivem tão mal! Se há pessoas que me cobram um casamento, há muitas que aplaudem minha solteirice. Dizem que estou muito bem assim. Que posso aproveitar melhor a vida, fazer o que bem quero. Mas há aqueles que desejam sinceramente que eu me case e seja feliz, pois mereço. E me animam.

Acho que nunca serei a típica solteirona da família pois estou sempre preocupada em melhorar como pessoa para ajudar meus familiares e à humanidade de um modo geral. Para isso considero indispensável a minha independência. Se eu vivesse na casa dos meus pais, às voltas com irmãos, cunhados, sobrinhos e outras obrigações familiares, talvez eu me sentisse desgastada por não ter vida própria. Como moro sozinha, posso dedicar-me às atividades de que mais gosto sem ser incomodada. Além do trabalho frequento reuniões de cunho espiritualista e de controle mental. Adoro cinema, teatro, shows de música popular, concertos, praias, andar a pé, de bicicleta, brincar com meus sobrinhos, fofocar com as amigas. De vez em quando, vou a bares com amigos.

Há seis meses não namoro. Os últimos me fizeram ver que não devo aceitar qualquer um só para não estar só. Tornei-me mais exigente. Espero que o meu próximo namorado tenha coisas em comum comigo. Já não quero os rapazes bonitos e "sexyies" porém imaturos e irresponsáveis, que me distraíam mas que nada me acrescentavam. Na verda-

de, casamento não é a minha meta prioritária, no momento. Estou muito preocupada em melhorar a minha situação financeira, para comprar meu apartamento e viajar. Mas se o "príncipe" pintar, tudo bem. Estou disposta!

Augusta, 30 anos, estudante universitária:

"Diante de determinados valores que me foram impostos, sinto que tenho muitas vezes de abafar meus desejos. Os valores são tão enraizados que chego até a me revoltar.

Vejo que na minha geração o índice de mulheres solteiras é grande. Mas pelo que percebo todas são felizes pela maneira como vivem, ou seja, livres, sem compromisso, salientando que o que fornece essa estabilidade vem a ser o fator econômico, profissional.

Como mulher que sou, jamais gostaria de pensar em casamento como forma de resignação. Pretendo seguir sempre em busca do melhor, ou seja, não me incomodar pelo fato de não ter um lar ou um marido. Mas sinto falta de alguém com quem divida meus problemas e me faça companhia.

Quanto à minha família, sinto que minha mãe cobra "se não quero casar". como também amigos (poucos, pois já têm uma visão de que o casamento não é tudo e daí até me ajudam) e a sociedade, essa sim, cobra tudo do indivíduo, pois está permanentemente ligada a uma estrutura arcaica, onde a mulher sempre foi a escrava do homem, para cuidar dos filhos e da casa. Atualmente o relacionamento entre o homem e a mulher vem sofrendo transformações, pois a mulher já reivindica seus direitos buscando seu lugar na sociedade para que também possa trabalhar, passear, etc. Daí, com

essa abertura, os casais já optam por se separar amigavelmente. E há pessoas que até já fazem opção pelo não casamento pois este não passa de um contrato muitas vezes por conveniência.

Pretendo um dia dividir minha vida com alguém, pois desejo ter um filho. Nossa sociedade é tão forte não terei estrutura de assumir sozinha. Mas independente de casar ou não, quero ter meu lugar e enfrentar meus pais, pois a mentalidade deles é que a mulher só sai de casa para casar e eu não penso assim. Hoje chego a conclusão que o importante é buscar a nós mesmos em cada coisa que fazemos".

Alzira, 42 anos, instrução secundária, professora:

"A mulher solteira deve ir em busca de sua realização pessoal. Muitas delas não sabem o que acontece no país ou no mundo. Deve estar preparada para enfrentar a vida sozinha, sem ninguém que lhe atrapalhe a liberdade. Deve ser independente, morar sozinha, querer um caminho só dela para melhor desfrutar de sua liberdade e viver bem.

Às vezes sinto solidão e as pessoas que convivem comigo não preenchem a necessidade de uma troca de idéias, de um relacionamento mais profundo. A mulher solteira é muito visada pela sociedade. Tudo o que faz é logo atribuído à sua condição de solteira. Mas o importante é não perder de vista que, hoje, por ser independente financeiramente, ela pode dar à sua vida o rumo que quiser".

Áurea, 40 anos, advogada:

"Junto à família a mulher solteira é tida como um poço de disponibilidade. Na medida em que você é solteira seus problemas são menores, seu tempo é múltiplo, sua liberdade é total. Enfim é uma folgada. Sua vida é boa. Então a solteira paga o preço dessa condição sendo solicitada até para absorver as frustrações matrimoniais já que sua cabeça não acumula problemas e a sua recusa ou reclamação eventual podem representar "o nervosismo da coroa". Os amigos, se casados, parecem de perto com a família. Há casos em que pretendem dividir com as "títias" até a curtição dos filhos. A "tia" é alvo de carinhos, de presentes, mas, a sua vida, o seu descanso, ficam comprometidos com as fantasias dos outros. A ala mais moderna reconhece na solteira alguém apto para se desenvolver, crescer e contribuir para a mesma sociedade, sendo capaz de se realizar plenamente.

Em relação a mim mesma, meu trabalho, minhas opções, sinto-me perfeitamente tranqüila. Falta apenas um pouco de independência para que possa me realizar e conseqüente realização. É exatamente o cuidado em não parecer ingrata, egoísta, que muitas vezes leva a essa relação de dependência ou mesmo de sufoco que se instalou no seio das estruturas mais íntimas. Compreendemos que as pessoas não deliberam pela exploração. De repente até nos consideram tábua de salvação e no fundo provavelmente sentem uma inocente vontade de trocar de vida. Já que não podem, transferem".

Alda, 31 anos, instrução secundária, professora:

"Ser ou não ser solteira? Creio que nin-

guem idealiza ser solteiro. Mas mesmo assim, ficar solteira é uma situação como outra qualquer.

Uma moça que tenha mais de 30 anos e ainda não casou, no palavreado popular "ficou prá titia". Eu tenho mais de 30 anos e ainda não encontrei nenhum homem que tenha aquele "thã" para ser o meu companheiro ideal. Também não é fácil encontrar alguém que seja o protótipo dos homens. Mas isso não é tudo: tenho tanta coisa importante no dia a dia, que as necessidades afetivas e sexuais não me tocam. O que dá problema mesmo é o lado financeiro. Uma pessoa solteira, que não tenha problema financeiro, no tempo de hoje não é carente de nada. Poderá até ter filhos quer sejam nascidos dela ou não. Creio que tenho muitas boas razões para ser uma tranquila "solteirona".

Joana, 31 anos, assistente social:

"Eu sempre quis morar sozinha. Tenho vários irmãos, todos casados. E você sabe... depois que os filhos casam, "a casa da mamãe" passa a ser "a casa da sogra". Qualquer problema, qualquer passeio, jogam lá os filhos. E a irmã solteira fica sem espaço. Vê a casa que é sua, invadida. E não pode sequer reclamar. Sequer pedir silêncio. Se o fizer, logo fica sendo considerada a "solteirona neurótica" que a todos neurotiza. E eu gosto de ler, de meditar, de ouvir música, de comida vegetariana... principalmente pela alimentação não dá prá viver com a família. Assim estou muito bem no meu apartamento. Quando quero conversar ou quero companhia, vou à casa de minha mãe. As vezes convido meus irmãos para irem à minha casa. E vou levando.

Mas eu sempre vivi longe de casa. Morei sete anos fora, em outro Estado. De modo que minha fa-

mãe nunca me pressionou. Até me admira pelo fato de eu dar conta, sozinha, da minha vida. E eu não tenho nenhum problema de falar sobre a minha experiência de solteirona. Acho até que as mulheres que colocam a sua solteirice como tema tabu, são vítimas de tão alto grau de repressão, que nem percebem. Dá até pena! Por que eu não vou falar da vida que levô? Se não falo é porque me incomoda e com isso demonstro que não assumo.

Sandra, 33 anos, instrução universitária, professora:

"A religião teve um efeito catastrófico em minha vida. Meus pais são protestantes. Mas eu nunca quis ser protestante. Sou católica. Meus pais são pessoas muito simples. Tenho outra irmã, também solteira e de difícil convivência. É mais velha que eu. Mas eu sempre tomei a iniciativa de tudo. Em casa acham que sou um exemplo e meus pais têm absoluta confiança em mim. Mas isso me sufoca! Não me deixam viver. Já quis sair de casa mas minha mãe chegou ao ponto de dizer que se eu saísse ela morreria. É uma chantagem muito grande. Veja você, Nádia: comecei a trabalhar muito cedo. Com sacrifício, consegui construir uma casinha na praia. Mas não tenho o direito de ir quando quero. Porque em casa exigem que eu só vá acompanhada. E para evitar maiores problemas, me submeto. É tudo muito difícil. Na minha casa, nem televisão podemos ter. É que a religião dos meus pais não permite. Mas de uma coisa estou certa: quero ter um filho. E não posso esperar muito porque já estou com 33 anos. Um filho é o que mais desejo na vida. Mas não quero um filho sem pai. Acho difícil arcar sozinha com a responsabilidade. Por outro lado,

sei que vai ser difícil ter esse filho. Já tive duas oportunidades de me casar mas não quis porque os homens não correspondiam ao que eu esperava deles. E sei que fica sempre mais difícil. Agora eles só querem sair e ir para um motel. Sair, bater um papo, isso para eles é somente o começo da noite. E eu não sou depósito de esperma! Sinto necessidade de sexo, sim. Isso é normal. Mas minha educação não permite que eu faça sexo por fazer. Há! uma coisa que a gente não pode deixar de notar nos homens hoje: interesse pela situação financeira da mulher. Às vezes eles procuram para casar uma que os sustente. Um dos casamentos que recusei foi por isso. Percebi que ele queria casar comigo porque eu já tinha meu trabalho certo. Porque mesmo não sendo rica, vivo com independência, pelo menos nesse ponto. Mas é tudo tão difícil lá em casa, Nádia".

Ana, 34 anos, professora universitária:

"No prédio em que moro não conheço ninguém.. Mas todo mundo conhece e sabe da minha vida: a hora que chego, a hora que saio, tudo. É uma vigilância total. Ser solteira em Maceió é uma barra! E quando a mulher resolve morar sozinha, logo pensam que o que ela pretende é transar adoidada. Os homens "investem" logo. E a gente começa a se sentir desrespeitada porque percebe que não tem sequer, o direito de decidir sobre a própria vida. Além de tudo, você sabe... com a educação que a gente teve... não consegue se libertar no sentido de ter uma vida sexual. Por outro lado, a gente passa a sentir medo que descubram que a gente é virgem. Ninguém acredita. E no entanto, eu me lembro, por exemplo, de quando menstruei pela primeira vez. Tinha treze anos e para mim foi uma experiência terrível! Enquanto durou

a primeira menstruação, fiquei de cama. Porque para mim era doença e sujeira. Ainda hoje sinto nojo de mim nesse período! E naquela primeira ocasião minha mãe não explicou nada. Disse somente que agora todo mês eu passaria por "aquilo". E que eu precisava guardar segredo prá ninguém saber. Especialmente meu pai, por ser homem. Dessa maneira, como conseguir ter uma vida sexual saudável quando aprendemos tanta coisa errada sobre ela? Os bloqueios logo aparecem. E fica difícil viver. Mas agora as coisas estão mudando! Um dia desses eu conversava com uma amiga. Médica ginecologista. Sabe o que ela me falou? Que no consultório dela não aparecem mais virgens. E as que aparecem sempre estão acima dos 30 anos. Que a tendência até, é para que nessa faixa de idade sejam sempre virgens. Acho que isso mostra como as coisas estão mudando. E é bom que mudem, Nádia. — Porque se a gente parar prá pensar, sexo é uma coisa muito bonita. E necessária. No entanto a gente aprendeu o contrário. Outro dia, conversava com uma outra amiga, uma bióloga, a esse respeito. E ela me falou: "a natureza é uma coisa maravilhosa. Você não imagina como é bonito o processo que desencadeia a menstruação! Todo o organismo se preparando para receber e promover a vida"! Mas não foi assim que a gente aprendeu. E o resultado é que vivemos desperdiçando a vida. E educação, você sabe, a gente carrega a vida inteira".

Lúcia, 37 anos, instrução universitária, inspetora escolar:

"Sinto-me bem como solteira. Sem o desejo ardente de mudar de estado civil tendo em vista as opções que a condição de solteira me oferece: livre arbítrio usado com consciência e ponderação. Mas sinto uma ponta de inveja daquelas que usam o

amor livre (com apenas aquele que gosta ou pensa que ama). Mas cadê coragem para enfrentar as possíveis conseqüências? Por enquanto estou nessa: faço ou não faço? E o tempo está passando..."

Rubenita, 35 anos, instrução superior, professora:

"A mulher solteira, hoje em dia, é sinônimo de liberdade. Conquistar um espaço é uma tônica constante, pois já se foi o tempo da mulher se comportar como uma coisa miúda.

A família é uma questão que sempre levanta polêmica. Está muito desarticulada quando se tem em mente a promoção do ser humano. Gera angústia, tensão, frustração. Às vezes, sinto-me deslocada diante desse sistema ditador, repressor. Reconheço que o respeito à ela se faz necessário, mas que estamos todos em relação a ela, esgotados. Procuro novos e sólidos ideais que me preservem e não me anulem. O casamento, só nessa condição".

Rosa, 42 anos, enfermeira:

"A mulher solteira, por um lado, é constantemente cobrada em relação ao casamento. Por outro, se opta por ficar solteira, não é compreendida e negam-lhe o direito de opção. É importante que a sociedade esteja sensibilizada para admitir as ações e não fique cobrando uma opção diferente. Opção, para mim, é escolha do candidato certo e não do que aparece".

Ângela, 46 anos, instrução superior, professora:

"Sou feliz como estou. Com minha família e os meus amigos. Com relação à sociedade em que vivo, será que algum dia alguém já pôde responder que é feliz? Nela, apesar da mulher solteira já ser aceita como um ser que pensa, ainda existem preconceitos que a própria mulher solteira aceita sem luta para modificar".

Vera, 30 anos, psicóloga:

"Diante da minha família, sinto-me muito cobrada, exigida e, porque não dizer, explorada. Pois acham que eu, na condição de psicóloga e espírita, tenho a obrigação de resolver os problemas de todos que os jogam, realmente, em minhas mãos. E o pior: sem questionar se posso ou não, se tenho ou não condições de resolvê-los.

Já a sociedade, de modo geral reprime muito a mulher. Os amigos também exigem um pouco. Contam-me seus problemas na intenção de que eu os resolva. Alguns poucos é que demonstram querer saber se a gente está bem, se necessita de ajuda, de uma palavra de estímulo. Diante de mim mesma sinto-me bem, pois estou cada vez mais me libertando de preconceitos e evoluindo. Aos poucos estou conquistando meu espaço e, ao meu ver sem pisar os outros. E tenho certeza que com a ajuda de Deus chegarei aonde desejo. Para isso estou lutando, melhorando cada dia mais também espiritualmente".

Antonia, 38 anos, instrução secundária, costureira:

"Eu sou do interior. Mas, mocinha ainda, vim para Maceió com meus pais. Moro nessa casa há 15 anos. Faz três anos que minha mãe morreu. Aqui nessa casa. Sinto muito a falta dos meus pais, de minha mãe principalmente. Mãe, você sabe como é. Agora eu me sinto muito só. Crio meu afilhado desde pequeno. Mas agora ele já está rapaz. Já tem seus amigos e breve casa. Não é assim, a vida? Mas eu rezo muito. Peço a orientação de Deus. Peço principalmente saúde para poder trabalhar. O que ganho é muito pouco. Não dá para viver. Fiz o segundo grau completo. Gostaria de continuar mas não posso. Só poderia fazer uma faculdade à noite. Mas é paga. E é caríssima! Como eu ficaria com dinheiro para minhas outras despesas? Casa, alimentação... e eu não tenho ninguém por mim. Poderia ter me casado! Fui noiva, mas não deu certo. Ele casou com uma moça amiga minha. Já estão separados! E então eu penso: se eu tivesse me casado com ele, isso seria comigo. Mas até hoje me dou bem com ele e até digo: "você não toma jeito mesmo.

No tempo em que eu era noiva dele, todo dia me entregava nas mãos do padre Cícero. Pedia a ele que olhasse por mim e que se eu não fosse ser feliz naquele casamento, que ele fizesse com que se acabasse por si mesmo. Pois assim aconteceu. Foi durante um carnaval. Ele marcou o dia pra eu voltar. Mas eu resolvia ficar mais um dia. Quando voltei ele veio "bronquear". E então eu disse que ele gostasse ou não, seria assim. Que eu não tinha feito nada de mais. O fato é que ele não gostou mesmo. Então eu acabei. Depois ele voltou a me procurar. Minha mãe ainda era viva. Eu pedi a ela que dissesse que não sabia aonde eu estava nem quando voltaria. Ele compreendeu e pronto. Mas

também... com os casamentos que eu vejo por aí... as mulheres que eu conheço: olhe, Nãdia, é uma coisa de dã pena! Você sabe que os maridos além de terem outra, ou de serem brutos, ou de ganharem muito pouco prá sustentar a família, ainda tomam conta do dinheiro delas? Assim, de chegar o fim do mês e elas terem de prestar conta a eles! Do que ganham com o seu trabalho, o seu esforço! Quando eu vejo isso... eu pelo menos não tenho que dar satisfação a ninguém. Sou dona da minha vida! Sinto falta de uma companhia. Mas na vida não dá para ter tudo. E Maceió você sabe como é: a moça pobre, direita, não sente vontade de sair. Porque toda diversão é cara. E ficar só andando por aí... o que eu quero mesmo é poder comprar minha casa. Olhar o futuro com mais confiança e ter saúde. O resto... acontece".

Vânia, 41 anos, instrução universitária, professora:

"A família é o maior problema que enfrento, visto que morando em casa dos meus pais, (minha situação econômica não me permite ainda possuir minha própria casa) vivendo certos problemas com os quais gostaria de não me envolver, mas por força das circunstâncias sinto-me obrigada a fazê-lo, fico com minha vida pessoal muito limitada e condicionada a dos demais.

Tenho poucos amigos com os quais me sinto muito bem e sou bem aceita na condição de solteira. Mas, diante da sociedade, infelizmente a mulher solteira ainda não é bem aceita como deveria. Ela ainda é vista com muito preconceito pela nossa sociedade.

Houve uma fase na minha vida, como na vida de toda moça normal, em que sonhava casar, ter casa, marido, filhos etc. Porém, com o passar do

tempo esse desejo foi diminuindo, de modo que hoje, com a situação difícil que atravessamos, do grande número de casamentos fracassados, do seriíssimo problema que se enfrenta para criar um filho dentro de uma sociedade tão desumana, desmoralizada, maldosa e que se corrompe assustadoramente, cada dia mais eu me considero feliz na minha condição de mulher solteira".

Sônia, 37 anos, instrução universitária, professora:

"Adquiri independência financeira há muitos anos e atualmente moro sozinha. De início, minha família não aceitava muito. Mas agora está acostumada com a idéia.

Sinto-me bem com a vida de solteira, apesar de ter momentos de solidão. Tenho minha liberdade dentro dos padrões tradicionalistas pois tive uma educação muito rigorosa e sou católica praticante. Nunca tive experiência sexual pois sou muito exigente comigo mesma, apesar de aceitar e compreender quem tenha vida sexual livre. Cada um deve fazer aquilo que lhe faz bem e de acordo com sua consciência. Sou contra aqueles que não assumem o que fazem. Nunca pensei em ter filhos solteira, pois acho difícil arcar com a responsabilidade sozinha. Principalmente para quem não dispõe de um bom salário, como é o caso do professor. Isso, sem contar os problemas sociais que enfrentar. Também não aceito muito a idéia de morar com alguém tão importante para mim a ponto de me fazer romper com os padrões sociais tradicionalistas. Apesar de já ter estado prestes a casar e de já ter morado um ano no exterior, esse é o meu depoimento real".

Gina, 40 anos, instrução universitária, professora:

"Na condição de mulher solteira, sinto-me muito bem. Independente, autêntica e muito satisfeita. Em uma cidade como Maceió, ainda existem restrições e um certo preconceito. A sociedade, a família, cobram casamento sem saber se é isso mesmo que queremos. Mas em cidades mais adiantadas, isso já era".

Marineide, 37 anos, economista:

"A família, os amigos, a sociedade, cobram o casamento. Sinto-me bem em relação à minha consciência, mas um pouco só em relação à sociedade a que pertenço. Com relação ao casamento sinto-me mais exigente em termos materiais e pessoais a cada dia que passa. Portanto, a questão não é casar por casar, mas sim, escolher bem".

Salette, 36 anos, assistente social:

"No ambiente familiar sou considerada mulher independente e em perfeito convívio com a família. Mas a sociedade não me faz sentir em condições de dizer realmente o que sinto e fazer o que tenho vontade sexualmente. Mas estou lutando para competir em condições de igualdade e ter o meu espaço próprio. Independente de casamento que, para mim, não vem em primeiro lugar".

Lúcia, 32 anos, bióloga:

"Existe uma pressão violenta da sociedade sobre a mulher no que diz respeito ao casamento. Mulher que não casa é mulher marginalizada. Estou com 32 anos e até pouco tempo atrás eu não conseguia conviver bem com a idéia de não me casar. Mas aos poucos fui modificando minha forma de encarar o problema e agora já posso afirmar que superei. Estou formada, indo bem no meu trabalho — que está me dando alegria e realização — e sinto que os planos que faço hoje para minha vida são planos que só envolvem a mim mesma. E eu já nem sei se quero me casar... Mudei minha concepção de vida, de felicidade! Mas até que isso aconteça, se a gente não tiver uma estrutura muito forte, não agüenta ficar solteira. Porque a sociedade cobra! Até mesmo em casa! Tenho um irmão que não gosta de mim. Não me suporta! E eu sinto que vai muito por aí, por essa história de casamento. Agora que ele está vendo que estou indo bem no meu trabalho, obtendo êxito, está modificando o comportamento comigo. Mas antes ele até dizia: "você está pensando que eu vou fazer alguma coisa por você, não espere"! Como se eu esperasse!

Mas é isso... felizmente mudei minha cabeça e sigo adiante, construindo minha vida. Casamento não é tudo. Hoje sei disso, com certeza! A mulher tem outros meios de se valorizar. O problema acontece porque ela é educada para o casamento. E se ele não acontece... mas as coisas estão mudando muito. E essa mentalidade há de acabar".

Fabiana, 55 anos, assistente social:

"Só vejo um problema em ficar solteira: as

exigências das mães e da família em cima da gente! Acham que porque a gente é solteira tem obrigação de arcar com toda a responsabilidade em relação aos problemas que aparecem. Minha mãe é de uma exigência a toda prova. Por ela eu não viveria mais a minha própria vida. E meus irmãos concordam! Por mais que eu faça é sempre pouco. E eu preciso viver, ter minhas atividades fora de casa. Fui habituada a trabalhar fora, viajar... e a vida de solteira é boa em si mesma. Não é não ter marido que traz problema! O que traz problema mesmo é a mentalidade das pessoas que querem determinar tudo o que fazemos. É preciso que a gente lute pra não se deixar dominar. Não casei para não ser dominada. Sempre prezei muito minha autonomia. Como posso deixar que minha vida seja dirigida pelos outros, nessa idade é independente financeiramente? E também tenho minhas necessidades pessoais de distração, passeios, convivência com outras pessoas além de minha mãe. Mas eu luto! Ajudo a todos sou boa para ela, minha mãe, mas continuo lutando para sobrar um espaço para mim. E essa não deve ser uma luta só minha. Mas de toda mulher solteira para se fazer respeitar".

Natália, 30 anos, psicóloga:

"Tenho 30 anos. Minha mãe tem 52. É moça. Meus irmãos e irmãs são casados. Eu comprei uma casa para morar sozinha. Então minha mãe largou a casa dela e veio morar comigo. É um inferno! Muito absorvente! Não me deixa viver minha vida. Não posso dar um passo, sequer. Eu digo a ela: "a senhora é moça, viva a sua vida e deixe que eu viva a minha". Mas não adianta! Não tenho gosto nem de decorar a minha casa como gostaria. Ela modifica tudo. E ainda se queixa às minhas irmãs que

acham também que eu devo me dedicar à minha mãe. E a minha vida? Sou solteira, tenho minha independência financeira, não tenho o direito de viver? Não quero casar por casar! Quero escolher ou não. Quero viajar, passear e sendo solteira posso fazer tudo isso. Mas não é assim que pensa a família a respeito da mulher solteira. Se a gente não lutar muito para se impor... eu estou lutando.

Tereza, 60 anos, analfabeta:

"Eu nasci no interior. Toda a minha família é do interior. Com a idade de cinco anos perdi meu pai. Aí chegou meu sofrimento. A minha mãe foi morar numa fazenda. Então, o homem, na fazenda, não aceitava mulher sozinha, sem marido.

"Eu sou viúva, meu senhor. Quero trabalhar, chegar num canto que me respeitem, onde eu possa criar meus filhos". E por aí minha mãe sofreu muito.

A minha irmã mais nova casou. É mãe de vinte e um filhos. Eu não casei porque não tive tempo de namorar. Eu não tinha tempo de pentear o cabelo, de chegar no portão, eu não tinha tempo de nada nessa vida. A minha vida era prá trabalhar e nada mais. A minha vida foi uma tristeza tão grande, tão grande... eu nunca achei na minha vida uma pessoa que dissesse assim: "Mais que negrinha engraçadinha"! Nem eu me enamorei nem ninguém me namorou. Porque eu não tinha tempo de me ajeitar prá chegar no portão e achar ninguém que me achasse engraçadinha. Nem bem eu chegava no portão e gritavam: "o que é que você está fazendo? A moça prá casar não precisa chegar no portão. Vamos: acabar com essa história de portão". E assim foi a minha mocidade. Nas casas das famílias. E quando eu fiquei grande mesmo, com 19 anos, saí dessa família. Eu pensei: não dá certo. Aí fui prá outra

casa. Na minha vida trabalhei em três casas. Muito tempo em cada casa. Na última envelheci. De modo que não casei porque não achei. E não achei porque não tive tempo de procurar. Mas não acho que casamento seja coisa boa! Eu não vi beleza nos casamentos da minha família. E eu não vivia só querendo achar um rapaz prá me casar. Eu queria melhorar, D. Nãdia! E só via tudo de pior a pior nos casamentos da minha família. Muita fome e as minhas amigas... os maridos separados delas e namorando... e eu pensava: Deus me livre, meu Deus. E fiquei mesmo com medo da história de casamento! Não via beleza no casamento daquela época. As mulheres apanhando na cara... casava tudo com o pé no chão e com poucos dias estavam no maior martírio com aquelas criaturas.

O tempo que trabalhei nas casas de família nunca tive papel assinado. Lavava roupa, trabalhava e nada. Trabalhava prá dar o sangue! A patroa viajava e a casa ficava comigo. Ela voltava e estava tudo na mais perfeita ordem. Não tinha folga. Trabalhava como escravo. Tomei conta de criança. Fui copeira, cozinheira. Eu era uma criatura seca, sem prazer na vida. E assim eu trabalhei... e assim eu vivi. Alegria, nunca tive tempo de sentir. Eu visto porque me dão. Eu calço porque me dão. E assim foi sempre. Viver... vivi! Mas somente porque nasci e tive que cumprir a vontade de Deus".

Luiza, 65 anos, analfabeta:

"Eu nunca quis casar. Porque eu acho que a vida de casado é um tormento. Pior que a vida de solteiro. Porque a gente quando é solteira, garota, jovem, nessa idade mesmo de 15, 16 anos até uns 20 anos, a gente está na mocidade e quer um namoro, um piscado de olho, não é? Mas eu não gostava! Por causa da falsidade. Minha irmã foi noiva em casa

do meu pai, o noivo chegou na casa do meu pai por duas vezes. Na terceira vez ele casou. A minha irmã não saía de casa. Não é que ele fosse um elemento ruim. Não. Ele era um homem de seu trabalho. De sua casa. Viveu com minha irmã dez anos. Depois de dez anos ele falhou dentro de casa. Comendo na hora certa como era, dormindo na hora certa que era... tudo isso ele falhou. Então minha irmã não era dessas mulheres de andar brigando, com ciúme, isso ou aquilo outro, então quando foi um dia ela disse: Luiza, você fique aí com as meninas que eu vou saber que "empalhe" é esse do Manuel. Então ela saiu. Quando chegou no trabalho dele ele estava sentado — que ele trabalhava numa estação — com uma perna em cima de uma mulherzinha, ela catando cafuné nele, ela viu ele. Mas ele não viu ela não. Então minha irmã disse: "o empalhe dele é esse! Manuel nunca falhou dentro de casa. Agora na hora do almoço não vem mais almoçar, na hora de jantar não chega, na hora de dormir vem atrasado e tudo isso. Então o empalhe dele é esse mesmo. Então eu vou procurar o meu destino e deixo o destino dele. Pronto. E a vida de minha irmã foi essa. Apanhou uma toalha, botou na cabeça e foi dizendo prá nós que ia curar a cabeça que estava com muita dor de cabeça. E que cura de cabeça foi essa que ela foi prá casa de meus tios, em Viçosa e nunca mais voltou prá casa. E lá, a mulher do meu tio escondeu ela de modo que a gente nunca mais viu essa minha irmã. Então ela foi viver trabalhando no serviço dela, cuidando da vida dela. Os meninos ficaram com ele. Minha irmã disse: eu não vou levar nenhum. Fica tudo na conta dele. Ele resolva o problema da maneira que ele resolver. E também separou-se dele para toda a vida. E por causa disso nós tivemos muito desgosto em nossa vida. E por causa disso eu não quis saber de nenhum perto de mim. Não adianta, minha filha. Pro-

curar sarna prá se coçar... é melhor ficar solteira, livre, desimpedida. E quando morrer não tem conta a dar a ninguém. Só a Deus! Não é? Pois a questão é essa! Nós amamos todo mundo, somos filhos de Deus, somos amigos, portanto todos nós — seja branco, seja preto, pobre, rico, nós amamos todos. E graças a Deus ainda não me arrependi de está morando numa casinha dos outros, pagando caro mesmo, mas não estou arrependida. Eu vejo tanta mãe de família maldizendo a vida. Tantas... e eu só tenho prá carregar uma cruz! Posso ajudar meus irmãos. Ajudar os outros a carregar a cruz. Até o fim. Não é assim que ele quer? Amaí-vos uns aos outros como Ele amou. Pode ser amargoso, doce, pode ser como quiser! E se for casado, carregado de filhos, chama nome, roga praga, maldiz a vida, como está um corpo desse? Como tá um espírito desse? Como está uma alma dessa? Tudo pesado! Em vez de ir ficando mais maneiro tudo vai ficando mais pesado. Assim... a gente sozinha, não! A gente não tá rogando praga... eu até hoje nunca roguei um perigo aos meus vizinhos, mesmo que fale de mim, eu que me importo? "Tão ruim que nem se casou! Vitalina! "De vitalina não passo! Sou feliz! Aqui mesmo a minha vizinhança já falou assim. "É tão ruim que não arranjou nem um "Cangão" — com licença da palavra — prá se ajuntar". Eu sou feliz porque não tenho a quem maldizer. Não é melhor tá sozinha, sacudo minha saia e não cai poeira? Do que está com dois, três, quatro, cinco filhos, chamando apelido brabo? O marido que possui na sua casa, o varão que tem, que reconhece que é Deus que dá, rogar as piores coisas prá ele? Prá que isso? É melhor está só. Muito melhor! Eles, os vizinhos, falam que eu sou uma vitalina que não sabe de nada, quando estão prá lá, arrelhando, dizendo palavras grosseiras com os filhos e a gente dá um conselho prá vê se aquela arrelia diminui, aquelas palavras pesadas, então eles dizem: "você

sabê o que é menino, como é que você pode conhecer?.. E eu digo: "Prã gente conhecer as coisas, os pesos, não precisa a gente praticar. A gente não é tão burra que não entenda! Da convivência dos casais, das pessoas unidas e das pessoas desunidas. Dos modos de tratar, de falar com seus próprios filhos, não condená-los mas também saber exemplar o inocente". E eles respondem: "você sabe nada! Uma vitalina velha que nunca teve filho prã saber!" Mas eu já lutei com filhos dos outros. Nunca tive nenhum, nunca possuí marido, mas lutei muito com os filhos de minhas patroas e nunca tive o que dizer. Todos me queriam bem! Agora hoje, nessa idade, não quero bem nem a mim! Quero bem a meu trabalho que me dá meu futuro! O mais... cada um no seu cantinho! A gente trabalhando é melhor do que parado. Porque parado até os membros param, não é? E até hoje o que posso contar a senhora é isso, D. Nádia. Às vezes eu maldo que se tivesse casado, tido filhos, hoje teria alguém prã me ajudar. Eu medito nessas coisas e ao mesmo tempo eu digo: meu Deus, nem todo mundo dá uma sorte certa. Às vezes medito a minha família todinha, solteiros, casados, esse desvio da minha irmã, então eu imagino assim: meu Deus se eu tivesse — que as vezes eu gostava de brincar muito com as minhas amigas de trabalho e cada uma dizia uma piada — uma dizia assim: daqui pro fim do ano eu arranjo um cego, um aleijado e me caso; outra: dizia: se você tivesse um cego e um aleijado o que é que você queria? eu respondia: nem um cego, nem um aleijado. Eu quero um trabalhador. Eu não quero branco nem preto mas quero um moreno. Cada uma dizia uma coisa. Aí eu dizia assim: bem eu vou dizer uma coisa a vocês. Cada uma tem uma opinião. Eu prefiro também um trabalhador lá das mandiocas do que mesmo um pracista. Porque o pracista tá acostumado na roça. Tudo isso a gen-

te imagina! às vezes imagino: meu Deus, se eu tivesse arranjado uma pessoa prá tomar conta de mim, na minha mocidade... mas nunca tive paixão por essas coisas. Nunca tive! Nunca gostei de ninguém. Palestrava... assim, não sabe? Com os conhecidos mesmo. Com um irmão, com um amigo. Mas não com intenção! De maneira alguma! Às vezes reunia uns amigos, batia papo, mas eu não tinha intenção em nenhum. Ainda hoje tenho amiga que ainda é solteirona também. Solteirona... às vezes a gente se encontra e fala assim: mas mulher, tu não se casou? Ficaste solteirona? e ela responde: "pois é, fiquei vitalina. E não é melhor do que está arrastando uma cachorrinha com uma cordinha?" E ficamos lembrando as outras. Olhe aí a Fulana. O marido tá prá lá, ela prá cá. Ela já tá com bem uns três. Ele com bem umas quatro. E às vezes a gente diz assim: mas meu Deus, se eu tivesse arranjado um homem prá minha companhia, tivesse filho, meu Deus, eu hoje passo privação sozinha, imagine se tivesse filho! Eu já criei duas crianças, por sinal três. Na minha convivência. Se por acaso eu tivesse com essas crianças... Já lidei muito com crianças. Entre pobres e ricas. Tanto que eu perdi até o gosto. Se por acaso eu arranjasse um homem que me desse o pão de cada dia, que me desse um amparo da noite, que me desse um filho ou dois, eu já não tinha mais nem gosto. Já lidei com criança que caiu aqui. Eu não sabia quem era pai, nem mãe, nem nada. Mas não tinha quem socorresse. E eu lutava com eles na maior satisfação. Eu não tinha galardão prá dar. Tinha a graça de Deus prá nos ajudar. É prá passar fome, vamos passar fome. Mas você morrer à mingua, não morre não. E eu acho que se eu tivesse arranjado um homem, tivesse me dado filho, hoje talvez a minha vida fosse muito grifada. Pior do que a que eu tenho... às vezes quando eu não estou no ponto de saúde, de trabalhar, fico me xingando. Me xingo! Meu Deus, tra-

balhei tanto na minha mocidade e o que prosperei foi cansaço e mais cansaço! Dores e cansaço. Mas não tem nada. Vem a dor e cansaço... Deus aliviará! Pois bem: ai eu imagino que se eu tivesse um filho, esse filho poderia ser de outra rama que não fosse a minha rama, de um sangue que não fosse unido ao meu, talvez fosse mau e viesse me estrompar depois e desconhecêr que o nosso superior é Deus prá prestar uma conta e não uma condenação negra. Então eu estou satisfeita não tendo nenhum. Porque quem arranja homem arranja filho. E eu não estou arrependida não! De jeito nenhum! Principalmente hoje que estou nos meus sessenta e lá vai anos... não, não tenho mais paixão por nenhum... de jeito nenhum. Às vezes o pensamento da gente atrai muitas coisas mas a gente lembra que tem um superior, o nosso Deus, que nos livra de certa decadência, de certos mau... a pessoa sair assim... não é? se encontrar com uma coisa que não tem futuro nenhum e cair no abismo. Por que se a pessoa sai sem destino a passear, vem uma influência, vai caminhar, distrair-se, naquelas passeadas pode sair umas coisas que a pessoa não é de acordo. Um abismo! Porque quem muito anda não encontra coisas boas. Eu nunca gostei de andar de noite. Mesmo quando eu trabalhava. Preferia até deixar serviço embaixo dos balcões, escondido das patroas, contanto que não andasse de noite. Tem mulheres que são muito exageradas outras não. São comportadas em sua vida. E são pessoas que são tão jovens. Já avançadas — dos quarenta prá os cinquenta anos e vivem na mesma vidinha. Agora muitas exagera. Mas acho que já é de nascimento... não é certo nem ignoro! Porque uma mulher não comportada é porque a criação dela, os nervos dela, não são uns nervos brandos. Nem que ela se trate nos remédios, nos médicos, os nervos dela são sempre alterados. São aqueles espíritos

muito alterados, não são espíritos calmos, que sejam domesticados. Porque um espírito domesticado não pode fazer uma carne apavorada. A pessoa trabalha muito, faz sua mortificação por que sabe que tem precisão de mortificar uma carne... a gente se conhece. E a gente, quando está fora do limite, deve pensar e estudar. Eu não fui criada assim. Muitas vezes quando eu estava na minha idade de 20 anos, 25, 26... por aí assim, quando eu estava naquela vida com minhas amigas, minhas colegas — 4, 5, 6, 7, — cada uma batendo papo, dançando, falando sobre namorado, como moça, não é? eu achava que fosse uma vida... tinha umas calmas e outras que eram muito atiradas. Isso porque as famílias não se preocupavam, não domesticavam, não davam disciplina.

E o que posso dizer. D. Nádia, só é essa altura que estou alcançando... às vezes lhe digo: meu Deus, só queria achar uma pessoa prá conversar assim à noite, contar a situação que a gente passa, o sufoco que a gente passa e não pode conversar com ninguém... conversa sozinha mesmo... o mundo é tão pesado prá gente arrastar, as escadas pesadas... Nosso Senhor nos ajude, meu Deus, nessa tarefa tão dura! Sinto solidão sim! Porque quem sabe ler e sabe escrever, escreve um bilhete, recebe, aquilo já é uma alegria! Telefona... mas se nem conhece os números... já conversa... isso tudo é uma vida! E a gente não se sente isolada. Como eu me sinto! Tenho uma amiga que me deu uma bíblia. Eu pego e que tristeza! Ainda mais com a vista velha... estou com a vista tão ruim..."

Dulcinéia, 66 anos, instrução: 19 grau:

"Tudo no meu tempo era difícil. Casar então...

a família decidia tudo. A gente não tinha voz ativa. Hoje não! As mulheres estão aí... pouco se importando com o que a família pense ou deixe de pensar. Casam com qualquer um! No meu tempo o noivo tinha que ser muito tudo; muito branco, muito educado, de muita boa família. A família é quem escolhia, encaminhava... por isso nós não casamos. As que eram mais espertas e tiveram mais sorte, conseguiram. Mas as que — como eu — eram acanhadas, se submetiam a tudo para não contrariar, para essas o que restou? enquanto jovens está certo, tinham o carinho da família que na época não era como agora. Os parentes se procuravam, se estimavam, se consideravam. Tios, sobrinhos, primos, tinham valor uns para os outros. Hoje não: ninguém nem se conhece quanto mais dá valor... e com o passar do tempo, hoje, o que sobrou para mim? Cuidar da minha mãe e viver a vida dela? Reconheço que ela sempre foi muito boa e faço isso com amor. Mas ainda sou moça! E enquanto ela viver, mesmo doente naquela cama, tenho companhia. Mas e depois? Vejo as minhas primas: coitadas, estão numa situação pior do que a minha que pelo menos tenho um futuro garantido: casa própria, casa alugada e um dinheiro no Banco. Não sou rica, mas posso viver por minha conta. E elas, que nem uma casa têm? Eu não entendo com era a cabeça do meu povo! Acho que era a época... O tio... tinha uma situação que não era ruim. Houve até uma época em que teve muito prestígio político. Arranjou emprego pra muita gente. Menos para as filhas. Resultado: elas não casaram e hoje estão aí, sem marido, sem emprego e até a terra que tinham, acabou. Enquanto isso, aquelas para quem meu tio arranjou emprego estão estabelecidas, ganham bem. E as filhas estão aí, coitadas! Dependendo da irmã que casou — a sorte é que é muito boa — e dos sobrinhos para o aluguel da casa. Comigo isso não aconteceu porque herdei alguma coisa que pessoas que me queriam bem

deixaram para mim. Mas se não fosse isso... hoje ninguém mais conta com ninguém! E se fôr mulher e solteira então é que está ruim mesmo. Se tiver dinheiro prá viver ainda não passa tanta humilhação. Mas se não tiver...

De qualquer forma hoje é melhor. Tem muita coisa errada mas também tem muita coisa boa. Cada um escolhe o que fazer com a própria vida. Dê certo ou não dê certo, foi a própria pessoa que escolheu. E você não fica com aquela sensação de ter tido a vida interrompida".

Lana, 90 anos, professora de línguas:

"Sou de uma família de 6 irmãos. Quatro homens e duas mulheres. Meus irmãos casaram e profissionalmente foram bem sucedidos. Um é médico, outro general de brigada, dois outros funcionários da Alfândega. Eu e minha irmã não casamos. Sempre fomos mais de estudar. Principalmente eu. Minha irmã sempre foi muito inteligente. Mas muito retraída. Eu não! Sempre fui dada ao público. E meu pai estimulava isso em mim. Não deixava sequer que minha mãe me desse alguma tarefa doméstica. Dizia logo: "mas você está tirando a menina dos estudos?" E eu vivia assim: estudando, lendo. Lia muito romance. Minha mãe também gostava de ler romance. Eu lia, estudava piano, canto, línguas. Sempre fui professora de línguas, português, francês, inglês. Até que descobri o teatro! Teatro é a minha vida. Sempre fui muito ativa, participante. O fato de não ser casada facilitou muito minha vida, minhas atividades. Porque quase sempre marido atrapalha a vida da mulher e faz aumentar as preocupações. Você sabe como é: ele faz exigências de um lado e os filhos do outro. A mulher solteira é muito

mais livre.

Eu gostei de um primo, sim. E hoje estaria casada com ele se não fosse a educação das moças daquele tempo. Um dia descobri que ele tinha outra namorada. Então rompi. Eu não o queria dividido. Se não podia ser somente meu, então eu também não o queria. Ele voltou a insistir. Procurou-me muitas vezes ainda. Mas eu não quis mais. Havia perdido a confiança. Hoje, moça nenhuma agiria assim como eu agi! Elas não se importam; só não querem perder! Sei que a minha vida, se tivesse casada, seria outra. Mas não sei se seria melhor! Acho que não seria. Eu teria me aniquilado! Intelectualmente ele era a minha antítese.

Depois dele eu tive um "flerte". Mas também soube que tinha outra. Então eu não quis mais. Ou era meu ou não era! Mas as mulheres não agem assim, hoje. Pensam que casamento é lucro! E eu não sei se é... Para aquelas que pensam assim... Sempre fui muito feliz. Nunca senti solidão. Sempre tive muito amigos que me consideram até hoje. E tive muita sorte nessa questão de família. O estímulo do meu pai foi muito importante. Ele era um entusiasta das letras, das artes, do jornalismo. Minha mãe também estimulava. Minha vida foi sempre voltada para os estudos, para a vida fora do trabalho doméstico. De modo que sempre me senti feliz com o que fazia. Sempre tive uma finalidade na vida. Agora vou voltar a estudar canto e no próximo ano vou encenar uma peça. Já minha irmã sofre muito de solidão. Sempre foi esquiva. Sempre teve um círculo muito restrito de amigos. Quando vou a alguma exposição de pintura penso nela, tem talento, poderia expor o que pinta e cultivar mais essa arte. Mas ela também sempre foi mais doméstica...

Sofia, 39 anos, professora universitária:

"O filho que eu tenho — diz Sofia, — não veio por um acaso. Nem por acidente. Eu realmente, um belo dia, resolvi ter mesmo. E fiquei pasma com a atitude das outras pessoas em relação a uma coisa que era minha e que estava me dando tanta alegria! A minha tristeza foi da não compreensão das pessoas. De repente me olhavam como se eu estivesse cometendo um grande crime! e o corpo é meu, eu posso usá-lo no bom sentido — entende? O filho é meu... mas eu procurei compreender. De acordo com a nossa educação as pessoas têm que ser assim mesmo, não é? Nós temos uma educação muito cheia de tabus, de preconceitos, com certas limitações... as pessoas parecem que colocam um molde na existência do outro... os nossos pais... colocam um molde na nossa existência! Mas eu assumi realmente meu filho. E daquele tempo prá cá — meu filho está com 12 (doze) anos — as coisas aqui em Maceió melhoraram muito pouco. Ainda há um forte preconceito. Isso, mesmo no meio em que nós vivemos. Mudou muito pouco. As pessoas começam a querer esconder — esconder que tem um companheiro —, como se o amor fosse um negócio abjeto. E por que esconder? Porque não casou? São essas coisas, Nádia, que eu ainda não compreendi! Eu nunca associei a idéia de filhos a casamento. Sempre vi em primeiro lugar o amor. Sempre fui apaixonada pelo amor. Casar prá ter filho, aquilo não estava na minha cabeça. Nunca me preocupei no sentido do casamento em si. Período de namoro, período de noivado, período de casamento... prá mim, realmente, nunca existiu isso. Racionalizar aquele amor, calcular... aquele amor tipo câmbio, troca... porque hoje a gente não leva dote, mas pensa: o que ele tem? é formado?

Os meus pais, apesar de serem semi-analfabetos, sempre foram pessoas muito abertas. Fomos

criados de maneira muito livre, entende? com muita naturalidade das coisas e ambiente com muitas festas. Tanto que ainda hoje moramos todos próximos uns dos outros.

Mas essa geração de agora, apesar de tudo, está compreendendo melhor a coisa. Vê com maior naturalidade! Não sei se é um verniz, superficial. Mas se não for superficial as coisas melhoraram mesmo. Porque Maceió é um lugar bom da gente viver! Se houvesse uma melhora no pensamento das pessoas, no sentido de ver as coisas com maior pureza, seria melhor prá viver em sociedade. Mas apesar de tudo isso, Maceió nunca chegou a ser obstáculo para mim. Vivo aqui como viveria em qualquer outro lugar. O essencial é que a gente viva mesmo! Bem com a gente mesmo! Eu nem sei porque ainda insistem nessa palavra solteiro! As pessoas ficam ali, bloqueadas! E a gente nota mesmo aquela pessoa triste, com aquela fisionomia triste! Às vezes até são áridas para o outro. Se tornam agressivas prá outras pessoas e infelizmente é por àquela sua condição. É o problema do não casar. Porque a pessoa não casou vai ficar numa situação de morto vivo? Cria um bloqueio ou então veste uma capa de borracha que a chuva bate e não penetra? Então a vida é de vegetal! Isso não é um viver. Por que as pessoas se condicionam a isso?"

Suzana, 35 anos, instrução a nível de segundo grau, professora:

"Como mãe solteira no começo foi uma barra. Muita responsabilidade, sem a ajuda de ninguém, principalmente da família. Dos amigos, graças a Deus, eu sempre tive muita ajuda. Principalmente no trabalho. Conto mais com os estranhos do que

com a própria família. Mas me sinto bem como uma mãe solteira. Infelizmente o casamento em Maceió pesa muito. Mas eu não consegui me casar...

Passados os nove meses da gravidez, fui prá maternidade com um pessoal conhecido e tive minha filha. Minha irmã ia lá. Mas eu sempre estava só. E até agora é difícil criar e ser mãe solteira na sociedade de Maceió. Sempre existe preconceito. Principalmente da parte dos homens. Eles só querem a gente prá conhecer. Depois que conhecem, deixam. Quando tive minha filha, tinha trinta e três anos. A minha infância não foi muito boa. Fui criada com minha madrasta. Lá em casa achavam que eu só devia namorar prá casar. Só era prá levar um rapaz prá porta se fosse prá casar. Mas eu acho que casados são aqueles que bem vivem. E lá em casa era assim: moça só sai prá o colégio e prá casa ou prá o trabalho. E sempre gostei de passear, de dançar, de fazer amizade. Quando eu era nova e não trabalhava, não era independente, tinha medo. Não tinha emprego, não é? Mas eu sempre pensei em casar como manda o figurino. Tudo bonitinho! Mas eu não sei se pelo fato de ter crescido sabendo que meu pai morava com uma mulher que não era casada com ele, achei, quando me entendi de gente, que o casamento não era o importante. Mas onde eu moro uma mulher só não pode viver. Tem muitos preconceitos! Quando eu cheguei logo com minha filha, muita gente não falava comigo, porque eu era uma mulher só. E com uma filha! agora já me aceitam mais. Aos poucos estão me aceitando. Porque vêem que não sou vulgar. Porque eu acho que o sexo é uma coisa bonita! Fazer sexo só por fazer, eu não faço. E agora principalmente para não prejudicar a minha filha. Eu quero que ela cresça sabendo que a mãe dela lutou, foi uma mãe solteira, lutou e se respeitou. Principalmente por causa dela. Mas se eu fosse sozinha, sem filho, a situação era igual.

Porque existe muita mente suja. Se uma moça morar sô acham que não é mais moça. Mesmo que ela seja! Se chega uma pessoa, um amigo, uma amiga, acham que é alguma coisa. Aqui em Maceió vivem a vida dos outros. É por isso que existe muito preconceito. Eu não. Eu gosto de fazer o que faço. E assumo! Mas é assim: aqui existe muito preconceito com uma moça e com uma mãe solteira. Uma moça assim: depois dos 20 anos. Porque acham que devia ser casada. Com 18... se ela passou dos 20, dos 30 e não casou, eles ficam com preconceito, com besteira. Você é solteira mas tem sua vida livre. Se estuda, se vai prá qualquer lugar, se faz o que quer... é melhor do que certos casamentos. Agora eu, como mãe solteira, sempre achei muito apoio nas casas dos estranhos. Não é fácil a gente viver solteira, com filho. Da família não tive apoio. Mas sempre levantei a cabeça. Já as colegas de trabalho sempre me deram apoio. Ainda hoje me dão. Mas minha família não. Acham assim: que sô porque a gente errou... que o casamento está em primeiro lugar. Se for casado eles ajudam. Se não for casado... eles estão sempre deixando de lado. Mas a gente chega lá um dia, não é?

Rita, 31 anos, assistente social:

"Em Maceió, os valores e padrões morais que modelam o comportamento das mulheres solteiras, são muito rígidos. A criança nasce e seu primeiro grupo repressor é representado pela família na figura dos pais. O sistema de repressão é um constante em nossas vidas. A mulher solteira procura se restringir visando encontrar um dia um casamento que lhe dê direito à procriação. Ocorre a transgressão. Mas para a concepção local, a prática do sexo fora do casamento desencadeia a pros-

tituição.

A mulher solteira quase sempre evita emitir opiniões sobre relacionamentos que possa ter, com medo da censura e dos rígidos padrões. Se frustra para se manter digna das migalhas das atenções. Passa a ser mera espectadora da sociedade onde vive. Essa é a grande verdade: ser mãe solteira em Maceió, é ser discriminada no duro.

Em particular, diante da minha família, sinto-me bem. Esse aspecto quase não se discute e se acontece é envolvido por uma gama de respeito ao direito do ser individual.

Diante dos amigos sinto-me péssima, pois é aí que estão os mascarados. Os hipócritas, aceitam sem aceitar, interrogam sobre cada passo, condenam toda e qualquer ação, investigam todo o caminho percorrido.

Diante de mim mesma sou uma lutadora, porém frustrada, apesar da família não constituir barreira para minha vida. Aguardo ansiosamente um casamento para não chegar ao fim da vida sozinha. Saber que estou só é péssimo e pensar no futuro com solidão é, pior ainda. Depois, além de ser solteira sou mãe. O filho a toda hora exige de você que tem que ter um pai presente em sua vida, que o pai de seu colega deu um presente, foi passear de carro com ele, enfim, é uma eterna cobrança. Com relação a afeto é um eterno egoísta. Não divide você com ninguém e se o faz é contrariado. Por outro lado, você fica querendo lhe dar mais atenção e carinho para não constitui-lo em personalidade carente. Daí começa o sofrimento e acaba a vida. Economicamente também você fica restringida para melhor atender o filho. Enfim, não vale a pena ser mulher solteira principalmente sendo mãe. É barra, uma só pessoa desempenhar papel de duas!"

Denise, 36 anos, instrução universitária, professora

A princípio, a mulher solteira se sente diante da família como uma coisa pecaminosa, suja, vergonhosa. Causadora de transtorno para ela é rejeitada pelo ambiente que julgava seu ponto de apoio. Porque as pessoas vêm no nascimento de uma criança que não resultou de uma assinatura de papéis, um erro. Até os amigos rejeitam sua amizade. Como se fosse um crime o nascimento da criança!

A sociedade rejeita e vê com maus olhos a mãe solteira. Como se ela fosse criminosa! As portas são fechadas e as que se abrem pedem algo em troca. É como se a dignidade fosse mercadoria. Mas ela não estando à venda, vem a humilhação, a frustração por não conseguir o que de direito lhe pertence. Começa o sofrimento e este leva ao desespero tão tamanho que a gente chega a perder a fé. E o retrato da mãe solteira é tão mal retocado que até lhe dão outro rosto: triste e amargurado".

Viviane, 40 anos, instrução universitária, professora:

"Ser mulher solteira hoje em dia, não é tão sofrido como antigamente, quando as mulheres viviam escravizadas a uma série de conceitos arcaicos, estipulados por uma sociedade machista e preconceituosa que as transformavam em bonecos que eram manipulados em favor de uma falsa moral, salvadora das aparências. Hoje ainda se enfrenta problemas dessa natureza embora sejam mais suaves uma vez que a cada dia a mulher vai conquistando o seu espaço. No meu caso como mulher solteira e

mãe de um filho de 10 anos, sinto que esse espaço que hoje ocupo na vida, foi sem nenhuma dúvida conquistado através de um grande esforço pessoal tanto em relação à família como em relação à sociedade.

Quando há dez anos passei a ser mãe solteira, não me sentia preparada para isso, pois ainda me sentia muito ligada à minha família, através da educação, dos conceitos e de certos valores existentes dentro do próprio círculo familiar, das pessoas, enfim, da sociedade e do próprio meio em que vivia. Paguei por isso um preço muito alto, por essa "ousadia" ou seja por esse "escândalo", como afirma bem a família e os preconceituosos. Assumir um filho sem ser casada, há 10 anos passados, ainda era uma barra pesada na cidade de Maceió. Toquei o barco prá frente e com o passar do tempo descobri que foi através dessa experiência gratificante que aprendi a me conhecer melhor, a gostar mais de mim e a me ver não só como mulher mas também como uma pessoa que é capaz de lutar e conquistar o seu lugar na vida. Como aceito perfeitamente a minha condição de mulher solteira e mãe, sinto que atualmente também sou aceita pelos meus familiares, amigos, colegas de trabalho, enfim, por essa sociedade que parece, hoje em dia, estar abrindo um espaço para que as mulheres se realizem à sua maneira, procurando assim, serem mais autênticas e felizes".

Taís, 40 anos, instrução secundária, técnica em edi-
ficações:

"Graças a Deus sou uma pessoa de muita personalidade. Passei por muitos obstáculos para ter meu filho, não só com a família mas também com a vida. Meu pai era muito bom e eu não queria feri-lo. Mas tudo passou e hoje me sinto realiza-

da, tendo o amor da família e do filho. Se tivesse de passar por tudo novamente não recusaria. Quanto à sociedade pouco me importa e até posso perguntar realmente de que ela é composta? Hoje vivo só. Mas isso não é tudo na vida de uma mulher. Trabalho muito, tenho muita responsabilidade e assim o tempo passa e vivemos em harmonia".

Socorro, 37 anos, instrução superior, professora:

"Atualmente sinto-me bem diante de tudo e de todos. Convém frisar que não me sinto uma mulher solteira, apesar do meu estado civil. Acho que pelo fato de ser mãe! Não sei se toda mãe solteira sente o que eu sinto. Sou um pouco tradicionalista: sinto não só não ter casado e construído um verdadeiro lar, alicerçado no amor, na compreensão e no respeito. E acima de tudo sou muito maternal.

Enfrentei uma série de problemas mas amadureci e hoje sou mais segura em tudo o que faço e quero. Mais competente, um pouco mais religiosa e com mais fé. Sinto-me até privilegiada e menos marginalizada que a mulher solteira, sem filhos".

Cinara, 36 anos, economista:

"Você está escrevendo sobre a mulher solteira? Vai ter muito o que contar. No meu caso já não aguento mais. Como as pessoas cobram! Família então... é um sufoco! exigem que a gente case. De qualquer jeito! Mas a família já exige por causa da sociedade que também exige. É duro ser solteira em Maceió. As pessoas não valorizam. Um dia desses tive um aborrecimento com um vizi-

nho. Sabe o que ele me falou? "Quem é você? Você não é nada, não é ninguém. É somente uma solteirona". Não se justifica ele ter falado assim. Afinal de contas eu tinha toda razão. em: estar aborrecida e apenas reclamava meus direitos. Mas fiquei tão surpresa com a reação dele que não falei mais nada. Simplesmente me retirei. Mas fiquei pensando que é bem melhor ser solteira e independente com eu do que casar com um homem como ele, por exemplo, só para se dizer casada".

Zilma, 43 anos, geógrafa:

"Ah! você está escrevendo sobre a condição da mulher solteira aqui em Maceió? Pois é uma péssima condição. Veja você: eu morava em São Paulo. A situação era outra! São Paulo é uma cidade grande e oferece outras alternativas. Em todos os aspectos. Quando voltei para Maceió, agora, descobri que, como solteira não sou ninguém. Até na família a gente se sente assim. Não sendo ninguém! Fiquei tonta, sem compreender a situação. Agora já estou me acostumando. Afinal de contas tem o trabalho, os afazeres. E a gente vai se envolvendo e vai engrenando as coisas. Mas não é fácil! nem com uma amiga agente pode sair porque fica com medo de ser tachada de "sapatão". O que as pessoas não entendem é que não se pode viver em função de achar um casamento. A mulher tem outras alternativas de vida. Porque não procurá-las? Mas as pessoas não entendem e isso pesa muito".

IV CAPÍTULO

A MULHER SOLTEIRA NO ÂMBITO DA SOCIEDADE E DA FAMÍLIA

"A situação da mulher solteira em Maceió é a seguinte: sai com mulher, é sapatão; sai com homem, é safada, é de programa; sai com casal, está procurando uma boquinha".

(De uma senhora da sociedade local).

4.1 - REPRESENTAÇÕES E EXPECTATIVAS: FAMÍLIA, INDIVÍDUO, CULTURA E SOCIEDADE

Instituição criada pelos homens em relação, constituída em torno da necessidade material da reprodução, a família tem como uma de suas funções básicas a reprodução da ordem social. "É na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. É a formadora da nossa primeira identidade social"⁽¹⁾. Parte integrante e permanentemente viva da história humana, pensá-la é pensar e construção da vida enquanto estrutura decorrente seja de necessidade sociais básicas, seja de necessidades psico-culturais⁽²⁾. É pensá-la enquanto instituição é projetá-la sobre os fenômenos que a explicam em sua evolução, em suas funções, em suas interações com as diversas instâncias do social⁽³⁾, em seu estado atual.

A família, "comunidade constituída por um homem e uma mulher e pelos filhos nascidos dessa união"⁽⁴⁾, é posta em xeque face ao processo histórico de desenvolvimento que nela repercute dada a articulação que mantém com as transformações sociais globais. Philippe Ariès, na sua História Social da Família e da Criança, conclui, com base em análise iconográfica, que o sentimento de família nasceu nos séculos XV e XVI e se formou no século XVII. Frisa, entretanto, que, se o sentimento enquanto disposição afetiva era novo, a família, em sua forma moderna, remonta ao século XIV, ocorrendo, a partir do século XV, uma transformação na sua realidade e no seu sentimento. Transformação que pode ser reconhecida na extensão da escolarização. Esta, uma vez estabelecida, colocou "os problemas morais da família sob uma

luz nova" (5), alterando costumes e fazendo "a família emergir em sua forma moderna acima de outras formas de relações humanas que prejudicavam seu desenvolvimento" (6). Mas, a evolução dos costumes tornou inviável a convivência da sociabilidade tradicional com a nova consciência de família, frisa Ariès. Dessa forma, no século XVIII, ocorreu, paralelamente ao zelo pela intimidade, uma quebra na sociabilidade tradicional. E o que aparece é "esse grupo de pais e filhos, felizes com sua solidão, estranhos ao resto da sociedade, não é mais a família do século XVII, aberta para o mundo invasor dos amigos, clientes e servidores: é a família moderna" (7). Páginas adiante prossegue o Autor: "A partir do século XVIII, as pessoas começaram a se defender contra uma sociedade cujo convívio constante até então havia sido a fonte da educação, da reputação e da fortuna (...). A história dos nossos costumes reduz-se em parte a esse longo esforço do homem para se separar dos outros, para se afastar de uma sociedade cuja pressão não pôde mais ser suportada. (...) A família moderna correspondeu a uma necessidade de intimidade, e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida" (8).

Em Ariès, a reconstituição da história da família, a sua transição para a modernidade, é repassada de lirismo. E ao "grupo de pais e filhos felizes com sua solidão, estranhos ao resto da sociedade" oponho o "intermediário entre as estruturas econômicas e as superestruturas ideológicas, fustigado em primeiro lugar pelas ondas provenientes da infra-estrutura, antes mesmo que as novas ideologias apareçam, e que é justamente a família" nas palavras de Bastide (9); oponho as instâncias econômicas, políticas, culturais que a permeiam numa rede de interações e culminam, a nível individual, numa "estrutura de experiência" (10) nem sempre correspondente à idealização que a envolve. Articulada com a totalidade da sociedade, recebe a família o reflexo das transformações resultantes do processo histórico da modernização aqui entendida em sua ampla acepção e incluindo mudanças em nível psicológico, adaptadas aos requisitos da sociedade urbana industrial. As alterações nos costumes, o questionamento dos valores tradicionais, às exigências da nova ordem, levam a um tipo de análise no qual a família aparece como "o espaço social onde

gerações se defrontam mútua e diretamente, e onde os dois sexos definem suas diferenças e relações de poder" (11).

Situadas predominantemente nos estágios intermediários - 30 a 45 anos — e avançado — 45 a 65 anos — da vida adulta (12) as depoentes colocam a família de orientação na categoria de núcleo de repressão sexual e núcleo de exploração econômica e emocional. No que toca ao primeiro ponto, mostram-se aturdidadas face às mudanças nos valores e padrões tradicionais de comportamento, o que remete ao confronto de gerações e à anuência ou crítica da educação recebida. Com referência ao segundo ponto, é tida como "poço de disponibilidade" nas palavras de uma depoente. A solidão aparece como maior problema a ser enfrentado pela mulher solteira. A independência econômica e a realização profissional surgem como elementos de auto-dignificação, valorização social e força propulsora de mudança, vez que, pela autonomia financeira a mulher faz-se dona do próprio destino. Nesse contexto, as casadas são vistas como mulheres cuja independência foi bloqueada face às implicações do casamento ao tempo em que vêem as solteiras como uma ameaça à sua estabilidade doméstica:

"Mulher solteira na nossa faixa de idade passa por cada uma... uma amiga minha passou por um tremendo vexame. É solteira e mora sozinha. O vizinho, por delicadeza apenas, a cumprimentava alegremente. Um dia, toca a campainha. A moça vai atender. E para sua surpresa dá de cara com a mulher do vizinho a lhe dizer desaforos. A moça continuava sem entender até que ouviu a mulher gritar que ela parasse de andar atrás do marido dela e fosse procurar um dono".

"Uma amiga minha e um colega trocaram alguns telefonemas por questões de trabalho. Um dia a mulher dele atendeu o telefone e falou para ela, minha amiga, que sempre soube que mulher sem homem é mulher sem nome. E que sabia também que sem honra. Que ela parasse de ligar para a casa dele. A

moça, atônita, desligou. Dias depois encontrou o colega casualmente. Achando-o arredio perguntou o que estava acontecendo e ele respondeu que não entendia porque razão ela ligou para a casa dele para desfeitear a esposa. À minha amiga, dessa vez chorando, entendeu todo o jogo armado pela mulher do colega e afastou-se sem falar mais nada. Ela me disse que chorou, sim. Mas de raiva e vergonha pela injustiça da situação".

"Na rua em que moro, tem uma outra moça que mora só. Um dia desses quebrou — acho que uma torneira na casa dela — e ela foi pedir ajuda ao vizinho. A mulher dele não gostou e passou a dizer que a moça estava dando em cima do marido dela. Por isso, aconteça o que acontecer na minha casa eu não me arrisco a chamar ninguém. Prá passar por uma situação dessas? Se eu puder resolvo sozinha ou pago a alguém. Se não... fica como está"⁽¹³⁾.

O que resulta do confronto entre a condição da mulher solteira e da mulher casada é a atitude de desconfiança da primeira em relação a segunda; é a construção de uma "identidade contrastiva"⁽¹⁴⁾ em que a diferenciação entre duas mulheres reside no fato básico de ter ou não ter marido e do que isso representa no contexto do funcionamento da ideologia dominante; é a tensão instalada, entre as casadas, com o fato do divórcio instabilizar as relações conjugais e tornar a sua situação convergente com a das solteiras.

Fugindo à ordem estabelecida socialmente para a mulher, ou seja, permanecendo solteira, passa a conviver com os problemas típicos dessa condição encarnados no estereótipo da "solteirona". À internalização do mesmo sob a forma de estigma ou rompimento pela não aceitação da auto-imagem correspondente, a mulher solteira responde segundo o peso dos valores inculcados no processo educativo ou segundo o grau de modernidade e receptividade às mudanças. O relacionamento com a sociedade local acontece numa linha de insatisfação dadas a repressão sexual e a expectativa em torno do casamento. O sexo é falado com ambigüida-

de. O comportamento em alguns casos também se faz ambíguo em função da preservação da "harmonia familiar" e da "aceitação pela sociedade."

Se ser solteira já é uma situação problemática numa sociedade que vê no casamento o real destino feminino, o ser solteira e mãe é algo que implica em dupla discriminação. Entretanto, no que concerne ao motejo que circunda a figura estereotipada da mulher solteira, a mãe solteira "parece" dele escapar, justamente por não se enquadrar às conotações sociais ligadas ao fato da abstinência sexual nas celibatárias cujo comportamento conforma-se ao modelo tradicional da moral sexual⁽¹⁵⁾. No âmbito da sociedade e da família, a mulher solteira vê a si mesma numa relação de questionamento e crítica das estruturas opressoras.

Ao refletir sobre a tríade indivíduo, cultura e sociedade, Linton⁽¹⁶⁾ chama a atenção para o "papel duplo" que o primeiro desempenha em relação à cultura. "Como uma simples unidade do organismo social, o indivíduo perpetua o "Status quo". Como indivíduo, ajuda a transformá-lo quando há necessidade. Subjacente a essa questão, o que se coloca é o fato básico da enculturação, entendida por Herskovits⁽¹⁷⁾ como o "processo pelo qual as reações individuais se vão ajustando cada vez mais aos padrões de cultura de uma sociedade" mas que comporta, face à sua complexidade, a capacidade do indivíduo "para mudar os seus padrões de valores sempre que seja necessário"⁽¹⁸⁾. O princípio daí decorrente é que "a enculturação do indivíduo nos primeiros anos de sua vida é o mecanismo dominante para a formação de sua estabilidade cultural ao passo que o processo, tal como ocorre em gente mais madura, é muito importante na produção de mudança"⁽¹⁹⁾. (Grifos meus).

A internalização dos valores culturais, a mudança cultural e o papel duplo desempenhado pelos indivíduos em sua relação com a cultura, encontram, neste princípio, a sua essência e a sua síntese. Permite também, este princípio, a contraposição à idéia do cultural como sendo o "arbitrário instituído"⁽²⁰⁾ no interior do qual a violência se instala simbolicamente em função de necessidades sociológicas reprodutoras das relações de forças. A analisar sob essa ótica, os padrões, enquanto significações definidoras de uma cultura, transmitidos às novas gerações pela

ação pedagógica da família ao longo do processo enculturativo, negariam ao indivíduo a possibilidade de construção de projetos para a vida na medida em que conteriam em si o germe da violência oriunda da irrefutabilidade e inquestionabilidade dos valores como condição da estabilidade cultural e da preservação do "status quo". Ocorre que, se a cultura é um "saber constituído" (21) e instituído, isto é, formado e estabelecido, é também uma "experiência existencial" que com esse saber se comunica em "forma dialética" (22). O papel duplo dos indivíduos, a que se refere Linton, emerge dessa relação dialética e os indivíduos "que sofrem por causa das condições reinantes" (23) devem estar aptos para efetuar a transição entre os valores novos e os antigos. A enculturação, processo que só termina com a morte, é, na fase adulta, simultaneamente o receptor e o veiculador das mudanças originadas da crítica ao constituído/instituído nas consciências individuais. Tal ocorre em função do próprio desenvolvimento psíquico que transfere a autoridade externa para a autoridade interna através da qual o indivíduo - "pasa a depender, en mayor o menor grado, de sus propios esfuerzos en lo que toca a su existencia, y de su propio juicio en lo que respecta a su conducta" (24).

É, portanto, na direção da "cultura como um sistema que faz comunicar — em forma dialética — uma experiência existencial e um saber constituído" (25), que caminha a construção da nova identidade da mulher solteira, atenta às contradições do "arbitrário instituído" expresso "num paradigma cultural para o ser feminino (...) que impede a liberdade e restringe a autonomia" (26), consciente das dificuldades, âvida, porém de — parafraseando Lúcia Afonso e Karin Von Smigay — criar sentido, imprimir novos significados à sua história, seu corpo, suas relações sociais. Negando-se enquanto mulher — criação dada de outros buscando-se enquanto utopia (27), a mulher solteira faz de sua experiência existencial o agente viabilizador da transposição dos padrões culturais do plano do "arbitrário instituído" para o plano dos "projetos para a vida" (28) no que a expressão projeto contém de subjetividade, escolha e liberdade.

Apoiada numa dupla moral sexual, circunscrita a uma educação mutiladora porque veiculadora de um sistema de repre-

sentações que instaura a cisão entre a natureza e a cultura⁽²⁹⁾, a família, predeterminando e limitando o destino feminino ao casamento, aos valores de uma ordem social que traz impressas as marcas da dominação, das contradições e do aviltamento pela discriminação, já não mais resiste ao questionamento e às mudanças impostas pelo curso da História agora marcada pela consciência das desigualdades e pela determinação rumo à superação das mesmas.

Uma senhora da sociedade local, sabedora desta pesquisa, assim me falou:

"A situação da mulher solteira em Maceió é a seguinte: sai com mulher é sapatão; sai com homem é safada, é de programa; sai com casal está procurando uma boquinha".

Também ilustrativos das representações em torno da mulher solteira na sociedade local, são os comentários:

"O pior síndico de edifício é solteirona". Não tem o que fazer e fica dando conta de tudo quanto se passa"; "você não tem vergonha de ser donzela nessa idade? Procure homem que você esquece o trabalho"; "desejo a você o maior mal do mundo; uma praga terrível: que você morra solteirona!"

O primeiro dos comentários foi tecido por um condômino; o segundo, por colegas de trabalho a uma outra colega; o terceiro por ocasião da discussão entre duas jovens.

No âmbito da família, igualmente ilustrativas são as representações do cotidiano:

"Gustavo tem uma irmã que está ficando coroa. Está com 28 anos. E já está cheia de manias! Mas quando ela começa a me aborrecer eu digo: sabe que você precisa é de homem? Vá procurar logo antes

que fique como sua tia que já está com 40 e lá vai e cada dia fica mais histérica. Mas se você não encontrar, ainda tem uma solução: vá para o quarto e se masturbe. Garanto que você melhora!!

"Ela hoje está no cio! Não vê a alegria? Mulher, passou dos 30 é isso..."

"Amor de tia é pegajoso. Todo amor chato é como amor de tia".

"Se eu não tivesse casado teria enloquecido. Meu pai, minha mãe, iriam me levar à loucura. Nem para dormir eu tinha liberdade!"

O primeiro dos comentários é uma referência de uma mulher sobre a irmã do marido: o segundo é o comentário de um irmão sobre uma irmã; o terceiro é de um sobrinho sobre a tia; o quarto é de uma mulher que casou na faixa dos 45 anos.

Presente desde a mais tenra idade na experiência dos indivíduos, a família funciona de modo a reproduzir a ideologia do casamento "tanto ao nível das relações sociais nas quais ela se inscreve, quanto ao nível da vida emocional de seus membros"⁽³⁰⁾. É neste sentido que o casamento é visto como realização do projeto de felicidade feminina. Mas face à autonomia profissional e econômica que vem conquistando, a mulher solteira não pode mais ser reduzida "ao nível do parasita e do pária"⁽³¹⁾. Seria ainda um "personagem insólito"⁽³²⁾?

4.2 - A MATURIDADE

Buscando uma percepção adequada do mundo e de si mesmo⁽³³⁾, a mulher solteira de hoje, pretende afirmar-se enquanto sujeito. Não mais consentindo em ser cúmplice de sua própria alienação na condição de "sombra do outro", busca assumir sua individualidade ao dominar os obstáculos à sua respeitabilidade social através da autonomia que o trabalho lhe confere e de um projeto de

vida que traça para si própria, simultaneamente a uma identidade que se redescobre no processo de crescimento que conduz à madureza (34). Frederick Perls (35) a define "como a transição do apoio ambiental para o auto-apoio" o que significa que ela "é alcançada desenvolvendo-se o próprio potencial de indivíduo, diminuindo-se o apoio ambiental, aumentando-se a tolerância à frustração e desmascarando sua representação falsa de papéis infantis e adultos".

Gail Sheehy (36), analisando a passagem da casa dos vinte anos para a dos quarenta, lembra o movimento psicológico que, nesta, faz com que "a fonte de nossa identidade passe do exterior para o interior". A esse movimento corresponde o momento da maturidade. O momento das definições. O momento em que a personalidade emerge em sua inteireza como um convite do interior ao exterior; o momento da revelação da beleza que vence o tempo pela descoberta da eternidade na fugacidade; o momento somente descoberto pelo sentimento do mundo; o momento somente experimentado pelo mergulho sem medo nas profundezas da subjetividade. Sofrido mergulho... doloroso retorno! Enriquecedores ambos! E eis você, ser humano que se plenifica na beleza construída na trajetória da vida. E eis você, sereno portador da beleza conquistada e em você impressa e por você expressa! E eis você, mensagem e apelo... consistente uma, veemente o outro, é você que assoma como vida que flui. É você, tantas vezes ferido, tantas vezes sofrido, tantas vezes magoado, que prossegue enaltecido pelas dores silenciadas, desencantado pelo desmoronar dos sonhos, fortalecido pelo senso da realidade. É você que acena com a dimensão da existência pelos limites que a vida lhe impôs. É você que projeta sobre o mundo a grandeza do viver na elaboração desse mesmo viver enquanto ato criador cuja beleza aflora no cotidiano do existir.

Mensagem e apelo tão pouco captados, tão pouco ouvidos, tão pouco sentidos, eis a sua angústia, eis o seu antagonismo! Beleza tão duramente elaborada, tão pouco pressentida... e no entanto ela existe pincelada, matizada, configurada nas vidas vividas silenciosa e corajosamente, nos sonhos ternamente sonhados, nos desencantos solitariamente sentidos, na capacidade de prosseguir. Construída, conquistada, a madureza já não é um

momento, já não é um tempo. Ela é estado e condição. Ela se sobrepõe às marcas do tempo biológico, vencendo-o pelo poder da reflexão, ultrapassando-o pela consistência do viver compreendido. Ela é a beleza resultante do tatear da infância, do esperar da adolescência, do construir da juventude. Filtragem de experiências, ela é tolerância, ela é compreensão profunda de tudo o que implica viver. Pode ser um desencanto, pode ser desesperança, pode ser um sentir silenciado! Não será nunca um desespero, não será nunca um ódio, não será nunca uma inconsistência. E eis que ela surge personificada em homens e mulheres que se fizeram belos na caminhada da vida, prescindindo de artifícios, não combatendo, mas se encontrando viva e intensamente na passagem do tempo. E o pratear dos cabelos, e as primeiras rugas, falam de um tempo biológico que se faz irreversível mas que não pode ser tomado como parâmetro de uma vida que se quer existência, isto é, que se quer projeto de si mesma, que se auto-realiza na passagem da possibilidade à realidade⁽³⁷⁾. Existência que comporta a plenitude da vida, deslocando-a do plano puramente biológico e permitindo pensá-la não somente em função da capacidade cerebral desenvolvida, permitindo vivê-la não somente em função dos sentidos enquanto impulsos orgânicos mas que integra a totalidade do humano em suas dimensões psicológica, cultural e histórica.

É, no plano da cultura, que a existência passa a ser construída. Cultura enquanto capacidade especificamente humana de simbolização. Cultura, portanto, como universo de padrões de comportamento, valores e aspirações. Fazendo-nos plenamente humanos, ela, a cultura não significa o impedimento dos potenciais psicológicos e da autonomia individual que definem o ser humano e lhes permite "aviliá-la e julgá-la (pelos seus próprios critérios íntimos) e tomar as suas próprias decisões"⁽³⁸⁾. É, pois, ao nível da junção dos fatos intelectualmente interpretados, objetivamente analisados e subjetivamente experienciados que reside o fascínio da existência. Existência enquanto "operação pela qual aquilo que não tinha sentido passa a tê-lo", enquanto "movimento pelo qual os fatos são assumidos", enquanto "movimento permanente pelo qual o homem retoma por sua conta e assume uma situação de fato"⁽³⁹⁾.

Estado e condição, a maturidade não é "juventude agonizante"⁽⁴⁰⁾. Ela é vida que pulsa vigorosa e bela. Ela é segu-

rança, é lucidez, é serenidade. Ela é o enfrentamento da condição humana em sua fragilidade e fugacidade. Ela é ápice, é clímax. Ela é percepção, é a fascinante integração com a biologia que a si mesma transcende no encontro com o outro. Encontro em que o físico acontece como o apelo de uma alma que se quer dividir sem reservas mas se sente limitada pelo próprio corpo. Encontro que é, portanto, sintonia e melodia. Encontro que é culminância e vibração que se faz eterna porque expressa o viver plenificado, compartilhando sem medo e sem reserva. Encontro em que a biologia não sendo fim em si mesma, é, contudo, veículo de integração na totalidade da experiência⁽⁴¹⁾. Eis, portanto, a maturidade como vida que se oferece e não vida que se esvai na agonia do lamento de uma juventude cronológica irrecuperavelmente perdida; eis, portanto, a maturidade não como "juventude agonizante", mas como estado e condição representativos da trajetória humana no que ela encerra de sólido, no que ela comporta de aprendizagem, no que ela passa como lição de vida. E ela é bela, é intensa, é profunda. É a conquista maior do ser humano na busca de si mesmo. É também uma experiência intransferível pelo intimismo que a constitui. Ela é encontro no desencontro. Ela é vitalidade íntima que se projeta na cena do mundo cansado, aturdido e triste. Ela é experiência que se completa no encontro dos que a encontram. Ela é experiência que se faz esperança porque desafia o inconsistente, porque vence o medo, porque se sobrepõe à transitoriedade da beleza física, porque se faz presença na ausência da compreensão da vida, dos homens, do mundo. Porque ela é essa compreensão. Porque ela é mensagem. Porque ela é vida vivida na procura do sentido da existência. Porque ela é vida que se faz total no encontro com os homens. No encontro consigo mesma.

Erikson⁽⁴²⁾ circunscreve sua análise do desenvolvimento global do homem em torno de oito estágios, três dos quais — intimidade, generatividade e integridade — referem-se à vida adulta e coincidindo o estágio final de desenvolvimento, a integridade, com a auto-aprovação moral e ética alcançada através de uma identidade firmemente construída se atingidos os atributos específicos de cada período.

O possuidor de integridade, frisa Erikson, "está preparado para defender a dignidade de seu próprio estilo de vida"⁽⁴³⁾

dentro de uma cultura com a qual interatua no sentido sugerido pela posição histórica dessa cultura. Ora, a posição histórica em que se move a cultura da mulher solteira no contexto dessa investigação, é de uma cultura que passa por profundas modificações no "ideal estereotipado de papéis"⁽⁴⁴⁾ femininos. Nesse contexto, as representações negativas da mulher solteira tendem a se esgotar na medida em que ela se auto-apreende como vivenciadora de uma época cujas características sócio-econômicas colidem com a construção de uma identidade calcada tão somente no valor cultural do casamento. As atuais condições históricas imprimem uma nova realidade à vida feminina e isso a encaminha para uma "percepção mais clara e eficiente da realidade, para mais abertura à experiência, para maior expressividade, para uma firme identidade", atributos característicos da maturidade, na concepção de Maslow⁽⁴⁵⁾. Dessa forma, as sanções sociais relacionadas com as normas etárias, que, quando associadas ao estado civil estereotipam a mulher, estigmatizando-a, se solteira, como "ser insólito"⁽⁴⁶⁾, necessitam de uma reavaliação. É a essa reavaliação que tento proceder dando um encaminhamento ético à reflexão, considerando que, conforme frisa Allport⁽⁴⁷⁾ a questão da maturidade em sua "definição exige julgamento ético dela não dando conta, sozinha, a psicologia".

4.3 - A SOLIDÃO

Não me referirei às "diferenças individuais na maneira pela qual se experimenta a solidão" conforme analisada por Melanie Klein ao escrever sobre O sentimento de solidão⁽⁴⁸⁾. Temática que aparece de forma difusa em Martin Buber na obra Eu e tu⁽⁴⁹⁾ e em Gaston Bachelard na Poética do espaço⁽⁵⁰⁾ e na Poética do devaneio⁽⁵¹⁾, a ela me refiro, enquanto marca maior do ser humano e que aparece na pesquisa como uma questão que se coloca no cotidiano das depoentes.

"Não é aquela solidão que todos experimentamos às vezes, o tipo que é inseparável da condição humana"? Pergunta Rollo May⁽⁵²⁾. "Se você ousa ser honesto consigo mesmo", prossegue,

"também será solitário. Estamos sozinhos em cada momento de nossa autopercepção. Ninguém mais pode realmente penetrar no santuário interior. Morremos sozinhos. Ninguém escapa a isso. É o destino em seu sentido mais profundo. Quando reconhecemos isso, então podemos superar a solidão até certo ponto. Reconhecemos que é uma solidão humana. Significa que estamos todos no mesmo barco e podemos então decidir se permitimos que outros entrem ou não em nossa vida. Assim, usamos a solidão para sermos menos solitários". (Grifos meus).

Filhos da solidão no nascimento e na morte, filhos da solidão são todos os homens⁽⁵³⁾. Mas o que é a solidão? Difícil defini-la! Melhor seria tentar compreendê-la. Edgar Morin⁽⁵⁴⁾ afirma ser a "compreensão um conhecimento empático/simpático das atitudes, sentimentos, intenções, finalidades de outrem; é trazida por uma mimesis psicológica que permite reconhecer e até sentir em si mesmo aquilo que sente o outro que não o próprio. Quer dizer que a compreensão comporta uma projeção (de si sobre outrem) e uma identificação (de outrem consigo). (...) O ato de compreensão de outrem comporta um «eu sou tu». Mas "a compreensão não é a confusão; comporta a distinção entre o eu e o tu na sua conjunção: é um «torno-me tu ao mesmo tempo que continuo a ser eu». Mantendo com a explicação uma relação dialógica, "a compreensão restitui-nos os seres, os indivíduos, os sujeitos vivos". (Grifo do Autor).

Sim. A compreensão da solidão exige que com ela se mantenha uma relação de "projeção/identificação" conforme postula Morin. Uma relação que se processa ao nível da intimidade, da dor, do sofrimento. Mas, também, da libertação, da autodescoberta, da autoconfiança e da serenidade diante do mundo, diante dos próprios homens, diante da vida. Conhecê-la, compreendê-la, vivê-la, é senti-la na angústia da ausência do calor amigo. Conhecer, compreender é degustar o seu sabor na incomensurável mágoa do aturdimiento diante do superficial, do hipócrita, do movido. Senti-la, vivê-la, é sonhar e não ter com quem dividir os sonhos. É ter dentro de si um mundo imenso, intenso e não mais querer expressá-lo pelo medo da incompreensão, pela certeza do retorno a si mesmo dolorosamente sentido no desencanto do mundo, na desesperança da vida, na dor íntima — tão forte, tão avassaladora — que se torna física no comprimir do coração, no

retesar dos músculos; no transbordar das lágrimas.

Mas, as lágrimas são sempre libertadoras⁽⁵⁵⁾. Vertê-las com soluções ou simplesmente deixá-las correr livremente, é sempre sintomático do aflorar do outro lado da solidão. Aquele que coloca o ser humano frente a frente consigo mesmo não lhe deixando outra alternativa que a do enfrentamento do mundo, no enfrentamento de si mesmo. Nesse enfrentamento, a conquista da autodescoberta, da autoconfiança, da serenidade. O descartar da vulnerabilidade não pela perda da sensibilidade, mas pelo cultivo da energia interior que emerge da reflexão e da dor. Sozinho diante do mundo, esvaziado de ilusões, volta-se o ser humano para si mesmo, não na busca do abandono do mundo mas na procura da compreensão desse mesmo mundo. E esse voltar-se para si mesmo, sobre si mesmo na procura dessa compreensão é um momento iluminado. É o momento — nunca do isolamento —. É o momento do recolhimento interior na corajosa tentativa de desvendamento dos homens. É o momento do retorno a si mesmo na descoberta sofrida e bela de que a solidão maior é a solidão gerada e alimentada pela inconsistência que torna frouxos e medrosos os homens na impossibilidade de encarar sua condição de seres finitos na cronologia da vida, frágeis na cena da existência, sós, absolutamente sós, porque únicos no sentir e experienciar sua existência individual.

Sim, o outro lado da solidão é libertador em sua essência. O tempo que medeia o nascer e o morrer é um tempo de experiência que marca, determina e explica um novo nascimento. E esse novo nascimento é obra do própria homem. Nele, sua condição de criatura é sobrepujada pela condição de criador. E ele forja seu próprio destino a partir da maneira como encara e reage ao cotidiano da existência. Não pelo isolamento do mundo mas pelo retorno a esse mundo via determinação e aprendizado. Pelo retorno a esse mesmo mundo na certeza de que a solidão maior é a solidão de si mesmo, ser esvaziado de sonhos, povoado de desencantadas certezas; pelo retorno a esse mesmo mundo na inquebrantável disposição de prosseguir na procura e na radiosa esperança do encontro.

É essa a solidão referida por nossas depoentes. Não é a solidão da frustração que amargura e corrói. É a solidão ei-

vada de esperança, povoada de metas de um ser que constrói seu destino na busca de uma identidade livre das expectativas social e culturalmente impostas. Para tanto, o veículo é o trabalho e o seu sucedâneo: a autonomia profissional e financeira. Não por se transformarem em âncora da identidade feminina. Mas por concederem à mulher o senso de auto-estima e o sentido da independência. É o trabalho o elemento libertador. Nele e por ele a mulher se defronta com o desafio de construir a própria vida. Não é mais prolongamento. Não é mais apêndice. É a sua competência que é convidada a demonstrar. É a sua capacidade que é compelida a desenvolver. E uma vez isso alcançado, não há mais como bloquear sua passagem pelo mundo povoado pela convicção de que "mulher só" é mulher desamparada. Seu amparo é ela mesma. Sua identidade passa a ser conferida por sua atuação no mundo e não mais pelo sobrenome que carrega consigo e que fala de um homem que lhe concedeu as benesses do "amparo". A valorização social de que é alvo, acontece então em função do seu valor pessoal e disso resulta uma auto-imagem dignificada, um sentido de direção e autonomia. A vida passa a ser assumida enquanto projeto individual que acata a mudança e com ela novos padrões de comportamento. Nesse contexto, a atitude de medo nas mulheres casadas para com as solteiras passa a ser compreendida e criticada enquanto elemento de insegurança e conivência com a ideologia dominante. Há um rompimento na internalização do estereótipo da solteirona. O estigma transmuta-se em opção. A mulher não é mais escrava de um destino socialmente imposto. Que a ele corresponda se for o caso de uma escolha amorosa e consciente. Que a ele diga não, se for o caso de uma autonomia que se mantém pautada no compromisso com o direito à livre escolha.

Mas, a sociedade local cobra sua taxa: vê com reserva as mulheres que assumem novas formas de comportamento e estereotipa entre "as solteironas" aquelas que permanecem subjugadas à ordem tradicional. Isso acarreta uma insatisfação com o meio circundante que se traduz numa reação de defesa em que a ambigüidade do comportamento e da linguagem, expressa o mecanismo de sobrevivência seja a nível de preservação da harmonia familiar seja a nível de aceitação pessoal e social. O sexo é sentido em silêncio e, nesse silêncio, sua voz. Os valores e regras introjetadas na educação não permitem sua livre expressão. As que questionam e avançam, são as "transgressoras". A autonomia fi-

siológica corresponde o controle social. Ao seu enfrentamento o ônus da discriminação. Mas se "a sociedade constitui as paredes de nosso encarceramento na história", conforme nos diz Berger⁽⁵⁶⁾, a História constitui, em seu eterno movimento, o vôo para a libertação.

4.4 - A FRUSTRAÇÃO

No atinente à frustração, sentida pelas depoentes como o ponto nevrálgico do estereótipo, é preciso considerá-la em seu aspecto de sensações de irrealização e perda. Sim. O que são as frustrações? O que trazem elas consigo? Conceitual e tecnicamente entendida como "estado afetivo e (ou) emocional resultante de uma resistência, impedimento, contrariedade, decepção ou fracasso"⁽⁵⁷⁾, as frustrações são dolorosos sentimentos. Elas trazem consigo a dor. Uma dor muito forte, uma dor muito intensa, uma dor sem remédio. Elas constituem a falência dos sonhos, a perda da esperança. E trazem consigo toda a dor do mundo. A incomensurável dor da impotência diante de uma realidade que faz esmaecer o sonho e tomar forma do desencanto. Elas geram o desamparo diante do mundo. Elas mutilam, corroem, instalam a perplexidade. Mas também promovem o crescimento⁽⁵⁸⁾. É que na tentativa de compreendê-las o espírito envereda pelos delicados e tortuosos caminhos da reflexão. Reflexão plena de dor e no entanto iluminada. Iluminada pelo despertar. É como se de repente o mundo penetrasse o ser. E sobrevém a lucidez! E com ela o real contato com o mundo, com os acontecimentos, com as circunstâncias. Quanta dor! Quanta solidão! Quanta agonia! Mas também quanto amadurecimento!⁽⁵⁹⁾ (Sublimação? Por que não se ela permite a apropriação de um estado subjetivo que colide com a infelicidade? Por que não se ela gera a alegria da descoberta de alternativas de vida válidas, vez que transmissoras de possibilidades e liberação de sentimentos?) É como se o mundo no que tem de belo, de suave, de terno, escapasse por inteiro. É como se ele submergisse para reemergir sob a forma de um sentimento cáustico por ter como único ponto de apoio a certeza da impossibilidade.

As frustrações são de várias ordens. Tendo com núcleo comum a privação de algo intensamente desejado, comporta em seu interior nuances diversas. A mais forte, porém, é a que envolve afetividade. Quando esta é afetada pela ausência da sensibilidade que intui, o que resta? A perda! Essa pungente sensação de dor não localizada porque nela mergulhado está o ser inteiro. Não se trata de exigência de correspondência. Trata-se antes de esperança na empatia. Empatia que une os seres humanos num encontro de amor fraterno. Encontro que transcende a fugacidade e os interesses e que faz aflorar a aceitação da própria dor na descoberta das múltiplas faces que revestem o amor. É essa descoberta que promove a coragem da resignação. Resignação entendida como serenidade conquistada a partir do enfrentamento do real, desprovido de sonhos, é verdade, mas ancorado na força advinda da constatação de que se não houve reciprocidade no desejo de estar com e ser com houve percepção numa linha de humana compreensão e de valorização do sentimento. Quando tal não ocorre, a sensação de perda se agiganta. O sentimento em sua origem profundo, terno e belo, transmuta-se. O vazio do mundo penetra o ser. Começa a dilapidação do sentimento. A mágoa se instala. O que antes era feliz expectativa, sonho alentador, é agora fragmentação e dor.

Mas a que e a quem era dirigido o sentimento? Não seria ele reflexo e produto de uma concepção do destino feminino culturalmente elaborada e socialmente transmitida? Talvez aí esteja a libertação. Da desmistificação surge a realidade em sua inteireza. O seu sucedâneo é a lucidez que clama pela conquista de si mesmo num trabalho de recomposição interior. A harmonia perdida é outra vez buscada. Reencontrada, o futuro será sempre uma promessa porque o presente voltará a ser leve e o passado será sempre um aprendizado. Porque terá havido crescimento. Na tentativa de compreensão do sofrimento riscos foram corridos, perplexidades foram assumidas, experiências vivenciadas integralmente. E a compreensão solicitada passa a ser doada. É o mundo que agora habita o ser. Sem compulsões! E a vida solitariamente curtida passa a ser universalmente comunicada no que tem de significado e que o ser transmite de forma enriquecida pela consciência de que viver é também conviver com os desencontros e deles extrair a vontade de prosseguir apesar das perdas, apesar das frustrações.

Sim. As frustrações fazem parte da vida, são a própria vida. Ensinam que se existem, tantas e tão intensas, é porque há no ser humano uma infinita vontade de ser feliz. E nesse sentido elas representam os desencontros, os descaminhos, as impossibilidades. Representam a dor. Mas podem ser elaboradas, filtradas, discernidas. E a compreensão de cada uma poderá suceder a libertação. Os recursos utilizados na luta pelo seu bem-estar, passam pelo desvendamento do mundo dos valores culturalmente construídos, socialmente transmitidos, historicamente determinados. A consciência daí derivada aponta para o fato de que o real na existência é somente isso: a natureza vista, sentida, tocada; os homens que andam, falam e constroem uma História. Uma História de opressão e desamor. Uma História ilógica do ponto de vista do sentir e do ser. Mas lógica do ponto de vista do ter e do poder.

4.5 - A HISTÓRIA RECRIADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE

Avulta o ter. Esmaece o ser. Porque ser é buscar. É viajar pelos horizontes sem fim da alma humana. É tentar penetrar nos meandros dessa alma para melhor compreendê-la. É tentar encontrar em meio às inconsistências que nela habitam, pontos de apoio que confirmam um sentido à vida e dão um significado à existência. É conquistar a força maior de que pode dispor o homem e que provém da energia que flui do treino interior no sentido de olhar o mundo, viver a vida, sentir os homens através da compaixão que traz em seu bojo e que, longe de estar circunscrita à piedade passiva e nada edificante, lança aquele que dela é portador numa luta contínua pela transformação das estruturas opressoras — seja a nível social-institucional, seja a nível psicológico-individual —. Essa compaixão que se traduz na procura e no encontro, simboliza a identificação de um homem com os homens e expressa a possibilidade de felicidade. Mas de uma felicidade que não prescindirá, jamais, da força da comunhão dos sonhos, do enlevo da sintonia nascida de almas que se descobrem na caminhada da vida, da determinação de ser e fazer feliz a partir do respeito às diferenças que, longe de separar, acenam ao

mundo com a ventura da alegria somente encontrada no calor da esperança, no conforto da solidariedade, na conquista da justiça pela instalação da igualdade. A igualdade a partir da qual os seres humanos, fortalecidos entre si, conferem à existência um significado, descubrem no sofrimento um desafio ao qual respondem com a coragem do enfrentamento porque imbuídos da certeza de que a sua luta não é uma luta solitária, mas sim, o encontro comum de um destino que se faz belo através da apreensão interpretativa veiculadora da compreensão, motivadora da ação e anunciadora da transformação.

E a relação homem/mulher não será mais uma relação compulsiva com vistas ao casamento enquanto imposição social. Será uma relação de amor na experiência da totalidade. Culminância de um encontro na intimidade física e espiritual, trará consigo a plenitude da vida na fusão de duas vidas que se tornam uma pela magia da identificação, pelo transbordamento da emoção, do sentimento e do desejo enfim libertos do rolo compressor do "receituário" socialmente imposto.

Somente no contexto de uma tal relação é que a família perderá seu caráter de instituição repressora e opressora. Isso implica na capacidade de superação por parte de seus membros dos condicionamentos a que ela os submete. E a intimidade física concebida por nossas depoentes como geradora de conflitos, angústia e medo face aos valores internalizados se lhes afigurará como uma experiência da mais profunda interioridade. Tão profunda que se quer completa no esquecimento das restrições; tão bela que se quer eterna na intensidade do momento sem segredos e sem reservas; tão eterna em sua fugacidade que se prolonga nas lembranças docemente guardadas, no sentimento da completeza encontrada, na sensação de uma felicidade única porque marcada pela emersão do ser na imersão do amor. E assim, palavras como moral, pecado, dever, — aviltadas pela manipulação dos intolerantes — poderão ser substituídas por comportamentos calcados na coerência entre o sentir, o viver e o agir.

David Cooper no seu A Morte da Família⁽⁶⁰⁾ reflete sobre fatores que nela operam e cujas conseqüências considera letais para aqueles que se encontram sob sua tutela.

"Em primeiro lugar, diz o Autor, há o hábito das pes-

soas grudarem-se umas às outras, devido à sensação da própria incompletude.

Em segundo lugar, a família é especialista em estabelecer papéis para os seus membros, mais do que em criar as condições para cada um assumir livremente a sua identidade.

Em terceiro lugar, a família, na sua função de socialização primária do indivíduo, instila controles sociais na criança (...) na realidade, o que basicamente se ensina à criança não é como sobreviver na sociedade, mas como submeter-se a ela.

Em quarto lugar (...) a família instila na criança um elaborado sistema de tabus".

No conjunto, os quatro fatores implicam no respeito à autonomia do indivíduo. A identidade assumida é sempre um identidade calcada na supremacia do social e dos modelos que ele comporta em detrimento do individual. Ajustando-se à família, o indivíduo ajusta-se ao sistema de controle⁽⁶¹⁾ que ela representa. No espaço social a mulher solteira situa-se entre os "membros recalitrantes" e como tal sofre os efeitos das pressões que apontam para o ridículo e o desprezo⁽⁶²⁾. E o casamento é de tal forma considerado o destino feminino que sequer existe indagação atinente ao porque do celibato. A coerção transmuta-se em compulsão e o que seria objeto de uma escolha livre, consciente e amorosa fica reduzido à anuência ao sistema de valores e interesses impostos.

O quadro em que se move a mulher solteira no momento presente, é um quadro de transição ao nível dos valores e de transformação ao nível de projeto de vida. Conquistada a independência econômica através do trabalho e da profissionalização, é o seu próprio ser que se liberta através da autonomia do pensamento e da ação que dela deriva. Nas depoentes estão presentes a ansiedade, a dúvida, o medo, o conflito entre valores novos e antigos. Mas estão presentes também a coragem do desafio e a consciência de que restringir o amor à redoma do casamento é submeter o sentimento ao jugo do social, é compactuar com o sórdido jogo de interesses em que se encontram imersos o casamento e a família enquanto instituições que se mantêm vivas ao preço da liberdade bloqueada, das emoções distorcidas, do sentimento contido, do ser oprimido entre interesses legitimados e violên-

cia consentida; é compactuar com a violência da repressão sexual, da chantagem emocional e da exploração econômica geradoras da ambigüidade da linguagem e do comportamento.

Inserida num contexto de relações sociais mais amplas, a identidade é "atribuída, sustentada e transformada socialmente"⁽⁶³⁾. Essa transformação, derivada do curso da História e das mudanças a ele correspondentes, incide sobre a identidade da mulher solteira enquanto "processo localizado no âmago do indivíduo e, entretanto, também no núcleo central de sua cultura coletiva"⁽⁶⁴⁾. E quando a realidade subjetiva defronta-se com a realidade objetiva numa tentativa de auto-apreensão e reinterpretção do passado tendo em vista o presente⁽⁶⁵⁾, configura-se "um momento crucial, quando o desenvolvimento tem de optar por uma ou outra direção, escolher este ou aquele rumo, mobilizando recursos de crescimento, recuperação e nova diferenciação"⁽⁶⁶⁾. É a crise de identidade na vida individual projetada no desenvolvimento histórico contemporâneo.

O desejo de mudar de identidade, o compromisso para executar a mudança, a compreensão do que precisa ser mudado, a capacidade para realizar as mudanças, o reconhecimento e aceitação da nova identidade pelos demais e a aquisição de uma firme consciência da nova identidade naqueles que estão passando pela mudança, são as condições necessárias, arroladas por Goodenough⁽⁶⁷⁾, à mudança de identidade. Em se tratando da construção da nova identidade da mulher solteira, o seu reconhecimento e aceitação pelos demais, não comporta rituais de transição. Seu reconhecimento há de ser de outra ordem. Há de vir do desempenho de novos papéis, das modificações no estilo anterior de vida e no interior dos quais o trabalho, a independência financeira e a libertação sexual emergem como atitudes, símbolos e meios ao tempo em que expressam o desejo, o compromisso e a consciência de mudança. E a nova mulher solteira — participativa, consciente e criativa — vê na identidade negativa de que tem sido alvo, "a diretriz fundamental da recuperação"⁽⁶⁸⁾. Capta essa identidade nas representações coletivas vigentes e a ela responde com a alternativa da autodecisão, com a crítica das estruturas opressoras, com a esperança no processo histórico e com a compreensão das ações sociais.

Conforme lembra Poster⁽⁶⁹⁾ "ao tratar-se de indivíduos

humanos, quando existe dominação também há resistência". A família, enquanto instituição social no interior da qual opera todo um processo de reprodução social através da função ideológica que engloba, sofre o impacto da aventura de dupla face em que se constitui a educação. Esta, assim como lapida o espírito pode mutilar a vida quando vigora seu lado repressor. Não obstante, o germe da autonomia permanece. Fecundado pelo pensamento invassável, espera o momento da libertação. E, esta acontece quando revemos a vida com os olhos do presente nele projetando o futuro no emaranhado da filtragem das experiências; quando a dor do mundo invade o peito comprimindo-o no anseio da solidariedade, da justiça e da igualdade. Porque os seus contrários têm origem no curso da História, podem ser objetivamente combatidos aqui e agora. Já dizia Balzac⁽⁷⁰⁾ que "o amor toma a cor de cada século". A argúcia do escritor corresponde à consciência da dinâmica da História e remete à questão da socialização primária e secundária que para Berger e Luckman⁽⁷¹⁾ correspondem respectivamente ao mapeamento do mundo em termos de identificação com o universo familiar, com uma "realidade apreendida como inevitável" e ao momento em que acontece a passagem ao estado adulto e à percepção do "contexto institucional". Adquiridos os condicionamentos básicos da vida, o indivíduo torna-se competente em sua cultura. Mas, o aprendizado prossegue e se constitui em elemento de produção de mudança dado o elemento de crítica que se introduz na apreensão do novo e na revisão do aprendido. Não obstante a introjeção, pela educação, da realidade estabelecida, a subjetividade resiste e com ela o questionamento da ordem e da conformidade. As contradições da cultura — enquanto sistema de valores — aparecem nítidas e o indivíduo passa a vivenciá-las numa relação de conflito em que "suas representações primitivas de inserção no mundo adulto" sofrem o confronto com "suas representações mais recentes e concretas de participação real na reprodução da ordem social"⁽⁷²⁾.

(...) "as identidades, no seu conjunto, refletem a estrutura social ao mesmo tempo em que reagem sobre ela conservando-a ou a transformando"⁽⁷³⁾. A mulher que internaliza o estereótipo da "solteirona" e a identidade a ele correspondente convive com a situação do estigmatizado no que tange à diminuição e depreciação social que o estigma acarreta. Não liberta das nor-

mas coercitivas que restringem e definem o destino feminino, não reverte para si própria os benefícios de uma condição de vida na qual a opção individual pode se sobrepor às avaliações culturais. É nesse sentido que concorre para a transformação da ordem vigente e do sistema de representações que leva à formação de uma identidade negativa.

Eclode a crise caracterizada pelo conflito entre valores novos e antigos. Debatendo-se entre a angústia da perplexidade e a mutilação da repressão ou abrindo espaço para novos rumos na coragem do desafio ao instituído, a mulher solteira reescreve sua história inscrevendo-a na sociedade moderna com a abrangência da experiência nos diferentes planos da vida e com o enfrentamento da crise que leva à mudança e à libertação.

NOTAS E REFERÊNCIAS

01. REIS, José Roberto Tozoni - "Família, emoção e ideologia".
In: Psicologia social: o homem em movimento. LEME, Sil-
via T.M. e CODO WANDERLEY (orgs.) São Paulo, Editora Bra-
siliense, 1985, pág. 99.
02. HERSKOVITS, Melville J. - Antropologia cultural: o homem e
suas obras. São Paulo, editora Mestre Jou, 1969.
À página 51 do capítulo XVII, volume 2, este autor re-
fere-se às necessidades psico-culturais como aqueles
"que ultrapassam o nível da sobrevivência" — necessi-
dades primárias ou básicas — e que estão situadas "pa-
ra além da categoria das necessidades biológicas",
03. COMMAILLE, Jacques - "Les échanges à l'interieur des fa-
milles". In: Familles ouvertes fermées: une fausse al-
ternative — le groupe familial. Revue trimestriel de
la fédération nationale des écoles des parents et des
educateurs, nº 91, avril-juin, 1981.
04. HOLANDA, Aurélio Buarque de.- Médio Dicionário da Língua
Portuguêsa. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980.
05. ARIËS, Philippe - História social da família e da criança.
Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978, pág. 234.
06. Id. Ibid. págs. 237, 238.
07. Id. Ibid. pág. 270.

08. Id. Ibid, págs, 273, 278. Até que ponto as generalizações de Ariès sobre a família podem ser aplicadas especificamente ao Brasil, é uma questão a investigar. A elas me reporto na medida em que, neste trabalho, penso a família enquanto instituição que se configura a partir da existência de pais e filhos, se estabelece como unidade doméstica, se inscreve na universalidade da experiência humana e mantém com as diversas instâncias do social uma relação dialéctica.
09. BASTIDE, Roger - "Introdução às ciências da loucura". In: Roger Bastide: Sociologia. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. (Org.) São Paulo, Editora Ática, 1983, pág. 178.
10. LAING, R. D. - El cuestionamiento de la familia. Buenos Aires, Editora Paidós, Cap. 5.
11. POSTER, Mark - Teoria crítica da família. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, pág. 161.
12. PIKUNAS, J. - Desenvolvimento humano: uma ciência emergente. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1979, parte 7.
13. Esses depoimentos, fragmento de conversas entabuladas com a pesquisadora, são ilustrativos do clima que envolve o sentimento de desconfiança nutrido pela mulher casada em relação à solteira.
14. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. - Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1976, pág. 36.
15. Somente uma pesquisa centralizada na condição da mãe solteira, poderia aprofundar a questão.
16. In: CARDOSO, F. H. e IANNI, O. (Org.) - Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral. São Paulo, Editora Nacional, 1977.
17. In: Antropologia cultural: o homem e suas obras. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1963, vol. I, cap. III.
18. TITIEV, Miscla. - Introdução à antropologia cultural. Lisboa,

Fundação Calouste Gulbenkian, 1963, cap. XIV.

19. HEMSMOVITS, op. cit. pág. 59.
20. BOURDIEU e PASSERON - A Reprodução. Apud COSTA, J. F. - Violença e psicanálise. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1986.
21. MORIN E. - Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - 2; necrose. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1977.
22. Idem, pág. 77.
23. Idem cit. 16. pág. 101.
24. FLÜGEL, J. C. - Psicanálisis de la família. Buenos Aires, Editorial Paidós.
25. MORIN. op. cit. pág. 77.
26. AFONSO, L. e VON SMIGAY, K. - "Enigma do feminino, estigma das mulheres". In: rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina. OLIVEIRA COSTA e BRUSCHINI (Organizadoras). São Paulo, Edições Vértice, 1989.
27. Idem.
28. KLUCKHOHN, C. - apud GEERTZ, C. - "A transição para a humanidade". In: Panorama da antropologia TAX, Sol (Org.) Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1966.
29. RODRIGUES, José Carlos. O tabu do corpo. Rio de Janeiro, Editora Achiamé Ltda, 1975, cap. I.
30. REIS, José Roberto Tozoni - Op. cit. pág. 99.
31. BEAUVOIR, Simone de - O Segundo sexo. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980, vol. 2, pág. 167.
32. Id. Ibid., vol. 1, pág. 129.
33. ALLPORT, Gordon. Personalidades: padrões e desenvolvimento. São Paulo, EPU/EDUSP, 1973, pág. 347.

34. MASLOW, Abrham H. - Introdução à psicologia do ser. Rio de Janeiro, Livraria Eldorado, s/d, pág. 237.
35. PERLS, F. e Outros - Isto é gestalt. São Paulo, Summus, 1977, pág. 23.
36. Passagens: crises previsíveis na vida adulta. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1984, pág. 161.
37. JASPERS, Karl - Filosofia da existência. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1973.
38. MASLOW, A. H. - Op. cit., págs. 193, 215.
39. MERLEAU - PONTY, Maurice - Fenomenologia da percepção. São Paulo, Freitas Bastos, 1971.
40. BEAUVOIR, Simone de - Op. Cit., vol. 2, pág. 344.
41. WEIL, Pierre - Amar e ser amado: a comunicação do amor. Petrópolis, Editora Vozes, 1986, cap. X.
42. Infância e sociedade. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971, Cap. 7.
43. Idem.
44. BARDWICK, Judith Márcia - Mulher, sociedade e transição. São Paulo, DIFEL, 1981, pág. 29.
45. Op. Cit. pág. 189.
46. BEAUVOIR Simone de. Op. cit., vol. I, pág. 129.
47. Op. Cit., pág. 345.
48. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.
49. São Paulo, Editora Moraes.
50. São Paulo, Abril Cultural, 1974, Coleção Os Pensadores.
51. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
É minha intenção, num futuro próximo, tomar essa temática como objeto de estudo e verificar o significado que ela

assume no pensamento de Buber e Bachelard.

52. Liberdade e destino. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1987, pág. 68.
53. Octávio Paz, no belo texto "A dialética da Solidão" reflete sobre o duplo significado de que ela se reveste - consciência de si e desejo de sair de si — considerando-a como "a própria condição de nossa vida" e surgindo para nós "como uma prova e uma purgação, ao fim da qual a angústia e a instabilidade desaparecerão". Isso quer dizer que este Autor não considera a solidão enquanto possibilidade para relações mais profundas porque originárias do recolhimento, da interioridade e do acolhimento.
54. O Método. Portugal, Publicações Europa-América, 1986, vol. III, cap. 7, págs. 135, 136, 142.
55. Anne Vincent - Buffault na introdução do seu História das lágrimas, reproduz a interrogação da Ronald Barthes: "Em que sociedades, em que tempos chorou-se? Desde quando os homens (e não as mulheres) não choram mais? Por que a um certo momento a sensibilidade tornou-se ^{plus quiet} piéguice?"
56. Perspectivas sociológicas, pág. 105
57. CABRAL, Alvaro e NICK, Eva - Dicionário técnico de psicologia. São Paulo, Cultrix, S/D.
58. Essa dupla fase da frustração é o que pude captar dos depoimentos. É minha intenção compreendê-la tal como vivenciada em minha relação com meu objeto de estudo.
59. KEHL, Maria Rita. "A psicanálise e o domínio das paixões". In: Os Sentidos da Paixão. CARDOSO, Sérgio(et alli), São Paulo, Editora Schwarcz, 1987.
60. Martins Fontes, São Paulo, 1986, págs. 25 a 30.
61. BERGER, Peter - Op. Cit., págs. 89 e 90.

62. Lévi-Strauss, na obra As estruturas elementares do parentesco, primeira parte, cap. III, analisando a importância econômica que o casamento assume nas sociedades primitivas, menciona o opróbio que cerca a vida do solteiro e o sentimento de repulsa que essas sociedades demonstram em relação ao celibato. Mas enquanto nas citadas sociedades o desprezo ao celibato e ao celibatário acontece em função da ordem econômica que "repousa sobre a sociedade conjugal e sobre a divisão do trabalho entre os sexos", - havendo formas alternativas para a satisfação das necessidades sexuais —, na nossa sociedade o estereótipo da solteirona contém, velada ou explicitamente, a alusão à falta de vida sexual ativa. Ou seja, o elemento que vigora para o desprezo é a inexistência de uma vida sexual ativa, por seu turno somente sancionada mediante o casamento. Neste caso, no momento em que a mulher solteira assume sua independência econômica e arca com a manutenção do grupo familiar, eis que se lhe apresenta o momento do rompimento das restrições de ordem sexual, que, uma vez relevadas, indicam o caminho da libertação calcada na participação efetiva em todas as esferas da vida.
63. BERGER, Peter. - Op. cit., pág. 102.
64. ERIKSON, Eric. - Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972, pág. 21.
65. BERGER, Peter e LUCKMANN, T. - A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Editora Vozes, 1974, págs. 173 a 241.
66. ERIKSON, Eric, Op. cit., pág. 14.
67. "Identidade e educação". In: Antropologia e educação, GRUBER, F. C. (Coord.). - Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1963.
68. ERIKSON, Eric, - Op. cit., pág. 24.
69. Op. cit., pág. 183.

70. A Mulher de Trinta Anos. Porto Alegre, Editora Globo, 1948.
Pág. 595.
71. Op. cit., cap. III.
72. Após rever os conceitos de socialização primária e secundária em Berger e Luckman, Nicolaci-da-Costa tenta a articulação desses conceitos com o de descontinuidade socializatória - por ela elaborado e correspondente à internalização pelo sujeito de sistemas simbólicos conflitantes em diferentes momentos de sua biografia" — e com o de desmapeamento — "a coexistência de mapas, ideais, identidades e normas contraditórias nos sujeitos" — desenvolvido por Sêrvulo Figueira, propondo-os como "categorias mediadoras para o estudo de crises pessoais, familiares e conjugais na nossa sociedade.
Ver: FIGUEIRA, Sêrvulo (Org.), Cultura da Psicanálise, São Paulo, Editora Brasiliense, 1985, pág. 162 e Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, pág. 22.
73. COSTA CIAMPA, Antonio da - "Identidade". In: Psicologia social: o homem em movimento. LANE, Silvia T. M. e CODO Wanderley (Orgs.) São Paulo, Editora Brasiliense, 1985, pág. 67.

CONCLUSÃO

Neste trabalho busquei o social como vivência procurando descrevê-la e reconstituir-lhe o sentido com base na compreensão a partir da própria perspectiva das depoentes⁽¹⁾. O dado sociológico básico para a análise foi o referente ao estereótipo da "solteirona", essa figura caricata gerada no senso popular, retratada e reelaborada pela literatura, pelo teatro e nos dias atuais tão bem veiculada pelas novelas de televisão.

Conforme o demonstrado nas páginas iniciais, a idade média das nebetes, para mulheres, situa-se em torno dos 24 anos. Para as mulheres que incorporam o modelo representativo do estigma, construindo uma identidade calcada nos atributos veiculados pelo estereótipo, o sair da média constitui insucesso no intuito de casar, vez que o modelo dominante foi interiorizado. Assim, da não correspondência ao mesmo, resulta uma auto-imagem que indica uma situação de vida sentida e experienciada na dimensão da incompletude e da impossibilidade. Mas para as mulheres que rompem com o estereótipo e assumem a vida como um amplo projeto de existência a realizar, tal não reflete insucesso mas consciência no sentido de que o casamento deixa de ser visto no emaranhado do rolo compressor da ideologia que o consagra como "o" destino feminino. O sair da média pode então ser visto como adiamento intencional do casamento considerado, no âmbito dos novos valores, também como possibilidade de uniões livres. Portando, a relação da mulher solteira com a sociedade circundante assim como acontece no duplo plano estigmatizado/estigmatizador, tem também a incidir sobre ela o processo de emancipação que amplia a consciência feminina levando-a a assumir-se, enquanto sujeito com um projeto próprio de existência. É nesse processo de emancipação pensado, enquanto movimento social, que reside o mecanismo de enfrentamento das condições específicas geradoras da

identidade feminina e que têm na ideologia do casamento a reprodução da ordem machista segundo a qual "mulher sem homem é mulher sem nome".

A questão — a condição da mulher solteira — é inexplorada em sua especificidade. A temática correspondente — mulher — tem sido fecundamente analisada. O silêncio a que tem sido condenada a questão a nível de investigação científica não seria sintomático da condição de desprestígio social vivenciada pela categoria "solteira"? Tendo já se constituído como campo de saber no interior das Ciências Sociais — analisada em sua condição de mãe, de esposa, de desquitada ou divorciada, de prostituta, de trabalhadora — aí englobados seus vários campos de atuação e participação política — não estaria o silêncio em torno de sua condição de solteira comprometido com a ordem social global? Ordem social na qual a "singularidade" da condição de solteira coexiste com o ideário do "feminino modelar" ⁽²⁾ representado pela figura da mulher/mãe e esposa?

O espírito que direcionou a pesquisa foi o da "prestação" de um serviço, a uma parcela da população feminina, na medida em que o trabalho se fizesse porta-voz dos anseios, dores, perplexidades, contradições e reivindicações do sujeito/objeto da pesquisa. Aspiro a que pesquisas posteriores aprofundem a problemática investigada e se constituam em veículos de remoção de preconceitos bloqueadores da felicidade humana pela força do estigma que trazem consigo. Assumo a subjetividade que perpassa o trabalho em todas as fases. Isso se deve ao fato de que "o que imagino que pode consistir na especificidade e na originalidade do método de pesquisa de campo em ciências sociais é exatamente o fato de o pesquisador poder utilizar a si mesmo como um instrumento de pesquisa e uma fonte de observação" ⁽³⁾. Mas a subjetividade assumida é a subjetividade inseparável da intersubjetividade e que redundará na captação do universo de experiências do outro, através da identificação dos mecanismos sociais e culturais historicamente dados e impressos nas consciências e personalidades individuais a partir do processo educativo veiculado pela família.

A mulher que emerge desta pesquisa é a nova mulher solteira. Debatendo-se entre conflitos, ambiguidades e contradições, traz em si a marca da transição e adota, ante a vida, uma

nova orientação. Nesta nova orientação, o que avulta é a ampliação do seu projeto de vida para além do casamento; a "auto-determinação psicológica" ⁽⁴⁾ forjada nas lides da independência econômica propiciada pelo trabalho e estudo. O casamento não mais se lhe impõe como necessidade absoluta. Combativa e independente, a nova mulher solteira tenta se reafirmar como pessoa não restringindo sua ação à busca de um casamento. Às voltas com o problema da herança cultural que, pela educação, no plano psicológico impõe restrições, tabus e preconceitos, eis que ela assume, ou clama por assumir suas escolhas e decisões individuais não obstante modelos familiares que persistem e coíbem. A mulher solteira, hoje, contesta-os assim como contesta a moral proibitiva que coloca a prática do sexo nos limites do casamento. Estando a representação social da "solteirona" associada à abstinência sexual e à dependência econômica, superado o segundo ponto pela efetiva emancipação material propiciada pelo trabalho, fica como desafio à mulher solteira de hoje, a conquista de uma nova moral através de uma atitude diante da vida que eleja o amor como um direito inalienável e desvinculado — a nível de obrigatoriedade — do casamento institucionalizado sob a forma de contrato legal. Pois "A pressão para casar transforma cada encontro entre um rapaz e uma moça num teste de outro como marido ou esposa em potencial. A esperança de usar o outro como escapatória para o estado civil solteiro, tão mal visto, e a ansiedade de ser usado pelo outro como meio de fuga dele, tornam quase impossível que ambos se aproximem um do outro honestamente. A economia distorce ainda mais sua visão mútua. Um sistema que torna o homem financeiramente responsável pela mulher com quem namora e casa, e que liga o status social e financeiro da mulher ao fato de encontrar um marido, faz com que a competição, manipulação e exploração sejam parte inevitável do namoro e do casamento" ⁽⁵⁾ (Grifos meus). Portanto, somente através da liberação da obrigatoriedade do casamento, a liberdade de escolha e decisão será resgatada. Somente assim, as condições sociais geradoras da identidade da mulher solteira, serão veículo de uma relação não mais calcada no estereótipo que estigmatiza e anula o ser humano.

Hoje, também para a mulher, o casamento como defesa material não faz mais sentido: o trabalho, que para a mulher casada pode ser forte de opressão face à dupla jornada, para a

mulher solteira significa libertação, projeto de vida, autonomia. Mister se faz que também não funcione como "muleta psicológica" que condena seu usuário à condição de apêndice sem autonomia e violentado em sua dignidade fundamental: a dignidade de elaborar projetos de vida autônomos e totais no sentido de que os mesmos incidam sobre o direito de dispor sobre a própria vida em suas múltiplas dimensões, necessidades e aspirações.

Sim. A nova mulher solteira é uma "mulher de transição" (6). Apresentando características das mulheres antigas e das novas mulheres, elabora um projeto de vida no qual há lugar para a liberdade, a criatividade, a transformação da possibilidade em realidade. Prolonga em ato a potência até então contida, consciente de si e da realidade que a cerca. O seu universo — o universo revelado nesta pesquisa — é povoado de contradições, conflitos e ambigüidades. Mas como não o ser, tendo como quadro de referência básico o esquema de vida imposto pela educação alicerçada na repressão? Todavia, contradições, conflitos, ambigüidades e tensões são a marca de uma mudança que se inscreve no âmago do comportamento, aspirações e expectativas da mulher solteira no que concerne ao seu "destino". E este aponta para a liberação do ser no aprendizado das experiências, na totalidade da vida prazerosa porque produto da escolha e projeto próprio. A identidade daí resultante se constrói no quotidiano do vivido / aspirado revestida das características que dão sentido à luta pelo direito à felicidade, pelo direito à vida. Mas a própria essência da sobrevivência das instituições é que elas "vivem, isto é, mudam sem cessar" (7). A família também está mudando. Uma revolução no sentido de uma mudança de mentalidade com vistas à instalação de uma nova ordem, se lhe impõe. Tortuoso caminho ao longo do qual redefine-se a natureza humana, contestam-se imagens estereotipadas, reelaboram-se valores, ocorrem mudanças na percepção da mulher em sua especificidade histórica, econômica, política, cultural e psicológica.

Urge o aprendizado do novo! Impossível viver sem conviver com o agudo processo de transformação cultural que incide sobre as atitudes e os comportamentos individuais, levando-os ao solapamento das estruturas tradicionais referentes ao lugar da mulher e ao seu papel na sociedade.

Mas, as mudanças não ocorrem simultânea e harmonicamente em todos os lugares. Pesam os fatores de ordem histórica, as peculiaridades culturais das regiões. A mulher solteira, na cidade de Maceió, é uma mulher que se move em meio aos embates produzidos pela coexistência dos valores antigos e novos na sociedade local. Valores antigos e novos que, transpostos para o plano individual, produzem conflitos, geram ambigüidades. Conflitos e ambigüidades que, se marcam a presente geração de mulheres solteiras a partir dos 30 anos, se diluirão ao compasso da História, ao ritmo da conquista da autonomia definida pelo trabalho, aureolado pela percepção de que, no fundo, tudo é uma questão de consciência e reivindicação dos próprios direitos. Direito à vida em sua totalidade. Direito à existência pela participação em todas as esferas libertadoras de vibração, energia e alegria. Direito ao corpo, direito ao amor. Amor, livre da compressão social do casamento, salvo pela igualdade, .. independência e pela profundidade do sentimento. Amor opção. Amor transbordamento do ser. Amor convite. Amor, encontro espontâneo e criador. Até que seja conquistado, quanta dor, quando desafio! as novas gerações de mulheres solteiras se beneficiarão da luta, por certo nela prosseguirão e perguntarão: por que a opressão? Por que a repressão? Porque a discriminação? e por certo hão de vencê-las com a consciência que "existo, quer dizer: agora basta, chegou o momento de começar, o novo virá, soou a hora em que o antigo deve ceder seu lugar. Não por causa de mim que nasci em algum lugar. Mas através de mim que acabo de ouvir sobre a hora de uma decisão em que está implicado o destino de todos⁽⁸⁾ (Grifos do Autor).

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. TAYLOR, S. J. e BOGDAN, R. - Introducción a los métodos cualitativos de investigación. Buenos Aires, 1986, cap. I.
2. LYOTARD, Jean-François - A fenomenologia. São Paulo, DIFEL, 1967, cap. III.
3. Expressão utilizada por Maria Célia Paoli - "Mulheres: lugar, imagem, movimento. In: Perspectivas antropológicas da mulher, 4. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985, pág. 81.
4. CALDEIRA, T. P. - "Uma incursão pelo lado não respeitável da pesquisa de campo". In: Ciências Sociais Hoje, 1 - Trabalho e cultura no Brasil, ANPOCS/CNPQ, 1981.
5. MORIN, Edgar - Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. Rio de Janeiro, 1, Forense Universitária, 1981, pág. 146.
6. MONEY, J. e TUCKER, P. - Os papéis sexuais. São Paulo, Brasiliense, 1981, pág. 178.
7. ALAMBERT, Zuleika - Feminismo: o ponto de vista marxista. São Paulo, Editora Nobel, 1986, cap. 8.
8. FAUCONNET, P. e MAUSS, M. - "Sociologia". In: Ensaio de sociologia. São Paulo, Editora Perspectiva, 1981.
9. BEAUFRET, J. - Introdução às filosofias do existencialismo. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1976, pág. 62.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AMADO, Jorge - Tieta do Agreste. Rio de Janeiro, Editora Record, 1989.
- _____ - Tereza Batista Cansada de Guerra. São Paulo, Círculo do Livro, S/D.
- ALMEIDA, M. S. C. de (et alli) - Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.
- ALVES, B. M. - Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis, Editora Vozes, 1980.
- ALAMBERT, Zuleika - Feminismo: o ponto de vista marxista. São Paulo, Nobel, 1986.
- ALLPORT, G. W. - Personalidade: padrões e desenvolvimento. São Paulo, EPU/EDUSP, 1973.
- ARIÈS, Philippe - História social da família e da criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- BACHELARD, Gaston - A poética do devaneio. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- _____ - A poética do espaço. São Paulo, Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1974.

- BADINTER, Elizabeth - Um é o outro: relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- BARDWIKI, J. M. - Mulher, sociedade e transição. São Paulo, DIFEL 1981.
- BASTIDE, Roger - Sociologia e psicanálise. São Paulo, Melhoramentos/EDUSP, 1974.
- BALZAC, Honoré de - A comédia humana - A solteirona. Introdução, notas e organização de Paulo Ronai. Porto Alegre, Editora Globo, 1955, volume VI.
- _____ - A mulher de trinta anos. Porto Alegre, Editora Globo, 1948.
- BERGER, Peter - Perspectivas sociológicas. Petrópolis, Vozes, 1980.
- _____ - O dosel sagrado. São Paulo, Edições Paulinas, 1986.
- _____ - e LUCKMAN, Thomas - A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Vozes, 1974.
- BEAUVOIR, Simone de - O segundo sexo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- BOSI, Eclea - Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, T.A. Queiróz Editor, 1979.
- BEAUFRET, J. - Introdução às filosofias do existencialismo. São Paulo, Duas Cidades, 1976.
- BOURDIEU, P. (et alli) - El oficio de sociologo: pressupuestos epistemológicos. México, Siglo XXI, 1972.
- BRANDÃO, C. R. - Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo, Brasiliense, 1986.

- BUBER, Martin - Eu e tu. São Paulo, Editora Moraes, S/D.
- BURGESS, R. G. - "A entrevista não estruturada como uma conversa". Tradução livre, mimeografada.
- CABRAL, A. e NICK, E. - Dicionário técnico de psicologia. São Paulo, Cultrix, S/D.
- CAMARGO, Aspázia - Os usos da história oral e da história de vida. Rio de Janeiro, 1982, mimeografado.
- CANETTI, Elias. A língua absolvida: história de uma juventude. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- CARDOSO, S. (et alli) - Os sentidos da paixão. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- CALDEIRA, T. P. - "Uma inversão pelo lado não respeitável da pesquisa de campo". In: Ciências Sociais Hoje, 1 Trabalho e cultura no Brasil. AMPOCS/CNPQ, 1981.
- COSTA, Craveiro - Maceió. Maceió, SERGASA, 1981.
- COSTA, J. F. - Violência e psicanálise. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1986.
- _____ - Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- CODO, W. e LANE, S. T. M. (Org.) - Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- COOPER, David - A morte da família. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- CHON, M. R. e NAGEL, E. - Introducción a la lógica y al método científico. Buenos Aires, Amorrortu, 1973.
- COMMAILLE, J. - "Les échanges à l'interieur des familles". In: Familles ouvertes fermées: une fausse alternative - le groupe familial. Revue trimestriel de la fédération nationale des écoles des parents et des éducateurs, número 91 - avril/juin - 1981.

- CARDOSO, F. H. e IANNI, O. (Org.) - Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia. São Paulo, Editora Nacional, 1977.
- DIEGUES JÚNIOR, M. - O bangüê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura nacional. Maceió, EDUFAL, 1980.
- DOWLING, Colette - Complexo de Cinderela. São Paulo, Melhoramentos, 1986.
- DUNCAN, Isadora - Minha vida. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- ERIKSON, Eric - Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- _____ - Infância e sociedade. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- _____ - "Identidade psicossocial". In: Enciclopédia Internacional de las Ciencias Sociales, Aguilar Ediciones, 1974, vol. 5.
- FREIRE, Gilberto - Sobrados e mucambos: decadência de patriarcado rural e desenvolvimento. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981.
- FIGUEIRA, S. A. (Org.) - Uma nova família? o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
- _____ - Cultura da psicanálise. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- FRIEDMAN, Sonya - O homem é a sobremesa. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- FLÜGEL, J. C. - Psicanálisis de la familia. Buenos Aires, Paidós, S/D.

- GOLDMAN, Lucien - Ciências humanas e filosofia: que é sociologia? São Paulo, DIFEL, 1972.
- GORKI, Máximo - Pequenos burgueses. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- GOFFMAN, Erving - Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- GUTTÉRREZ, Rachel - O feminismo é um humanismo. Rio de Janeiro, Antares, 1985.
- HUTCHINSON, C. - "Notas preliminares ao estudo da família no Brasil". Anais da II Reunião Brasileira de Antropologia. Bahia, 1957.
- HERSOKOVITS, M. J. - Antropologia cultural: o homem e suas obras. São Paulo, Mestre Jou, 1969, Vol. I.
- HOLLAND, Ray. - Eu e contexto social. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- KAPLAN, Abraham - A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento. São Paulo, EPU/EDUSP, 1975.
- KAZANTZAKIS, Nikos - Zorba: o grego. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.
- KLEIN, Melanie - O sentimento de solidão. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- LANGNESS, L. L. - A história de vida na ciência antropológica. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1973.
- LAGES, Solange - Biografia - Lily Lages: médica, feminista, deputada, literata. Maceió, 1978.
- LAING, R. D. - El cuestionamiento de la familia. Buenos Aires, Paidós, 1974.

- LAPLANTINE, F. - Aprender antropologia. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- LEVI-STRAUSS, Claude - As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis, Vozes, 1976.
- _____ - Antropologia estrutural dois. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976.
- LIMOEIRO, Miriam - O mito do método. Rio de Janeiro, PUC, 1972, (mimeografado).
- LORCA, F. G. - Obras completas. Espanha, Aguilar, 1974, II vol.
- LUIJPEN, W. - Introdução à fenomenologia existencial. São Paulo, EPU/EDUSP, 1973.
- LYOTARD, J. F. - A fenomenologia. São Paulo, DIFEL, 1977.
- MACIEL, P. N. - Traços e troças - crônica vermelha - leitura quente. Maceió, Departamento de Arte e Cultura, 1964.
- _____ - A filha do barão. Maceió, Departamento de Arte e Cultura, 1976.
- MASLOW, Abraham - Introdução à psicologia do ser. Rio de Janeiro, Eldorado, S/D.
- MAY, Rollo - Psicologia e dilema humano. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- _____ - Liberdade e destino. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1987.
- MEAD, Margaret - Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação. Petrópolis, Vozes, 1971.
- MELLO E SOUZA, G. de - O espírito das roupas: a moda no século XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

- MANDELBAUM, D. G. - "O estudo da história de vida". Tradução livre, mimeografada.
- MENDONÇA JÚNIOR, A. S. - O último senhor de engenho (gestão dos Mendonça no Vale de Camaragibe). Maceió, EDUFAL, 1987.
- MERLEAU-PONTY, Maurice - Fenomenologia da percepção. São Paulo, Freitas Bastos, 1971.
- MORIN, Edgar - Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. Rio de Janeiro, Forense, 1981.
- _____ - O homem e a morte. Lisboa, Publicações Europa/América, 1988.
- _____ - O método. Lisboa, Publicações Europa/América, 1986.
- MONEY e TUCKER, P. - Os papéis sexuais. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- NOGUEIRA, Oracy - Pesquisa social: introdução às suas técnicas. São Paulo, Editora Nacional, 1975.
- _____ - Lógica, epistemologia e metodologia científica. São Paulo, 1977, mimeografado.
- OLIVEIRA, R. C. de - Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo, Pioneira Editora, 1976.
- OLIVEIRA COSTA, A. e BRUSCHINI, C. (Org.) - Rebeldia e submissão: estudos sobre condição feminina. São Paulo, Edições Vértice, 1989.
- PAZ, Octávio - O labirinto da solidão. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- PIAGET, Jean - A situação das ciências do homem no sistema das ciências. Lisboa, Livraria Bertrand, 1976.

- PIKUNAS, J. - Desenvolvimento humano: uma ciência emergente. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1979.
- POSTER, Mark - Teoria crítica da família. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- PERLS, F. S. - Gestalt-terapia explicada. São Paulo, Summus, 1977.
- _____. - (et alli) - Isto é gestalt. São Paulo, Summus, 1977.
- QUEIROZ, M. I. P. de (Org.) - Roger Bastide: sociologia. São Paulo, Ática, 1983.
- _____. - Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. São Paulo, CERU/FFLCH - USP, Coleção Textos 4, 1983.
- RAMOS, Graciliano - Angústia. São Paulo, Record, -1986.
- RODRIGUES, J. C. - Tabu do corpo. Rio de Janeiro, Achiamê, 1979.
- ROGERS, N. - A mulher emergente. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- SANT'ANA, M. M. de - Notas para aula de história de Alagoas, Departamento de História e Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFAL, mimeografado.
- SHEEHY, Gaill - Passagens: crises previsíveis na vida adulta. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984.
- SINGER, P. e BRANT, C. (Org.) - O povo em movimento. Petrópolis, Editora Vozes, 1983.
- SOUZA, Naum Alves de - No natal a gente vem te buscar. São Paulo, M. G. Editores Associados, 1983.
- TAYLOR, S. J. e BOGDAN, R. - Introducción a los métodos cualitativos de investigación. Buenos Aires, Paidós, 1986.

TAX, Sol (Org.) - Panorama da Antropologia. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1966.

TITIEV, Mischa - Introdução à antropologia cultural. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.

VELHO, G. e FIGUEIRA, S. A. (Org.) - Família, psicologia e sociedade. Rio de Janeiro, Campus, 1981.

VICENT-BUFFAULT, A. - História das lágrimas: séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

WAGNER, H. R. (Org.) - Fenomenologia e relações sociais. (Textos escolhidos de Alfred Schutz). Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

WEIL, Pierre - Amar e ser amado: a comunicação do amor. Petrópolis, Editores Vozes, 1971.

WILLEMS, E. - "A estrutura da família brasileira". In: Revista de sociologia - Vol. XVI, nº 4, São Paulo, 1954.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALBERONI, Francesco - Enamoramento e amor. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1986.
- BRUSCHINE, M. C. A. e ROSEMBERG, Fúlvia (Org.) - Vivência: história, sexualidade e imagens femininas. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- CALDEIRA, Teresa e ARDAILLON, Danielle - "Mulher: indivíduo ou família". In: Novos Estudos. CEBRAP, v. 2, nº 4, São Paulo, 1984.
- CÂNDIDO, Antonio - A Família brasileira. Tradução livre, mimeografada.
- CERRONI, Umberto (et alli) - A Crise da família e o futuro das relações entre os sexos. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- CANEVACCI, Massimo (Org.) - Dialética do indivíduo: O indivíduo na natureza, história e cultura. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- _____ - Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. São Paulo, Brasiliense, 1981.

- .. COPANS, Jean - Críticas e políticas da antropologia. Lisboa, Edições 70, 1981.
- CARDOSO, Ruth (Org.) - A Aventura antropológica. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- .. CHAUI, Marilena - Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DARENDORF, Ralf - Ensaios de teoria da sociedade. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974.
- EVANS, R. I. - Construtores da psicologia. São Paulo, Summus/EDUSP, 1979.
- .. ENGELS, Friedrich - A Origem da família, da propriedade privada e do estado. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.
- .. ERIKSON, Eric - Sociedade y Adolescência. México, Siglo XXI Editores, 1986.
- .. FREIRE, Paulo - Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
- .. FREYRE, Gilberto - Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
- .. _____ - Nordeste: aspectos da influência de cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985.
- .. FRIEDMAN, Betty - Mística feminina. Petrópolis, Editora Vozes, 1971.
- .. _____ - A Segunda etapa - Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

GARAUDY, Roger - Liberação da mulher, liberação humana. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

KOLLONTAI, Alexandra - A mulher no marxismo. Lisboa, Edições Delfos, 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude (et alii) - A Família como instituição. Porto, Rês Editora, 1977.

LAING, R. D. - O Eu e os outros. Petrópolis, Vozes, 1982.

MONTEIRO, Marli Piva - Feminilidade: o perigo do prazer. Petrópolis, Vozes, 1984.

MURARO, Rose Maria - Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1983.

NETO, Maria Inácia D'Ávia - O Autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho - fêmea no Brasil. Rio de Janeiro, Achiamê, 1978.

PRADO, Danda - Ser Esposa: a mais antiga profissão. São Paulo, Brasiliense, 1979.

ROSALDO M. e LAMPHERE, L. (Coord.) - A Mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

REICH, Wilhelm e ALZON, Claude - Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura? Textos Exemplares 4.

SAFFIOTI, Heleieth - A Mulher na sociedade de classe: mito e realidade. Petrópolis, Vozes, 1976.

SEABRA, Lelita e MUSZKAT, Nalvina - Identidade feminina. Petrópolis, Vozes, 1985.

STAMBLER, Sookie - A Libertação da mulher: um documento para o futuro. Rio de Janeiro, Ed. Antenova Ltda., 1971.

STEIN, Suzana Albannoz - Por uma educação libertadora. Petrópolis, Vozes, 1985.

THIOLLENT, Michel - Crítica Metodológica, Investigação social e enquete operária. São Paulo, Ed. Polis, 1982.

PUBLICAÇÕES DE ÓRGÃOS PÚBLICOS

MACEIÓ. SECRETARIA DO PLANEJAMENTO. Aglomerado Urbano de Maceió: aspectos físicos, infra estrutura e serviços urbanos. 1984, mimeo.

MACEIÓ. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Município de Maceió sob o ponto de vista geográfico, econômico e demográfico. Mimeo.

MACEIÓ. DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Relatório das Atividades Acadêmicas, 1985.

A N E X O S

PERCENTUAL DE NUBENTES ATÉ 30 ANOS - MACEIÓ - 1985:

I D A D E	MULHERES		HOMENS	
	QUANT.	%	QUANT.	%
12 - 17	409	16,30	32	1,35
18 - 23	1.094	43,60	1.062	43,58
24 - 30	634	25,27	918	37,67
T O T A L	2.137	85,17	2.013	82,60

FONTE: Cartório de Casamento do Forum de Maceió

PERCENTUAL DE NUBENTES APÓS 30 ANOS - MACEIÓ - 1985:

I D A D E	MULHERES		HOMENS	
	QUANT.	%	QUANT.	%
31 - 36	211	8,41	215	8,82
37 - 42	75	2,99	99	4,06
43 - 48	46	1,83	51	2,09
49 - 54	28	1,12	24	0,98
55 - 60	8	0,32	21	0,86
61 - 66	3	0,12	7	0,29
67 - 72	1	0,04	5	0,21
73 - 76	0	0,00	2	0,08
T O T A L	372	14,83	424	17,40

UNIÃO DAS MULHERES DE MACEIÓ - "2 ANOS DE LUTA"

Criada em 07 de março de 1982, durante o I ENCONTRO DAS MULHERES DE MACEIÓ, a UMMA, fiel aos seus objetivos cumpriu um programa de lutas dos mais significativos e intensos, conquistando, com a sua ação contínua e combativa, um espaço representativo na comunidade de Maceió e Alagoas.

Com as estudantes universitárias de diversos cursos, discutimos, questões que afetam a mulher jovem como a discriminação no acesso a cursos mais técnicos, a educação diferenciada da mulher, a sexualidade, etc.

Marcamos presença apoiando e incentivando a luta por melhores condições de vida, de transportes, nos bairros de Santo Amaro, Ponta da Terra, Jatiúca, Tabuleiro, Pinheiro, e intervindo, com o nosso apoio à mobilização das lavadeiras do Ouricuri, conquistando inclusive a reforma da lavanderia, importante fonte de renda das mulheres do bairro.

No interior, apoiamos a criação da União das Mulheres de Viçosa, o núcleo Pró-União das Mulheres de Pão de Açúcar, O Clube de Mães de Água Branca, o trabalho das mulheres em Arapiraca, Paulo Jacinto, etc. Denunciamos as péssimas condições das frentes de emergência e a discriminação criminosa e arbitrária do governo às mulheres sertanejas, impedindo-as de se alistarem.

No campo das lutas específicas, organizamos diversos seminários onde foram debatidos e denunciados os problemas que as mulheres brasileiras enfrentam hoje. Merece destaque a luta pela reformulação do Código Civil vigente no país, que oprime e discrimina a mulher e, a organização das manifestações contra a violência sexual em Maceió (3m 83), que culminou com uma grande passeata com a participação de mais de cinco mil pessoas pelas ruas centrais da cidade, protestando contra os estupros e exigindo das autoridades a punição dos criminosos.

A UMMA também esteve ao lado das mulheres trabalhadoras, na defesa de seu salário e do emprego. Participou de diversas atividades do movimento sindical e particularmente apoiou efetivamente o movimento de paralização dos professores da FEMAC (na sua maioria mulheres).

No âmbito nacional, o trabalho realizado pelas mulheres tornou-se conhecido. Além de participar de alguns encontros nacionais, a UMMA foi convidada várias vezes para profereir palestras sobre a situação e a organização das mulheres, inclusive no XVII Congresso dos Professores, em Santa Catarina (debatedora).

Considerando fundamental a participação ativa das mulheres na campanha de todos os brasileiros por eleições diretas para Presidente da República, a UMMA integrou-se ao Comitê Teotônio Vilela Prô-Diretas e participou da organização e convocação do comício gigante do dia 29 de janeiro. Juntamente com mulheres de diversas entidades organizou e coordenou as manifestações comemorativas ao dia 24 de fevereiro — 52 anos de conquista do voto feminino — com o lançamento da campanha "Mulher Disque Diretas" e um grande ato público no calçadão do comércio, quando foi lançado oficialmente o Comitê Feminino Prô-Diretas do Comitê Teotônio Vilela.

É evidente que a participação das mulheres nas atividades políticas, na luta por seus direitos, ainda não atingiu o desejado, mas, é incontestável, que nestes últimos dois anos, as mulheres se fizeram presentes e iniciaram o seu grande grito de liberdade. O movimento feminino cresce e se fortalece à medida em que as mulheres lutam e tomam consciência de seu papel na sociedade. E a organização das mulheres maceioenses em sua entidade, foi sem dúvida alguma um grande passo e um grande avanço não só na luta pela emancipação da mulher, como também na luta pela democracia e por melhores condições de vida para o nosso país.

A Diretoria da União das Mulheres de Maceió.

FONTE:

UMMA - 1984 - Mimeografado.

A criação do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos
da Mulher (Depoimentos)

1. Depoimento de Taís Normande - Presidente da União das Mulheres de Maceió.

"A partir do momento em que foram criados os Conselhos em outros Estados, inclusive o Conselho Nacional da Mulher, de cujas discussões participamos, também se começou a ter a idéia de fazer esse conselho aqui em Alagoas. No começo do ano passado, 1985, o deputado Moacir Andrade que é líder do PMDB na Assembléia Legislativa, tomou a iniciativa de fazer um projeto de criação do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher. Esse projeto foi para a Assembléia, ele nos comunicou colocando-o à nossa disposição a fim de que o discutíssemos e víssemos quais as modificações necessárias e que sugestões daríamos para a instalação do Conselho.

A partir de então tomamos a iniciativa de convocar o movimento de mulheres e também entidades sindicais, associações de moradores, entidades estaduais, enfim, entidades que sempre tiveram um posicionamento em defesa da mulher. E começamos um processo de discussão em cima desse projeto, que estava razoável do ponto de vista dos objetivos e tinha sido baseado no projeto do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo e no Conselho Municipal de Curitiba. Nesse projeto inicial recebia a denominação de Conselho Estadual da Condição Feminina. Mas no processo de discussão das mulheres foi sugerida a mudança do nome para Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher.

O processo de discussão foi crescendo. As reuniões chegaram a reunir 80, 90 mulheres de uma só vez. Durante os três meses de discussão do projeto conseguimos que mais de trezentas mulheres participassem. E duas posições ficaram claras da constituição do Conselho: uma que já amarrava uma proposta de composição, considerava importante que as mulheres que fizessem parte do Conselho seriam indicadas por movimentos e entidades e também considerava importante que o Conselho saísse através de uma proposta da Assembléia Legislativa. A outra posição era de que esse Conselho deveria ser formado por mulheres que se destacassem na sociedade. Mulheres que tivessem uma atuação no movimento feminista e que se destacassem. O que desejávamos é que esse Conselho fosse realmente representativo e que nele pudésse-

mos confiar. No final, a proposta vencedora foi a de que esse Conselho deveria ser indicado pelos movimentos e pelas entidades. A sua constituição seria bastante ampla: mulheres indicadas pelo movimento feminista, pelos sindicatos urbanos, pelas trabalhadoras rurais — movimento rural — pelos movimentos de jovens — principalmente movimentos estudantis, pela Associação Cultural Zumbi que é o movimento negro mais representativo que existe em Maceió, uma representante do movimento comunitário — movimento de Associação de Moradores, Clube de Mães, etc., enfim, o Conselho teria uma Constituição de efetiva representatividade e deixava um espaço para o executivo que seria representado por representações de Secretarias de Estado. Secretarias que vimos que seriam importantes do ponto de vista da mulher, teriam um representante: Secretaria de Cultura, Secretaria de Saúde, Secretaria de Educação e mais outras duas teriam suas representações no Conselho, e fechamos a posição aprovada pela ampla maioria e de cujas discussões participaram todos os movimentos de mulheres de Alagoas.

No começo dessas discussões só existiram duas entidades feministas representadas e que eram as existentes em Maceió: a União das Mulheres de Maceió - UMMA — e o Centro da Mulher Alagoana - CEMA. Também participaram das discussões as mulheres parlamentares e as outras entidades eram ligadas ao magistério - a categoria é amplamente feminina —, assistentes sociais, representações de bancárias, mulheres pertencentes a entidades estudantis, mulheres de Associações de Moradores. Esse era o nosso forum de debates. Passamos todo o primeiro semestre de 1985 nessa discussão. Depois desse processo o encaminhamento seria levarmos essas propostas à Assembléia Legislativa para que elas fossem modificadas no processo de tramitação. Só que aconteceu um problema: a gente sabe que aqui, em Maceió, os projetos são aprovados em bloco e também sem os próprios deputados tomarem conhecimento. Então, o deputado chega lá um dia e encontra aquele monte de projetos e passa tudo em um pacote. E dessa forma o projeto do Conselho que estava na Assembléia foi aprovado sem as nossas modificações. Aí, novamente, duas posições: a nossa era a de que não podíamos passar por cima do projeto da Assembléia Legislativa porque entendíamos que era um processo democrático e que deveríamos lutar junto ao Governador

do Estado para aprovar o Conselho e aí, sim, faríamos as modificações necessárias através de uma mensagem à Assembléia. A outra posição achava que o projeto da Assembléia Legislativa deveria ser vetado. Nós não aceitamos essa proposta porque achamos que era um desrespeito ao legislativo. A gente luta pela democracia, a gente quer que o legislativo tenha poder, que seja respeitado, como, de repente, nós vamos pedir prá que uma coisa que a gente quer, que é a criação do Conselho, tenha o projeto vetado pelo governador?

Dessa forma, tivemos algumas audiências com a consultora jurídica do governo, apresentamos nossa proposta — proposta defendida pela UMMA, por todas as entidades sindicais que participaram do processo e também pelo movimento negro — e ficamos aguardando uma resposta do governador Divaldo Suruagy. Aguardando a resolução desse problema! Só que um dia — já no dia 8 de março de 1986 — somos surpreendidas com a criação do Conselho Estadual da Mulher. Conselho criado, instalado e vinculado ao gabinete do governador do Estado! Tinha sido criado através de um decreto e o projeto que tínhamos elaborado foi completamente mudado. Para nós, a principal questão era a composição do Conselho. E foi exatamente nesse ponto — entre outros que contaremos depois — que houve as modificações. Então, de repente, aquele Conselho que tínhamos discutido e que tinha representação ampla de mulheres ligadas ao movimento feminista, ao movimento sindical, ao movimento de bairros, à juventude, às trabalhadoras rurais, nada disso constava no projeto. Ao invés, a representação do Conselho era por entidade. E no caso eu não considero entidade feministas porque entidades feministas caracterizadas aqui existem três: a UMMA, o CEMA e a Associação Pró-Mulher que foi criada já no processo de constituição do Conselho. A outra entidade que está compondo o Conselho é a Federação Alagoana pelo Progresso Feminino, que é uma entidade desativada e que foi ressuscitada para participar do Conselho. O Women's Club que não é caracterizada como entidade feminista, o Clube da Mulher do Campo que também não é entidade feminista mas uma associação que reúne mulheres de plantadores de cana que fazem obras assistencialistas para trabalhadoras rurais. Tinha também uma representante da União das Mulheres do Sertão Alagoano, também inativa — inclusive a que faz parte do Conselho representando essas

mulheres renunciou ao cargo de presidente no sertão — e também sem nenhum critério retiraram o nome da União das Mulheres de Arapiraca — quando Arapiraca é o segundo centro, depois de Maceió, no movimento de mulheres em Alagoas —, colocaram uma representante do movimento negro sem especificar a entidade, uma representante das mulheres indígenas que é também um setor discriminado da mulher. Mas não colocar uma representante das mulheres trabalhadoras que já têm um nível de organização maior... há, inclusive uma coordenação nacional das mulheres trabalhadoras! Colocaram também duas representantes da comunidade acadêmica, UFAL. Também constava o nome da UMMa. Mas nós não mandamos nenhum representante.

O Conselho saiu no dia 8 de março de 1986. Soubemos através do Diário Oficial. E aí já estava tudo definido. Decreto do governador Divaldo Suruagy, composição definida, presidente escolhida. No dia da posse do Conselho recebemos um telefonema às 15 horas comunicando que a posse seria à noite e que a UMMa deveria indicar um nome até às 18 horas. Respondemos que não iríamos indicar um nome vez que não havíamos discutido isso sequer com a diretoria. Então adiaram para o outro dia mas mesmo assim não enviamos.

Podemos caracterizar tudo isso que aconteceu como um golpe. Um golpe no movimento. Para nós foi uma falta de respeito muito grande. Passaram por cima de todo um desgastante processo de discussão acirrada em torno de concepções e do que desejamos do Conselho. E criaram um Conselho completamente diferente daquele que havia sido proposto pelo conjunto do movimento. Então, após consulta às mulheres que haviam participado das discussões, achamos por bem não participar do Conselho. E lutar para que ele seja democratizado. E tenha uma efetiva participação das mulheres dos setores mais populares. Até o Conselho Nacional da Mulher tem na sua constituição uma representante da mulher trabalhadora que é a Nair, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Todos os outros Conselhos procuram, nessa composição, colocar mulheres que representem setores diferenciados. E a gente não pode chegar do dia pra noite e dizer que o movimento tem um nível de organização e participação que englobe todas as mulheres do Estado. Assim como não pode dizer que uma mulher do povo — que faz parte do clube das mães ou que está no sindi-

cato lutando pelos direitos da mulher — que essa mulher não luta pelos direitos da mulher porque não faz parte de uma entidade feminista. As mulheres também têm suas opções de militância. Algumas preferem defender os direitos da mulher numa entidade feminista enquanto outras fazem parte das entidades de massa. Inclusive é positivo para nós ter mulheres em sindicatos, em associações, nos movimentos da juventude, porque mobilizam as mulheres naqueles setores. Isso aumentaria o poder de interferência, de influência, que esse Conselho pudesse ter sobre o conjunto das mulheres. Então achamos que essa composição foi desrespeitada, foi um golpe! E assim pensam as pessoas que participaram das discussões. Tudo isso foi feito em concordância com o Governador do Estado — esse projeto foi discutido no gabinete do Governador e as mulheres que participaram dessas discussões carregam uma parcela de culpa porque elas estavam ali representando — deveriam — a opinião do conjunto do movimento.

Absurdos foram cometidos. Por exemplo: o movimento negro — a Associação Zumbi — havia mandado um nome o ano passado. Mas outro nome é que foi colocado! É uma pessoa boa, que participa também do movimento, só que não é a que tinha sido indicada pelo pessoal. No dia da posse, as duas entidades negras daqui mandaram um ofício dizendo que não indicariam mais nome nenhum porque discordavam do modo como o Conselho havia sido constituído. Não aceitaram o documento e o Conselho foi dado por constituído nesse processo desrespeitoso e golpista. E o projeto original do deputado Moacir Andrade ainda está na Assembléia. Porque como ainda não tinha ido para o palácio, sequer foi vetado. E o decreto anula o projeto. Então quando o projeto chegar ao palácio já não terá validade porque o Conselho já foi criado através de decreto. A criação se deu de forma autoritária, desrespeitosa e golpista tanto com o movimento como com a Assembléia Legislativa, pela forma como foi feita. Mas não foi só o governo que passou por cima desse projeto. Foi o governo e uma parte das entidades de mulheres e das parlamentares que passaram por cima das discussões. Foi uma articulação, um conxavo, um acordo entre o governador e uma parte do movimento que modificou a constituição do Conselho. Dentro do Conselho, atualmente, existem pessoas que nós respeitamos. E também existem outras que nós consideramos como as principais articuladoras desse conxavo e que em função disso não podemos respeitar.

As conselheiras, algumas têm o mandato de cinco anos. Outras têm o mandato de quatro anos. Também achamos isso um absurdo! A proposta original era de dois anos. Dois anos com direito à recondução. E as entidades de mulheres pelo que conhecemos têm o mandato de dois anos".

2. Depoimento de Terezinha Ramires - Presidente do grupo Pró-mulher e 1^a Presidente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher.

"O Conselho foi criado através do decreto número 29.488 do Governador do Estado Divaldo Suruagy. Foi seu último ato formal antes de deixar o governo para a campanha para o senado. Ele colocou nesse decreto uma série de consideranduns para justificar o uso do instrumento. Porque houve toda uma luta das mulheres por ocasião do primeiro projeto. Discutimos ao longo de muitos meses, fomos aperfeiçoando — por o projeto não correspondia aos nossos anseios — fomos atrás das autoridades mas não conseguimos ser ouvidos dentro daquelas modificações sugeridas.

Nas discussões houve várias posições no que toca a constituição do Conselho. O fato é que ficou parado um certo tempo, na Câmara, até que nós — todas as entidades de mulheres, algumas mulheres independentes, as mulheres parlamentares — procuramos o Governador. Ele nos colocou a Eunice Nonô para um assessoramento jurídico. Nós estivemos no palácio vários dias. Quando chegava na composição, encrascava! Porque havia um grupo de mulheres que achava que o Conselho deveria ser formado por mulheres cuja razão de sua associação fosse a luta em prol da mulher. E havia pessoas que achavam que também associações de moradores de bairros, sindicato disso, sindicato daquilo, também deveriam participar. E finalmente foram discussões improdutivas, difícilíssimas de conciliar... porque, morador de bairro, qual é... tem não sei quantas associações. Como é que se vai escolher? Sindicato dos professores a maioria é mulher mas a luta é de categoria. Foi uma luta exaustiva! Terminamos não chegando a uma maneira... e paramos as discussões. Não houve modo de continuar porque aí engrossava. Inicialmente as entidades feministas não estavam tão interessados. Mas já nessa época, em palá-

cio, compareciam o Clube da Mulher do Campo, o CEMA, o Pró-Mulher já era entidade jurídica, o Women's Club, A Federação Alagoana pelo Progresso Feminino... quer dizer... entidades feministas. O Clube da Mulher do Campo não é uma entidade feminista... porque eu também não sei o que se quer dizer com entidade feminista! São as mulheres dos plantadores de cana que estão à frente. Mas não é numa linha assistencialista. É numa linha promocional. Tudo gira numa linha dos direitos da mulher. Tudo o que venha de encontro à mulher. Elas vêem o problema do planejamento familiar, da saúde, têm cursos, creches. Tudo numa linha de conscientização dos direitos da mulher rural. Agora a presidência e a diretoria pertencem às mulheres dos usineiros e plantadores. Isso foi um questionamento que nós fizemos. Porque a AFEPLANA - Associação Feminina dos Plantadores de Cana — nós não aceitamos. É puramente assistencialista. Fomos ver também o Lar da Menina — filhas de prostitutas — e verificamos que não correspondia. E se o Clube da Mulher do Campo faz assistencialismo é por um hábito da gente! O Women's Club também faz assistencialismo, filantropia, mas vem promovendo de três anos para cá, debates em torno do problema mulher, numa linha de conscientização e bem aberta. Então nós achamos que ela é uma entidade de mulheres. Ou feminina ou feminista dependendo das correntes que existam, não é? não sei se existem mais... por exemplo, o Pró-Mulher não é só essa linha feminista. É também a dignidade humana, o direito de participação, os direitos iguais. Então a UMMA também não seria considerada entidades feminista porque ela também faz um programa social, luta por uma série de outras coisas, reivindicações de toda a natureza muito avançada, muito mais ampla. O CEMA também tem esse aspecto político muito forte. A outra entidade, a Federação Alagoana pelo progresso Feminino que está precisando ser ativada — o nosso interesse é reativá-la — entrou porque pelo processo histórico não deveria ter morrido. A Berta Lutz deu aquela conotação inicial... aqui o pessoal deixou que ela morresse mas ela é uma entidade feminista.

Criado o impasse das duas posições, fomos lutar para ver se tal o projeto que existia saía da Assembléia Legislativa para o Divaldo Suruagy vetar com emendas e imediatamente reen-caminhá-lo com emendas para ele ser aprovado. Mas não foi pos-

sível. Um grupo de mulheres foi à Assembléia durante quase três meses mas o projeto continuava engavetado. Finalmente tivemos um encontro com o autor, um deputado, e ele disse: "você querem matar a criança que eu criei? Quer dizer, você escreve, 'o governador veta prá botar emenda! Matou o meu projeto". Foi uma reunião bem difícil! Porque realmente só tinha um caminho: era o projeto ser liberado, ir para o governador e este sancionar ou vetar. Sancionar não interessava porque ele não correspondia. Nem nas reivindicações — era tudo muito indefinido — nem na composição. Tantos representantes... Então o deputado colocou que não abriria mão. Diante do poder nos recolhemos. Cada uma nos seus cantinhos, trabalhando nas suas entidades. Quando foi no dia 5 de março deste ano — 1986 — talvez... não sei... 2 ou 3 de março nós recebemos um telefonema do palácio a fim de comparecermos para uma conversa sobre a criação do Conselho. Nós fomos. E quando nós chegamos o Governador Divaldo Suruagy já estava com o ato pronto para no dia internacional da mulher criar o Conselho. Ele, sabendo que era um anseio, reconhecendo o anseio, criaria o Conselho como último ato do seu governo. E fez isso por decreto. Queria apenas que nos reuníssemos para fazer as indicações dos nomes. As entidades decidiram que suas representantes seriam as presidentes. Achamos que a comunidade acadêmica deveria ter duas representantes — pelo que o estudo pode trazer — a Câmara de vereadores encaminhou a sua representante, a Assembléia Legislativa também e somente a UMMA não encaminhou a sua representante. Tentei fazer o possível para a UMMA participar. Mostrei que de qualquer maneira o Governador iria criar o Conselho. E aí o Governador nos comunicou a posse, para as 18 horas do dia 6. Como a UMMA ainda queria fazer uma reunião, passamos um rádio para o governador que estava e pedimos que ele adiasse. E recebemos a comunicação que o Governador daria posse às conselheiras às 18 horas do dia 7. Para constrangimento nosso a UMMA não compareceu e depois encaminhou ao Governador como ela se colocava diante do fato.

O decreto diz que o Governador escolhe a presidente. Então nós formulamos uma lista tríplice. Ele fez a indicação da presidência. E foi o nome. Não sei quais os critérios que ele usou... não sei. Até pensei que seria a deputada Selma Bandeira pelo interesse dela na questão... mas saiu o meu nome. Acho

que também pela minha luta...

Colocamos também representantes das mulheres mais marginalizadas: uma representante da mulher negra, uma representante da mulher índia e uma representante da mulher sertaneja. De modo que são 16 conselheiras: 13 titulares e 3 suplentes com mandato de 4 anos. Mas algumas têm o mandato de 6 anos. É uma questão de coincidir com o mandato do Governador. Nós questionamos mas foi explicado assim. O Conselho é vinculado ao gabinete do Governador e depende dele para os recursos. Já temos um pessoal de apoio — e apesar de estarmos nos reunindo no gabinete do Governador — teremos a sede no Parque Gonçalves Lêdo, Nº 71.

A estrutura ainda está deficiente mas conseguimos a promessa de termos psicóloga, assistente social, tudo mais ou menos. E estamos trabalhando. As metas foram definidas. Poderão sofrer algumas modificações mas no momento são: constituinte, legislação, violência e saúde".